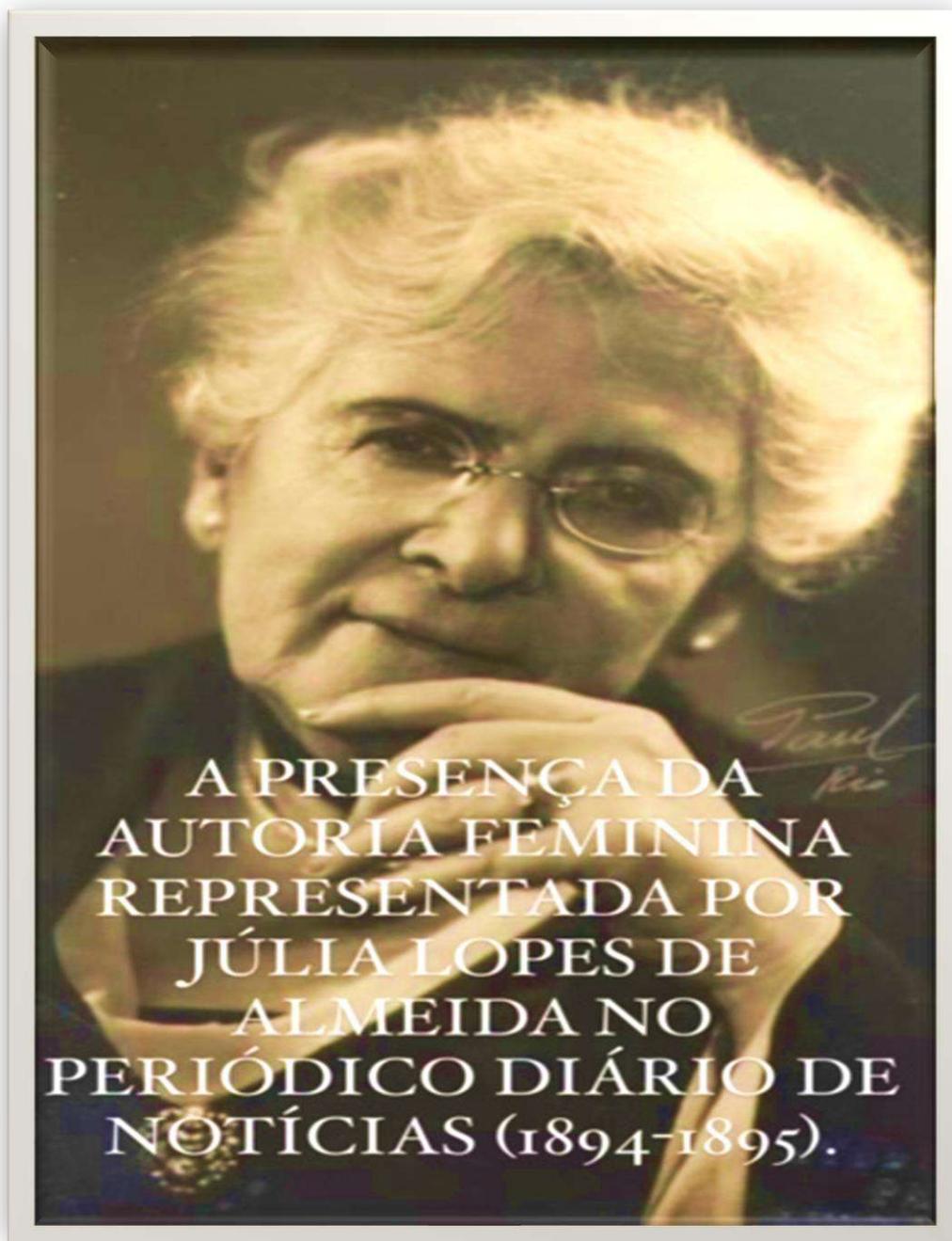




UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



Marabá – Pará  
2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**CAMILA NÉO CORRÊA**

**A PRESENÇA DA AUTORIA FEMININA REPRESENTADA POR JÚLIA  
LOPES DE ALMEIDA NO PERIÓDICO *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (1894-1895)**

**MARABÁ – PARÁ  
2023**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ  
INSTITUTO DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**CAMILA NÉO CORRÊA**

**A PRESENÇA DA AUTORIA FEMININA REPRESENTADA POR JÚLIA  
LOPES DE ALMEIDA NO PERIÓDICO *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (1894-1895)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários. Orientadora: Profa. Dra. Simone Cristina Mendonça.

Marabá- Pará  
2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará**  
**Biblioteca Setorial Campus do Taurizinho**

---

C824p Corrêa, Camila Néio  
A presença da autoria feminina representada por Júlia  
Lopes de Almeida no periódico diário de notícias (1894-  
1895) / Camila Néio Corrêa. — 2023.  
213 f.: il. color.

Orientador(a): Simone Cristina Mendonça.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Sul e  
Sudeste do Pará, Instituto de Linguística, Letras e Artes,  
Programa de Pós-Graduação em Letras (POSLET),  
Marabá, 2023.

1. Contos brasileiros - História e crítica. 2. Almeida, Júlia  
Lopes de, 1862-1934 - Crítica e interpretação. 3. Imprensa  
- Pará - Séc. XIX. 4. Diário de Notícias (Jornal: Pará). 5.  
Mulheres na literatura. I. Mendonça, Simone Cristina, orient.  
II. Título.

---

CDD: 22. ed.: B869.3

Elaborado por Adriana Barbosa da Costa – CRB-2/994

CAMILA NÉO CORRÊA

**PRESENÇA DA AUTORIA FEMININA REPRESENTADA POR JÚLIA LOPES DE ALMEIDA NO PERIÓDICO *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* (1894-1895)**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras (POSLET), Área de concentração: Linguagem e Sociedade/ Linha de Pesquisa Estudos Comparados, Culturais e Interdisciplinares em Literatura, do Instituto de Linguística, Letras e Artes (ILLA), da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Letras.

Aprovada, em: 09/03/2023.

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Simone Cristina Mendonça (orientadora)

---

Prof. Dr. Fabio Mario da Silva (UFRPE /UNIFESSPA/membro interno)

---

Profa. Dra. Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares (UFPA/membro externo)

Marabá – Pará  
2023

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer é uma dádiva concedida por Deus em nossos corações. É reconhecer o quanto somos dependentes de terceiros para realizarmos determinada atividade ou algo. Com este trabalho não foi diferente. Cada etapa alcançada era uma vitória que chegava. O sonho foi possível graças a um Senhor que não dorme, não se fadiga e nos ama. Sim, a Ele seja dada toda honra e glória. Deus, eu te agradeço todos os dias por ter me oportunizado chegar até aqui. Sabes, o quanto foi trabalhosa e, por vezes, árdua a caminhada, no entanto, sempre me conduziu pelos caminhos mais brandos possíveis.

Gostaria de agradecer também, à minha querida avó, Maria de Lurdes Fonseca Néó, que mesmo do seu jeitinho diferenciado sempre me incentivou a buscar melhores oportunidades por meio dos estudos. À minha tia Consita Rebouças Néó, que sempre acreditou em mim e nunca mediu esforços para me ajudar a conquistar os meus objetivos. À minha amada mãe Maria do Socorro Rebouças Néó, por confiar no meu potencial e sempre me incentivar a trilhar o caminho dos estudos, apesar de algumas vezes encontrar-me fatigada pelo excessivo estudo e pesquisa.

Ao meu esposo Eduardo Lopes de Souza que sempre me incentivou e ajudou-me nas tarefas domésticas e por ter compreendido minhas ausências nos finais de semanas e lazeres familiares.

À minha querida orientadora professora Simone Cristina Mendonça que, sempre muito atenciosa e colaborativa, ajudou-me a cavalgar tal trajetória. Obrigada, professora pelas inúmeras leituras realizadas ao trabalho proposto, aos conselhos e sugestões valiosíssimas para a construção desta dissertação.

Sou infinitamente grata à instituição de fomento FAPESPA, que investiu financeiramente na pesquisa e oportunizou que eu conseguisse desenvolver meus estudos e divulgasse meus apontamentos a respeito da temática estudada.

Gratidão, também, à Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, que sempre me acolheu de braços abertos, apoio recebido nas bibliotecas e demais espaços de estudos.

Agradeço também aos professores que aceitaram participar da banca de qualificação e defesa, a querida professora Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares, que desde a graduação tenho o privilégio de ouvir e aprender de maneira significativa com suas ideias compartilhadas. Ao professor Fabio Mario da Silva, que terei a honra em escutar e assim, aperfeiçoar o trabalho em conclusão.

E a todos os meus colegas que, mesmo longe fisicamente, estiveram contribuindo com mensagens, ligações e vídeos-chamadas.

## RESUMO

A presente dissertação versa sobre a presença de textos assinados pela ficcionista Júlia Lopes de Almeida encontrados nas principais seções do periódico *Diário de Notícias* (1881-1898), suporte que circulou na província do Pará por dezessete anos, representando a imprensa paraense na segunda metade do século XIX. Para o desenvolvimento de nosso trabalho, realizamos uma seleção dentre os gêneros textuais publicados pela intelectual nas principais seções do jornal, que se estendiam entre crônicas, lendas e contos. Com o objetivo de recuperar alguns destes textos ficcionais publicados pelas mãos de Júlia Lopes de Almeida, direcionamos nossos estudos, mais especificamente, aos contos – *In Extremis* (1894); *A Caôlha* (1894) e *Pela Patria!* (1895). A autora desenvolveu importantes contribuições por meio da escrita e de discursos em relação a diversas temáticas sociais, políticas, familiares e intelectuais, que envolviam especialmente o público feminino, no século XIX, assuntos estes presentes nos contos supramencionados. O presente trabalho explanou introdutoriamente os principais aspectos e contextos nos quais a província do Pará encontrava-se quando se iniciou a circulação do exemplar *Diário de Notícias* e as particularidades do mesmo. Na sequência, explanamos de maneira objetiva a trajetória da escritora e sua contribuição para o campo literário. E, por derradeiro, realizaremos uma breve análise dos contos mencionados, com destaque ao perfil feminino dentro de cada trama. Para desempenharmos o estudo proposto, nos apoiamos em teóricos renomados que dialogam sobre a temática em análise como Buitoni (1990), Luca (1999), Meyer (1996), Candido (2006), Salomoni (2005), Costruba (2009), Telles (2011), Cruz (2012), Silva (2014), Floresta (2019). Além de pesquisas bibliográficas foram feitas análises documentais nos microfilmes do jornal *Diário de Notícias* (disponíveis na Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém/PA) e na Hemeroteca Digital Brasileira.

**Palavras-chave:** Século XIX. *Diário de Notícias*. Júlia Lopes de Almeida.

## ABSTRACT

The present dissertation deals with the presence of texts signed by the fictionist Júlia Lopes de Almeida that were found in the main sections of the newspaper *Diário de Notícias* (1881-1898), support that circulated in the province of Pará for seventeen years, representing the press of Pará in the second half of the XIX century. For the development of our work, we carried out a selection among the textual genres published by the intellectual in the main sections. With the aim of recovering some of these fictional texts published by the hands of Júlia Lopes de Almeida, we directed our studies, more specifically to the short stories – *In Extremis* (1894); *A Caôlha* (1894) and *Pela Pátria!* (1895). The author made important contributions through writing and speeches in relation to various social, political, family and intellectual themes, which especially involved the female community in the 19th century, subjects that are present in the aforementioned tales. The present work will explain away, in an introductory way, the main aspects and contexts of the province of Pará at the time that the copies of *Diário de Notícias* began to circulate and its particularities. Next, we objectively explain the writer's trajectory and her contribution to the literary field. And, finally, we will carry out a brief analysis of the mentioned stories, with emphasis on the female profile within each plot. To carry out the proposed study, we relied on renowned theorists who dialogue on the subject under analysis, such as Buitoni (1990), Luca (1999), Meyer (1996), Candido (2006), Salomoni (2005), Costruba (2009), Telles (2011), Cruz (2012), Silva (2014), Forest (2019). In addition to bibliographical research, documental analyzes were carried out on the microfilms of the *Diário de Notícias* newspaper (available at the Arthur Vianna Public Library, in Belém/PA) and at the Hemeroteca Digital Brasileira.

**Keywords:** XIX century. News Diary. Júlia Lopes de Almeida.

## Lista de Ilustração

<b>Figura 0:</b> Imagem do jornal <i>O Paraense</i> – primeiro jornal paraense.....	25
<b>Figura 1:</b> Publicação sobre movimento abolicionista.....	28
<b>Figura 2:</b> Publicação da folha suplementa sobre Proclamação da República.....	28
<b>Figura 3:</b> Ideias de manifestações sobre abolicionismo.....	29
<b>Figura 4:</b> Publicação sobre opiniões Proclamação da República.....	29
<b>Figura 5, 6,7,8:</b> Anúncios publicados na seção <i>Annuncios</i> .....	31
<b>Figura 9:</b> Variedades de propagandas divulgada na 4ª página do jornal <i>Diário de Notícias</i> . ....	32
<b>Figura 10:</b> Referente aos valores de custo do exemplar nas modalidades de vendas. ....	33
<b>Figura 11:</b> Registro dos nomes dos primeiros proprietários do jornal <i>Diário de Notícias</i> . ....	36
<b>Figura 12:</b> Alteração nos nomes dos proprietários, sinalizando fim da parceria entre os sócios. ....	37
<b>Figura13:</b> Confirmação de novos dirigentes no comando do jornal. ....	38
<b>Figura 14:</b> Publicação na folha da Amazônia, com o nome do atual proprietário. ....	39
<b>Figura 15:</b> Divulgação sob a mudança de direção do periódico para os próximos anos.....	39
<b>Figura 16:</b> Confirmação na alteração dos nomes e suas respectivas funções. ....	40
<b>Figura 17:</b> Divulgação de novos nomes e ofícios para ocupar a direção do exemplar.....	41
<b>Figura 18:</b> Nome dos bacharéis e seus ofícios ocupados no periódico. ....	42
<b>Figura 19:</b> Representa os nomes do chefe de redação e proprietário do exemplar do ano de 1893 a 1895. ....	42
<b>Figura 20:</b> Aviso referente a venda da tipografia e propriedade do jornal. ....	43
<b>Figura 21:</b> divulgação de novos nomes ocupando cargo de chefe no exemplar. ....	44
<b>Figura 22:</b> publicação do último dia e ano em que o nome de Felipe de Lima ocupou cargo de redator no exemplar. ....	44
<b>Figura 23:</b> publicação de novos nomes que ocupariam a função de chefe e secretário. ....	45
<b>Figura 24:</b> Anúncio sobre o encerramento da circulação do exemplar e venda da tipografia. ....	46
<b>Figura 25:</b> tabela de brindes entregue aos premiados do mês de novembro, patrocinado pelo jornal <i>Diário de Notícias</i> . ....	47
<b>Figura 26:</b> Informe sobre a redução dos valores do periódico <i>Diário de Notícias</i> . ....	47
<b>Figura 27:</b> Publicação sobre descontos oferecidos aos clientes.....	47

<b>Figuras 28:</b> Informação dada no Jornal de Recife, ocupando a coluna nº 2 do periódico <i>Diário de Notícias</i> .....	48
<b>Figura 29:</b> Notícia de outra localidade, apresentada no Jornal de Valença, que é noticiada no jornal <i>Diário de Notícias</i> .....	48
<b>Figuras 30,31,32:</b> Publicações de vaga de emprego, venda de animais, de objetos e alimentos e divulgação de baile na seção <i>annuncio</i> . .....	51
<b>Figuras 33,34:</b> Publicações sobre os significados das lágrimas e explicação de um fato ocorrido em São Paulo.....	52
<b>Figura 35:</b> Texto publicado na seção <i>folhetim</i> de autoria nacional representada por Marcos de Carvalho.....	54
<b>Figura 36:</b> Texto divulgado no espaço <i>folhetim</i> pelas mãos do português Alfredo Gallis, com a marcação da fórmula “ <i>contínua</i> ” .....	54
<b>Figura 37:</b> Jornal Espelho das Brasileiras nº 29.....	66
<b>Figura 38:</b> Imagem que confirma a publicação do romance Gupeva na página do jornal <i>O jardim das Maranhenses</i> .....	70
<b>Figura 39 A:</b> A imagem representa o periódico <i>O Paiz</i> (1884-1930) .....	75
<b>Figura 39B:</b> A imagem mostra a publicação do romance <i>A Estátua de Neve</i> , da ficcionista Maria Benedicta Bormann .....	76
<b>Figura 40:</b> A Mensageira: revista literária dedicada a mulher brasileira.....	80
<b>Figuras 41:</b> Capa da revista <i>Semana</i> .....	81
<b>Figura 42:</b> Capa do Romance <i>Memória de Marta</i> .....	81
<b>Figura 43, 44:</b> As figuras expressam as palavras de angústia de Júlia Lopes de Almeida, sobre sua estreia. ....	86
<b>Figura 45:</b> Jornal <i>O Paiz</i> , em que Júlia Lopes tese comentários sobre a crônica <i>Ânsia Eterna</i> .....	98
<b>Figura 46:</b> A imagem ilustra a exposição introdutória da literata nos jornais paraenses – <i>Província do Pará</i> .....	113
<b>Figura 47:</b> Ilustração do segundo conto literário na página do jornal <i>A Província do Pará</i> , assinado pela ficcionista.....	114
<b>Figuras 48, 49, 50, 51:</b> Representam os fascículos publicados em sequência no jornal <i>Província do Pará</i> .....	115-116
<b>Figura 52,53:</b> fazem alusão ao trabalho publicado por Júlia Lopes de Almeida no jornal <i>A Patria Paraense: Diário Noticioso, Commercial e Litterario</i> . .....	120
<b>Figura 54:</b> Marcação da primeira publicação de Júlia Lopes no jornal <i>Diário de Notícias</i> . ....	123
<b>Figura 55:</b> Publicação do conto <i>O Tamanco</i> de Júlia Lopes no Jornal <i>Diário de Notícias</i> .....	124
<b>Figura 56:</b> Ampliação do texto supracitado para melhor leitura.....	124
<b>Figura 57:</b> Publicação do conto <i>In Extremis</i> na seção <i>folhetim</i> .....	125
<b>Figura 58:</b> Publicação do conto <i>A Caôlha</i> no periódico <i>Folha da Amazônia</i> ....	126
<b>Figura 59:</b> Divulgação do conto <i>Pela Pátria!</i> no exemplar em estudo.....	126

<b>Figura 60:</b> Representação da crônica Concessões para a felicidade, aos leitores do jornal <i>Diário de Notícias</i> .....	127
<b>Figura 61:</b> Publicação do conto <i>In Extremis</i> no jornal <i>Pacotilha</i> .....	128
<b>Figura 62:</b> Divulgação do conto <i>O Passarinho</i> de Júlia Lopes no periódico <i>Pacotilha</i> .....	129
<b>Figura 63:</b> Reedição do conto <i>A Caôlha</i> no jornal <i>O Republicano</i> .....	130
<b>Figura 64:</b> Reedição do conto <i>A Caôlha</i> no periódico <i>O Republicano</i> .....	131
<b>Figura 65:</b> Reimpressão do conto <i>A Caôlha</i> no exemplar <i>O Republicano</i> .....	132
<b>Figura 66,67:</b> Divulgação do conto <i>In Extremis</i> nos jornais <i>A Pacotilha</i> e <i>Diário de Notícias</i> . ....	136
<b>Figura 68:</b> Confirmação da publicação do conto <i>A Caôlha</i> no ano de 1894, no exemplar <i>Diário de Notícias</i> , ocupando as seis colunas da seção <i>folhetim</i> .....	148
<b>Figura 69:</b> Publicação do conto <i>Pela Patria!</i> na seção <i>folhetim</i> do jornal <i>Folha da Amazônia</i> . ....	160

## Lista de Tabela

**Tabela 01** – Apresentação de algumas publicações literárias e textos recreativos que ocuparam as seções e páginas do periódico *Diário de Notícias* (1881-1898).

## **Anexos**

**Anexo I-** Publicação do romance “A Falência” na seção *folhetim* no jornal maranhense *Pacotilha* (1903).

**Anexo II** – Obra intitulada “Narração do Espírito”, de Júlia Lopes de Almeida no exemplar *Pacotilha* (1891).

**Anexo III-** Divulgação do escrito “O Futuro Presidente”. No jornal “*Pacotilha*” (1894).

**Anexo IV-** Publicação do escrito “O Saber ser Pobre” no periódico *Pacotilha* (1899), de autoria de Júlia Lopes de Almeida.

**Anexo V-** Presença do texto “O Bruto” no jornal nordestino *Pacotilha* (1902).

**Anexo VI** – Textos digitalizados que serão analisados no capítulo III da dissertação.

“In Extremis”; “A Caôlha<sup>1</sup>” e “Pela Patrial<sup>2</sup>”.

**Anexo VII-** Textos originais analisados no capítulo III – destacados dentro das páginas do jornal *Diário de Notícias*.

---

<sup>1</sup> Mantivemos a ortografia vigente da época.

<sup>2</sup> Mantivemos a ortografia vigente da época.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2. A CIRCULAÇÃO DO JORNAL <i>DIÁRIO DE NOTÍCIA</i> NO PERÍODO OITOCENTISTA NA CAPITAL PARAENSE .....</b>	<b>23</b>
2.1 – O exemplar <i>Diário de Notícias</i> e o contexto da província do Pará nos anos 1881 a 1898. ....	23
2.2 – O periódico <i>Diário de notícias</i> e suas particularidades para o campo literário .....	35
2.2.1 – Os principais nomes que ocuparam ofícios no decorrer de 17 anos de circulação do jornal <i>Diário de Notícias</i> .....	35
2.2.2 – As particularidades das seções presentes no exemplar <i>Diário de Notícias</i> .....	49
2.2.3 – Os gêneros textuais que predominaram no jornal – <i>Folha da Amazônia</i> .....	54
<b>3. A PRESENÇA DA AUTORIA FEMININA NO EXEMPLAR <i>DIÁRIO DE NOTÍCIAS</i>: JÚLIA VALENTINA LOPES DE ALMEIDA .....</b>	<b>58</b>
3.1 – O preâmbulo da autoria feminina nos principais jornais do século XIX que circularam no Brasil.....	58
3.2 – Júlia Valentina da Silveira Lopes: vida, trajetória, produções e perfis .....	81
<b>4. OS CONTOS PUBLICADOS POR JÚLIA LOPES DE ALMEIDA NO SUPORTE <i>DIÁRIO DE NOTÍCIAS</i> .....</b>	<b>112</b>
4.1 – A autoria feminina representada por Júlia Lopes de Almeida nas principais seções do periódico <i>Diário de Notícias</i> .....	112
4.2 – O Gênero textual como modalidade de análise.....	133
4.3 – A representatividade da figura feminina diante o olhar de Júlia Lopes de Almeida no conto <i>In Extremis</i> (1894) .....	135
4.4 – O olhar de Júlia Lopes de Almeida sobre vidas arruinadas em <i>A Caôlha</i> (1894) .....	147
4.5 – O amor maternal versus o amor <i>Pela Pátria!</i> (1895) .....	160
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>171</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>174</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>179</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como intuito discorrer sobre a importância da imprensa em relação à publicação dos escritos literários, mais especificamente, divulgados em um dos principais periódicos que circulou na capital paraense durante a segunda metade do século XIX, apresentando em sua estrutura uma diversidade de gêneros textuais, assinados por diferentes autores. Em uma análise minuciosa, o presente trabalho irá se desenvolver com base nos contos da escritora Júlia Valentina da Silveira Lopes, que ocuparam as principais colunas do jornal *Diário de Notícias*.

A imprensa foi um dos principais suportes para divulgar os textos literários no século XIX<sup>3</sup>. Muitos escritores brasileiros, que buscavam a consagração, se utilizavam desse meio para publicarem suas obras nos rodapés das páginas dos jornais. A novidade chegou ao Brasil, na cidade do Rio de Janeiro e nas demais províncias, como em Belém, cidade com um número significativo de periódicos diários. Entre esses jornais, nossa atenção se dirige para o *Diário de Notícias*, periódico este de grande destaque entre o público paraense, que circulou por mais de uma década e meia na cidade de Belém-Pará, de 1881 a 1898.

No periódico que serve de base para o desenvolvimento deste estudo, foi identificada a presença de uma das grandes escritoras que divulgou seus escritos na passagem dos séculos XIX – XX, que trouxe contribuições consideráveis para o universo da autoria feminina, a ficcionista Júlia Valentina da Silveira Lopes. A escolha dos textos da referida escritora é importante para recuperar a presença de escritos de autoria feminina durante os anos de publicação deste periódico.

---

<sup>3</sup> Seguem apenas alguns exemplos de pesquisas sobre o tema: SALES, Germana. A pesquisa em fontes primárias na Amazônia paraense. Revista Letras Raras. Campina Grande, Edição Especial, p. Port. 67-79 / Eng. 68-80, nov. 2019. ISSN 2317-2347. O artigo de autoria de AUGUSTI, Valéria. O discurso crítico sobre o leitor e o enobrecimento do gênero romance. Doutoranda em Teoria e História literária. IEL/UNICAMP. pp. 1-6. s/d. Disponível em: <http://www.caminhosdoromance.iel.unicamp.br/estudos/ensaios/discursocritico.pdf>. Acesso em 13 de fev. de 2021. THÉRENTY, Marie-Ève. “O longo e o cotidiano. Sobre a dilatação midiática dos romances nos séculos XIX e XX”. Trad. Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. Revista *Interfaces*, Rio de Janeiro, Vol. 1, Número 22, pp. 117-136, janeiro-junho, 2015. <Disponível em: [http://www.cla.ufri.br/images/docs/interfaces/split/22/08\\_o%20longo%20e%20cotidiano.pdf](http://www.cla.ufri.br/images/docs/interfaces/split/22/08_o%20longo%20e%20cotidiano.pdf)>acesso. Acesso em 10 de abr. de 2021.

A pesquisa de maneira geral propõe levantar as ocorrências das produções literárias da prosadora Júlia Lopes, publicadas, em específico, nas principais seções do jornal o *Diário de Notícias*, com especial atenção aos contos. Tal objetivo foi proposto após a constatação de que a capital paraense, assim como outras capitais do Brasil, como Rio de Janeiro, Cuiabá e Belo Horizonte<sup>4</sup>, andaram a passos largos em relação ao desenvolvimento da imprensa e do mercado livreiro, bem como em relação à propagação da leitura entre um público em formação, leitores de livros e, posteriormente, de jornais e periódicos, o que culminou com o desenvolvimento de uma cultura letrada na Belém do Grão-Pará no fim do século XIX.

As histórias literárias tradicionais, a exemplo da História Concisa da Literatura Brasileira – Alfredo Bosi, reedição 41<sup>o</sup>, cita nomes de romancistas consagrados, que publicaram no ano de 1862, como José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo Guimarães, entre outros. O ano referenciado se torna importante também, para os estudiosos das letras, pelo nascimento de Júlia Valentina da Silveira Lopes, que se tornaria, ainda no século XIX, uma das mais importantes romancistas e contistas do Brasil.

A autoria feminina na literatura brasileira antes e durante o século XIX, contou com uma peculiar discriminação e censura, visto que a literatura feminina não foi bem aceita mediante um determinado público machista e com opiniões rasas. A figura feminina na sociedade era instruída para os afazeres do lar e do cuidado dos filhos.

O exercício da escrita foi, para as mulheres do século XIX, uma forma de romper os limites entre o privado e o público, sendo o primeiro o único local aceitável para uma mulher até então. Escrever constitui-se como uma ação de

---

<sup>4</sup> Pesquisas desenvolvidas por Germana Sales em relação à circulação de romances folhetins em jornais brasileiros confirmam que a ocorrência do gênero não foi exclusividade da cidade do Rio de Janeiro, mas esteve presente também em outras regiões do país, como a Província do Pará, que, ao desenvolver um jornalismo dinâmico, também publicou assuntos literários em meio a temas políticos e noticiosos. SALES, Germana. Colunas Literárias: Variedades, Miscelâneas, Literatura, Folhetins. In: 15<sup>o</sup> COLE – Congresso de Leitura do Brasil: Pensem nas crianças mudas telepáticas, 2006, v. 1, p. 1 - 5. A pesquisadora Ozângela de Arruda Silva em seu artigo: Da Presença dos Romances em Fortaleza do Oitocentos: Circulação, Comércio e Sintonia, discorre a respeito da interação ocorrida entre os livreiros locais com outros livreiros de outras regiões, demonstrando, assim, a conexão existente entre as capitais do país, as províncias e alguns países da Europa. SILVA, Ozângela de Arruda. Da Presença do Romances em Fortaleza do oitocentos: circulação, comércio e sintonia. ANAIS SETA, número 3, 2009. p. 782-792.

transgressão que ultrapassa os limites sociais acordados por uma sociedade conservadora e escravagista (TAVARES, 2007, p. 02).

Mendes (2007) pontua que as investigações tendo como tema os estudos sobre a literatura de autoria feminina em geral dirigem-se às questões relativas ao gênero, cânone, teoria ou crítica feminista. Uma questão pouco discutida ainda é o lugar das escritoras na história da literatura brasileira. Júlia Lopes é um capítulo a mais quando se busca esclarecer a posição social da mulher brasileira no final do período oitocentista brasileiro. Nesse particular, ela foi uma escritora com uma vasta produção literária e teve grande importância para a literatura brasileira, pois pareceu pensar a literatura como um produto estético não determinado pelo meio, assim como não construído para determiná-lo como algo específico. Porém, as marcas culturais afetam os processos de formação com suas peculiaridades e possibilidades, ou seja, o registro de uma construção das diferenças e das distintas formas de se lidar com as experiências do desenvolvimento social e cultural, tanto o individual quanto o coletivo. Assim, nessa consonância, a ficcionista, por meio de seus escritos e ideias significativas, contribuiu para o desenvolvimento das mulheres leitoras, crianças e público leitor em geral da época, porém pouco reconhecimento por parte do cânone.

Mediante isto, faz-se necessário realizar um estudo minucioso sobre a imensurável contribuição de Júlia Valentina da Silveira Lopes para a literatura do Brasil e do mundo e para desmistificar determinadas ideologias sobre a autoria feminina na literatura brasileira e pontos significativos devem ser levantados para dialogar com determinadas fontes teóricas e críticas. Para assim, observarmos o quanto a escritora, por meio de seus textos, contribuiu para o universo literário no Brasil, mais especificamente no século XIX, por seus textos publicados no jornal *Diário de Notícias*. Como objeto de análise, desta pesquisa apresentamos os textos divulgados no periódico *Diário de Notícias*, entre os quais estão os contos: “*In Extremis*” (1894), “*A Caôlha* (1894) e “*Pela Patria!*” (1895).

No período em que Júlia Lopes viveu não era comum a educação das mulheres, contudo, a moça, quando jovem, teve o apoio familiar para ser alfabetizada. A consequência de uma pessoa letrada seria tornar-se leitora e com Júlia não foi diferente, pois, como refere Salomoni:

À escritora possuía um vasto repertório, dentre os quais podemos destacar: entre os franceses temos: Rostand, Michelet, Balzac, outros; demonstrando preferência por Colette; dos portugueses – Herculano, Eça, Garrett, dos ingleses o mais citado foi a leitura assídua de Shakespeare (SALOMONI, 2005, p. 23).

A elegância do primeiro texto publicado pela autora impulsionou o desenvolvimento da carreira de uma das principais romancistas brasileiras que esteve presente na transição do século XIX para o XX, apontada por alguns estudiosos, como a maior romancista da geração de escritores que sucedeu a Machado de Assis. Conforme afirma Veríssimo:

[...] depois da morte de Taunay, de Machado de Assis e de Aluísio de Azevedo, o romance no Brasil conta apenas dois autores de obra considerável e de nomeada – D. Júlia Lopes de Almeida e o Sr. Coelho Neto, eu, como romancista, lhe (sic) prefiro muito D. Júlia Lopes (VERÍSSIMO, 1919, p. 217).

Felizmente, para Júlia Lopes, o apoio familiar permaneceu mesmo após seu casamento, com o poeta e português Francisco Filinto de Almeida no ano de 1888. A partir do dia do casamento, Júlia Lopes passa a assinar seus escritos como Júlia Lopes de Almeida. O esposo da ficcionista era um dos principais editores da Revista *A Semana*, revista esta de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro, na qual foi disponibilizado um espaço para que a escritora divulgasse seus trabalhos.

Assim, desenvolveu-se o mais amplo repertório de produção literária de Júlia Lopes de Almeida, são mais de 40 volumes envolvendo desde romances, contos, teatro, literatura infantil, crônica e obras didáticas. Em sua coluna no periódico *O País*, durante mais de 30 anos, discutiu variados assuntos e realizou diversas campanhas em defesa da mulher, este espaço disponibilizado à escritora contribuiu para que a literata melhor divulgasse suas obras e exercesse um dos seus principais papéis diante a sociedade: o de informar, orientar e apresentar sugestões de como as mulheres deveriam agir em determinadas situações da vida cotidiana.

Podemos inferir que a escrita de Júlia Lopes de Almeida teve grande aceitação, destaque nacional e internacional, haja vista que suas publicações obtiveram um significativo número de circulação levando em conta o período histórico da estreia das suas obras, em que se tinha grande parte da sociedade

brasileira analfabeta. A autora detinha uma particularidade na sua escrita, utilizava-se de uma linguagem objetiva, simples e direcionada normalmente ao público feminino.

Por meio da sua versatilidade e empenho, a escritora conquistou os mais variados espaços de acesso na imprensa, o que lhe possibilitou a publicação de um abrangente repertório de produções, como se comprova na fala de Batista:

[...] Júlia Lopes de Almeida possuía um forte acesso à imprensa, pois, além de ter atuado como cronista em jornais, realiza em 1888, na Tribuna Liberal do Rio de Janeiro a publicação do seu primeiro romance em formato de folhetim intitulado: *Memórias de Martha*, em seguida divulgar outros dois grandes romances *A Família Medeiros* (1891) e *a Viúva Simões* (1897) na *Gazeta de Notícias*. As atividades da escritora se estenderam desde a participação na imprensa, como colunista e cronista em periódicos de grandes nomes da sua época, entre os principais estão: *a Gazeta de Notícias*, *os Correios de Campinas* e *O País* (BATISTA, 2011, p.14).

Como grande romancista e contista, a literata produziu 11 romances ao longo da sua carreira e mais de 66 contos, 16 crônicas e 4 novelas. A escritora perpassou pelos mais diversos periódicos durante o período oitocentista, no Brasil, dentre os quais destacamos o jornal *Diário de Notícias*, editado em Belém-PA, no qual a literata realiza algumas consideráveis publicações, entre os mais variados gêneros textuais como, por exemplo, os contos, a lenda e a crônica.

Objetivamente, a proposta dessa pesquisa é analisar a condição feminina nas obras de Júlia Lopes de Almeida, mais especialmente as obras literárias publicadas nos exemplares do *Diário de Notícias*, mais exatamente os contos: *In Extremis* (1894); *A Caôlha* (1894) e *Pela Patria!* (1895). Mediante tais propósitos, foi-se elaborando a pesquisa sobre a temática e para iniciarmos o assunto, executamos os seguintes passos.

Inicialmente a pesquisa bibliográfica foi realizada, para que se fundamentassem os estudos direcionados à contribuição ímpar da autora e embasar nosso estudo sobre a contribuição inigualável da prosadora para o universo literário. De acordo com Antônio Severino,

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir de registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados (1941, p. 122).

Para organizar os textos publicados por Júlia Lopes de Almeida, executou-se a catalogação dos textos que circularam no periódico *Diário de Notícias* no século XIX, mais especificamente nos anos de 1894 –1895. Através dos dados coletados, por meio da catalogação, montou-se uma espécie de planilha, em que se demarca: o título do texto publicado, o gênero textual o qual predomina no texto e a temática abordada no escrito em circulação, além da folha e página de numeração do exemplar. Dessa forma, fizemos uma pesquisa de campo, que tem como proposta, como nos aponta Severino, a seguinte dinâmica: “na pesquisa de campo o objeto/fonte é abordado no em seu próprio meio ambiente” (1941, p.123). Em se tratando da coleta dos textos escritos por Júlia Lopes no jornal *Diário de Notícias*, a pesquisa de campo ocorreu na Fundação Cultura do Estado do Pará – Biblioteca Arthur Vianna e por meio virtual na Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional (BN). Por meio desta pesquisa foram selecionados textos da autora em que manifestavam suas ideias atemporais mediante o papel da mulher no âmbito social. Com base nesta pesquisa e nos escritos catalogados e embasamento bibliográfico será possível ratificar o quanto as escritas da autora contemplaram o universo literário brasileiro, mas de pouco reconhecimento e estudos no ambiente acadêmico.

A presente dissertação será dividida em três seções, apresentados da seguinte maneira: a primeira seção tem como objetivo dialogar sobre a importância da imprensa no período oitocentista no Pará, como representante da imprensa em solos paraenses destacamos o jornal *Diário de Notícias*. A respeito da imprensa paraense no século XIX, recorreremos aos estudos de Manoel Barata (1973) e Carlos Rocque (2001), que são leituras subsidiárias para a compreensão da circulação da imprensa na segunda metade do século XIX na Belém Oitocentista, desde o aparecimento *d'O Paraense*, primeiro jornal publicado no Pará, até a expansão e consolidação desse meio de comunicação impressa, a partir do auge do ciclo da borracha, na segunda metade do século XIX. Além disso, iremos pontuar as particularidades do periódico *Diário de Notícias*, tais como: contexto histórico, principais dirigentes e nome de colaboradores responsáveis pela circulação do exemplar, a formatação do jornal e a divulgação das obras literárias, as estratégias mais utilizadas pelos dirigentes

para fazer com que o periódico alcançasse o maior número possível do público leitor.

Na segunda seção será pontuada a presença de uma das maiores escritoras do século XIX, que publicou algumas das suas obras literárias no jornal *Diário de Notícias* – a prosadora Júlia Lopes de Almeida. Neste segundo momento, será destacada a representatividade da autoria feminina no período oitocentista, com especial atenção aos escritos de Júlia Lopes divulgados no exemplar *Diário de Notícias*, no período em que circulou na capital paraense, além de relatar o percurso, produções e perfis da autora em seus estudos.

Na terceira seção, realizaremos uma minuciosa análise dos contos de Júlia Lopes de Almeida que se fizeram presente nas páginas do periódico *Diário de Notícias* no período de 1894 a 1895, intitulados respectivamente: “*In Extremis*” (1894), “*A Caôlha*” (1894) e “*Pela Patria!*” (1895). Nesta análise será pontuado o perfil feminino diante dos olhares de Júlia Lopes de Almeida, em que a escritora por vezes nos apresenta um teor de dualidade no âmbito da escrita, porém de extrema relevância para compreendermos o papel da figura feminina representado pela escrita da autora. E pontuamos a importância de se destacar a contista entre os nomes que circularam nas folhas diárias paraenses, bem como reconhecemos a importância de se ter, em meados do século XIX, a presença da autoria feminina, em um período em que as produções assinadas por mulheres, ainda não eram comuns.

Por fim, nas considerações finais, os resultados obtidos até então são apresentados, verificando-se as possibilidades futuras, com retomadas do tema, de aprofundamento da pesquisa.

## 2. A CIRCULAÇÃO DO JORNAL *DIÁRIO DE NOTÍCIA* NO PERÍODO OITOCENTISTA NA CAPITAL PARAENSE

### 2.1 – O exemplar *Diário de Notícias* e o contexto da Província do Pará nos anos 1881 a 1898

Para iniciarmos o diálogo proposto, é de fundamental relevância nos situarmos à época e aos principais atos e acontecimentos que ocorreram em tal período, para assim compreendermos determinadas fases dentro do estudo apontado.

Nos anos de circulação do exemplar *Diário de Notícias* que se iniciava em 1881, diversos fatos ocorreram na Província do Pará, dentre os quais destacamos: conforme aponta Neto (2009, p. 13), foi fundada a denominada Sociedade Dramática Abolicionista organizada em 15 de agosto<sup>5</sup> de 1881; segundo Carlos Machado (2019, p. 6), em 1882, José Henrique Cordeiro de Castro foi destacado membro da associação emancipadora e organizador de festejos patrióticos e abolicionistas na capital paraense; no ano de 1883, é publicado em um dos jornais da época, mais precisamente no dia 08/06/1883 (*O Liberal Do Pará*), a notícia de que uma reunião seria planejada com as sociedades beneficentes e abolicionistas da capital para “tratar-se do espetáculo que generosamente ofereceu em favor da redenção de escravos o festejado Maestro Carlos Gomes” (Carlos Machado, 2019, p. 9); no ano de 1884, funda-se o Club Abolicionista dos Patriotas; em 1886, houve um ato identificado como “festa de liberdade”, um ato caridoso, bondoso, carregado de sentimento humanitário.

Foi o caso da cerimônia na qual o “Sr. tenente Pires Camargo deu liberdade ao escravo Ernesto em virtude de seu consórcio, ante-hontem. Registramos esse acto de philantropia” (*Diário de Notícias*. 06.02.1886). E

---

<sup>5</sup> Essa data cívica rememora a Adesão do Pará à Independência do Brasil, ocorrida em 1823. Construída como efeméride patriótica com pretexto para realização de festividades na capital paraense com alegorias à liberdade e apelos ao civismo e patriotismo. Essa efeméride era preferida e motivada pela realização de cortejos cívicos, festas teatrais, ocorrendo à entrega de cartas de liberdades. CF: BEZERRA NETO. José Maia. O Doce Treze de Maio. Abolicionismo e as visões da cabanagem, Grão-Pará- Século XIX. In: Faces da história da Amazônia. NEVES, Arthur; LIMA, Maria Roseane Pinto. Belém: Paka-Tatu, 2006. pp. 341-382.

assim, em 1888, ocorre o movimento abolicionista e posteriormente a Proclamação da República (1889), dois eventos significativos que serão destaques nas páginas do exemplar em análise – *Diário de Notícias* – que reflete na coordenação e ideologia apresentada pelo mesmo. Vale destacar que até a última publicação do jornal, outros eventos aconteceram, em torno de tais movimentos supramencionados, a exemplo de 1890, quando temos a formulação do projeto da primeira constituição da República, em 24 de fevereiro de 1890, no entanto, não de expressiva magnitude, mas de resultados sobre os dois episódios. A seguir iniciaremos uma breve explanação sobre a imprensa em solo paraense, como representante da mesma, nos dirigimos mais designadamente ao periódico em estudo.

Para adentrarmos neste assunto, faremos uma breve recapitulação de como a imprensa introduziu-se em solo paraense. A Corte Portuguesa, no início do século XIX, exercia forte influência sobre a Província do Pará e foi nesse contexto que surgiu o primeiro jornal da província: *O Paraense*<sup>6</sup>. É oportuno ressaltar que, antes da instalação da tipografia que o imprimia, trazida de Lisboa para Belém, em 1821, no ano de 1820 na província do Grão-Pará introduziram-se os trabalhos de impressão, com João Francisco Madureira<sup>7</sup>, um moço pobre, enfeitado, pequeno empregado público, bem ou mal foi o iniciador da oficina improvisada no Norte, na qual imprimia pequenos avulsos e os oferecia de forma gratuita<sup>8</sup>.

Destarte de maneira improvisada na região Norte são iniciados os trabalhos de impressão na província paraense. A tão almejada tipografia que chega a Belém em 1821, sob a liderança e coparticipação do quarteto de intelectuais Felipe Alberto Patroni Maciel Parente, José Batista Silva, Daniel Garção Melo e o mestre impressor Domingos Simões da Cunha.

---

<sup>6</sup> Em relação ao ano de fundação do 1º jornal *O Paraense* todos os autores pesquisados afirmam que foi em 1822. Porém, há uma divergência em relação ao mês de fundação do *O Paraense*. Carlos Rizzini mostra que o jornal foi lançado em janeiro de 1822. Nelson W. Sodré e Laurence Hallewell afirmam que foi em 1º de abril. Carlos Rocque nos diz que foi em março. Geraldo Mártires Coelho afirma que o aparecimento d' *O Paraense* foi em maio. Fizemos a opção do mês de maio por apresentar no dia 22 o número 1 do jornal.

<sup>7</sup> Consultar sobre o pioneiro da impressão no Pará. RIZZINI, Carlos. Op. Cit. p. 53. E HALLEWELL, Laurence. O Livro no Brasil: sua história. 2.ed. rev. e ampl. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 129.

<sup>8</sup> Em 28 de maio João Francisco Madureira “apresentou, em letra de forma, à Junta do Governo Provincial, um requerimento para usar a sua oficina. Deferido, entrou a imprimir pequenos avulsos de graça”. In: RIZZINI, Carlos. Op. Cit. p. 53-54.

No exato dia 22 de maio de 1822, o editor Felipe Alberto Patroni Maciel Parente, juntamente com seus sócios, publicou a edição de número 1 do jornal – *O Paraense*, catalogada no Setor de Microfilmagem da Fundação Cultural do Pará.

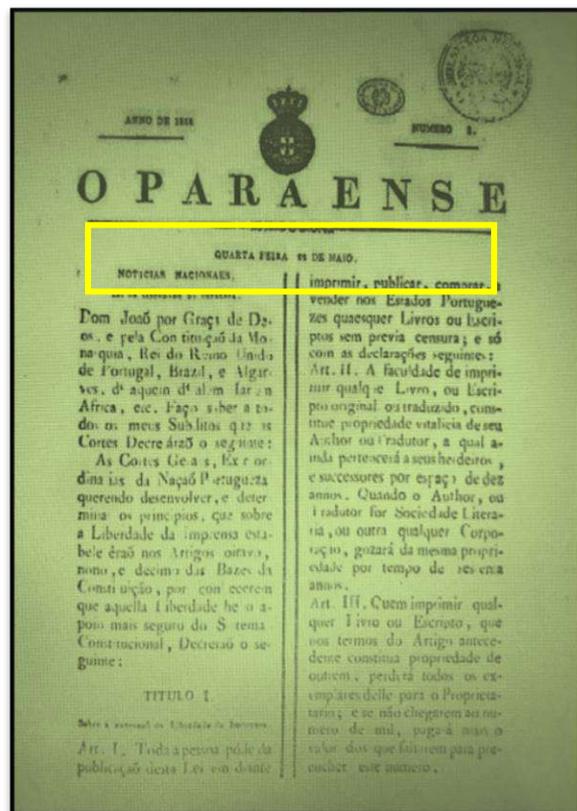


Imagem 0

Fonte: Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves/ Sede Fundação Cultural do Pará. Setor: Microfilmagem.

Na página inicial do periódico *O Paraense*, na seção *Notícias Nacionais*, encontrava-se em destaque a matéria *Lei da Liberdade de Imprensa*, ratificando assim, sua linha editorial, pela intransigente defesa da liberdade, inclusive a liberdade de imprensa, marcada pela proximidade do pensamento vintista<sup>9</sup>, e pela luta em favor da adesão do Pará à Independência do Brasil. É diante de tais fatos que, a partir de abril de 1822, o caminho para a ascensão do jornalismo – imprensa, encontrava-se aberto, porém com percalços acentuados no decorrer de sua trajetória.

<sup>9</sup> Movimento político que dominou Portugal entre 1820 e 1823. Reverberou no Pará por meio do Jornal *O Paraense*, de Felipe Patroni.

Destarte, como nos afirma Lady Ândrea Cruz:

Esse foi o primeiro passo de uma tipografia instalada no Brasil. Aos poucos as máquinas de imprensa vão se instalando no País, e já na segunda metade do século XIX, elas reinam praticamente em todas as Províncias do Brasil (2012, p. 19).

Com a descentralização das máquinas, as produções e atividades literárias, no século XIX, tornam-se mais acessíveis, ocupando os mais diversificados suportes – exemplares, revistas, folhetos e livros. Assim, possibilitou que os demais materiais impressos circulassem em maior dimensão atingindo parte significativa de leitores.

Diante a explanação supramencionada, nos direcionamos mais especificamente para a segunda metade do século XIX, aos anos de 1881 a 1898, período no qual o suporte *Diário de Notícias* circulava na província do Pará, por mais de uma década e meia, ao certo dezessete anos. Introdutoriamente, iremos realizar uma breve explanação de como se encontrava o contexto histórico no qual surgiram as primeiras divulgações do exemplar, que ocorreu mais exatamente numa sexta-feira, 01 de julho de 1881, para assim compreendermos as ideologias, temáticas e algumas publicações apresentadas nas colunas do jornal em estudo, é importante observarmos o momento de tal circulação.

Como sabemos a partir da extinção do tráfico, em 1850,

acelerava-se a decadência da economia açucareira o deslocar-se do eixo de prestígio para o Sul e os anseios das classes médias urbanas compunham um quadro novo para a nação, propício ao fermento de ideias liberais, abolicionistas e republicanas (BOSI, 2015, p.169).

É mediante a extensão deste cenário, que, em 1881, o Brasil passava pelo processo do abolicionismo e mais adiante nos anos de 1888 e 1889, temos conseqüentemente mais dois acontecimentos que contribuíram para a repaginada do novo quadro da nação em diversos aspectos, principalmente ideológicos, tais marcações fazem referências à abolição da escravidão, em 13 de maio de 1888, e à Proclamação da República em 15 de novembro de 1889.

Como pondera Bezerra Neto:

Na Amazônia, especificamente, na província do Grão-Pará, ocorreu a construção de uma memória histórica do abolicionismo, realizados festejos diversos tanto pelas sociedades emancipadoras, quanto as abolicionistas, por grupos e sujeitos, que ao realizarem libertações, escolhiam efemérides, datas especiais, personagens a serem lembrados/ reverenciados e amplamente divulgados nos periódicos (NETO, 2011, p. 95).

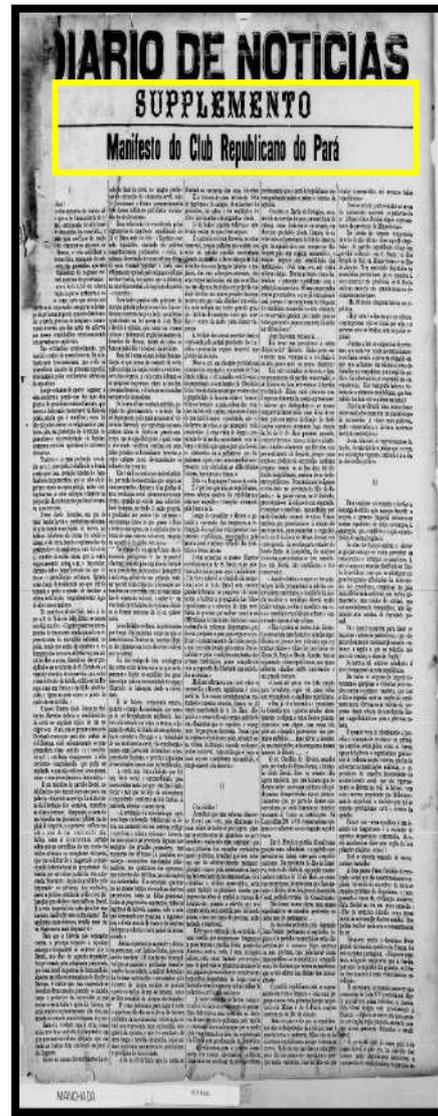
Como claramente na fala do autor o momento histórico do abolicionismo cravou uma espécie de ritual no qual os sujeitos e grupos realizavam festejos e marcação de datas importantes para comemorar a liberdade e publicar tais fatos nos jornais, inclusive no periódico *Diário de Notícias*, como citaremos mais adiante.

Além das questões abolicionistas, o exemplar em estudo pontuou no ano seguinte, mais especificamente em 16 de novembro, uma das maiores tiragens do jornal com ênfase à Proclamação da República: relatos, poemas, declarações e muitas opiniões foram emitidas e postas nas oito páginas do jornal, uma edição completamente inédita foi criada para anunciar a nova forma de regime, no qual a democracia iniciava-se mesmo que de forma moderada.

É mediante este contexto de alterações de regimes e lutas que o jornal *Diário de Notícias* circulava em solos paraenses, inclusive é importante comentar que as páginas do exemplar publicaram os dois acontecimentos supramencionados, e no dia seguinte após declarar-se a Proclamação da República, o exemplar apresentou-se em uma versão inédita dividida em oito páginas trazendo as principais notícias e opiniões de grandes representantes da época, que expressavam nas colunas do jornal seus anseios e argumentos sobre o fato ocorrido. Como se pode observar nas imagens a seguir:



10



11

Figura 1: publicada em 13 de maio 1888, a palavra liberdade, glorificação da Pátria!  
 Figura 2: Folha suplementar que o jornal publicou sobre a nova forma de governo, em 1889.  
 Fonte: *Diário de Notícias*

<sup>10</sup> Eis-nos todos aqui, no dia da glorificação da Pátria! Irmãos na ideia, nós os operários da nobre cruzadas, o coro sublime que tem por meta – Liberdade. Viva a imprensa Paraense! Um abraço aos colegas.

<sup>11</sup> Manifesto do clube Republicano no Pará.

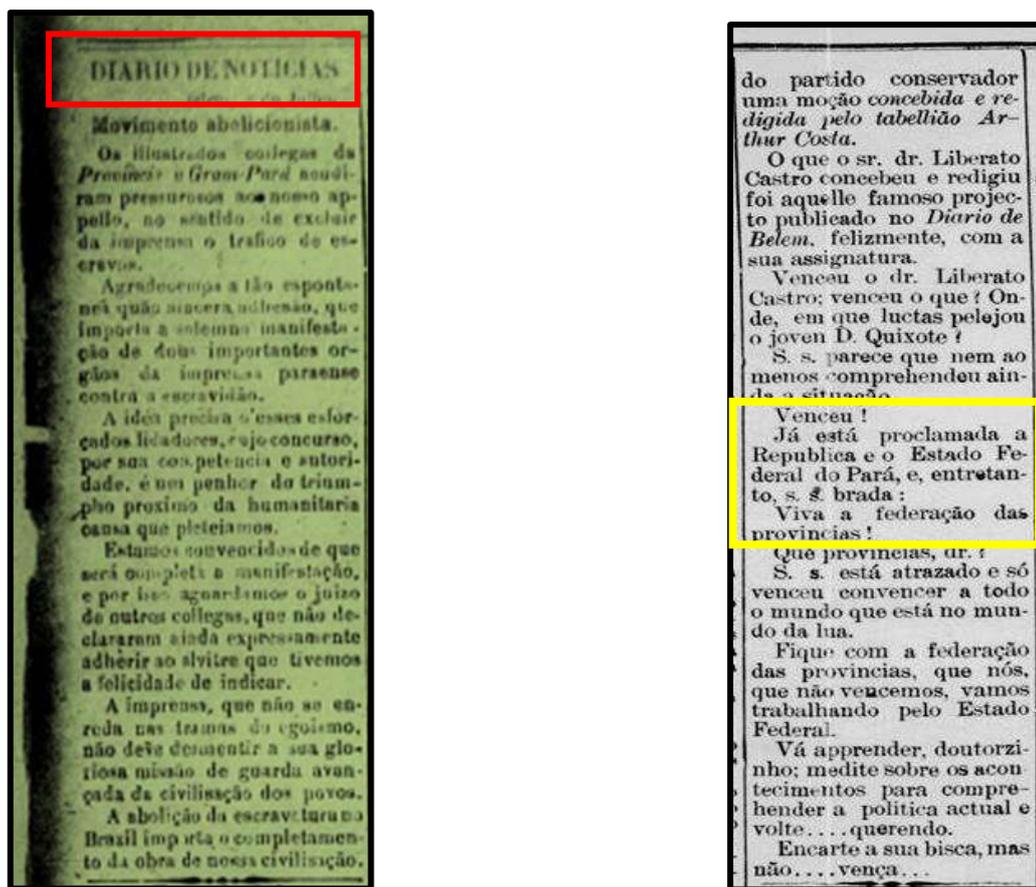


Figura 3 – refere-se à publicação sobre o movimento abolicionista que ocupou colunas nas páginas do jornal *Diário de Notícias*, em 1888. E a imagem 4 – marca uma das inúmeras divulgações sobre a Proclamação da República no ano 1889, nas seções do exemplar em estudo.

Fonte: *Diário de Notícias*.

É importante frisar que os exemplares contavam com diversas estratégias para manter-se em circulação, dentre as quais uma ideia era a inclusão do rendoso anúncio e das subscrições do jornal. Em relação ao assunto, podemos realizar uma breve explanação de como as importantes inovações são utilizadas pela imprensa periódica no Brasil e, de maneira mais restrita, pontuamos no segundo tópico desta dissertação, como tais inovações ocuparam as páginas dos jornais paraenses, mais especificamente do periódico em estudo – *Diário de Notícias*.

É possível destacar que a redução dos valores da assinatura se procedeu devido a ajuda financeira dos proprietários e as inovações tecnológicas. Porém, não era louvável apenas garantir a venda de exemplares, era necessário ir além, fazer com que o suporte abrangesse o maior número de público, para além dos prestigiados economicamente. Como relata Antonio Hohlfeldt,

Não bastava apenas multiplicar as folhas impressas: era necessário barateá-las para atingir a massa de potenciais leitores, surgidos, primeiro na França, a partir dos processos de universalização da escola [...]. Com essa preocupação, Émile de Girardin e seu sócio Armand Dutercq idealizaram *La Presse* – primeiro jornal a ser vendido mediante assinaturas. Contudo, logo os dois sócios se desentenderam. Enquanto Girardin concretizava o projeto de *La Presse*, Dutercq buscava um projeto alternativo, passando a publicar *Le Siècle*. A preocupação de ambos era a mesma: editar um jornal que fosse suficientemente atrativo para garantir o interesse do eventual leitor em recebê-lo ao longo de um período predeterminado (ANTONIO, 1850 a 1900, p. 17- grifos do autor).

Em relação aos custos acessíveis justapostos aos periódicos, explicava-se devido às inserções tecnológicas da imprensa, no século XIX. Assim como na Europa, a imprensa no Brasil faz uso da técnica comercial de baixo dispêndio e utiliza-se dos anúncios como estratégia lucrativa. Segundo Nelson Werneck Sodré,

Nos jornais mais lidos, os anúncios invadem até a primeira página: transbordam de todos os lados, o espaço deixado à redação é muito restrito e, nesse campo já diminuto, se esparramam diminutas notícias pessoais, disque-disques e fatos insignificantes; o acontecimento importante não é, em geral, convenientemente destacado, porque ao jornalista como ao povo, como ao ex-imperador, falta uma concepção nítida do valor relativo dos homens e das coisas; carecem eles de um critério, de um método (SODRÉ, 1983, p. 252-253).

Como nos relata Nelson Sodré, no fragmento acima, os anúncios ocupavam as páginas dos jornais mais lidos, assim como as propagandas, os anúncios realizam as mais diversificadas publicações, dentre as mais frequentes nas páginas dos periódicos, estavam sorteio de loteria, divulgação de liquidação em lojas, artigos de vestuários, vagas de emprego, aluguéis de imóveis. Os anunciantes com o intuito de terem seus produtos divulgados e vistos por grande parte da sociedade, com o objetivo de atrair mais clientes para os seus armazéns e lojas; assim como os comerciantes, qualquer cidadão poderia também anunciar de maneira particular seus informes, produtos e avisos. Vejamos alguns anúncios abaixo:



Figuras 5,6,7 e 8 – anúncios

Foto: Acervo pessoal.

Fonte: Jornal *Diário de Notícias* – hemeroteca digital.

Na *folha da Amazônia*, nomenclatura também dada ao exemplar em estudo, podemos identificar constantemente nas primeiras e quartas páginas a assídua publicação de anúncios e propagandas. Nas demais páginas segunda e terceira, encontramos as principais notícias da ocasião, informações do exterior, avisos marinhos, manifestos, solicitações e prosa de ficção. A seguir destacamos a figura de número 9 que representa a quarta página do jornal *Diário de Notícias*, na mesma podemos ratificar a heterogeneidade de publicações que ocorreram nesse espaço.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

Terça-feira, 29 de Setembro de 1891

**ALBERTO FREND & COMP.**  
Telephone n. 385  
32-Rua de Santo Antonio-32

**ÚNICA**  
Fabrica de Helicópteros  
Agua de Seltz  
Pereira Dias & Comp.  
Rua de S. Antonio, n. 28

**Atenção!!**  
Umas loja nova de  
fashionistas no  
**PORTO DO SAL**

**FABRICA**  
MALAS,  
Balués e Galochas  
Ed. de Andrade no 40

**DE VIME**

**Luiz Tavaras**

**Benzinas**

**PIANOS QUE NUNCA DESAFINAM**

**ALBERTO FREND & COMP.**  
Telephone n. 385  
32-Rua de Santo Antonio-32

**ULTIMA DESCOBERTA**  
**FELIZ LEMBRANÇA**  
Pílulas de Café Quinado "Navegantes"  
Zéfero Café Quinado Navegantes

**Pharmacia Navegantes**  
Navegantes, Pontes & Correa  
50, Rua 15 de Novembro, 55

**SANDALO DE MIDY**  
**Agua de Melissa de Carmelitas**  
**BOYER**  
**VELOUTINE**  
**VINHO CHASSAING**  
**ASTHMA**

**BANCO DA BOLSA DO PARA'**  
Rua da Republica  
Esquina da travessa Dr. Procinhas Galvães  
(Em frente a Guarda Moria)  
**CAPITAL Rs. 1.200.000.000**

**NOVIDADES!**  
Exposição permanente

**Na Estação Central de Telephones**

**White**

**XIX**

**V. Girardo & Filhos**

Figura 9 – Publicações da quarta página do jornal *Diário de Notícias*. Do dia 29 de setembro de 1891.

Fonte: Jornal *Diário de Notícias*, hemeroteca digital.

As aplicações financeiras advindas dos donos de jornais, fossem de pequenos ou médios comerciantes, eram quantias altas, aplicadas na manutenção e para aquisição de maquinários. À luz de Nelson W. Sodrê, nas últimas décadas do século XIX, tornava-se evidente a mudança na imprensa brasileira: a imprensa artesanal estava sendo substituída pela imprensa industrial. A imprensa brasileira aproximava-se, pouco a pouco, dos padrões e das características peculiares de uma sociedade burguesa.

É relevante pontuarmos que com a aquisição dos valores recebidos e grandes investimentos por parte dos proprietários de jornais, os suportes

tornaram-se uma espécie de empresa, em meados da primeira década do século XX. Averiguemos a seguir uma tabela com os valores de custo, referentes a venda do exemplar *Diário de Notícias*, seja na modalidade avulsa ou subscrição, informações estas transcritas da figura de número 10.

Assignaturas <sup>12</sup>	
CAPITAL – trimestre	4\$500
INTERIOR – semestre	10\$000
ESTRANGEIRO – anno	40\$000
NUMERO DO DIA	60 REIS.

Figura 10 – Dados publicados na segunda página do jornal *Diário de Notícias*, referente aos valores de custo do exemplar nas modalidades de vendas supracitadas.

Fonte: periódico *Diário de Notícias* – hemeroteca digital.

O proprietário do suporte *Diário de Notícias*, além de apresentar ao público uma diversidade de publicação, informes, notícias e propagandas variadas, por vezes utilizava estratégias para atrair ainda mais seus leitores, dentre elas temos o sorteio de brindes. Por assim, o jornal circulou por dezessete anos, destacando-se na região Paraense entre os grandes exemplares. Vale mencionar que a folha da Amazônia desenvolvia seus serviços de entrega não apenas no interior do estado, mas também se estendia às demais províncias e a clientes estrangeiros. É pertinente relatar que tais relações entre proprietários, redatores e anunciantes eram construídas primordialmente com o intuito de atrair o público. A união entre a imprensa e o jornalismo, com o intuito comercial colaborou de maneira significativa para o desenvolvimento e importância almejada, pois a parceria consolidada abrangeu um número expressivo de público, que nos séculos XIX e XX lhes deu um valioso reconhecimento, haja vista

alguns grandes jornais muito prósperos, providos de uma organização material poderosa e aperfeiçoada, vivendo principalmente de publicidade, organizados em suma e antes de tudo como uma empresa comercial e *visando mais penetrar em todos os meios e estender o círculo de seus leitores* para aumentar o valor de sua publicidade do

<sup>12</sup> Periódico *Diário de Notícias*, 01 de janeiro de 1890. Mantivemos a ortografia vigente.

que empregar sua influência na orientação da opinião pública (LECLERC, 1942. *Apud* SODRÉ, 1983, p. 288).

Em observância da ideia apresentada por Nelson Sodr , no fragmento supramencionado, percebemos o periódico interligando o papel do jornalismo   forma o da opinião pública, ou seja, às diversas influências jornalísticas, sobre o leitor, que podem acontecer de maneiras diferentes: de juízo, partidária, social, cultural e até mesmo religiosa, pois muitos donos de jornais eram militares, ou chefes políticos ou personalidades sacerdotais<sup>13</sup>.

No Brasil, além de investimentos maciços em máquinas, publicidades e anúncios, que ocupavam quase por inteiro as páginas específicas dos jornais, vemos a latente presença de escritores que vendiam sua força de trabalho – escritos, em troca de um s lario, que no contexto do mundo capitalista prestavam conta de sua produtividade.

A rela o entre o tripé estava próxima de consolidar-se, pois a interdependência entre jornalismo, escritor e o surgimento do público leitor amadureceram a futura e sólida interliga o entre obra, leitores e autores – tripé, este que instituiu o desenvolvimento de expansão da imprensa, da valoriza o profissional do autor e da coparticipa o do leitor, através de solicita es e cartas, na elabora o de uma obra, além de contribuir na própria elabora o do romance-folhetim. Em se tratando do processo de rela o entre Obra-Leitor-Autor, Antonio Candido relata que,

a obra não   produto fixo, um equívoco ante qualquer público; nem este   passivo, homog neo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circula o literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2006, p. 84).

O escritor que almejava reconhecimento no universo das letras, através da valoriza o de seus escritos e principalmente aceitabilidade por parte do público, colabora na constru o da sociedade com números expressivos de

---

<sup>13</sup> Como exemplo, temos em Belém, Antônio Lemos, que assumiu a propriedade do jornal A Província do Pará em 2 de novembro de 1889, tendo João Marques de Carvalho, o redator-chefe. Informa es em: ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Atualiza o de texto. Antônio José Soares. Belém: DistribeL, 2001, p.69.

leitores, assim contribuindo de forma significativa no papel de formação social do indivíduo. Segundo ratifica Antonio Candido,

O escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir a sua originalidade (que o delimita e especifica entre todos), mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores. A matéria e a forma da sua obra dependerão em parte da tensão entre as veleidades profundas e a consonância ao meio, caracterizando um diálogo mais ou menos vivo entre criador e público (CANDIDO, 2006, p. 83-84).

De acordo com o excerto acima, podemos inferir que o leitor pode ser identificado como coadjuvante, em tese, por fazer parte desse diálogo considerado “vivo”, entre ambos, uma vez que

o público é condição para o autor conhecer a si próprio, pois esta revelação da obra é a sua revelação. Sem o público, não haveria ponto de referência para o autor, cujo esforço se perderia caso não lhe correspondesse uma resposta, que é definição dele próprio (CANDIDO, p. 85 - 86).

Todavia, é imprescindível salientar a importância e a presença do processo de desenvolvimento da imprensa diária, interligado à literatura, haja vista que ambas se consolidam com o serviço de autores renomados, de jornalistas, com escritores desconhecidos e, especialmente, com a parceria de leitores de periódicos nos séculos XIX e XX.

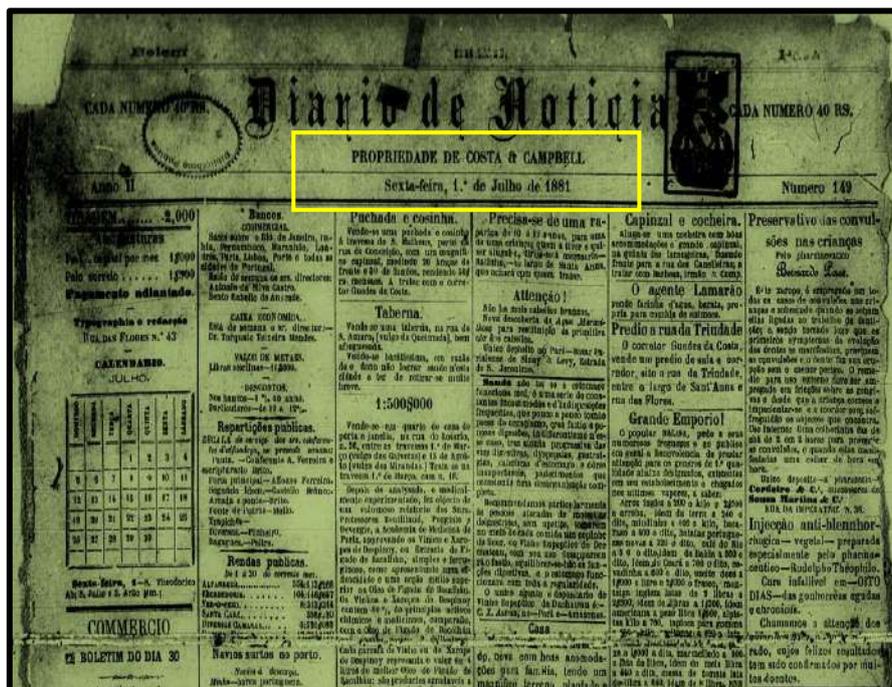
A seguir pontuamos as principais características do jornal *Diário de Notícias*, dentre elas temos destaque aos principais administradores do exemplar, que por dezessete anos de circulação esteve sob comando de diretores, proprietários e donos – todos estes representando a classe dominante – os homens. Além da gestão, ressaltamos as principais particularidades das principais seções que ocuparam as páginas da folha da Amazônia – assim também era reconhecido o periódico em estudo.

## **2.2 – O PERIÓDICO *DIÁRIO DE NOTÍCIAS* E SUAS PARTICULARIDADES PARA O CAMPO LITERÁRIO**

### **2.2.1 – Os principais nomes que ocuparam os ofícios no decorrer de 17 anos de circulação do jornal *Diário de Notícias***

O jornal *Diário de Notícias* teve sua primeira publicação em primeiro de junho de 1881. Nos primeiros anos de circulação do exemplar, os proprietários, o Sr. João Campbell e Antonio Fructuoso da Costa, estiveram à frente do suporte, mas a sociedade não perdurou, pois, decorrido menos de dois meses da parceria, o Sr. Antonio Fructuoso se retirou da aliança, mais precisamente no dia 24 de agosto de 1881. Com a saída do proprietário Costa, o periódico continuou a circular nos lares paraenses, no entanto, sob exclusiva administração do Sr. Campell, que além de dono, exercia a função de redator. O mesmo permaneceu na direção do jornal desde sua fundação em 1881, na cidade de Belém, continuando à frente da direção até exatos dias 30/05/1888 – data do seu falecimento.

A seguir observamos na figura 11 os nomes dos sócios – Antonio Fructuoso Costa, e do Sr. João Campbell, ambos identificados pelo sobrenome. E na figura 12, podemos ratificar o desvinculo da parceria que não completará um trimestre.



Fonte: Hemeroteca Digital - Jornal *Diário de Notícias*.

Figura 11 – Registro dos nomes dos primeiros proprietários do jornal *Diário de Notícias*, divulgado na primeira página do suporte.



Fonte: Hemeroteca Digital - Jornal *Diário de Notícias*.  
 Figura 12 – Alteração nos nomes dos proprietários, sinalizando fim da parceria entre os sócios.

Em virtude do ocorrido, o periódico perpassa por diversas alterações, principalmente no requisito diretoria, dentre os principais nomes que ocuparam a função mencionada destacamos: Getúlio Paiva & Companhia, que assume em dois de julho de 1889 e permaneceu na direção do exemplar *Diário de Notícias*, até agosto do mesmo ano, mês este de sua morte. Apesar do seu falecimento, o nome de Getúlio Paiva continuou a ocupar o cabeçalho do jornal, que nos meses subsequentes entrava em liquidação, sendo Mariano Netto Simões, que trabalhava em parceria com Paiva, o proprietário que ficou na direção do jornal e permaneceu até dezembro do ano corrido.

Como se observará na imagem 13, que representa de acordo com o jornal número 301, porém, de acordo com a catalogação realizada de maneira minuciosamente, compreende-se ser o número 295, identificamos a comprovação dos nomes proprietários Getúlio Paiva & Companhia, ocupando o cabeçalho do jornal, que se encontrava nas últimas tiragens do mês de dezembro, mais precisamente no dia vinte e quatro de dezembro de 1889.



Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*.  
 Figura13 – Confirmação de novos dirigentes no comando do jornal.

Em janeiro de 1890, o nome do Sr. J. Lúcio de A. Mello, compôs o cabeçalho do jornal *Diário de Notícias*, sendo aquele considerado o mais novo proprietário e redator do jornal. O sr. Mello ocupou a direção do periódico até 27 de janeiro de 1891. Em seguida, no mesmo ano, mais especificamente em 28 de janeiro de 1891, a responsabilidade de comandar o exemplar ficou sob domínio dos seguintes nomes com suas respectivas funções: Antonio Firmo D. Cardoso Júnior, que exerceu as funções de redator e responsável; Manoel Caetano R. Junior – gerente, e Manoel Antonio Monteiro no cargo de administrador das oficinas. Interessante destacar que, após o trio assumir suas funções no periódico *Diário de Notícias*, o exemplar perpassou por algumas alterações na questão de estrutura, a exemplo da localização dos nomes dos proprietários que não mais ocupará a primeira página do jornal e sim a segunda, mais especificamente a coluna um, além de aumentar o número de colunas de seis para sete. O suporte ficou sob o comando dos três nomes supracitados até junho de 1891.

Abaixo as figuras 14, 15 e 16 corroboram com as assertivas citadas, ao observarmos a figura de número quatorze, poderemos confirmar a última aparição do nome de J. Lúcio Mello na direção do periódico. Na figura de numeração 15, localizada na página de número dois do jornal, na segunda coluna sob o título de *declaração* o informe sobre o transpasse da propriedade e tipografia do *Diário de Notícias* ao sr. Antônio Firmo Dias Cardoso, que em seguida monta sua equipe com mais dois colaboradores: Manoel Caetano R.

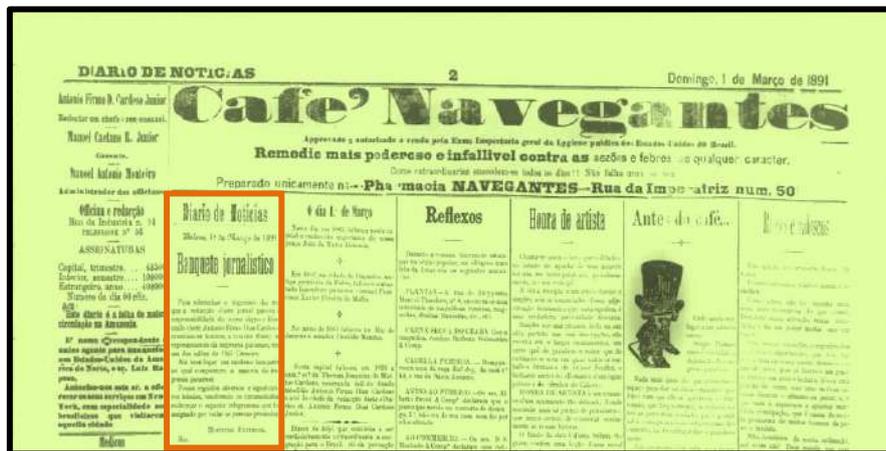
Junior e Manoel Antonio Monteiro. E na figura de número dezesseis, temos a confirmação dos respectivos nomes relatados e suas funções desempenhadas no jornal, além de identificarmos uma breve nota, na segunda coluna sob o título – *banquete jornalístico*, informando a seus leitores sobre a festividade em que se comemorava o trigésimo dia em que a redação do jornal passava a ser responsabilidade do chefe Antonio Firmo Dias Junior, solenidade esta que reuniu representantes da imprensa paraense, em um dos salões mais luxuosos denominado *café carneiro*. As figuras a seguir corroboram com as assertivas supramencionadas.



Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*.  
 Figura 14 – Publicação na folha da Amazônia, com o nome do atual proprietário.



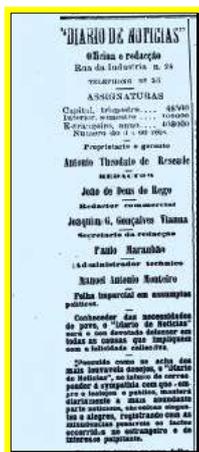
Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*.  
 Figura 15 – Divulgação sob a mudança de direção do periódico para os próximos anos.



Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*.  
 Figura 16 – Confirmação na alteração dos nomes e suas respectivas funções.

No ano de 1891, um novo nome foi apresentado à diretoria do exemplar, o Dr. João Hosannah Oliveira torna-se o atual dirigente do jornal, assumindo os cargos de redator e proprietário. No mês de outubro do ano corrente, o Sr. Antonio Theodoro Rezende é apresentado como recente proprietário do *Diário de Notícias*, este permaneceu na direção do periódico até meados do mês de dezembro de 1891. No mesmo período, outras alterações significativas ocorreram. O jornal *Diário de Notícias*, além de apresentar uma inconstância em relação aos nomes dos proprietários e dirigentes, no ano de 1891, novos cargos e nomes surgem para comandar o exemplar. Na gerência de Resende, alguns cargos foram desmembrados e nomes inéditos ocupam as novas funções. Para ocupar o cargo de redator, tínhamos o sr. João de Deus Rejo; na etapa de redator comercial, Joaquim G. Gonçalves Vianna; na posição de secretário da redação, Paulo Maranhão; no ofício de administrador técnico, Manoel Antonio Monteiro.

Podemos certificar tais alterações através da figura 17, em que se comprova as mudanças e surgimento de nomes e ofícios à frente do periódico em estudo.



Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*.

Figura 17 – Divulgação de novos nomes e ofícios para ocupar a direção do exemplar.

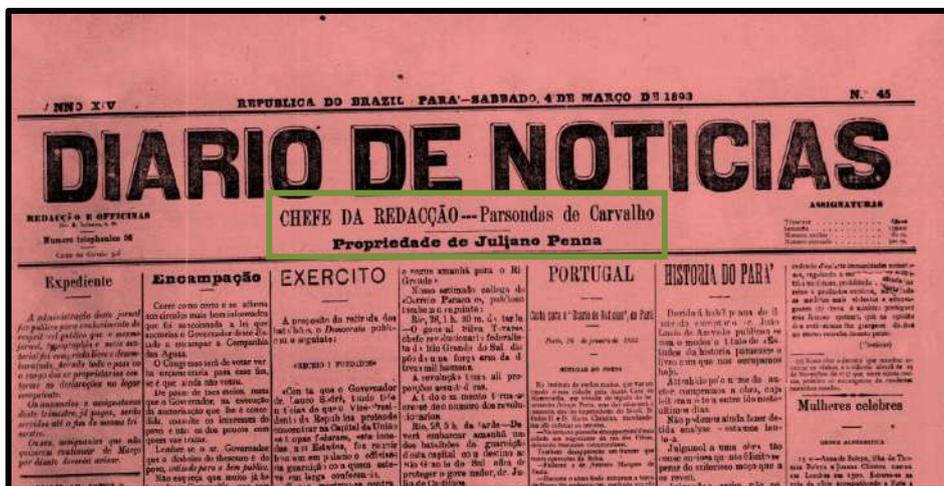
Nas vésperas de findar-se o ano de 1891, mais rigorosamente no dia 23 de dezembro, os leitores do jornal *Diário de Notícias* conhecem o contemporâneo dirigente do suporte, o sr. Bellarmino Araújo, que se manteve na administração até junho de 1892. Na direção do Sr. Araújo, uma nova equipe foi montada para lhe auxiliar na edição do jornal, entre os principais nomes dos bacharéis: Paulino de Brito, Bellarmino Araújo e Heliodoro de Brito atuando como redatores e proprietários, estes novos associados perduraram com suas referentes funções, entre julho de 1892 a fevereiro de 1893.

A figura 18 nos assegura na primeira página os nomes dos bacharéis e seus ofícios desempenhados no exemplar. Vale observar que, no ano de 1893, os proprietários e diretores apresentaram seus nomes na página de número 1. É pertinente destacar que, a partir do ano de 1893, os proprietários e dirigentes do jornal *Diário de Notícias* reservaram um local exclusivo para identificarem tais responsáveis, como nos confirma a figura a seguir.



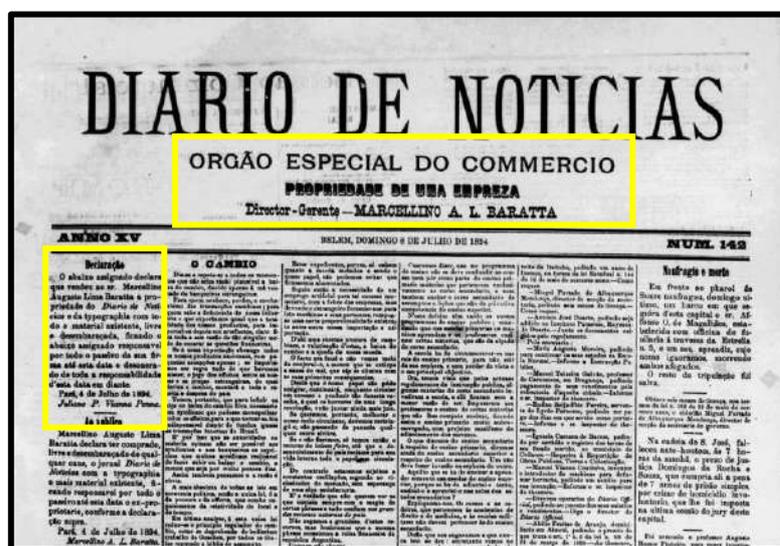
Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*.  
 Figura 18 – Nome dos bacharéis e seus ofícios ocupados no periódico.

Em quatro de março de 1893, o público do jornal *Diário de Notícias* conheceu o moderno proprietário do exemplar, o Dr. Juliano Penna e como chefe de redação – Parsondas de Carvalho, a chegada dos novos responsáveis pelo jornal impactou os leitores e as páginas do periódico que teve seu slogan alterado de “propriedade federal” passando ser identificado como “partido republicano democrático”, vale ressaltar que o Brasil já havia assumido o sistema republicano em 15 de novembro de 1889. Penna e Carvalho perduraram na liderança do jornal até 5 de julho de 1894. A figura 19, corrobora com as afirmativas acima.



Fonte: Hemeroteca digital – Jornal *Diário de Notícias*.  
 Figura 19 - Representa os nomes do chefe de redação e proprietário do exemplar do ano de 1893 a 1895.

No dia oito de julho de 1894, domingo. O periódico *Diário de Notícias* apresenta-se aos seus leitores com uma nova repaginada, pois chega à direção do jornal ocupando o ofício de diretor-gerente o sr. Marcellino A. L. Baratta. Inclusive apresentando um novo slogan ao exemplar, que antes carregava estampado em sua primeira página a frase “Partido Republicano Democrático”, diga-se de passagem, uma chamada pertinente ao momento, já que o país, há menos de uma década, alterava seu sistema, porém, com a mudança de dirigentes, o jornal declarava em sua página o slogan “Órgão Especial do Commercio<sup>14</sup> – propriedade de uma empresa”. Tais fatos mencionados podem ser identificados na figura 20, além de notarmos uma singela publicação na primeira coluna sob o título de *declaração*, em que o ex-proprietário informa a legalizável venda da propriedade e tipografia com todos os materiais do *Diário de Notícias* a Marcellino Augusto Lima Baratta.



Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*.  
Figura 20 – aviso referente a venda da tipografia e propriedade do jornal.

O diretor-gerente Marcellino Baratta esteve na gerência do periódico há exatos quatro meses e vinte e quatro dias. Em 4 de dezembro de 1894, o cargo é ocupado pelo redator-chefe – Felipe José de Lima, este resgata a legenda “órgão do partido democrata federal”, no entanto, antes de sua saída do comando do periódico, que ocorreu em 30 de março de 1897, o *slogan*, havia

<sup>14</sup> Mantivemos a ortografia vigente no século XIX.

extinguído. É pertinente destacar que Felipe Lima, foi um dos proprietários que mais permaneceu na direção do jornal *Diário de Notícias*, por dois anos e três meses. As figuras 21 e 22 nos possibilita retificar as alterações identificadas, de maneira precisa.



Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*.  
Figura 21 – divulgação de novos nomes ocupando cargo de chefe no exemplar.



Fonte: Hemeroteca Digital – *Diário de Notícias*.  
Figura 22 – publicação do último dia e ano em que o nome de Felipe de Lima ocupou cargo de redator no exemplar.

A Província do Pará em 31 de março de 1897, por meio do periódico *Diário de Notícias*, conhece o atual chefe da redação e o secretário que conduzirá o exemplar até o último dia de circulação nas ruas paraenses, que ocorreu em dezessete de maio de 1898. Para ocupar as citadas funções destacamos nas respectivas ordens dos cargos os nomes de Frederico Augusto da Gama e Costa e o bacharel José Luiz Gomes, além de pontuar os nomes de Antônio José Ferreira Júnior, como administrador de finanças, e Raymundo P. de Vasconcellos, administrador técnico. Com o intuito de comprovar a assertiva acima, enfatizamos a figura de número 23, em que o periódico nos apresenta na

primeira página os nomes de seus responsáveis e funções desempenhadas por cada um.



Figura 23 – publicação de novos nomes que ocupariam a função de chefe e secretário.  
Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*.

A terça-feira, que marcava dia 17 de maio de 1898, foi o derradeiro dia que o periódico *Diário de Notícias* circulou nas ruas paraenses. Pois, como veremos na publicação a seguir, representada pela figura 24, o chefe de redação, o sr. O Tenente coronel Frederico Costa, divulgou um relatório com o título – *declaração necessária*, localizada na primeira página e coluna do jornal. Nesta publicação, o tenente Costa declara entregar a redação e administração do exemplar e nada dever a empresas na praça ou fora dela. Na mesma edição, o sr. Felipe declara que assumirá a direção da folha, sem ânimo deliberado de permanecer nela por muito tempo, o intuito prioritário da informação é certificar ao público que o *Diário* teria sua circulação encerrada por tempo indeterminado, como de fato aconteceu.

Por meio da figura de número 24, podemos identificar além da publicação que informava ao público sobre o fechamento das portas do periódico, a divulgação de anúncios sobre a venda da tipografia do jornal *Diário de Notícias* como se destaca na publicação ao lado direito do exemplar, ocupando as colunas cinco e seis.



Figura 24 – Anúncio sobre o encerramento da circulação do exemplar e venda da tipografia.  
Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*.

Como nos foi contemplado de forma minuciosa, o exemplar *Diário de Notícias*, no decorrer de dezessete anos de circulação, perpassou por inúmeras alterações entre os nomes de seus dirigentes e proprietários, por meio destas intensas mudanças, foi possível levantarmos o seguinte questionamento: Qual seria a justificativa plausível para a constante mudança, por vezes repentinas, dos chefes e diretores do periódico?

Uma das possíveis respostas para tal indagação poderia estar relacionada a questões de altos gastos com materiais como papéis, tinta, energia, galpões, vendedores, mão de obra, maquinário e funcionários; outra possibilidade seria a questão de negativação por parte de empresas que deixavam de pagar ao jornal por serviços prestados pelo mesmo; e outro motivo a ser cogitado seria em relação à concorrência, pois, como se sabe, neste momento havia um número considerado de periódicos em circulação, dentre os principais citamos: *A Província do Pará* (1876-1912); *O Liberal do Pará* (1869-1890); *Diário de Belém* (1868-1892); *Diário do Gram-Pará* (1853-1892); *Folha do Norte* (1896-1974); *A Vida Paraense* (188-1884); *A voz do Caixeiro* (1890-1892) e *O Trabalho* (1889-1890). Logo, com a circulação de diversos jornais, caberia ao proprietário elaborar estratégias de como atrair a grande massa populacional, haja vista que a mesma era quem iria optar pelo que pagar e ler.

Diferente dos demais exemplares, o *Diário de Notícias* dispunha de técnicas singulares para garantir sua preferência nas mãos dos leitores, um dos métodos adotados pelos proprietários do jornal era oferecer ao público a opção de tornar-se assinante, garantindo assim bons descontos no preço do jornal, além de promover sorteio entre os fregueses assíduos e assinantes que se

encontravam em dia com as parcelas da assinatura. Assim, o exemplar premiou leitores com a simbólica quantia de 200\$.

PREMIOS BRINDES DO "DIARIO DE NOTICIAS"	
Para os estes os brindes premiados do mes de novembro.	
28,506	200\$
15,793	50\$
37,867	50\$
4,962	20\$
4,921	20\$
2,482	20\$
9,373	20\$
13,321	20\$
42,267	10\$
905	10\$
17,632	10\$
19,217	10\$
28,501	10\$
17,009	10\$
40,731	10\$
42,251	10\$
1,191	10\$
530	10\$

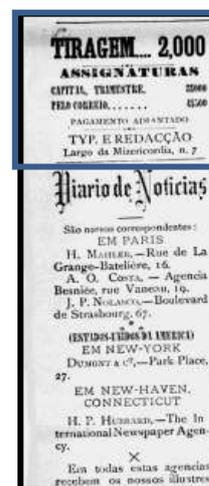
No escriptorio desta fo-

Figura 25 – tabela de brindes entregue aos premiados do mês de novembro, patrocinado pelo jornal *Diário de Notícias*. Fonte: Jornal *Diário de Notícias*. Foto: CORRÊA, Camila Néo.

Figura 26 – Informe sobre a redução de valores do periódico *Diário de Notícias*.



Figura 27 – Publicação sobre descontos oferecidos aos clientes.



Fonte: Jornal *Diário de Notícias*.

Os leitores do jornal *Diário de Notícias*, ao folhearem o periódico, depararam-se com as mais variadas informações que circulavam nos municípios, estados e países. Os dirigentes do exemplar primavam pela qualidade das informações que chegavam aos seus leitores, não medindo esforços para deixar seu público bem-informado sobre as principais notícias que se espalharam pelas mais diversas localidades. Com o intuito de manter seus leitores sempre bem atualizados, os responsáveis do jornal mesclavam as

notícias advindas de outros periódicos. A seguir identificamos duas publicações em que os editores do periódico *Diário de Notícias* disponibilizaram ao seu público, com o objetivo primordial de deixá-lo atualizado sobre as notícias que se disseminavam pelas outras províncias.

Figura 28 – Informação dada no Jornal de Recife, ocupando a coluna nº 2 do periódico *Diário de Notícias*.

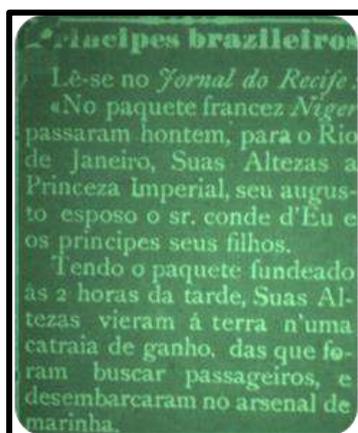


Foto: Corrêa, Camila Néó  
Fonte: Jornal *Diário de Notícias*.

Figura 29 – Notícia de outra localidade, apresentada no Jornal de Valença, que é noticiada no jornal *Diário de Notícias*.

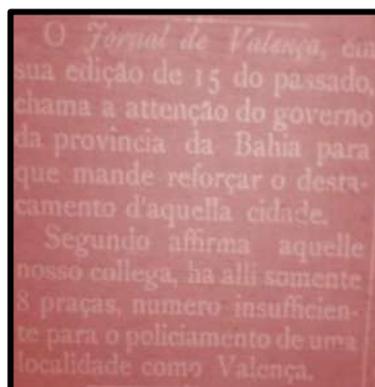


Foto: CORRÊA, Camila Néó.  
Fonte: Jornal *Diário de Notícias*.

É pertinente destacar que além da variedade de notícias vinda de outras partes do mundo e de outros exemplares, o periódico *Diário de Notícias* detinha sua singularidade em publicar suas informações. Ele contava com uma ampla estrutura em torno de 62cm de altura X 44 cm de largura, espaço este suficiente para que os redatores divulgassem as mais diversas notícias, avisos, vendas e recreação. Para realizar suas publicações, o *Diário* utilizou-se de algumas particularidades em sua estrutura, dentre as mais significativas: a divisão em

colunas, que se subdividiam em seções e cada seção apresentava sua especificidade, sendo possível observar em determinados pontos similitudes entre elas.

### **2.2.2 – As particularidades das seções presentes no exemplar *Diário de Notícias***

O jornal em estudo possuía uma estrutura considerada ampla para a época, o corpus do suporte era composto por quatro páginas, as quais encontravam-se divididas de seis a oito colunas, além das seções, dentre as mais corriqueiras estavam: *Annuncios*<sup>15</sup>, *Lampejos Litterários*<sup>16</sup>, *Solicitudes*, *Variedades*, *Folhetim*, *Leilões*, *Commercio*<sup>17</sup> e *Litteratura*<sup>18</sup>. Para este estudo, no período de dezessete anos de circulação do jornal, as seções que mais se destacaram, por serem identificadas com números considerados de publicações de prosa de ficção foram: o espaço *Folhetim* com 56 (cinquenta e seis) textos em prosas, em seguida a seção *Variedades* com 21 (vinte e um) publicações, a *Litteratura* com 15 (quinze), a coluna *Lampejos Litterários* com 12 (doze) textos divulgados e a seção *Solicitados* com 9 (nove) publicações.

Para que possamos compreender de forma didática e precisa, elaboramos um simples quadro A, com o intuito de organizar algumas obras literárias que circularam nas seções supracitadas no período de 1881 a 1898 do exemplar em estudo. O quadro que será observado a seguir está dividido em quatro colunas, em que se identifica: o título da obra encontrada, qual gênero predomina no texto encontrado, o nome do autor e a seção na qual o texto encontrava-se.

É de fundamental relevância dizer que a concepção de gênero textual no século XIX se difere em alguns aspectos da análise que temos contemporaneamente. Anteriormente, havia uma mesclagem entre os gêneros narrativos, como pondera José Tinhorão:

---

<sup>15</sup> Mantivemos a ortografia vigente no século XIX.

Os diversos gêneros revelaram-se ainda muito imprecisos (havia contos que melhor seriam chamados de crônicas, ou quando mais extensos constituíam verdadeiras novelas, novelas estas que às vezes eram apenas contos esticados, da mesma forma que certos romances não passavam de novelas (TINHORÃO, 1994, p. 37).

A problemática de se definir um gênero textual, abrange uma dimensão de extrema relevância, pois “a dificuldade de definição do gênero não é um detalhe irrelevante, pois ela interfere na maneira como lemos um texto” como relatada nas palavras da professora Márcia Abreu (2008, p. 02). Vale frisar que a classificação realizada neste quadro A, leva em conta a análise em que circulava o periódico nos lares paraenses.

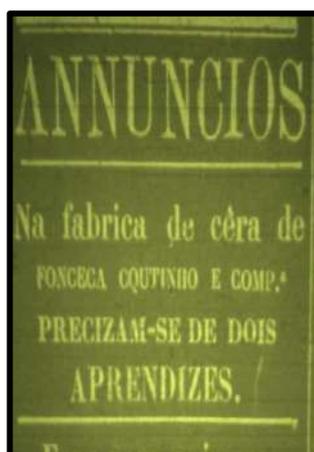
QUADRO A – Apresenta algumas publicações literárias e textos recreativos que ocuparam as seções mais renomadas do jornal *Diário de Notícias* (1881-1898).

TÍTULO	GÊNERO	AUTOR (A)	SEÇÕES
O GRANDE CIRCO	ROMANCE	GERVASÍO LOBATO	FOLHETIM
DERRADEIRO AMOR	ROMANCE	GEORGES OHNET	
SONHOS D'OURO	ROMANCE	JOSÉ DE ALENCAR	
A CAÔLHA	CONTO	JÚLIA LOPES DE ALMEIDA	
CARTA ABERTA – A	CARTA		
O PRÍNCIPE	CONTO	MANOEL LOBATO	
O MORCEGO E AS AVES.	FÁBULA	SEM AUTORIA	
POEMA ORIENTAL	POEMA	CHISTOVÃO AYRES	
CONTO À SINHASINHA I, II, III.	CONTO	G. RODRIGUES	
LITERATURA ITALIANA	INFORMATIVO	PAULINO DE BRITO	LITTERATURA

(HICERPTOS) – CONCLÚE NO EXÍLIO	CONTO	VICTOR HUGO	
A VIGANÇA DO GENIO	CONTO	COELHO NETTO	
A CICATRIZ	CONTO	JEANNE THLIDA	
A LENDA DO MYOSOTIS	LENDA	ALPHONSE KARR	
AS NOITES DA VIRGEM	CONTO	VICTORINO PALHARES	LAMPEJOS LITTERARIOS
RIVAES - A PEDRO MUNIZ	CONTO	VICTORINO PALHARES	
O MORCEGO E AS AVES	FÁBULA	ASS: MORALIDADE	
O LEITO NUPCIAL	CONTO	VICTOR HUGO	

Fonte: CORRÊA. Camila Néó. Após catalogação do jornal *Diário de Notícias*.

Os leitores do referido jornal em estudo, além de identificarem constantemente as seções supracitadas, poderiam, em dias alternados, consultar as seções denominadas *variedade e annuncios*. Estas, como os próprios nomes nos indicam, tratavam-se de espaços em que ocorriam as mais variáveis publicações, como, por exemplo: relatos de viajantes, vendas de produtos, anúncio de emprego, apresentação de leituras, entre outras. As figuras 30, 31 e 32, representam alguns anúncios divulgados nas seções supramencionadas.



Figuras 30, 31, 32 – Publicações de vagas de emprego, venda de animais, de objetos e alimentos e divulgação de baile na seção *annuncio*.

Fonte: Jornal *Diário de Notícias*.



Figuras 33, 34 - Publicações sobre os significados das lágrimas e explicação de um fato ocorrido em São Paulo. Fonte: Jornal *Diário de Notícias*.

No corpus do suporte estudado, é possível identificar diariamente a presença de uma ou outra das seções comentadas anteriormente, ou até mais de uma seção na mesma página. Dentre as seções referidas, a coluna *folhetim* é um caso à parte a ser analisada, pois esta seção teve sua primeira aparição no *Diário de Notícias* em 1882, com a obra *Os Dramas da Polícia*, de autoria francesa do escritor Fortuné du Boisgobey. Os textos publicados na seção *folhetim* normalmente estavam localizados na primeira página, no rodapé do jornal, salvo algumas edições, em que o espaço vinha posicionado na segunda folha – parte superior, em suma, ocupava todas as colunas. Vale destacar que a seção analisada não se fazia presente diariamente no jornal, ponto peculiar das seções mencionadas anteriormente, no entanto, os assuntos que ali se fizeram presentes, entre os mais diversos gêneros, eram: os romances, debates políticos, críticas, novelas e receitas. Essa mistura fez do espaço *folhetim* um sinônimo de variedades, como nos afirma Yasmin Jamil Nadaf:

Nesse espaço publicava-se tudo: artigo crítico, crônica e resenhas de teatro, de literatura, de artes plásticas, comentários de acontecimentos mundanos, piadas, receitas de beleza e de cozinha, boletins de moda, entre outros assuntos, sinônimo de variedades (NADAF, 2002, p. 17).

Para corroborar com as informações apresentadas pela estudiosa, destacamos as palavras de Ernesto Rodrigues:

Espaço privilegiado de assunção moral e encontro com os leitores quase sempre no rés-do-chão dessas novas catedrais que secundaram o alvorecer democrático, o folhetim era, igualmente, repositório vivo da memória do século, antes de animar a produção ficcional e, entre cedências e imposições aos assinantes e público em geral, conformar a literatura e culturais nacionais (RODRIGUES, 2019, p. 347).

É pertinente considerarmos os grandes nomes de nossa literatura que se fizeram presente na seção *folhetim* do exemplar *Diário de Notícias*, dentre eles destacamos: Coelho Neto, José de Alencar, Arthur de Azevedo, Júlia Lopes de Almeida e Manoel Lobato. No espaço em destaque, também foi possível identificar representantes de autorias internacionais, entre os quais citamos: Georges Ohnet, Alexandre Dumas Filho, Paul de Kock, Ponson du Terrail e Edouard Gourdon. Abaixo podemos confirmar algumas dessas publicações na seção em análise.

O espaço *folhetim* além de se destacar por ser uma seção eclética no periódico por publicar diversas modalidades de gêneros textuais, é importante frisarmos o quão era comum na seção *folhetim* que os redatores do jornal não publicassem o romance, o conto, de maneira completa, alimentando assim no leitor uma espécie de expectativa, e o slogan “*continua amanhã*” proporcionava uma euforia latente no leitor que acompanhava os textos literários. Ao mencionarmos textos publicados em fatias, não podemos deixar de fazer menção à sua origem. A ideia de publicar textos em fatias, em periódicos, diariamente, partiu do jornalista francês Émile de Girardin, na primeira metade do século XIX. O francês realizou sua primeira publicação no jornal “*La Presse*”. A autora Marlyse Meyer (1996) nos confirma este “boom-literário”, que a nova forma de divulgar os textos literários contribuiu para a disseminação da literatura, além de criar hábito e expectativa nos leitores:

Com os dois novos jornais (La Prensa, do pioneiro Girardin, e Le Siécle, que o pirateou de saída) vai-se ampliar o campo semântico da famigerada palavra. Lançado à sementeira de um boom-lítero-jornalístico sem precedentes e aberto a formidável descendência, vai-se jogar ficção em fatias no jornal diário, no espaço consagrado ao folhetim vale-tudo. E a inauguração cabe ao velho Lazarião de Tormes: começa a sair em pedaços cotidianos a partir de 5 de agosto de 1836 [...] a receita vai elaborando aos poucos, e, já pelos fins de 1836, a fórmula “continua amanhã” entrou nos hábitos e suscita expectativas (MEYER, 1996, p. 58 - 59).

A seguir podemos identificar através das figuras 35 e 36 os textos publicados na seção *folhetim* de maneira fatiada e com a marcação da palavra “contínua”, uma espécie de resumo da fórmula “*continua amanhã*”, além de frisarmos os textos de autoria nacional e internacional.

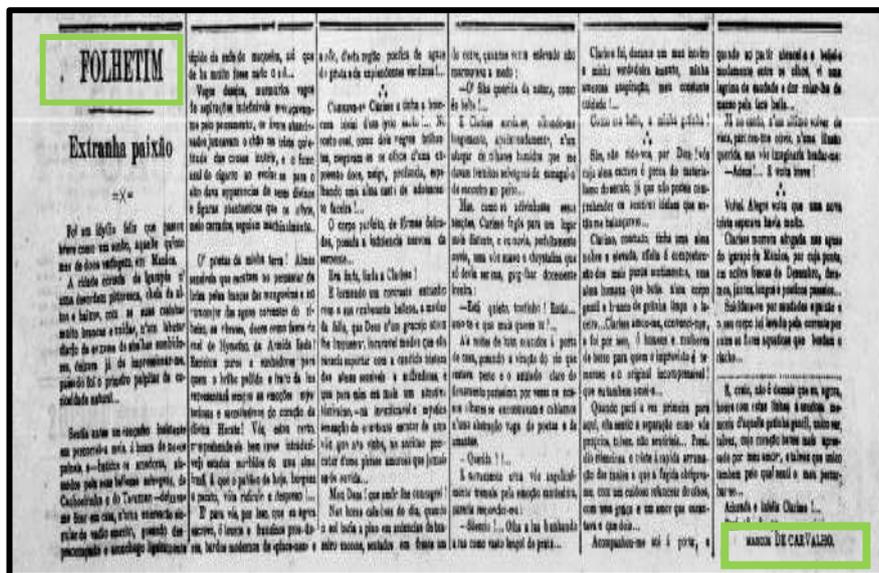
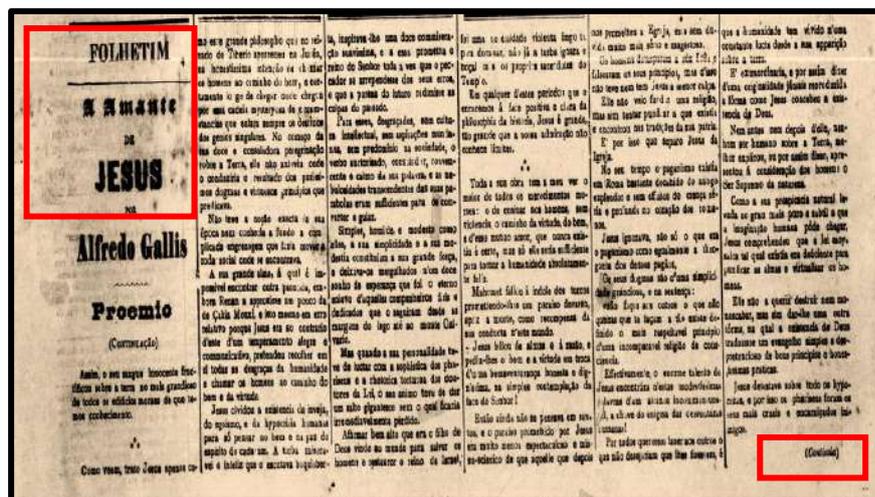


Figura 35 – Texto publicado na seção *folhetim* de autoria nacional representada por Marcos de Carvalho. Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*.

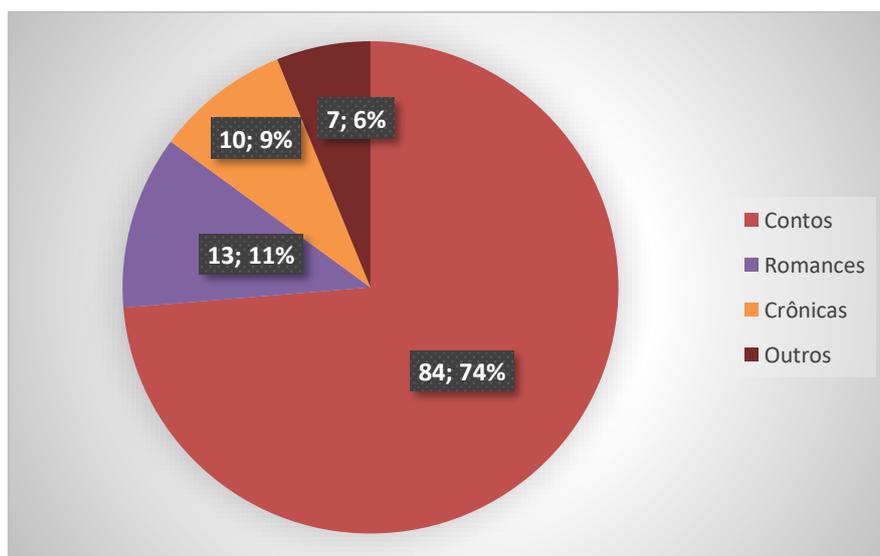


36 – Texto divulgado no espaço *Folhetim* pelas mãos do português Alfredo Gallis, com a marcação da fórmula “*contínua*”.  
Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*.

### 2.2.3. – Os gêneros textuais que predominaram no jornal – A folha da Amazônia

Como mencionado em outro momento deste trabalho, a *folha da Amazônia* – nomenclatura que se refere ao jornal *Diário de Notícias* – era um periódico que circulava diariamente pelos lares paraenses, contava com um amplo espaço para divulgar os mais variados textos. Em se tratando dos textos publicados no periódico, nosso olhar conduziu-se mais especificamente para os escritos do campo literário. Ao nos concentrarmos nos textos literários, foi possível identificarmos no exemplar um total de aproximadamente cento e trezes obras, entre os mais diversos gêneros e autorias no período de dezessete anos de circulação do jornal (1881-1898). Entre os gêneros, encontravam-se com maior frequência os contos, seguidos dos romances, depois as crônicas, fábulas e novelas. É importante ressaltar que, apesar de ocuparem o segundo e quarto lugar em catalogação, o romance e a novela passavam meses em circulação no periódico, a exemplo o romance: *Rocamboles – As Damas da Paris*, de Ponson du Terrail, que teve exato um ano e vinte quatro dias de duração, de 24 de abril de 1897 a 18 de maio de 1898.

Para melhor entendimento, observe o gráfico a seguir, que tem como objetivo analisar simbolicamente a quantidade de produções e gêneros do jornal *Diário de Notícias*, no decorrer de sua circulação.



Fonte: Periódico *Diário de Notícias*.  
Produção: CORRÊA. Camila Néo.

Como se observa, é significativa a liderança dos contos em relação aos demais gêneros. Após identificarmos a liderança do gênero textual, nos

indagamos: o que poderia ter contribuído para que os contos se sobressaíssem nas páginas do jornal? Uma das possíveis respostas à pergunta seria o que Armand (1890) nos apresenta ao discorrer sobre os tempos serem outros, pois neste momento não predominava mais tanto o sentimentalismo, o romântico, a fórmula do “*continua amanhã*”. O teor de suspiros e expectativas romanescas abrandava e o realismo conquistava mais espaço. Tais assertivas são compreendidas no trecho:

Longe vão aqueles tempos em que uma falange de literatos fundava e enriquecia a literatura pátria com as suas obras de inolvidável valor [...] passou esse tempo em que o sentimento exercia a missão mais importante nas aspirações da literatura, da poesia e da arte. Hoje o realismo avassalou tudo. A nova escola não quer nada de ideias e de sentimentalismo. Raríssimo é ler-se a notícia de um novo romance, a menos que não seja alguma coisa no gênero do O Homem, de Aluísio de Azevedo, e d’ A Carne, de Júlio Ribeiro; ... (ARMAND, 1890, p. 02).

Além de notarmos a predominância do gênero textual conto, na pesquisa feita através da catalogação do periódico, foi possível identificar nomes de escritores consagrados que contribuíram para o número significativo de publicação de contos: Marques de Carvalho, Arthur Azevedo, Júlia Lopes de Almeida, Guy de Maupassant, Gervásio Lobato e Almeida Garrett foram apenas alguns dos nomes presentes na escrita dessas narrativas. Além de ser nítido o número de publicações de contos, podemos observar as diferentes nacionalidades entre os escritos no gênero predominante. Representando a autoria internacional temos, por exemplo os franceses Émile Zola & Guy Maupassant; os portugueses: Gervásio Lobato e Gil Vicente; os brasileiros: Machado de Assis e José Veríssimo, e como representante da escrita regionalista destacamos o nome de Marques de Carvalho que, em 12 de agosto de 1893, divulgou o conto: “*Os Tempos Idos*” – localizado na seção *folhetim*, ocupando as seis colunas do rodapé do exemplar.

Ocupando o segundo lugar nas publicações, os romances, assim como os contos, dispuseram de autores significativos da nossa literatura, como: José de Alencar, com a publicação da obra: *Sonhos d’Ouro*, romance este dividido em sessenta e sete capítulos e que circulou de 23 de outubro de 1896 a 26 de janeiro de 1897. Em seguida, a crônica, com um dos representantes da publicação: Arthur de Azevedo. Na sequência as novelas, as fábulas, as lendas que tinham

autórias francesas, portuguesas e brasileiras. No total, o jornal analisado contou com a presença de cinquenta e seis (56) obras brasileiras, vinte e oito (28) francesas, e vinte e duas (22) portuguesas e as demais se dividiam entre: inglesas, mexicanas e alemãs.

Como se observa, a *folha da Amazônia* apresentou em sua estrutura uma diversidade de autores entre os quais reuniu escritores regionais, nacionais e internacionais, além da sua vasta publicação de gêneros literários. O jornal, durante seu período de circulação, apresentou um número diversificado de proprietários, redatores, chefes que tinham como principal meta informar seus leitores e garantir a preferência entre os demais periódicos que se encontravam em circulação. O exemplar, em seus dezessete anos de circulação, contou com uma multiplicidade de seções, dentre as principais estavam a *variedade*, os *anúncios* e o *folhetim*. Nestes espaços, foi possível identificarmos uma heterogeneidade de textos e nacionalidade de autores, entre os principais, destacamos os brasileiros, os franceses e os portugueses. Deste modo, foram um total de 17 anos de circulação, descobertas e contribuição de cunho político, literário e social que o periódico *Diário de Notícias* concedeu através de sua divulgação nos lares paraenses, jornal este comprometido com o público no âmbito informativo, além de elaborar estratégias para manter-se no gosto e condições financeiras do público em geral.

### **3. A PRESENÇA DA FICcionista JÚLIA VALENTINA DA SILVEIRA LOPES DE ALMEIDA NO EXEMPLAR DIÁRIO *DE NOTÍCIAS***

#### **3.1 – O PREÂMBULO DA AUTORIA FEMININA NOS PRINCIPAIS JORNAIS DO SÉCULO XIX QUE CIRCULARAM NO BRASIL**

O século XIX foi marcado por profundas transformações nas estruturas econômicas e sociais da Europa ocidental; mudanças que acabaram afetando o mundo todo em virtude das características do processo de expansão. Foi o momento de maior abrangência do imperialismo europeu, diferente dos anteriores pela escala, impacto das alterações e detalhamento da organização do poder, fato que mexeu não só com as estruturas, mas também com os detalhes da vida cotidiana: das grandes teorias científicas ou filosóficas ao modo de se portar em determinado ambiente, como cuidar do corpo ou se dirigir ao outro (TELLES, 2011, p. 401).

No denominado século das revoluções, inúmeras alterações aconteceram simultaneamente e conseqüentemente. Não apenas no âmbito do poder social, econômico e político, mas também, no meio filosófico, científico e cultural. Este por derradeiro, desempenhou papel imprescindível nesse processo, visto que, no centro da cultura europeia, nos períodos de dominação, podemos destacar a marca de um eurocentrismo inabalável

que acumulava experiências e território, pessoas e narrativas, classificando-as, unificando a multiplicidade na medida em que bania identidades diferentes, a não ser como ordem inferior da cultura e da ideia de uma Europa branca, masculina, letrada e cristã (TELLES, 2011, p. 401).

Mediante o cenário em análise, podemos destacar que a cultura europeia, apesar de propiciar a licença ideológica para o imperialismo e ter uma influência avassaladora, a mesma dispôs de movimento inverso; isto é, ocasionou distintos graus de desafios e resistências. Como

Nenhuma visão de mundo ou sistema social tem total hegemonia sobre seu domínio, assim também as formas culturais que coexistiram ou apoiaram o empreendimento imperial não a tiveram, discussões e contraposições estiveram sempre presentes, tanto nas metrópoles quanto no ultramar (IDEM, 2011, p. 401).

Diante a afirmativa da estudiosa, podemos ratificar que é fator primordial um sistema deter o grau de heterogeneidade, pois é por meio das discussões e contraposição que se avança nas formas, dentre elas destaca-se à cultural e os seus produtos. De acordo com Norma Telles,

É preciso ressaltar o papel fundamental desempenhado pelos produtos culturais, em particular o romance, na cristalização da sociedade moderna. Escrita e saber estiveram, em geral, ligados ao poder e funcionaram como forma de dominação ao descreverem modos de socialização, papéis sociais e até sentimentos esperados em determinadas situações (TELLES, 2011, p. 402).

Conforme menciona a autora, escrita e saber estiveram interligados ao poder e funcionaram como uma espécie de dominação ao discorrer sobre modos de socialização. Entre as variáveis formas de socialização, que se fizeram presentes no século XIX, destacamos o romance. Uma vez que, o século em estudo, é realçado por grandes estudiosos como o século do romance, em que o mesmo sucede a tradição de ter uma ficção de direcionamento coletivo, atingindo uma orientação original e individual. Como nos descreve Telles,

O século XIX é o século do romance. [...] o romance moderno coincidindo com a ascensão da sociedade burguesa. Enquanto as formas de ficção anteriores tinham um direcionamento coletivo, o romance substitui essa tradição por uma orientação individualista e original. Deixa de lado entretos das mitologias, da história, das lendas... (TELLES, 2011, p. 402).

Retomando um pouco a História do romance no Brasil, não podemos deixar escapar de nossa memória que a produção literária brasileira esteve diretamente interligada com o processo político que encabeçou “de forma decisiva no aparecimento e crescimento de uma Literatura Nacional”. Como afirma Germana Sales (2011, p. 72).

Somos conhecedores de quão melindroso foi o processo de introdução das atividades tipográficas no Brasil em 1808, ano este de suma importância para a produção de livros e a circulação de jornais. Dentre os inúmeros fatores, que tardaram tal processamento de atividades impressas, podemos frisar o alongado processo de colonização, como nos adverte Sales, no fragmento abaixo:

Sabemos que o Brasil sofreu um longo processo de colonização, que acarretou a desvantagem de principiar as atividades tipográficas, somente em 1808, marco que deu início à produção de livros e circulação de periódicos, favorecendo, dessa forma, o começo da impressão desvinculada da metrópole. Tal fato decisivo possibilitou a expansão intelectual e ampliou a cultura letrada (SALES, 2011, p. 73).

Antes de adentrarmos no processo de ampliação intelectual e cultural letrada, é pertinente destacarmos a situação do gênero à luz das Histórias Literárias quando certificam, em parte, que “no decênio de 1840 apareceu o romance” (CANDIDO, 1999, p. 40). Para corroborar com a assertiva em observância, a pesquisadora Germana Sales nos presenteia com suas significativas palavras, que complementa tal enunciado ao proferir que,

A afirmativa procede se formos estabelecer Teixeira e Sousa e Joaquim Manuel de Macedo como os iniciadores da produção romanesca e reconhecer que os passos iniciais do nosso romance foram tímidos. Contudo, se formos avaliar as particularidades que cercam as produções literárias do século XIX e a generalidade em que estavam envolvidos os gêneros no período, não podemos descartar a hipótese de que esse mapa literário começa a ser traçado duas décadas antes de 1840, levando em conta a categoria dos textos em prosa de ficção (SALES, 2011, p. 75).

Em se tratando da categoria dos textos de prosa de ficção, fazendo referência especificamente ao gênero romance, podemos salientar alguns dos principais posicionamentos da crítica e leitores ao adentrarem em contato mais direto com a leitura subjugada como moralmente perigosa. Para consolidar a expansão da eloquente pesquisadora, a estudiosa Márcia Abreu, nos apresenta uma significativa ponderação comparativa sobre realizar-se leitura do gênero romance no século XVIII e demais gêneros textuais, ratificando o seguinte:

Embora fonte de inconvenientes físicos, há leituras que valem a pena, enquanto outras são unicamente perniciosas. Dentre essas, muitos incluem a leitura dos romances, tida como perigosa pois faz com que se perca tempo precioso, corrompe o gosto e apresenta situações moralmente condenáveis. A leitura de romances traz à baila discussões de natureza ética, religiosa e intelectual, tanto mais acaloradas quanto mais se percebe a disseminação do gênero e sua influência sobre os leitores. (...) Enquanto a leitura das belas letras tem por objetivo formar um estilo e ampliar a erudição e as leituras religiosas visam aprimorar o espírito e indicar o caminho da virtude e da salvação, a leitura dos romances parece sem finalidade (ABREU, 2003, p. 225).

Sim, a prosa de ficção – romance, foi por tal adjetivação reconhecida no início de sua trajetória, como nos reproduziu a crítica, por vezes, e confirmamos

tal posicionamento aos nos apoderamos das palavras de Sales, que confirma a receptividade do romance como leitura dita

como maliciosa por uma camada de intelectuais e identificava a leitura de romances como moralmente perigosa, comparada às leituras eruditas e os textos religiosos que ampliaram o conhecimento e aperfeiçoaram o espírito, respectivamente (SALES, 2011, p. 77).

As considerações supramencionadas em torno da leitura destacam o modelo de excelência dos textos, traçado num padrão clássico, ou por vezes nos textos de cunho religiosos, que serviam de referências para avaliar a boa leitura. As leituras classificadas como “benéficas”, ou que se incluísse no rol das “belas letras”, tinham como nos apresenta o “objetivo não só instruir, mas edificar o espírito” (SALES, 2011, p. 78).

Ao fazermos menção ao objetivo da leitura, é indispensável que se tenha um parâmetro conceitual da mesma, com o intuito de avançar em posteriores análises elaboradas. Segundo Norma Telles,

A leitura é o que transforma em obra as letras, frases e enredo. E a leitura é sempre determinada pelo lugar ocupado por um leitor na sociedade, num dado momento histórico. Portanto, é feita através do crivo de classe, raça ou gênero (2011, p. 402).

É importante destacar que as noções de classe, raça e gênero são mutáveis e construídas no decorrer da história. Assim, cada gênero – dentre eles o romance “é um local de interseção de toda uma teia de códigos, culturais, convenções, citações, gestos e relações” (IDEM, 2011, p. 402).

Em se tratando dos momentos históricos antecessores ao século XIX, podemos ligeiramente salientar o público leitor que durante o período da Revolução Francesa detinha um padrão e no século XVII, seguia outro modelo, conforme descreve Norma Telles:

Durante o período da Revolução Francesa, alguém que soubesse ler lia para os outros nas tabernas. No século XVII, na Inglaterra, um operário que soubesse ler lia para os companheiros à saída das fábricas ou oficinas. Mas no século XIX já se estabelece uma mudança no público leitor. Ele se torna muito maior e se constitui, em grande parte, de mulheres burguesas (TELLES, 2011, p. 402).

Diante da nova figuração que tese o público leitor, convidamos aos leitores, direcionarem vossos olhares ao público leitor feminino, visto que no

século XIX, mais especificamente na segunda metade do período, além de definir o indivíduo como o compreendemos atualmente, “foi redefinido também o papel da mulher, dos nativos do mundo não europeu e das outras culturas”. Como afirma Telles, um novo papel feminino foi admitido para as mulheres, o moderno parâmetro envolvia mudanças ímpares no processo de participação ativa em meio social, político e educacional. Visto que, em momentos anteriores o discurso a respeito da natureza feminina, era pautado em argumentos superficiais e limitados, os quais definiam

à mulher, quanto maternal e delicada, como *força do bem*, mas quando ‘usurpadora’ de atividades que não lhe eram culturalmente atribuídas, como *potência do mal*. Esse discurso que naturaliza o feminino, colocou-o além ou aquém da cultura. Por esse caminho, a criação foi definida como prerrogativa dos homens, cabendo às mulheres apenas a reprodução da espécie e sua nutrição (TELLES, 2011, p. 403).

Como se observa no fragmento supramencionado, a mulher era/é subjugada de acordo com seus atos e atividades desempenhadas. O papel paradoxal descrito, nos adverte que a mulher para ser caracterizada e qualificada como disciplinar, exemplar e “*força do bem*”, deveria estar interligada, preferencialmente no desempenho de atividades que envolvesse o rol maternal, de reprodução e nutrição, as demais funções que se desviasse do rótulo cultural, as classificariam como a “*potência do mal*”, ou seja, a usurpadora, as revolucionárias e as feministas.

Não podemos deixar de frisar quão valoroso foi o século do romance, para as mulheres, mesmo diante de censura, pois,

não podemos esquecer, no entanto, que esse século foi sombrio [...], para as mulheres e para os colonizadores, foi também o século em que surgiram os movimentos sociais, o socialismo e os feminismos, o movimento sufragista e a Nova Mulher (TELLES, 2011, p. 402).

Mesmo diante das mazelas e dificuldades, que as mulheres perpassam no século XIX, podemos assinalar o período como de luz para o universo feminino, pois é a partir desse momento que a autoria feminina irá se configurar com mais veemência, tanto na Europa como na América. Como salienta Telles,

[...] foi a partir dessa época que um grande número de mulheres começou a escrever e publicar, tanto na Europa quanto nas Américas. Tiveram primeiro de acender à palavra escrita, difícil numa época em

que se valorizava a erudição, mas lhe era negada educação superior, ou mesmo qualquer educação a não ser a das prendas domésticas; tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. [...], de um modo ou outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização (TELLES, 2011, p. 403).

O século XIX, mais especificamente o ano de 1808, com a transferência da corte portuguesa para o Brasil, diversas alterações ocorreram em nosso cenário, sejam na estrutura física com a construção de teatro, bancos, ou na estrutura social, na qual determinada corrente aceita viver as ideias da Revolução Francesa, apenas em contraposição à escravidão. Outra corrente apoiava a separação da metrópole portuguesa sem alterações no âmbito político; outra visava a separação e a República sem mudanças na organização social, e uma outra ideologia apontava a separação, a República sem libertação dos escravos. Em relação ao conflito na esfera social, Telles descreve:

[...] O Brasil Colônia vivia um processo de integração às transformações do mundo ocidental. A estrutura da sociedade já era mais complexa e turbulenta, havia modificações na base produtiva e no crescimento demográfico. “Fazer-se francês” significava então aceitar as ideias e ideais da Revolução Francesa apenas com desencontros em relação à escravidão. Havia uma corrente de opinião que aventou a separação da metrópole portuguesa sem modificações no campo político; outra, a separação e a República sem alteração da organização social; e outra ainda queria a separação, a República e a libertação dos escravos (TELLES, 2011, p. 403 - 404).

É pertinente destacar que mesmo diante de um cenário conturbado na estrutura social, as modificações não cessam por aí, na cidade conhecida como a “Veneza Brasileira” – Recife, além das alterações físicas como a construção do Teatro Santa Isabel e das fervilhar das ideias francesas de liberdade e justiça, chocando-se com as ideologias separatistas, além de se destacar como um dos primeiros centros açucareiros do Reino Unido, podemos ressaltá-lo como o grande centro editorial. Dentre os inúmeros exemplares que circularam na cidade de Recife, em que as ideologias liberais e republicanas se sobressaiam, frisamos o jornal *Sentinela da Liberdade* do proprietário e jornalista Cipriano Barata.

Tais assertivas ratificadas sobre à luz de Norma Telles:

Recife, nas primeiras décadas do século, era um centro cultural importante. Fervilhava com ideias separatistas e com ideias francesas de liberdade e justiça, difundidas por uma elite intelectual. A cidade

sofreu melhorias, uma casa de espetáculos foi construída, o Teatro de Santa Isabel, novas estradas e uma pequena linha férrea levavam novas ideias a outras regiões. Em 1820, a cidade não só era o primeiro centro açucareiro do Reino Unido como, também, já era o grande centro editorial que continuaria sendo século afora. Havia inúmeros jornais de inspiração liberal, republicana, como o *Sentinela da Liberdade* do jornalista Cipriano Barata (TELLES, 2011, p. 404).

O referido jornal, além de disseminar as ideias de liberdade e justiça, mais especificamente no ano de 1823, identificou-se no mesmo, um manifesto assinado por mais de 120 mulheres, no qual frisavam seus anseios e direitos que por vezes foram “usurpados”, como bem discorre a estudiosa Norma Telles:

Nele [*o jornal – Sentinela da Liberdade*], no ano seguinte à Independência, foi impresso um manifesto assinado por mais de 120 mulheres paraibanas que declaravam seu apoio ao movimento da Independência, pois, como ‘metade da sociedade humana’ que eram, desejavam reassumir os direitos que lhes haviam sido usurpados e ‘quebrar os vergonhosos ferros da vil escravidão em que jazíamos’. Por direito, dizem, querem entrar na partilha e glória do Brasil. Não se sabe quem eram essas mulheres que assinaram o manifesto, mas percebe-se que estavam a par das ideias europeias sobre a posição da mulher na sociedade e de suas reivindicações de igualdade (TELLES, 2011, p. 404).

É embalado neste contexto de reivindicações, lutas e busca por igualdade que as mulheres almejavam, por direito, conquistar participação ativa e de forma autônoma, nas esferas sociais, políticas e literárias. Além de amenizar, ou mesmo, extinguir aquela imagem construída as mulheres que por um longo período a sociedade patriarcal disseminou que à mulher

o que lhe cabe é a encarnação mítica dos extremos da alteridade, do misterioso e intransigente outro, confrontado com veneração e temor. O que lhe cabe é uma vida de sacrifícios e servidão, uma vida sem história própria (TELLES, 2011, p. 403).

Destarte, apesar das mazelas contra os direitos das mulheres se perpetuar por um longínquo período, as feministas.<sup>19</sup> Desde o fim do século XVIII, ora ou outra, conseguiam divulgar seus brilhantes trabalhos, seja na divulgação em jornais e/ou publicação de livros, utilizando-se por algumas vezes de pseudônimos. A exemplo disso, citamos a escritora inglesa Mary

---

<sup>19</sup> As europeias surgiram em um contexto de Revolução Francesa e Iluminismo. Surgiram como as primeiras feministas, fundadoras do movimento social, no mundo Ocidental. Questionavam a constituição francesa e os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade que deixavam de fora as mulheres. Eram militantes e criticavam a moral sexista e conservadora da época (Wollstonecraft, 2016).

Wollstonecraft (1759-1797), que se destacou por seu excepcional trabalho, entre os quais, salientamos o lançamento do livro *Vindications for the rights of woman*, de 1792, este por sua vez, foi traduzido livremente, na versão francesa, por mulheres virtuosas, resistentes e empoderadas. Dentre as femininas, destacamos Olympe de Gouges<sup>20</sup>, Mary Wollstonecraft<sup>21</sup> e Nísia Floresta (no Brasil). Assim, assinala Mary Wollstonecraft:

foram pioneiras na luta contra a diferenciação entre os sexos, na sociedade liberal. Elas tinham em comum o engajamento no projeto de emancipação das mulheres, a começar pelo acesso à educação e à inclusão na vida pública (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 33).

Reiterando o destaque para as mulheres pioneiras, que buscaram de forma incessante a participação direta do gênero feminino ao acesso à educação e a inclusão na vida pública, em solo brasileiro, direcionamo-nos de maneira sucinta à escritora Dionísia de Faria Rocha<sup>22</sup>, que fez uso constante do pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta. A ficcionista e republicana, assim como uma parcela significativa de mulheres no início da trajetória em âmbito social, perpassou por significativos obstáculos, e, entretanto, com perseverança e resistência, determinados alvos foram alcançados. E, em relação abolicionista,

---

<sup>20</sup> “Essas duas feministas inauguraram a idade do feminismo como movimento social que emergiu juntamente com os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Um feminismo que defendia a República laica e a cidadania plena para todos, e como movimento de radicalização da democracia. Para além da esfera dos discursos, um feminismo de sujeitos do próprio desejo, de superação da independência financeira” (WOLLSTONECRAFT, 2016, p. 15).

<sup>21</sup> Mary Wollstonecraft é considerada a precursora da luta pelo direito ao voto feminino e na construção de uma teoria política feminista, na ótica Ocidental. Ela escreveu a obra *Reivindicação dos Direitos da Mulher*, um clássico feminista, considerada atual e de escrita moderna.

<sup>22</sup> Dionísia de Faria Rocha, “nascida num pequeno sítio de propriedade dos pais em Papari, no Rio Grande do Norte, localidade que hoje recebe seu nome. Era filha de Antônia Clara Freire, uma moça analfabeta, de família muito rica, e de um advogado e escultor português, Dionísio Gonçalves. Casou-se aos 13 anos, em 1823, e deixou o marido no ano seguinte, quando o pai fugiu para o Recife devido a perseguições políticas. Por ter largado o marido, foi repudiada por toda sua família, com exceção da mãe que, enquanto viveu, sempre lhe deu apoio. Em Recife, o pai é assassinado em 1828, e a moça passa a ter de sustentar a mãe e os três irmãos. Estava com vinte anos quando foi ensinar em um colégio. Passou por muitas dificuldades financeiras. Em 1832, no mesmo ano em que publica *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, casa-se novamente, agora com Augusto de Faria Rocha, advogado e acadêmico. O casal, com a filha Lívia Augusta e o filho Augusto Américo, muda-se em 1838 para Porto Alegre em busca de melhores oportunidades. Nesse mesmo ano, o marido morre e ela, viúva, parte com os filhos para o Rio de Janeiro, onde funda o Colégio Augusto. Nísia faleceu em Rouen, França, em 1885, aos setenta e cinco anos. Em 1955, seus restos mortais foram trasladados para o Brasil e seu túmulo construído sobre as ruínas da casa onde nasceu.”

Dionízia Rocha, pontuamos sua participação assídua em periódico como nos ratifica Constância Lima Duarte<sup>23</sup>

No Brasil, Nísia foi uma das primeiras mulheres a publicar textos em jornais, pois desde o ano de 1830 encontramos colaborações suas em *O Espelho Das Brasileiras*, jornal da cidade de Recife. Também publicou poesias, contos, novelas e ensaios em *O Diário do Rio de Janeiro*, *O Liberal* e *O Brasil Ilustrado* (DUARTE, 2010, p. 17).

Assim como Duarte, a pesquisadora Norma Telles nos relata sobre a participação de Nísia Floresta em exemplares que circularam na cidade maravilhosa: “No Rio de Janeiro escreve em jornais, mas suas ideias provocam polêmicas. É nessa época que adota o pseudônimo Nísia, em homenagem ao pai; Floresta, em lembrança do sítio onde nasceu” (2011, p. 405). A seguir destacamos a imagem de número 37, esta fará menção a um dos primeiros exemplares que Nísia atuou como redatora por 30 anos, juntamente com o tipógrafo, redator e jornalista francês Adolphe Emile de Bois Garin. Como frisa Laura Sanchez Pereira:

No ano seguinte – 1831 –, começa a surgir a escritora Nísia, com a sua colaboração durante 30 números no Jornal Espelho das Brasileiras, dedicado às senhoras pernambucanas. O Jornal pertencia ao tipógrafo, redator e jornalista francês Adolphe Emile de Bois Garin e Nísia contribui com artigos que tratavam da condição feminina em diversas culturas (PEREIRA, 2017, p. 66).

Abaixo podemos visualizar a figura 37, esta faz referência ao jornal *Espelho das Brasileiras*, exemplar este que Nísia Floresta contribuiu com seus escritos por três décadas.



Figura 37 – Jornal Espelho das Brasileiras nº 29, 1831.  
Fonte: Projeto Memória, 2006.

<sup>23</sup> Professora da UFMG e Doutora em Literatura Brasileira pela USP. Entre outros livros, publicou “**Nísia Floresta: vida e obra**” (Natal: UFRN, 1995; 2008).

É relevante mencionarmos, que além de participação em periódicos a autora teve livros publicados. Um dos prenunciadores livros divulgados pela escritora, denominado *Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens* – (1832), as ideias apresentadas assemelham-se, às de Mary Wollstonecraft, nas quais sobressaiam-se os diálogos “para enfrentar os preconceitos da sociedade patriarcal brasileira. Usa da escrita para reivindicar igualdade e educação para as mulheres” (TELLES, 2011, p. 403). Para reiterar a assertiva, destacamos o excerto a seguir do livro de Nísia Floresta, que fazem menção às ideias preconceituosas da sociedade patriarcal brasileira:

Diz: Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós somos próprias se não para procriar e nutrir nossos filhos na reinfância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a eles homens [...]. Entretanto, eu não posso considerar esse raciocínio senão como grandes palavras, expressões ridículas e empoladas, que é mais fácil dizer do que provar (FLORESTA, 1832, p. 35).

Como se observa na introdução do trecho acima, o papel designado pela sociedade patriarcal às mulheres estava arraigado de preconceitos e ideologias rasas, em que se direcionaram ao gênero feminino apenas atividades restritas, dentre elas estavam: cuidar do esposo, procriar, amamentar, cozer e zelar do lar. Entretanto, Nísia Floresta em suas derradeiras linhas do fragmento, menciona adjetivação pertinente ao público que alimentavam as ideologias “bárbaras”.

Reiterando a situação de ignorância na qual intencionava-se firmar a mulher num consecutivo ciclo vicioso, como discorre a escritora:

A situação de ignorância em que se pretende manter a mulher é responsável pelas dificuldades que encontra na vida e cria um círculo vicioso: como não tem instrução, não está apta a participar da vida pública, e não recebe instrução porque não participa dela (FLORESTA, 1832, p. 63).

Assim como a escritora Nísia Floresta Brasileira Augusta, outras feministas, empenharam-se nas lutas e manifestações na quais almejavam terminar ou ao menos, amenizar, as disparidades entre os sexos, pois só em situação de igualdade os “dois sexos viverão felizes e não terão motivos de se acusarem mutuamente” (TELLES, 2011, p. 406).

A subsequente escritora a ser destacada de forma breve, trata-se de Maria Firmina dos Reis<sup>24</sup>. A ficcionista, também conhecida como “Mestra Régia – o que na época significava professora formada e concursada em contraposição à professora leiga” (IDEM, 2011, p. 410). Para o período em estudo, era possível identificarmos pessoas atuando, mesmo sem a formação devida. Inclusive, como nos adverte Norma Telles:

ensinar, mesmo sem preparo, foi para as mulheres do século passado uma oportunidade de trabalho. As escolas normais, onde quer que surgissem, atraíam grande quantidade de moças, pois foram, durante anos, uma possibilidade de desenvolvimento pessoal e de carreira (TELLES, 2011, p. 410).

Dos Reis, visualizando a oportunidade de contribuir para o desenvolvimento de seus alunos, não se limitava para disseminar no que acreditava, inclusive no livro *História das Mulheres no Brasil* – no capítulo denominado Escritoras, Escritas, Escritura – a autora, destaca que:

Um ano antes de se aposentar, com trinta e quatro anos de magistério público oficial, Maria Firmina dos Reis fundou, a poucos quilômetros de Guimarães, em Maçaricó, uma aula mista e gratuita para alunos que não pudessem pagar. Estava então com 54 anos. Toda manhã, subia em um carro de bois para dirigir-se a um barracão de propriedade de um senhor de engenho, onde lecionava para as filhas do proprietário. Levava consigo alguns alunos, outros se juntavam. Um experimento ousado para a época (TELLES, 2011, p. 411 - 412).

A abolicionista, além de desempenhar um papel brilhante na carreira de educadora, é considerada atualmente como autora do primeiro romance brasileiro – *Úrsula*. Este foi “anunciado em 1859, nos jornais de São Luís, ao custo de dois mil réis pela Typografia do Progresso” (TELLES, 2011, p. 410). Maria Firmina dos Reis, participou da vida intelectual maranhense colaborando na imprensa local, publicou livros, participando de antologias.

A escritora em um “caderno-goiabada”<sup>25</sup>, expressou inúmeros de seus textos, dentre os quais alguns relataram os momentos nostálgico de sua vida e dos quais partes foram encontrados posteriormente, ela descreve em 1863:

---

<sup>24</sup> “Nascida em São Luís em 1825, filha ilegítima, viveu com uma família extensa, constituída pela avó e por duas gerações de irmãs, a mãe e a tia materna, ela e a irmã. Uma casa de mulheres. Maria Firmina dos Reis ganhava a vida como professora” (REIS, 1988, p. 15).

<sup>25</sup> A expressão “cadernos-goiabada”, é o termo utilizado por nossa escritora contemporânea Lygia Fagundes, ao fazer referência aos cadernos onde as mocinhas escreviam pensamentos e

De uma compleição débil, e acanhada, eu não poderia deixar de ser uma criatura frágil, tímida, e por consequência melancólica. Uma espécie de educação freirática, veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna, eu só conhecia o céu, as estrelas e as flores que minha avó plantava com esmero... (TELLES, 2011, p. 412).

Como se nota no excerto acima, a escritora maranhense descreve em curtas palavras o modo da educação que fora submetida, assim lhe proporcionando características irreversíveis tais como a timidez, melancolia e fragilidade. Entretanto, apesar da convivência do lar ser reduzida a um simples universo, no qual a ficcionista cresceu, a jovem participou de maneira assídua de movimentos e clubes femininos em prol da libertação dos escravos. Como nos relata Norma Telles:

Desde muito cedo Maria Firmina dos Reis não aceita alguns costumes comuns que implicam o uso de escravos. Conta-se que quando foi admitida no magistério, aos 22 anos de idade, a mãe queria que fosse de palanquim receber a nomeação, mas ela exclamou: 'Negro não é animal para se andar montado nele.' E foi a pé (TELLES, 2011, p. 416).

Para complementar o fragmento supramencionado, Telles nos descreve que após

Vinte e oito anos depois de Úrsula, Maria Firmina dos Reis, que sempre havia sido abolicionista, pôde explicar, um ano antes da Abolição as redes abolicionistas para a libertação dos escravos que então haviam se generalizado pelo território do Império. A liga das mulheres para libertar escravos surgiu primeiramente em São Paulo, mas outras logo apareceram na cidade do Rio de Janeiro e nas províncias, por volta de 1870. Envolviam-se com esses clubes mulheres de classe alta, mulheres negras e das camadas inferiores da sociedade (TELLES, 2011, p. 415).

Como bem salienta o fragmento acima, mulheres das camadas inferiores da sociedade também se encontravam participativas nos clubes e manifestos em busca de libertação dos escravos, pois é nesta classe social de pessoas menos favorecidas que se encontrava Maria Firmina, que no fim de sua vida, aos 92 anos “morreu, cega e pobre, na casa de uma ex - escrava, Mariazinha, mãe de um dos seus filhos de criação” (TELLES, 2011, p. 416).

A escritora em sua trajetória profissional, assim como Nísia Floresta, teve participação nas páginas de periódicos, em especial destacamos o jornal literário

---

estados alma, diários que perdiam o sentido depois do casamento, pois a partir daí não mais se podia pensar em segredo.

O *jardim das Maranhenses* (1861-1862). Neste, a abolicionista publicou pela primeira vez o romance “*Gupeva*”, em 13 de outubro de 1861 e, “fez sucesso de público e foi, sempre como folhetim, publicado três vezes” (TELLES, 2011, p. 416). A imagem subsequente nos apresenta uma singela representação do exemplar em que Firmina dos Reis divulgou o romance mencionado. De acordo com Natália Lopes de Souza,<sup>26</sup> o jornal *O Jardim das Maranhenses* era explicitamente voltado para o público feminino.

Segundo Gisele Ambrósio Gomes (2009), os primeiros periódicos dedicados ao público feminino evidenciaram uma circulação de ideias que perpassavam e tinha como enfoque principal os ideais de moralidade. Deste modo, *O Jardim das Maranhenses* também tinha como objetivo a legitimação de costumes e da moralidade feminina.

Imagem 38



Fonte: <https://mariafirmina.org.br/gupeva-2/>.

Imagem que confirma a publicação do romance “*Gupeva*” na página do jornal *O Jardim das Maranhenses*.

No exato ano de 1888, a ficcionista Josefina Álvares de Azevedo funda, em São Paulo, o exemplar *A Família*, que no ano seguinte é transferido para o Rio de Janeiro. A literata

Foi abolicionista, republicana e desenvolveu intensa campanha pela emancipação da mulher. Pensava ser um absurdo residir no homem o princípio da autoridade na família, pois considerava a mulher mais

<sup>26</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História, pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente trabalhando com a trajetória na imprensa da escritora e poetisa maranhense Maria Firmina dos Reis (1822 - 1917). *Aedos*, Porto Alegre, v. 12, n. 26, ago. 2020.

inteligente. Era favorável ao divórcio, ao voto e à elegibilidade da mulher (TELLES, 2011, p. 407).

Observe que as temáticas apresentadas pela republicana são fervorosas, pois tratar-se de assuntos como o divórcio, a emancipação das mulheres e voto feminino, num contexto social em que as mulheres eram

excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas de acesso à educação superior (TELLES, 2011, p. 408).

Dialogar os assuntos apontados por Josefina Álvares, numa sociedade patriarcal, no século XIX, e discussão essa disseminada por uma mulher, não deve ter sido uma tranquila missão e nem vista com bons olhos pelos principais dominadores da sociedade. Entretanto, como a escritora não estava para agradar e nem seguir à moda de temáticas que eram divulgadas em alta massa pelos homens, continuou a produzir seus escritos, de acordo com as percepções nas quais acreditavam.

Inclusive, em 1890, publicou no *folhetim* “*A Família*, uma comédia em um ato, O Voto Feminino, apresentada no palco em 23 de junho de 1893 – apresentação noticiada por um jornal feminino em Paris” (TELLES, 2011, p. 428). Nas páginas de seu periódico, divulgou apreciações sobre a situação da escritora, na qual pondera:

É tristemente desanimadora a contingência das brasileiras, pois nem mesmo conseguem utilizar a inteligência, que diriam por aí de algumas escritoras que se reunissem para formar um Clube que não se destinarem a dar bailes? (IDEM, 2011, p. 428).

Nesta passagem supracitada, a abolicionista expressa quão aquém estava a grande massa de mulheres, que segundo “a autora acreditava que a aceitação da tutela masculina por parte das mulheres devia-se a elas mesmas considerarem vantajosa a isenção de responsabilidade” (IBIDEM, 2011, p. 428).

Como bem nos expressa a escritora, por algumas vezes, as próprias mulheres isentavam-se de almejar espaço fora do ambiente familiar, porém, é relevante destacarmos que, o intuito não é por fim e nem discriminar as mulheres que por livre opinião e iniciativa desejarem apenas serem cuidadoras de seu lar, filhos e marido, a questão é a sociedade patriarcal como um todo, deixar o

transitar/escolha livre, tanto para as mulheres que optarem por serem apenas donas de lares, assim como as que desejavam conquistar igualdade de expressão seja na esfera social, pública e literária. Josefina Álvares de Azevedo, além de divulgar textos no jornal, escreveu um livro, *Galleria lustre* (1897), e não se sabe como terminou a vida.

O século XIX, para as mulheres que pensavam ser algo mais do que “bonecas ou personagens literárias”, os textos dos autores por vezes,

colocaram problemas tanto literário quanto filosófico, metafísico e psicológicos. Como a cultura e os textos subordinam e aprisionam, as mulheres, antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora de seu alcance, precisam escapar dos textos masculinos que as definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade, como sonho e devaneio, e tiveram de adquirir alguma autonomia para propor alternativas a autoridade que as aprisionavam (TELLES, 2011, p. 408).

Conforme constatamos no excerto acima, por vezes os escritos e a cultura aprisionavam as mulheres, antes ao menos de esboçar os primeiros movimentos de sua pena, com o intuito de reverter as definições que a escrita dos autores a subjugaram, ora como nulas, ora vazias.

As escritoras que almejavam minimizar as desigualdades, sejam em âmbito social, político, sejam âmbito psíquico e literário. Além de escapar dos textos masculinos que por vezes, definiam as mulheres como “anjos do lar, ninharia ou sonho e devaneio” para poderem apresentar propostas alternativas e se tornarem escritoras, passando dos cadernos de receitas e diário – cadernos-goiabada, aos contos e célebres romances.

Ressaltamos também a participação da literata Narcisa Amália de Campos<sup>27</sup>, que durante anos teve seus trabalhos ocupando páginas de muitos jornais como: o *Resendense*; *Diário Mercantil de São Paulo*; *A Família*; e por um período longo fez parte do corpo de redatores de *O Garatuja*, um outro jornal de Resende.

A jovem intelectual, assim como alguns da mocidade de sua geração

---

<sup>27</sup> Nasceu em São João da Barra, Rio de Janeiro, em 1852 e morreu 72 anos depois na mesma cidade. Filha de um professor de liceu e homem de letras e uma professora particular, mudou-se ainda na infância para a cidade de Resende (RJ), onde viveu durante muitos anos. Casou-se aos 14 anos de idade com um artista de teatro mambembe, mas logo o deixou. *Apud* (TELLES, Norma. *In: História das mulheres no Brasil / Mary Del Priore (org.) Carla Bassanezi Pinsky (coord. De textos) 10 ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto 2011), p. 419.*

Guia-se por ideias europeias liberais, como as do escritor francês Victor Hugo, e coloca sua pena a serviço de ideias democráticas e progressistas, da modernização das estruturas da nação e da elevação do nível de cultura e material da população (TELLES, 2011, p. 419).

Narcisa Amália – a deusa Revolução, em 1874, escreveu a *Flores do Campo*, de seu conterrâneo e amigo Ezequiel Freire, a poeta diz:

Longe, bem longe de nós, já fica o tempo em que a missão do poeta era cantar nas praças públicas coroados de mirtos e louros, os prazeres do amor e o triunfo das armas. [...] O ideal de nosso século, é a divindade que roubou a França ao abismo: a Liberdade (TELLES, 2011, p. 419 - 420).

Para que Narcisa seja empossada e a “utopia converta-se em esplêndida realidade, é preciso que a ciência vá ao povo”. Por ciência, compreendia-se as ideias de liberdade e igualdade:

Cantando o belo ideal, pode ainda iniciar o povo nos mistérios da religião da Igualdade e preparar assim as gerações por vir para a doce comunhão do prazer e da dor, do trabalho e da instrução, porque sem a instrução popular a democracia jamais passará de uma dourada quimera (TELLES, 2011, p. 420).

A deusa [da] revolução, “considerava que no cumprimento desses ideais, dessas tarefas, a imprensa desempenha um papel fundamental” (TELLES, 2011, p. 420). Por acreditar neste embasamento, poderia justificar-se os inúmeros escritos para jornais. Dentre os quais destacamos o artigo de 2 de fevereiro de 1888, em *O Garatuja*, no qual a autora saúda o jornalista e líder abolicionista José Patrocínio é incisiva nas palavras:

A palavra emociona, o livro instrui ou deleita, só o jornal cava, revolve, afeiçoa as mais endurecidas camadas intelectuais. A sua ação é lenta, mas contínua e, por isso mesmo, irresistível, avassaladora (TELLES, 2011, p. 420).

A escritora Narcisa Amália de Campos, como ela próprio pondera, “consagrou-se à independência e ao feminino, à liberdade educacional e artística da mulher” (TELLES, 2011, p. 421). Essa autora, que com a divulgação de seu livro em 1872, se tornou famosa no país todo, apesar de sofrer severas críticas por apoiar e expressar as ideias liberais. Em dezembro do mesmo ano, o jornal *Correio do Brasil*, do Rio de Janeiro, por meio de C. Ferreira informa:

Mas perante a política, cantando as revoluções, apostrofando a reio, endeusando as turbas, acho-a simplesmente fora de lugar [...] o melhor é deixar [o talento da ilustre dama] na sua esfera perfumada de sentimento e singeleza (AMÁLIA, 1888, p. 02 *apud*. TELLES, 2011, p. 422).

O fragmento em destaque acima são palavras profanadas “de um homem que se julga um paladino contra os preconceitos que impedem a mulher de se educar no Brasil” (TELLES, 2011, p. 421). No entanto, mais adiante frisa “talento de dama não tem virilidade necessária para a poesia social”. O crítico não foi o único a tecer comentários desfavoráveis em relação os escritos de Narcisa, em especial os textos de cunho social. O famoso historiador da época e crítico Sílvio Romero compartilha de semelhante ideia, ao pondera “que estes últimos [escritos] são indignos de ocupar as páginas de um livro de mulher” (*IDEM*, 2011, p. 422).

Através dos comentários, podemos identificar o duplo padrão da crítica, logo notamos que há um modo diferenciado para julgar textos de autorias femininas e obras de homens. Em se tratando dos críticos mencionados, observe que, para os mesmos, as escritoras deveriam permanecer no “seu lugar” – esta ideologia de lugar, construída por uma parcela da sociedade patriarcal – que faz referência à ambientes que estejam “bem longe da esfera pública, com suas lutas e batalhas para modificar a sociedade. O lugar da mulher de letras seria a esfera perfumada de sentimento e singeleza” (SILVA, 2013, p.102). Note nas derradeiras palavras do trecho em destaque quão estereotipada é a figura feminina, que para as mulheres das letras, são cabíveis as esferas perfumadas e de singeleza.

Diante da assertiva, é pertinente nos indagarmos: quais lugares seriam esses apontados pela crítica? será uma cozinha bem diversificada de aromas, e livros de receitas com excelentes pratos para degustação? Ou um ateliê recheado de fazendas finas e valiosas? Ou mesmo um quarto no qual a mãe organiza ansiosamente a chegada de um filho?. Enfim, não é nosso intuito anularmos e nem discriminar os supostos lugares que a crítica faz menção, entretanto, descrevê-los como ambiente das mulheres das letras é emitir argumentos recheados de preconceitos e limitações.

Com o objetivo de enriquecer nosso trabalho em relação às principais escritoras que tiveram participação nas páginas dos principais jornais no Brasil,

durante o século XIX, destacamos a ficcionista Maria Benedicta Câmara Bormann<sup>28</sup>, a autora publicou diversos romances, entre os principais citamos: *Aurélia* (1883), *Lésbia* (1890) e *Angelina* (1894), é relevante advertimos que algumas dessas obras foram inicialmente publicados em folhetins, pois a compositora colaborou frequentemente em vários exemplares do Rio de Janeiro como por exemplo: *A Gazeta da Tarde*, de José do Patrocínio, *O Paiz*, ao lado de Quintino Bocaiúva, e demais jornalistas consagrados. No último jornal em destaque, podemos salientar uma peculiaridade: neste a coluna que se encontrava no canto esquerdo da primeira página, na qual figurava normalmente um artigo literário. Nela, Maria Benedita Bormann foi uma das pioneiras a escrever. Como se observa a seguir na imagem 39 b.

Imagem 39 A.



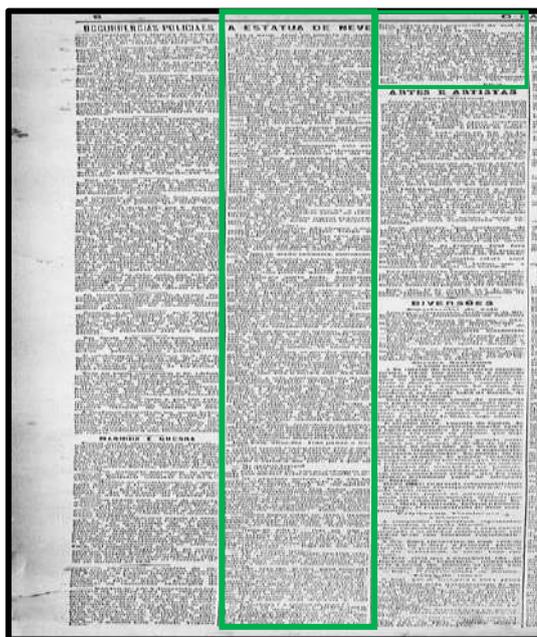
Fonte: Hemeroteca Digital / site:

[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691\\_02&hf=hemerotecadigital.bn.br&pagfis=2027](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&hf=hemerotecadigital.bn.br&pagfis=2027). A imagem representa o periódico *O Paiz* (1884-1930)

---

<sup>28</sup> Nasceu em Porto Alegre em 1853; cresceu e viveu no Rio de Janeiro onde faleceu em julho de 1895. Pertencia a uma família de prestígio, embora sem muitos recursos, morou toda a vida em casa alugada e, pelo que consta dos documentos, não tinha nenhuma propriedade. Recebeu uma educação esmerada, nos moldes da época para mulheres de classe alta. Falava inglês e francês, tocava piano e tinha uma bela voz. BORMANN, Maria Benedita Câmara. *Celeste*. Rio de Janeiro: Presença/MinC/Pró-Memória/INL, 1988.

Imagem 39 B.



Fonte: Hemeroteca Digital / site: [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691\\_02&hf=hemerotecadigital.bn.br&pagfis=2027](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=178691_02&hf=hemerotecadigital.bn.br&pagfis=2027).

A imagem mostra a publicação do romance *A Estátua de Neve*, da ficcionista Maria Benedicta Bormann, assinado com o pseudônimo Délia. Localizado na segunda página do jornal *O Paiz*, na segunda coluna.

Vale ressaltar, como já advertimos em momentos anteriores neste trabalho, que a autoria feminina no desenvolver de suas publicações, mais especificamente no início do século, fez uso constante de pseudônimos para divulgarem seus escritos e os mesmos serem aceita pelo público, visto que as escritoras por um período longo estiveram sobre ótica severa da fortuna crítica e principalmente da sociedade patriarcal que não minimizava as árduas considerações sobre os supostos trabalhos de autoria feminina. Entretanto, a partir das últimas décadas, a

A adoção do pseudônimo passa a ter outra conotação, começa a ser usado como palavra de poder, marca de um batismo privado para o nascimento de um segundo eu, um nascimento para a primazia da linguagem (TELLES, 2011, p. 431).

Em se tratando de Bormann, no decorrer de sua trajetória escrita, seja na divulgação dos contos, crônicas e demais gêneros textuais, habituou-se a assinar seus escritos como “Délia”. Entre as possíveis justificativas para a

escolha deste nome e assumi-lo publicamente estava diretamente relacionada aos objetivos da literata, dentre os quais adverte Norma Telles:

Sua redefinição, como aconteceu com também com outras escritoras, era a tentativa de se livrar do patrimônio herdado ou transformá-lo. O que, por outro lado, significava que o poder do nome, os nomes poder e o poder das normas estavam muito presentes em sua vida. A escritora criou uma ancestralidade imaginária e, ao mesmo tempo, definiu elementos de poder feminino quando escolheu seu pseudônimo. Délia é o nome de uma matrona da Roma Antiga amada pelo poeta Tibulo (TELLES, 2011, p. 431- 432).

Como bem salienta a passagem acima, Maria Benedita Bormann, almejava libertar-se do tradicional padrão, no qual envolvia “trazer” consigo o sobrenome, que no caso de Délia, tratava-se do nome do esposo, a escritora fora casada com um tio materno, daí a tão incessante aspiração por desprender-se da herança nominal ou transformá-la como executou à autora. É louvável comentarmos que a ficcionista não seleciona um pseudônimo de maneira aleatória, mas opta por um nome cheio de significado e respeito, fazendo referência, nada menos do que a mulher respeitada e amada em Roma Antiga.

Délia, não só apenas inovou na busca por um pseudônimo diferente e significativa, como em suas obras destacou nomes de personagens que jamais tinham sido citados na autoria feminina, dentre os mais inusitados estavam: Lésbia e Catulo. Como podemos averiguar, nas últimas décadas do século XIX, a figura feminina progride mais ainda no aspecto da ideia da Nova Mulher.

A ideia de Nova Mulher, bem difundida na Europa, surgia na iminência de reconfigurar “as esquisitices da mulher antiga, ... sexualmente reprimida, sobra da onda matrimonial de sua geração, a velha tia morando às custas de um parente mais abonado e cuidando da casa para ele” (TELLES, 2011, p. 432).

A nova configuração feminina que se buscava paulatinamente atingir destacava a Nova Mulher que

pretendia ser sexualmente independente, criticava a insistência da sociedade no casamento como única opção de vida. Tendo tido maiores oportunidades de estudo e desenvolvimento fora do casamento, privilegiava as carreiras profissionais (IDEM, 2011, p. 432).

Ao apagar das luzes do século XIX, as novas ideias estavam se difundindo por toda a Europa e América do Norte. Na proporção em que se destacavam nas profissões e espaços significativos no mercado de trabalho, “a Nova Mulher,

educada e sexualmente livre, acordou as vozes da conservação” (*IBIDEM*, 2011, p. 434).

Algumas escritoras, entre elas Délia, iniciaram diálogos a respeito da necessidade de

uma educação *para a vida* e do conhecimento da própria sexualidade. Foi uma das primeiras escritoras, entre nós, a falar a favor da afirmação da sexualidade feminina e a fazer campanha para a educação sexual das jovens (TELLES, 2011, p. 434).

Como fomenta a escritora Norma Telles, Maria Benedicta foi uma das literatas pioneiras a discorrer sobre temáticas que por um longo período da nossa História foram consideradas tabus. Entretanto, após significativas manifestações e lutas, os resultados obtidos foram favoráveis, não que os assíduos preconceitos sobre a figura feminina tenham findados, porém, ao menos os passos introdutórios foram dados em busca da tão deslumbrada igualdade, pois como ressalta Telles “só em situação de igualdade os dois ‘sexos viverão felizes e não terão motivos de se acusarem mutuamente” (2011, p. 406). Como nos ratifica a autora, a igualdade entre os sexos é um dos princípios básicos para se alcançar um ambiente fértil, no qual se atinja a fundamentação, a propagação e difusão de novos princípios, sejam na esfera social, cultural e literária.

A despeito de muitas vozes contrárias, vimos que no século XIX, em especial, inúmeros paradigmas em relação a fragilidade feminina foram desconstruídos, principalmente os direcionados a incapacidade física, mental. Foi neste final de século que a autoria feminina mais floresceu e ganhou um espaço mais significativo, não que antes do período em destaque não houve participação da autoria feminina, no entanto bem mais restrita e camuflada.

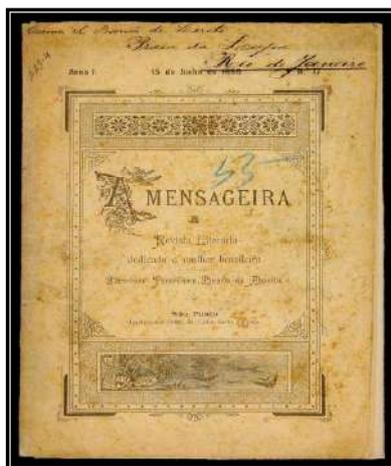
Com se observa nas descrições mencionadas, o século XIX apresentou um número expressivo de escritoras que conquistaram o movimento mais intenso da sua pena – escrita, através de publicações de livros e participação em jornais. Outro adendo que contribuiu de modo significativo para que as feministas se fortalecessem ainda mais na busca por suas participações diretas em âmbito social, político e literário, foram as constantes reuniões ocorridas em clubes femininos, nos quais eram precedidos regularmente encontros entre as mulheres para que dialogassem sobre quaisquer temáticas e fragilidades. Como adverte Telles,

Envolviam-se com esses clubes mulheres da classe alta, mulheres negras e das camadas inferiores da sociedade. O surgimento de sociedade e clubes femininos abolicionistas demonstra um tipo de iniciativa pública organizada que substitui, para algumas mulheres das classes alta, as anteriores atividades filantrópicas (TELLES, 2011, p. 415).

Para corroborar com as fontes de divulgação dos escritos, em especial, os textos de autoria feminina, destacamos a imprescindível criação da revista *Messageira*, que foi de fundação da escritora Prisciliana Duarte de Almeida, com origem em São Paulo, no fim do século, em 1897. A revista é publicada ininterruptamente até janeiro de 1900. Dentre os objetivos do periódico estava “levar ideias novas ao lar e, ao mesmo tempo, estabelecer entre as brasileiras uma simpatia espiritual pela comunhão dessas mesmas ideias” (TELLES, 2011, p. 427).

A *Messageira* foi intitulada como uma revista literária dedicada às mulheres, na qual noticiava e de forma compactada “em todos os números os livros publicados por escritoras no Brasil e no exterior. Noticiava e resumia conferências e conquistas profissionais” (TELLES, 2011, p. 472). Nas páginas da revista foram identificados uma riquíssima fonte de textos de autoria feminina de ampla nacionalidade. Como discorre a estudiosa e pesquisadora Norma Telles “foi solidária com as escritoras do mundo todo e publicou também artigos sobre mulheres inglesas, polacas, francesas, suecas até sobre ‘a mulher da China’” (IDEM, 2011, p. 427). Entre as colaboradoras frequente, além de Prisciliana Duarte, Narcisa Amália, Josefina Álvares de Azevedo, Áurea Pires, Francisca Júlia, Auta de Souza, Ignêz Sabino e a portuguesa Guiomar Torrezão, além da ficcionista Júlia Lopes de Almeida, autoras já bem conhecidas. Abaixo segue a ilustração da capa da revista, na qual as principais escritoras da época publicaram assiduamente.

Imagem 40



Fonte: [Biblioteca Nacional Digital - A Mensageira : revista literaria dedicada a mulher brasileira \(bn.br\)](http://biblioteca.nacional.digital.br/revista-literaria-dedicada-a-mulher-brasileira/bn.br). Acesso em 03/03/2022.

Como ressaltamos em momentos anteriores, para as mulheres no Brasil, a conquista do território das letras e da imprensa feminina foi árdua e duradoura. Desde os primeiros esforços travados por Nísia Floresta até os dias atuais a luta é incessante. Atualmente, o mérito é para os grupos de estudos chefiados por mulheres. Não só o gênero é o tema central destes, mas também a análise das lutas femininas na História do Brasil, bem como as implicações da mulher na sociedade contemporânea. Grupos como os que organizam os cadernos *Pagu* - Núcleo de Estudos de Gênero - em Campinas; a *Revista Estudos Feministas*, ligada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina; o *Caderno Espaço Feminino*, vinculado à Universidade Federal de Uberlândia e ainda o GT Mulher e Literatura da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística - são exemplos claros dessa nova perspectiva. (COSTRUBA, 2011, p. 54).

Para consolidar a presença das mulheres nas incessantes lutas e manifestações para conquistar espaço de forma respeitável e consagrada, pontuamos a contribuição da escritora, jornalista, mãe e esposa Júlia Valentina da Silveira Lopes. A literata começou sua longa carreira de mais de quarenta anos como jornalista e escritora, ainda encontrou significativos empecilhos, mas foi adquirindo prestígio e renome. Em 1885 foi convidada a participar do corpo de redatores de *A Semana*, revista do Rio de Janeiro, do qual fazia parceria com

Olavo Bilac, Artur Azevedo e Filinto de Almeida – com quem se casaria mais tarde. A ficcionista escreveu em vários periódicos e, por mais de trinta anos, no jornal *O Paiz*. Em suas crônicas fez campanha em defesa da cidade, da educação da mulher, do divórcio, da exposição de flores, assim como fizera a defesa das Abolição e da República. Entre os principais romances da autora destaque: *Memórias de Marta* (1899), *A família Medeiros* (1892), *A Viúva Simões* (1897), *A falência* (1901) e *Correio da roça* (1913).

Abaixo segue ilustração da revista na qual a escritora teve contínua publicação e ao lado direito identifica-se a capa do primeiro romance divulgado pela autora. Destarte, não nos deteremos em mais informações sobre a literata, pois os próximos tópicos deste capítulo se encarregaram de realizar um estudo minucioso sobre a trajetória, vida e particularidades da erudita ficcionista, além da luta pela instrução feminina sobre o olhar da autora, perceptível em grandes partes dos seus escritos.



Imagem 41 – Capa da revista *Semana*.  
Marta Fonte: [www.google.revista+feminina+](http://www.google.revista+feminina+)

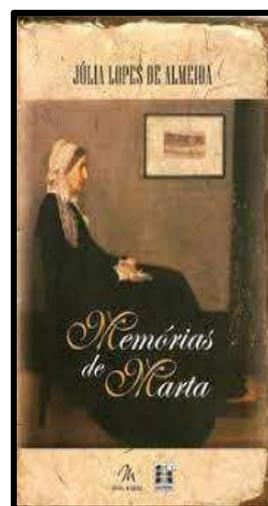


Imagem 42 – Romance *Memória de*  
Fonte: [www.google.com/Search.Memória](http://www.google.com/Search.Memória).

### 3.2 – Júlia Valentina da Silveira Lopes: vida, trajetória, produções e perfis

O presente subcapítulo pretende discorrer sobre a volumosa biografia da literata, com destaque sobre a influência literária da escritora que provinha do realismo-naturalismo e da representação de “papéis sociais”, além de suscitar sua importância como intelectual e frisar os perfis que se desenvolveram no

decorrer de suas produções, junto ao seu principal público-alvo leitor: as mulheres e crianças.

Nascida no Rio de Janeiro em 24 de setembro de 1862 e originária de uma família abastada e de participação nos grupos intelectuais da cidade grande carioca. Era filha dos imigrantes portugueses Dr. Valentim José da Silveira Lopes (1830-1915) e de D. Antônia Adelina do Amaral Pereira (1830-1895). A família de sobrenome Silveira Lopes gozava de condições financeiras favoráveis: seu pai foi professor e proprietário do Colégio de Humanidades, instituição fundada no Rio de Janeiro. O Sr. Valentim também se formou em medicina na Alemanha enquanto a sua família permaneceu residindo no Rio de Janeiro. “Ao regressar ao Brasil, já formado em médico, mudou-se com a família em 1869 para a cidade paulista de Campinas” (SALOMONI, 2011, p. 73).

De acordo com Costruba (2011), o casamento dos progenitores de Júlia ocorreu em 1849 e, alguns anos depois, 1857, o casal migrou para o Brasil. Pouco antes da partida, seus pais presenciaram a conhecida Regeneração Portuguesa, ocorrida em Portugal em 1º de Maio de 1851. Esta durou cerca de 17 anos e foi caracterizada pelo esforço de desenvolvimento econômico e de modernização de Portugal, a que se associaram pesadas medidas fiscais. Além disso, este movimento de regeneração portuguesa foi presidido pelo Duque de Saldanha, mas o principal personagem que ficou conhecido posteriormente no imbróglio foi Antônio Maria de Fontes Pereira de Melo (1819-1887), um dos principais políticos portugueses da segunda metade do século XIX. Nas palavras da pesquisadora Leonora de Luca, este período ocasionou uma época de “experimentações pedagógicas de inspiração iluminista e socialista utópica” (LUCA, 1999, p. 492) que influenciaram os ideais dos pais de Júlia.

Os pais da escritora tiveram sete filhos, sendo que os três primeiros nasceram em solo português e os quatro últimos no Brasil. A primeira filha do cônjuge chamava-se Adelina Amélia da Silveira Lopes (1850-1923), poetisa, contista, dramaturga, professora pública primária e regente de coral, que ao casar adotou o nome do marido e passou a chamar-se Adelina Amélia Lopes Vieira. Formou-se professora na Escola Nacional do Rio de Janeiro, e ocupou a segunda cadeira de meninas da freguesia do Espírito Santo. Anos mais tarde, nasceu Maria José da Silveira Lopes, grande pianista com inúmeras

apresentações públicas na cidade de Campinas. O último filho da prole nascida em Portugal chamava-se Valentim José da Silveira Lopes Júnior.

Este enveredou pelo trabalho rural depois de casar com Leonor Sampaio, filha de Antonio Carlos de Sampaio Peixoto, o “Sampainho”, um dos pioneiros e entusiastas da modernização na região de Campinas” (LUCA, 1999, p. 492).

Os outros filhos do casal nascidos no Brasil foram: Adelaide Elisa Silveira Lopes, também conhecida por seu nome de casada, Adelaide Lopes Gonçalves, cantora lírica e declamadora. Em meados de 1860, nasceu o menino Augusto Silveira Lopes, que faleceu quando contava um ano e meio de vida. Júlia Valentina da Silveira Lopes, nascida em 24 de setembro 1862, fora a penúltima filha do casal, porém conservou a condição de caçula por muitos anos. A última filha do casal, Alice Luísa da Silveira Lopes, nasceu já na cidade de Campinas, no ano de 1871, e após o seu casamento assumiu o nome de Alice Luísa Campeão (cf. COSTRUBA, 2011, p. 175).

Segundo nos adverte Deivid Costruba (2011), Júlia nasceu no casarão situado à Rua do Lavradio, localizada em frente à Rua da Relação, local onde seus pais mantinham um liceu feminino, denominado Colégio de Humanidades. Durante a residência familiar neste domicílio, seu pai retornou à Europa para se graduar e completar a sua especialização acadêmica. Anos depois, a família mudou-se para Nova Friburgo, cidade na qual estabeleceu outro colégio. Ao retornar para o Brasil, o então doutor Valentim foi contratado para trabalhar no Hospital da Beneficência Portuguesa, localizado no Rio de Janeiro, 1867. No entanto, a família não se habituou ao clima da cidade e mudou-se para Campinas, interior da província de São Paulo. Na época, a cidade campineira era a capital agrícola da província e porta de entrada para o chamado Oeste Paulista.

No ano de 1886, a prole saiu da cidade para que o doutor. Valentim tratou de sua saúde no Uruguai, o que ocorreu entre os anos de 1876 e 1878. A autora mudaria de Campinas aos 24 anos de idade, no período que ficara noiva do escritor português Filinto de Almeida<sup>29</sup>. Destarte, a literata passou parte da sua infância e toda a sua adolescência no interior, mesmo que de forma itinerante.

---

<sup>29</sup> Fundador da cadeira número 3 da Academia Brasileira de Letras, Filinto de Almeida (Francisco F. de A.), jornalista e poeta, nasceu no Porto, Portugal, em 4 de dezembro de 1857, e faleceu no

É importante ressaltamos que a criação e ambiente familiar no qual a escritora se desenvolveu, além de sua essência autodidata, contribuíram de maneira indiscutível para a pessoa que a mesma se tornou, seja no aspecto pessoal, intelectual e no tratamento com filhos e esposo.

Na infância Júlia foi alfabetizada pela família em especial, por sua mãe e irmãos mais velhos. Na fase pequenez da autora, de acordo com Costruba (2011) todas as suas predileções foram respeitadas, entre elas, o gosto pela leitura, na qual fora iniciada pelo pai com os clássicos portugueses. Houve, ainda, um instigante interesse pelo estudo de piano, em que se aperfeiçoou com o conhecido professor do Colégio Florence, o italiano Emilio Giorgetti. Aprendeu inglês, com o professor particular, o escocês Mr. John H. Bryan. Ambos ficaram em suas lembranças, pois tiveram suma importância em sua formação espiritual e moral.

A criança feliz e encantada com o universo das letras cresceu. Em sua adolescência inicia-se os seus primeiros rabiscos no campo da literatura, em uma entrevista concedida a João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto, a futura ficcionista relata um pouco sobre seus primeiros escritos e de como sentira medo, angústia e entusiasmo ao mesmo tempo ao produzi-los:

Pois eu em moça fazia versos. Ah! Não imagina com que encanto. Era como um prazer proibido! Sentia ao mesmo tempo a delícia de os compor e o medo de que acabassem por descobri-los. Fechava-me no quarto, bem fechada, abria a secretária, estendia pela alvura de papel uma porção de rimas (...). De repente, um susto. Alguém batia a porta. E eu, com a voz embargada, dando voltas à chave da secretária: já vai! Já vai! (RIO, 1905, p. 27-28).

---

Rio de Janeiro, RJ, em 28 de janeiro de 1945. Entrou para o Colégio Primário, no Porto, mas não chegou a concluir os estudos. Veio para o Brasil, na companhia de parentes pelo lado materno, que eram capitães de navios, com 10 anos, fixando-se no Rio de Janeiro a partir de 1868. Trabalhou como empregado numa papelaria. Não cursou qualquer estabelecimento de ensino. Instaurada a República, pela lei da grande naturalização considerado brasileiro pois residindo no Brasil em 15 de novembro de 1889. Filinto de Almeida integrou-se como cidadão brasileiro, indo trabalhar como redator de A Província de São Paulo, depois transformada em O Estado de S. Paulo, de 1889 a 1895. Colaborou em A América (1879-1880), de que foi diretor, O Besouro (1878-1879), O Combate (1880), Folha Nova (1882), A Estação (1883), A Semana (1885-1887), todos do Rio de Janeiro; e no Diário de Santos (1898-1899) e A Comédia (1881), de São Paulo. Escreveu, em colaboração com a esposa, em folhetins do Jornal do Commercio, o romance A casa verde. Sua última obra é o livro Cantos e cantigas, publicado em 1915, que abrange as produções de 1887 a 1914. Firma-se como poeta parnasiano, expressando seus sentimentos e refletindo sobre o mundo exterior. Disponível em: <http://www.academia.org.br/>. Acesso em 18 fev. 2022.

No decorrer da entrevista, Júlia quando questionada sobre suas iniciais produções no campo das letras. Em resposta à indagação do entrevistador relata: “a mim sempre me parecia que se viessem a saber desses versos em casa, o mundo vinha abaixo.” Este nebuloso pensamento, não perdurou por longo tempo, pois no dia que sua irmãzinha Alice descobrira foi um momento ímpar na vida da escritora. Um dos maiores anseios de Júlia Lopes era magoar o seu pai, ao contrário do que pensara, o Dr. Valentim não ficaria zangado com o ocorrido, note nos fragmentos a seguir:

Júlia cultiva a poesia sem revelar a ninguém este seu pendor literário – até que, contando 19 anos, é descoberta e delatada pela irmãzinha Alice. Lendo-lhe os versos, o pai não faz comentários, mas no dia seguinte convida-a a colaborar com a *Gazeta de Campinas*, reportando-se ao espetáculo de despedida da prodigiosa menina atriz Gemma Cuniberti, alegando estar muito ocupado para atender àquela incumbência” (LUCA, 1999, p. 275-299).

Um dia, porém eu estava muito entretida na composição de uma história, uma história em verso, com descrições e diálogos, quando senti por trás de mim uma voz alegre: - Peguei-te, menina! Estremeci, pus as duas mãos em cima do papel, num arranco de defesa, mas não me foi possível. Minha irmã, adejando triunfalmente a folha e rindo a perder, bradava: - Então a menina faz versos? Vou mostrá-los ao papá!... Na sala, o papá lia gravemente o Jornal do Comércio... Meu pai, muito sério, descansou o Jornal. Ah! Deus do céu, que emoção a minha! Tinha uma grande vontade de chorar, de pedir perdão, de dizer que nunca mais faria essas coisas feias, e ao mesmo tempo um vago desejo que o pai sorrisse e achasse bom. Ele, entretanto, severamente lia. Na sua face calma não havia traço de cólera ou de aprovação. Leu, tornou a ler. A folha branca crescia nas suas mãos... Então o que achas? O pai entregou os versos, pegou de novo o Jornal, sem uma palavra, e a casa voltou à quietude normal... (COSTRUBA, 2011, p. 68).

Conforme narrado no segundo excerto acima, e nos ratifica Costruba (2011), apesar do silêncio sepulcral, foi um oportuno momento para o Dr. Valentim descobrir os escritores secretos de Júlia. No dia seguinte, ambos foram para o teatro prestigiar a atriz italiana Gemma Cuniberti (1872-1940). Ao sair do espetáculo, o esposo da D. Antônia Adelina Pereira perguntou:

Que achas da Gemma? – Um grande talento imagina! O Castro pediu-me um artigo a respeito. Ando tão ocupado agora! Mas o homem insistiu, filha, insistiu tanto que não havia remédio. Disse-lhe: não faço eu, mas faz a Júlia<sup>30</sup> (RIO, 1905, 28-37).

---

<sup>30</sup> Grifo meu para sinalizar trecho da entrevista de Júlia Lopes de Almeida concedida à João do Rio.

Neste momento da entrevista a Júlia recorda sua primeira produção no jornal *Gazeta de Campinas*. Ao confiar a missão à filha,

Dr. Valentim permaneceu impassível como se estivesse dito coisas naturais para uma menina de dezenove anos. ‘Mas depois do almoço, antes de sair, o pai lembrou-me como se lembra a um escritor... era como se o mundo se transformasse’<sup>31</sup> (RIO, 1905, p. 29).

Vale ressaltar que não houve um pedido explícito para a produção do artigo. “Só mais tarde, muito mais tarde, é que vim saber a doce invenção do meu pai. O Castro nunca exigira a carta a respeito da Gemma...” (RIO, 1905, p. 26). No entanto, “no ano de 1881, na *Gazeta de Campinas*, chega às mãos do público leitor o primeiro escrito de Júlia Lopes, intitulado Gemma Cuniberti, onde a jovem estreante se tornou colaboradora efetiva” (SALOMONI, 2005, p. 66). A seguir às imagens de número 43 e 44, nos remete às palavras expressas pela ficcionista em relação ao seu estado de ansiedade e temor sobre sua estreia de fato no campo das letras.

Imagem 43 e Imagem 44.

Sr. redactor,  
Venho tremula pedir-lhe o braço, para que me apresente em publico á atrahente, á divina creança, á encantadora Gemma! Com a sua apresentação, fico certa do melhor acolhimento.  
Desculpe-me para com ella e para com todos que me têm do mal tecido da linguagem com que escrevi essas linhas que lhe envio, abusando, sem duvida, da concessão de um cantinho no seu jornal.  
Quero que me dispense toda a sua indulgencia, que sei ser excessiva, e me alcance o favor de seus leitores, dizendo-lhes que o influxo do anjo que ora me leva á imprensa, não se repetirá talvez em toda uma longa vida.

murmurar-te ao ouvido estas palavras :—*Non te redro mai piú?*  
JULIA LOPES.  
Campinas, 7 de Dezembro de 1881.

Fonte: <https://www.google.com/search?q=jornal+GAZETA+DE+CAMPINAS%2C+Campinas%2C+07+dez.+1881.+j%C3%BAlia+lopes+Gemma+Cunberti&tbn=isch&ved=2ahUKEwjako>.

Devido a ilegitibilidade do documento acima, em relação a carta como mencionou Júlia, abaixo em versão integral, relata o quão apreensiva e receosa estava a escritora quando estreou no universo das letras:

<sup>31</sup> Idem.

Sr. Redator.

Venho trêmula pedir-lhe o braço, para que me apresento em público a atraente, a divinal criança, a encantadora Gemma! Com sua apresentação, fico certa do melhor acolhimento.

Desculpe-me para com ela e para com todos que me lerem do mal tecido da linguagem com que escrevi essas linhas que lhe envio, abusando, sem dúvida, da concessão de um cantinho no seu jornal.

Quero que me dispense toda a sua indulgência, que sei ser excessiva, e me alcance o favor de seus leitores, dizendo-lhes que o influxo do anjo que ora me leva a imprensa, não se repetirá talvez em toda uma longa vida.

O entusiasmo tolhe-nos ordinariamente a palavra, e eu entusiasmada estou a pedir-lhe que publique palavras minhas na Gazeta! Palavras minhas! Minhas! ... Oh! Meu Deus! Estou escrevendo e acrescentando mentalmente a cada frase uma linha de pontos de exclamação! mas que pontos! mas que linhas! Pontos enormes! Linhas sem fim!...

Agradecendo a benevolência com que me leva a presença do gentil portento, assunto desta carta, peço-lhe que beije por mim as faces rosadas da esplêndida artista.

Quando eu era pequena sonhava, como todas as crianças com umas brancas e luminosas fadas, que viviam vestidas de nuvens e coroadas d'estrelas, e espera ver essas divinas criaturinhas com uma ansiedade louca! Mas ... o tempo passou, e, inexorável, foi desfazendo a proporção que eu ia caminhando na idade, aquelas imagens transparentes.

Vi sem lágrimas dissolver a minha fantasia. As ilusões que temos mais esplendentes são as da infância, e nós as desfolhamos quase com alegria como se fossem rosas, entregando uma por uma as pétalas ao vento, sentindo prazer em vê-las borboletear no espaço.

Só em sonhos pode existir o que é sobrenatural, e a imaginação infantil cria prodígios de absurdas dimensões.

Eu tinha me esquecido já há muito tempo das varinhas de condão daquelas fadas gentis dos meus sonhos, quando entrei uma noite no teatro.

Esperei impaciente que principiasse o espetáculo. Levantou-se o pano e o meu olhar fixou-se ávido n'um vultozinho encantador.

Ouvi-lhe com graça a mais natural repetir uma lição de geometria e de gramática enquanto olhava de soslaio para o tirano o tio!

Desde então senti-me presa a essa imagem ideal e iluminadora e para logo surgiu-me na memória a visão de outrora, e murmurei de mim para mim: esta vale ainda mais! A voz da talentosa e ciumenta bambina tinha o tremular das estrelas que d'antes engrinaldavam as gentis criações da minha fantasia!

Oh! Minha loira e adorável Gemma, deixa que eu te fale por um momento, já que não poderei tornar a ouvir-te.

Falar contigo, é já quase uma alegria! Seria muito mais completa se te tivesse sentada em meus joelhos e pudesse mergulhar o meu olhar em teus olhos, nesse mar azul, límpido transparente e profundo! Sim seria verdadeiramente feliz se pudesse ouvir uma e muitas vezes de teus lábios essas palavras, dulcíssimas e cristalinas, se pudesse ver de bem perto mais vezes esses acionados ligeiros, graciosos, inimitáveis, como o adejar das andorinhas.

Fica-me uma consolação: se te não dou um beijo de despedida já te dei muitos, já te abracei comovida e vaidosa por poder assim manifestar-te o meu entusiasmo.

As palavras que te mando com a singeleza sincera de quem diz o que sente e que confirmam o que o que te disse a poucos dias *una povera giovenetta*<sup>32</sup>, que nunca escreveu para o público, mas que o toma por

<sup>32</sup> Termo do italiano, que significa “uma pobre juvenzinha”.

testemunha de que te admira e que saudosa te vê partir, devem servir para lembrar-te que n'um canto d'uma província do Brazil deixas gravada a tua imagem n'um coração como no interior das catedrais da tua esplendorosa Itália deixaram os grandes gênios esculpidos para todo o sempre os anjos do Senhor!

Vai, gênio portentoso; vai com as bênçãos de Deus e com os votos que a mais humilde de tuas admiradoras faz pela tua felicidade.

Seguirei o teu conselho: quando encontrar, como tantas vezes me tem acontecido, esses pequenos mendigos, pálidos e tristes, desgraçadinhos que arrancam das plangentes cordas de suas desafinadas harpas e violinos, dolorosos sons com que se divertem crianças felizes aconchegadas aos seios maternos e aos mimos do lar e da família, descansa que terei para eles essas palavras de conforto que pedem as lágrimas da meiga *Bambina abandonata*, da gentil e admirável *Roseta*.

Esta página arrancada as minhas impressões, que lutei para arremessar assim ao Niágara das manifestações de entusiasmo, que te cercam em flores, em sons, em luzes, diz pouco.

Nada mais há que possa juntar ao teu nome, que não tenho sido dito por outros que melhor o podem; tem porém a certeza, oh! Minha branca fada, que só pelo teu condão pude eu sair a público manifestando o que desejo para ti: uma carreira interrompida de triunfos, e de glórias dignas só da prodigiosa, da encantadora Gemma. Ficam-me lágrimas nos olhos ao murmurar-te ao ouvido estas palavras:- *Non te vedro mai piú?*<sup>33</sup>

Júlia Lopes de Almeida<sup>34</sup>

É importante ressaltarmos que o Dr. Valentim, além de não interferir nas predileções literária de Júlia Lopes,

proporcionou a esta sua inserção no mundo letrado dominado por homens. Diferentemente do usual à época, momento em que alguns pais ou proibiam a leitura de suas filhas ou escolhiam livros apropriados para lerem, Dr. Valentim insere a escritora na seara literária (COSTRUBA, 2011, p. 101).

Nas produções literárias da escritora carioca, as mulheres ganhavam um lugar de destaque como personagens principais. Conforme salienta, Gabriela Simonetti Trevisan<sup>35</sup> (2016) em suas tramas, a autora aborda especialmente temas do mundo privado e subjetivo, como o casamento, o adultério, a sexualidade e a maternidade, destacando os conflitos das mulheres com os lugares sociais a que seriam destinados e com os modelos de feminilidade da época. Escrevendo entre século XIX e início do século XX, no momento histórico

<sup>33</sup> Tradução do italiano: "Não te verei nunca mais?"

<sup>34</sup> GAZETA DE CAMPINAS, Campinas, 07 dez. 1881. Encontra-se ilegível e borrado em algumas partes. Preferiu-se manter a forma do texto original, por ser o texto do gênero carta. Considerou-se esteticamente desaconselhável reduzi-lo à formatação normativa.

<sup>35</sup> TREVISAN, Gabriela Simonetti. Transgressões femininas em Júlia Lopes de Almeida: A viúva Simões (1897) e Cruel Amor (1911). ANPUH. XXIII Encontro Estadual de História. História Por quem e para quem?

em que se fortalecem discursos biologizantes nos campos médico e jurídico, Júlia não deixa de perceber a normatização dos corpos e comportamentos femininos pela ciência masculina, evidenciando os moralismos a que elas estavam submetidas e que, muitas vezes, acabavam por reproduzir.

Almejando trilhar uma minuciosa cronologia sobre a trajetória profissional de Júlia Lopes, seguimos elencando as principais participações e trabalhos desempenhados após a sua primeira publicação no jornal *Gazeta de Campinas*. Adiante, a autora intensificou suas atividades literárias, como destaca Cristiane Viana da Silva (2014) dentre as quais se destaca como cronista do jornal *O País* no ano de 1884, e em colaboração com sua irmã Adelina, lança o seu primeiro livro *Contos Infantis*, em 1886.

De acordo com a pesquisadora Karen Fernanda Mourão Batista (2012), a produção literária da ficcionista teve grande destaque nacional, já que, suas obras tiveram uma elevada circulação, mesmo considerando que no período de seus lançamentos o número de analfabetos no Brasil era muito elevado. Sua escrita também evidencia uma linguagem reservada principalmente ao público de mulheres brancas, letradas e pertencentes à burguesia, já que, no Brasil, mesmo após a Proclamação da República, as práticas de leitura e escrita eram um bem de poucos, mesmo entre moças de classe social alta.

É oportuno ressaltarmos que a ficcionista além da contínua participação na imprensa, através dos exemplares como a *Gazeta de Campinas* e *O País*, também atuou

como conferencista em eventos que tratavam da ampliação dos direitos femininos, como o *Consejo Nacional de Mujeres de la Argentina* em 1922, além do *Congresso Feminista* de 1922. Foi também presidente honorária da *Legião da Mulher Brasileira* e ainda ocupou a cadeira número 26 da Academia Carioca de Letras (SILVA, 2014, p. 102).

Segundo Luiz de Castro Souza “A Cadeira Vinte e Seis tem como patrono um nome excepcional: Júlia Lopes de Almeida” (1978, p. 23).

O primeiro livro de que Júlia Lopes assinou com seu nome de batismo, “foi lançado em parceria com sua irmã mais velha, Adelina, livro este que reunia contos em prosa e em verso intitulado *Contos Infantis*<sup>36</sup>, publicados em 1866,

---

<sup>36</sup> Salomoni, Rosane Saint-Denis (2005) realizou as seguintes considerações sobre o livro: “Transcrevo duas notações importantes sobre este livro. A primeira, do decreto que o instituiu como leitura obrigatória no Rio de Janeiro, sendo que logo a seguir foi adotado em todo o país.

logo após a chegada dela, da irmã e dos pais à capital lusa” (SALOMONI, 2005, p. 105).

Rosane Salomoni (2005), também nos relata sobre o segundo trabalho da autora que se tratava da publicação do livro *Traços Iluminuras*, no qual continha contos, tendo sido publicada às expensas da própria autora, em 1887. A pesquisadora, complementa, que esta data é bastante significativa, pois, neste mesmo ano, na capital portuguesa, 28 de novembro, casou-se Júlia Lopes com o lusitano residente no Brasil, Filinto de Almeida. A partir deste momento, a produção artística e jornalística multiplicou-se, passando a autora a assinar-se Júlia Lopes de Almeida, ficando conhecida pela alcunha de Dona Júlia, com a qual era saudada pela crítica, pelos amigos e pelo público.

Em consonância, Deivid Costruba (2011) nos afirma que, muitos autores e/ou livros que Júlia Lopes citou ou fez referência durante sua vida literária eram benquistos entre médicos. Sendo assim, as ideias de alguns escritores estrangeiros conheceram grande difusão nos meios de medicina brasileiros das últimas décadas do século XIX. A leitura de Herbert Spencer<sup>37</sup> foi essencial para

---

A segunda, trecho do livro *Literatura Infantil Brasileira*, de Leonardo Arroyo, em que este explicita a importância da iniciativa.”

“Por decisão da Inspeção Geral da Instrução Primária e Secundária da Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil, em 14 de abril de 1891, foi aprovado este livro para uso das escolas públicas primária; em vista do que mandamos fazer esta segunda edição, que vai ilustrada com gravuras para maior aprazimento das crianças e com um pequeno questionário em seguida a cada conto, segundo o método adotado nas obras de ensino elementar, prescrito pela mesma Inspeção. [...] O nosso fito é a educação moral e estética; um desejo que, por ser bem intencionado, nos deve ser permitido. Diligenciamos dar à forma e ao estilo simplicidade e correção, naturalidade e sentimento, coisas que se devem aliar primeiramente nas páginas de propósito escrita para crianças. A clareza dos conceitos e a verdade são elementos saudáveis para o seu espírito, que se vai assim formando sem esforço, bebendo seiva natural e vivificadora. Não cremos que este pobre livro alcance em absoluto o nosso intento, mas temos a convicção de que não será inútil; porque, se não basta a boa vontade para se escrever uma obra impressione e que corrija erros, são incontestavelmente de grande valor, para o espírito móbil das crianças, umas frases bondosas, em que a virtude derrame o seu perfume suave, capaz de modificar ímpeto de gênio e indiferença pelo sofrimento alheio. Que uma única das crianças, que nos lerem, pratique, imitando um de nossos heróis, uma ação boa, e ficaremos bem pagas de canseiras” (ALMEIDA, Júlia Lopes de; VIEIRA, Adelina Lopes [1923]. Prólogo da 2 ed. In. *Contos Infantís: em verso e prosa*. 15 ed., p. 5-6.

<sup>37</sup> Herbert Spencer nasceu em Derby, Inglaterra, em 1820, e desde a adolescência mostrou ter uma personalidade anticonformista. Aos 13 anos, tentou fugir da educação oferecida por um tio que era pastor protestante, mas teve que voltar à escola, onde se manteve até os 16. Depois disso, deu continuidade sozinho a sua formação, com leituras que se concentraram acima de tudo em ciências. Queria ser inventor e acabou, pelo conhecimento que adquiriu sozinho, trabalhando como engenheiro ferroviário. Paralelamente, começou a publicar artigos em que já defendia ideias liberais, argumentando que a ação dos governos não deveria ir além de garantir os direitos naturais dos cidadãos. Em 1848, tornou-se subeditor da revista *The Economist*, na qual trabalhou até 1853, ano em que recebeu uma herança do tio e passou a se dedicar apenas a escrever livros – atividade que manteve até a morte, em 1903. Spencer relacionou-se com os

alguns desses. Visto que o pai de Júlia era médico, não foi mera coincidência a circunstância de que a escritora, como também outras literatas brasileiras do período, fizesse clara alusão a Spencer. De acordo com alguns escritos da literata como o *Livro das Noivas* (1896) e *Livro das Donas e Donzelas* (1906) a escritora procurou instruir as moças do Rio de Janeiro às regras de asseio e a devida administração do lar. Além de, instruir as mulheres sobre seus direitos as incentivou às práticas de exercícios físicos e a saúde do corpo<sup>38</sup>.

Segundo Salomoni (2005), Júlia Lopes de Almeida teve uma vida intelectual bastante ativa para as mulheres de seu tempo: participou de várias reuniões literárias no Rio de Janeiro do século XIX, inclusive as da criação da Academia Brasileira de Letras (ABL) por volta de 1895, mas não foi incorporada como membro e nem como participante de reuniões para sua criação em 1896. O fato de Júlia Lopes de Almeida não incorporar a Academia de Letras, poderia estar relacionada a sua condição de mulher. Conforme ratifica Cristiane da Silva (2014), seu marido, Filinto de Almeida, sem nenhuma produção literária considerável, ocupou a cadeira número 3 da ABL. E para corroborar com o exposto da estudiosa, Costruba (2011) comenta:

Filinto de Almeida sempre carregou a alcunha de “acadêmico consorte”, perante os seus colegas literatos. Quando indagado por João do Rio sobre a possibilidade de a escritora ser considerada “o primeiro romancista brasileiro”, Filinto respondeu: - Pois não é? Nunca disse isso a ninguém, mas há muito que o penso. Não era eu quem deveria estar na Academia, era ela (RIO, 1905, p. 33).

Além dos pesquisadores mencionados, destaco Humberto Campos, literato maranhense que compartilha da mesma apreciação do Sr. Filinto de Almeida ao relatar que a autora merecia muitos elogios por “ela própria, pela nacionalidade, pelo talento, mais acadêmico que o marido” (*Apud* MACHADO NETO, 1999, p.193). Júlia Lopes de Almeida, como bem discorre Silva (2014)

---

principais intelectuais ingleses de seu tempo e manteve um romance com a escritora George Eliot (pseudônimo de Marian Evans). Sua obra teve enorme repercussão dentro e fora da Grã-Bretanha. Alguns dos principais livros de Spencer são: *Filosofia Sintética* (que publicou em série, com pagamento de assinatura antecipada por seus admiradores), *O Homem contra o Estado*, *Educação Intelectual, Moral e Física* e *Autobiografia*. Cf. FERRARI, Marcio. *Herbert Spencer – O ideólogo da luta pela vida*. Revista Nova Escola. São Paulo, out. de 2008. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/ideologo-luta-pela-vida-423128.shtml>.

<sup>38</sup> Encontrado em ALMEIDA, Júlia Lopes de. *Livro das donas e...* Op. cit. Será melhor discutido no terceiro capítulo.

apesar de não ser tão mencionada entre os manuais literários tampouco entre os “mais célebres escritores” brasileiros, foi uma das mais importantes escritoras de sua época.

A ficcionista contará sempre com o apoio integral do esposo, que estava a apoiar e contribuir para que a literata desenvolvesse os projetos idealizados por ela. Como propõe Costruba (2011), Filinto tornara-se o primeiro leitor de Júlia enquanto coordenava o volume que entraria no prelo. A admiração não é evidenciada apenas na organização das obras em vias de serem publicadas, mas também no conhecido compêndio *Livro das Noivas* (1896). A dedicatória do livro, “A Meu Marido”, é adornada com um de seus poemas, *Lyríca*, que ilustra o respeito da escritora. Ao lermos na epígrafe “As nossas almas já se uniram de tal sorte, que nem a própria morte no-las desunirá”. A seguir o trecho em destaque trata-se de prefaciado por uma carta aberta de Júlia a seu esposo Filinto de Almeida:

Meu Filinto,  
 Les na minh'alma como em um livro aberto. Não tenho pensamento que te não comunique, desejo ou sonho que te não exprima. Ninguém, pois, melhor que tu, conhecerá a sinceridade d'estas páginas singelas, onde de vez em quando os nossos filhos aparecem, e que te entrego, certa de que serão queridas ao teu coração. Não te dou um livro literário, mas dou te um livro sentido, o que segredei todas as minhas alegrias e tristezas. Tu, que tens, com igual carinho e bom conselho, participo de uma e de outras, acolhe-o bem, que vai nele todo amor da tua.  
 Júlia<sup>39</sup>.

É importante advertir que assim como a autora dedicou livros ao marido, Filinto, quando publicou em 1897 – *Lyríca*, dedicou sua coletânea poética à noiva e às pessoas do círculo familiar dela. Já em 1915, veio a público *Cantos e Cantigas*, segunda coletânea do poeta, onde também dedicou alguns poemas à esposa (LUCA, p. 266). Gostaríamos de destacar a mutualidade de acontecimentos dentro da união, que por vezes ultrapassava o lar. A reciprocidade entre o casal pode ser um dos requisitos na busca do equilíbrio, este quando posto em prática, por ambos poderá, no caso de Júlia colaborou

---

<sup>39</sup> ALMEIDA, Júlia Lopes. Livro das noivas... Op. cit. p.07. Aqui se preferiu manter o formato original.

para uma desenvoltura pessoal, profissional e familiar muito mais afetuosa, equilibrada e eficaz.

Para enriquecer o posicionamento advertido na assertiva acima, destacamos uma segunda passagem da entrevista, que Júlia Lopes de Almeida concedeu à João do Rio. Ao ser questionada sobre qual dos seus livros nomeava como preferido, a ficcionista elegeu uma de suas obras escrita a quatro mãos:

- Ainda uma pergunta: dos seus livros qual prefere?
- Vai ficar admirado.
- É *A Falência*?
- Não.
- O primeiro?
- Não, é *A Casa Verde*, porque foi escrito em colaboração com meu marido. *A Casa Verde* lembra-me uma porção de momentos felizes... (RIO, 1905, p. 35).

Outra fase da entrevista, na qual a literata sintetizou de maneira sábia seu equilíbrio e respeito ao marido, foi quando o entrevistador a indagara sobre o feminismo. De acordo com Deivid Costruba (2011) quando questionada sobre o feminismo, pode-se supor que, pela presença do marido e por respeitá-lo, se absteve da discussão, ou ainda, nos dá a impressão de certa ironia em sua resposta<sup>40</sup>:

- E o feminismo, que pensa do feminismo?
- Parece-me ver nos olhos de D. Júlia um brilho de vaga ironia.
- Sim, com efeito, há algumas senhoras que pensam nisso. No Brasil o movimento não é, contudo, grande. Acabo de receber um convite de Júlia Cortines para colaborar numa revista dedicada às mulheres.

---

<sup>40</sup> Apesar de Jeffrey Needell afirmar que a atitude de Júlia “em relação ao feminismo é implicitamente negativa na entrevista”, pode-se pensar que quando tergiversou sobre o assunto, foi por respeito ao marido. Contudo, o brilho nos olhos de uma vaga ironia observados por João do Rio, aguça a reflexão histórica e ao debate. Neste sentido, é importante destacar que anos antes da entrevista Júlia Lopes já escrevera livros de temática feminista como *A Viúva Simões* (1897), protagonizado por Ernestina, viúva do comendador Simões que se apaixonou pelo namorado da filha. Em 1899 é publicado o romance *Memórias de Marta*, cujas protagonistas são duas Martas, mãe e filha, sendo que a história se destina a narrar a vida num cortiço. Já em 1901 veio a público *A falência*, romance ambientado no cenário do encilhamento, a personagem Camila se destaca por trair o marido com o médico da família. Isto sem mencionar o compêndio *Eles e Elas*, publicado e escrito após a entrevista, mas que aludiu a um momento de inversão dos papéis masculino/feminino e/ou “homem/público” e “mulher/privado” dissonantes com as propostas conservadoras de Auguste Comte, que corroborou com o conceito de esferas separadas de atuação para os homens e mulheres (permitindo-se a eles agir no espaço público, enquanto elas deviam se limitar ao círculo privado) e estabelecendo uma suposta “divisão natural” entre atributos masculinos e femininos. Em resumo, são obras que refutam a afirmação de Needell e engendram um debate sobre o motivo da abstenção de sua resposta. Sobre as ideias de Comte Cf. DE LUCA, Leonora. Op. cit. p.180. Sobre a afirmação de Needell Cf. NEEDELL, Jeffrey Op. cit. (p.334, n.121).

Descanse! Há uma seção de modas, é uma revista no gênero da Femina... (RIO,1905, p. 36).

Note que ao mencionar o livro de sua preferência *A Casa Verde* (1898-1899), a escritora frisa o motivo pelo qual este é o de seu maior agrado, isentando-se do glamour para si e priorizar como destaque os momentos felizes e agradáveis que dividira com o esposo na elaboração da obra. De acordo com Deivid Costruba (2011), ao dar preferência ao livro, a literata se isenta da glória literária que alguns críticos lhe atribuíram, ao mesmo tempo em que concede a Filinto de Almeida um mesmo conagraçamento e uma igualização de tal prestígio. Além de salientar, é claro, os momentos felizes que passaram juntos na confecção da obra.

No finalzinho da entrevista, o esposo da autora comenta sobre o *canevas* da obra e relata: “Imagina eu fazendo romances! Era porque ela queria. Também só me sentava à mesa depois que me dizia: tem que fazer um capítulo hoje com estes personagens, dando-lhe este desenvolvimento” (RIO, 1905, p. 38). Como ressalta Costruba, o respeito é mútuo entre Júlia Lopes de Almeida e o marido. Pois, “da mesma maneira que Júlia Lopes lembrou de seu marido na escolha da melhor obra, este se redimiou e creditou à esposa a coordenação do compêndio” (2011, p. 87).

Filinto de Almeida não poupou reconhecimento ao merecido trabalho e desempenho de Júlia Lopes de Almeida no desenvolvimento de seus trabalhos, sejam nos escritos, nas participações em conferências e viagens ligadas ao ofício. Inclusive o poeta português declama os seguintes versos à esposa:

Porque tu és Poder, Graça, Excelência.  
Porque em todos os lances da existência  
És Singularidade e és Harmonia. São Paulo, (17/05/32)

De acordo com Salomoni, “eis as duas palavras-chave para entender o caráter da escritora, teatróloga, contista, cronista, conferencista – Singularidade e Harmonia” (2005, p. 38). Nas poucas vezes que a publicista concedeu entrevista e em algumas crônicas de sua autoria, a mesma constantemente ressaltou que “escrever de forma simples era o seu desejo”, criticando aqueles que dificultavam o trabalho do leitor. A postura de compromisso estético e de posicionamento particular diante do seu ofício fizeram-na declarar” (SALOMONI,

2005, p. 104): “A arte, para mim, é a simplicidade. Ser simples e sóbrio é um ideal. Eles (referindo-se aos nefelibatas), ao contrário, confundem, torturam, torcem” (RIO, s/d, p. 34). Inclusive, em suas cadernetas particulares, a literata aprofunda sua opinião a respeito do estilo quando enfatiza:

Segundo C.Wagner no seu livro: *Vida Simples*, o centro do progresso humano está na cultura moral. O espírito de simplicidade não é um bem que se herda, mas sim o resultado de uma conquista laboriosa. Das anotações de Júlia Lopes na caderneta número 3 (SALOMONI, 2005, p. 28).

As palavras conservadas por Júlia Lopes de Almeida na sua caderneta n.3, nos fazem depreender que a ficcionista compartilhava da ideia apresentada em relação ao processo da simplicidade não ser um processo inato, mas que exigia muito exercício para ser atingido. Destarte, Nadilza de Barros Moreira nos adverte que: “esta atitude, tendo sido vista como uma postura simplista, diante da criação literária, não significa descuido, com o texto ficcional, não implicou num fazer literário menos acurado, menos cuidadoso. Antes, fluidez e clareza” (2003, p. 162).

Discorre de similar opinião, a pesquisadora Lúcia Miguel Pereira ao relatar: “A simplicidade, tão rara sempre, e ainda mais no tempo em que escreveu, é a sua qualidade dominante” (1957, p. 267). Ao destacar a simplicidade como traço da escrita de Júlia Lopes, a crítica enfatiza uma realidade da nossa literatura ao relatar: que havia autores que escreviam de forma retórica, invertendo orações, procurando vocabulário rebuscado, acreditando ser essa a verdadeira arte literária. Estes se espalharam pelo Brasil literário nos fins do século XIX e primeiras décadas do XX. Serve-me de exemplo “uma obra qualquer de Coelho Neto, ou ainda uma de Euclides da Cunha, para constatar o traço assinalado pela crítica” (SALOMONI, 2005, p. 117). Outro crítico que esboçou comentários a respeito da simplicidade da escrita da autora foi Peggy Sharpe (1999), que após realizar a leitura do livro *A Viúva Simões* (1897) teceu os seguintes comentários: “a simplicidade e a elegância do estilo almeidiano, aliadas ao desenrolar do conflito, como fator preponderante na aceitação dos escritos de Almeida pelo público”. Para corroborar com os comentários sobre o estilo da escrita da ficcionista Júlia Lopes de Almeida, destacamos à luz da escritora lusitana Guiomar Torresão

A escrita de Júlia Lopes, tanto nos contos como nos demais escritos, possuía 'um estilo naturalmente elegante e sempre despretenso, sem o excesso da retórica de que sofrem quase todos os debutantes literários' (1987, p. 99).

Com o intuito de sintetizar mais as opiniões sobre a literata em estudo, buscamos ressaltar as informações advinda do meio crítico literário do período contemporâneo à escritora, com demasiado destaque na leitura de **A vida literária no Brasil – 1990 (1960)**, de Brito Broca; de **Estudos de Literatura Brasileira (1977)**, de José Veríssimo; e **Literatura como Missão (1983)** de autoria de Nicolau Sevcenko. Em uma explanação sucinta sobre as leituras destes volumes, é importante patentear o uso constante de alguns termos que definem posturas dentre os principais frisamos: república das letras, literatos, mundanismo, boêmia, prestígio masculino, apadrinhamento. Conforme Salomoni (2005), os dois últimos trazem a marca de um comportamento comum, principalmente no período da *Belle Époque*, em que o sexo masculino se torna símbolo de vocação “literária”. Para complementar a ideia principal apresentada por Rosane Salomoni, citamos Osório Duque Estrada que relata:

Basta ter um ou dois amigos na imprensa para que qualquer parvoalho possa contar com o louvor e o aplauso às ninharias que escreve e que atira ao público, numa reincidência contumaz, que é sempre a revelação da incompetência e da paspalhice (1973, p.137).

O fragmento em visibilidade, nos remete a uma espécie de apadrinhamento e no mesmo instante nos apresenta um suposto

elogio mútuo que certamente prejudicou a presença feminina nos meios literários, pois um elogio gratuito ou a invocação do nome delas, de forma leviana ou preconceituosa, poderia comprometê-las perante a opinião pública. Não poderia descartar, também, o pensamento ‘machista’ de que elas eram ‘concorrentes’, com ênfase, na área jornalística (SALOMONI, 2005, p. 34).

Diante da opinião excludente, é possível depreender-se que são “suspeitas todas as histórias literárias feitas por homens, pelo menos até a terceira década do século XX” (SALOMONI, 2005, p. 35).

Ainda relacionado ao viés do “favorecimento”, o crítico Brito Broca destaca o romance de sucesso *Canaã* (1902), que concede a entrada de seu autor José

Pereira da Graça Aranha<sup>41</sup> (1868-1931), na Academia Brasileira de Letras, devido a alguns supostos esboços de escritos, para um livro, lido por Joaquim Nabuco. A questão do compadrismo ou evidência, também garantiram a Afrânio Peixoto uma cadeira na ABL “com a modesta bagagem literária de um poeta simbolista impresso na Alemanha nas sete cores do arco-íris” Comenta Machado Neto (p. 191).

À luz de Rosane Saint-Denis Salomoni (2005), os dois exemplos deixam evidente qual tipo de relação existente entre os membros da “elite” cultural deste período e desvendam quão difícil/tortuoso era concordar em que uma mulher fosse aceita no mesmo meio. Além de esplandecer um significativo preconceito, no qual evidenciava que o prestígio, em determinados aspectos não decorria das qualidades artísticas, nem do sucesso editorial, fatos que absolutamente exponenciais tratando-se de Júlia Lopes de Almeida, mas sim de pertencer ao sexo masculino, ou ser apadrinhado por alguém “influyente” (2005, p. 35). Inclusive, a literata de forma sutil e resiliente, em seus escritos, mais especificamente na crônica intitulada – *Ânsia de imortalidade*, publicada no jornal *O Paiz*, em 15 de abril de 1907, concebe esclarecimentos a respeito da “obsessão pelo sucesso que acometia um grande número de pretensos

---

<sup>41</sup> Graça Aranha (José Pereira da Graça Aranha) nasceu em 21 de junho de 1868 em São Luís, MA, filho de Temístocles da Silva Maciel Aranha e de Maria da Glória da Graça. Faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 26 de janeiro de 1931. Formado em Direito exerceu a magistratura no interior do Estado do Espírito Santo, fato que lhe iria fornecer matéria para um de seus mais notáveis trabalhos - o romance *Canaã*, publicado com grande sucesso editorial em 1902. Na famosa Semana da Arte Moderna, realizada no Teatro Municipal de São Paulo, Graça Aranha profere, em 13 de fevereiro de 1922, a conferência intitulada: “A emoção estética na arte moderna”. Iniciou-se uma fase agitada nos círculos literários do país. Graça Aranha é considerado um dos chefes do movimento renovador de nossa literatura, fato que vai acentuar-se com a conferência “O Espírito Moderno”, lida na Academia Brasileira de Letras, em 19 de junho de 1924, na qual o orador declarou: “A fundação da Academia foi um equívoco e foi um erro”. Em 18 de outubro de 1924, Graça Aranha comunicou o seu desligamento da Academia por ter sido recusado o projeto de renovação que elaborou: “A Academia Brasileira morreu para mim, como também não existe para o pensamento e para a vida atual do Brasil. Se fui incoerente aí entrando e permanecendo, separo-me da Academia pela coerência.” Diplomata aposentado, Graça Aranha regressara ao Brasil pouco depois do término da 1ª. Guerra Mundial. Em 1930 surgia *A viagem maravilhosa*, derradeiro romance do autor de *Canaã*, obra em que a opinião dos críticos da época se dividiu em louvores e ataques. Foi o único dos fundadores da Academia Brasileira de Letras a entrar sem nenhum livro publicado, contrariando o estatuto.

‘literatos’” (SALOMONI, 2005, p.35). A seguir destacamos a publicação na página do exemplar, devido a pouca legibilidade, destacamos o fragmento da crônica em que a escritora tece o comentário:

Imagem 45



Fonte: Hemeroteca Digital. Localização da crônica: página 1, colunas 1 e 2. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/graca-aranha/biografia>. Acesso em: 22/02/2022.

Postas de lado as tendências à inspiração, o talento, o instinto, tudo o que arrasta, mas de que persistem ou entram na carreira das letras são dotados (porque há nisto quem se equilibre nela só a força de ginástica), não vejo nada aqui que justifique o anseio com que tanta gente corre a abraçá-la!

Na passagem “nada aqui que justifique” dentre as possíveis explicações, frisamos a destacada por Salomoni (2005), que segundo a pesquisadora parece ser uma declaração simplória da escritora, já amplamente reconhecida aqui, em Portugal, e talvez nos países de Prata<sup>42</sup>, em que transparece modéstia e certa ingenuidade. Ingênua ou não, a ficcionista revela consciência do momento e dos mecanismos usados para destacar-se nesta área.

Em consonância com Nicolau Sevcenko (1983) ao tecer comentários sobre vida e sobrevivência dos “homens de letras” afirmando que

[...] com o seu condão de consagrar escritores, garantindo-lhes crédito total em qualquer casa editora do Rio, mas sobretudo colocando-os sob a tutela protetora do Estado, tornou-se um reduto de estabilidade

<sup>42</sup> Como demonstra sua passagem por Buenos Aires em 1922 e a publicação de sua conferência no jornal “La Nación”.

no qual todos lutam para entrar. “É uma espécie de aposentadoria literária”, no conceito da época (SEVCENKO, 1983, p. 128).

Para solidificar ainda mais a excessiva abundância de “Homens de Letras”, o historiador Sevcenko transcreve trechos de crônica publicada na Revista *Fon-Fon* que confirmam tal assertiva:

a excessiva abundância de homens de letras (p.124), denominados ‘literatos’, que provinham ‘de todos os ofícios, de todas as profissões’, mas que raramente puderam viver exclusivamente da ‘pena’. Com destaque a Machado de Assis, Olavo Bilac, Aluísio Azevedo, que acumularam funções públicas à prática literária e jornalística (SALOMONI, 2005, p. 36).

Outros intelectuais da época, como José Veríssimo e Coelho Neto, ingressaram no magistério como uma alternativa para sustentar a si e as suas proles, os demais, como o romancista Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, aceitaram cargos diplomáticos ou ministeriais. Rosane Salomoni complementa:

citado por A.M. Neto, Antônio Torres dá a ‘fórmula’ para ser um literato – ‘no seu tempo e no seu meio a maior glória que possa conquistar um homem é a de ser literato. Mas como ser literato? Há duas maneiras: ou nascer literato ou entrar para a Academia [...] (p. 192).

De acordo com as alternâncias subjugadas, podemos inferir que o caso de algumas literatas, como, por exemplo, Gilka Machado, Carmem Dolores e Júlia Lopes de Almeida, encontravam-se numa situação “bem posta”, por serem mulheres escritora, jornalistas, cronistas e não pertencerem à Academia, já tinham nascido literatas. Parece ser simplista a afirmativa, mas não é bem assim. Para trilhar a trajetória que atualmente conhecemos da escritora Júlia Lopes de Almeida – (J.L.A.), foram trilhados alguns percursos nada fáceis e tranquilos, entretanto vitoriosos e com resultados indescritíveis.

Para melhor sintetizarmos a trajetória desbravada pela ficcionista no decorrer dos séculos XIX-XX, apoiamo-nos no minucioso trabalho realizado pela pesquisadora americana Peggy Sharpe (2004), (*Apud* SILVA, 2014) que descreveu cronologicamente os principais trabalhos desenvolvidos pela literata. Pensando numa maneira mais didática de expor os trabalhos famosos da literata, elaborou-se uma tabela para melhor organizar as informações mais pertinentes do percurso trilhado por D. Júlia Lopes de Almeida.

<b>Obra</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Suporte da publicação</b>	<b>Demais advertências.</b>
Memórias de Marta	1889	Publicado na extinta Tribuna Liberal do Rio de Janeiro	Publicada sob forma de <i>folhetim</i> .
A Família Medeiros	1892	Jornal carioca Gazeta de Notícias	Sendo considerado o primeiro folhetim do jornal carioca.
A viúva Simões	1897	Publicado primeiramente na versão folhetinesca na Gazeta do Rio de Janeiro	Foi reeditado pela revista Mulheres de Florianópolis, 1999 com introdução de Peggy Shape.
A falência	1901	Publicada pela Editora Oficina das Obras d'A Tribuna do Rio de Janeiro	Erroneamente designada como 2ª edição, São Paulo HUCITEC/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia.
A intrusa	1905	Divulgado em folhetim no jornal do Comércio do Rio de Janeiro	Sua segunda edição foi lançada pela Livraria Simões Lopes em 1935.

Cruel amor	1908	Primeira versão publicada em folhetim no jornal do Comércio do Rio de Janeiro.	Publicado em livro pela Editora Francisco Alves do Rio de Janeiro em 1911.
Correio da roça	1909-1910	Romance epistolar, primeira versão saiu em folhetim no jornal <i>O País</i> .	Publicado em 1913, pela Editora Francisco Alves do Rio de Janeiro.
A casa Verde	1898-1899	Primeira versão publicada no jornal do Comércio do Rio de Janeiro; sob o pseudônimo de A. Filinto	Publicado pela Companhia Editora Nacional em 1932.
A Silveirinha	1913	Primeira versão foi veiculada em folhetim no Jornal do Comércio	Publicada pela Editora Francisco Alves do Rio de Janeiro em 1914.
A isca	1922	Publicada no Rio de Janeiro, pela Editora Leite Ribeiro.	(quatro novelas: a <i>isca</i> , <i>O homem que olha para dentro</i> , <i>O laço azul</i> e <i>O dedo do velho</i> )

A escritora também produziu contos, de acordo com a lista de Peggy Sharpe (2004):

Obras	Ano de publicação	Suporte da publicação	Demais advertências
-------	-------------------	-----------------------	---------------------

Contos Infantis	1886	Lançado pela Companhia Editora de Lisboa	Obra em verso e prosa por Adelina Lopes Vieira e Júlia Lopes de Almeida.
Traços Iluminuras	1887	Publicada pela Tipografia Castro & Irmão Lisboa	—
Ânsia Eterna	1903	Lançada pela carioca Editora H.Ganier no ano de 1903.	A última versão, traz modificações no conteúdo e foi publicada no Rio de Janeiro: <i>A Noite</i> , 1938.
História da nossa terra	1907	Editada pela Editora Francisco Alves do Rio de Janeiro	Contos infantis; teve vinte e uma edições, sendo a última de 1930.
Era uma vez...	1971	Publicada pela Editora Jacintho Ribeiro dos Santos do Rio de Janeiro.	Conto Infantil.

Júlia Lopes de Almeida também escreveu peças teatrais como:

Obras	Ano de publicação	Suporte da publicação	Demais advertências
A herança	1909	Lançada pela Tipografia do jornal Comércio do Rio de Janeiro.	Peça em um ato representada em 4 de setembro de 1908 no Teatro da Exposição Nacional comemorativa do Centenário da

			Abertura dos Portos no Rio de Janeiro.
Teatro	1917	Lançada pela Renascença Portuguesa da cidade do Porto.	Três peças: Quem perdoa, Doidos de amor e Nos Jardins de Saul.

A referida autora também escreveu crônicas, como:

Obras	Ano de Publicação	Suporte da publicação	Demais Advertência
Livro das noivas	1896	Publicado Rio de Janeiro	_____
Livro das donas e donzelas	1906	Publicada pela Editora Francisco Alves do Rio de Janeiro.	Coletânea de crônicas, com desenhos de Jeanne Mahieu.
Eles e elas	1907-1909	Lançada pela editora Francisco Alves do Rio de Janeiro.	Coletânea de crônicas publicadas em O País nas colunas “Reflexões de um marido”, “Reflexões de uma esposa” e “Reflexões de uma viúva” de 1907 a 1909.

De acordo com Sharpe (2004), a literata produziu outros escritos como:

Obras	Ano de Publicação	Suporte da publicação	Demais advertências
-------	-------------------	-----------------------	---------------------

A Árvore	1916	Editora Francisco Alves do Rio de Janeiro	(coletânea de crônicas e poemas, com Afonso Lopes de Almeida);
Jornadas no meu país	1920	Editora Francisco Alves do Rio de Janeiro.	Relato de uma viagem feita ao sul do Brasil em 1918, com desenhos de Albano Lopes de Almeida.
Jardim florido, jardinagem	1922	Editora Leite Ribeiro do Rio de Janeiro.	(livro de jardinagem).

Conforme pondera a escritora americana Peggy Sharpe (2004), Júlia Lopes de Almeida também produziu ensaios e conferências, dentre os quais destaca:

a) Cenas e paisagens do Espírito Santo na **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** (Tomo 75, 2ª Parte, p. 177-217 – monografia descritiva de uma viagem feita ao Espírito Santo em 1911);

b) “Brasil — Conferência pronunciada por la autora en la Biblioteca del Consejo Nacional de Mujeres de la Argentina” en Buenos Aires, 1922;

c) “Oração a Santa Doroteia”, editada pela Editora Francisco Alves do Rio de Janeiro em 1923 (conferência pronunciada como parte da segunda série de preleções literárias patrocinadas pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, no auditório do Instituto Nacional de Música, no início do século XX);

d) “Maternidade”, publicada pela Editora Olívia Herdy de Cabral Peixoto do Rio de Janeiro em 1925 (obra pacifista, publicada primeiramente no Jornal do Comércio do Rio de Janeiro no período de 19 de agosto de 1924 a 24 de agosto de 1925);

e) “Oração à bandeira”, lançada pela Editora Olívia Herdy de Cabral Peixoto do Rio de Janeiro em 1925 (publicada no final do ensaio “Maternidade

A produção de Júlia Lopes de Almeida, ultrapassou fronteiras, a ficcionista realizou traduções de obras para o francês como, “Les Porcs” pela *Revue de L’Amerique Latine*, tome XVI, nº87, Paris, Mars 1929. E, “Les Roses” presente na coletânea *Deux Nouvelles Brésiliennes* (tradução de Jean Durian). Imprimerie du Commerce (G.Guilbert), 1928 (SILVA, 2014, p. 23).

Como se observa, a literata possui uma carreira versátil no requisito publicações escreveu desde contos a peças de teatro, além de participar de conferências no mundo inteiro e realizar traduções. A ficcionista desenvolveu uma trajetória articulada e volumosa, que perpassou pelos livros, pelas palestras e estendeu-se à constante presença nos principais jornais em meados do século XIX ao início do século XX. Entre os principais periódicos que a escritora colaborou na imprensa brasileira, sintetizamos, conforme Silva<sup>43</sup> (2014): o *Almanaque Gazeta de Notícias* (1897-1898), *Almanaque Literário de São Paulo* para 1884, *A Bruxa* (1897), *Correio de Campinas*, *Diário de Campinas*, *A Estação* (1888-1981), *Estado de São Paulo*, *Gazeta de Campinas*, *Diário de Notícias* (1894-1896), *Gazeta de Notícias* (1888-1894), *Ilustração Brasileira*, *Jornal do Comércio*, *Kosmos*, *O Mundo Literário*, *O País* (1907-1912), *A Revista do Brasil*, *a Revista dos Novos*, *São Paulo* (1885-1886), *A Semana* (1885-1887, 1894). *Colaboração em revistas femininas*, como: *A Família*, *São Paulo e Rio de Janeiro* (1888-1889), *A Mensageira*, *São Paulo* (1898-1900), *Nosso Jornal*, *Rio de Janeiro* (1919-1920), com Cacilda Martins, e a *Revista Feminina*, *São Paulo* (1915-1917).

Em se tratando da publicidade e divulgação dos trabalhos de Júlia Lopes de Almeida, Salomoni (2005), nos aponta que até mesmo pesquisadoras estrangeiras têm se ocupado da obra de Júlia Lopes de Almeida e publicado vários artigos, que foram apresentadas como comunicações em diversos Congressos, destacando-se os Seminários “Mulher e Literatura”, em cujos Grupos de Trabalho algumas estão filiadas. A pesquisadora concluiu fazendo referência a dois nomes que têm se projetado nas pesquisas sobre a esposa do sr. Filinto de Almeida, a saber: Darlene Sadlier que escreveu *Modernidade e feminino em Eles e Elas* de Júlia Lopes de Almeida (presente na *Revista*

---

<sup>43</sup> Na referida citação da pesquisadora Cristiane Viana da Silva (2014), citamos o jornal *Diário de Notícias* (1894-1898), periódico este no qual Júlia Lopes de Almeida realizou publicação, inclusive é temática no corpus deste trabalho.

*Travessia*, n.25, UFSC, 1922) e Peggy Sharpe que produziu o texto intitulado “Construindo o caminho da nação através da obra de Júlia Lopes de Almeida e de Adalzira Bittencourt” (na **Revista Letras de Hoje**. Porto Alegre: Edipuc, n. 113, 1998). Ambas têm afirmado a modernidade das ideias desta escritora e enfatizado o destaque que essa deu à figura da mulher dentro do universo construído por sua ficção.

Vale ressaltarmos que a intelectual sempre muito dedicada às suas tarefas, não somente no aspecto literário, como na vida pessoal. Júlia Lopes de Almeida e o esposo não apenas possuíam igualar ofício de escritores, a união que durou quarenta e sete anos, foi alicerce para originar uma prole numerosa, no total de seis filhos, três meninos e três meninas. O primogênito do casal foi Afonso Lopes de Almeida (1888-1953), que seguiu a carreira de diplomata e foi poeta. Após o nascimento de seu primeiro filho, Júlia perdeu os bebês Adriano e Valentina.

No ano de 1894, “a literata deu à luz a Albano Lopes de Almeida (1894-1990), este foi artista plástico e poeta. Ao fim do século XIX, nasceu Margarida Lopes de Almeida (1897-?), foi declamadora e escultora” (COSTRUBA, 2001, p. 84). A primeira filha do casal que se desenvolveu demonstrou ter um significativo apreço a apresentar-se ao público, sempre com bastante desenvoltura

recitava poemas em conferências participava de vários saraus literários, nas dependências do salão do Jornal do Commercio. Margarida estudou ainda na Escola de Belas Artes, na qual ganhou em 1922 um concurso de escultura. Este feito, fez com que ela obtivesse a Grande Medalha de Ouro e, por méritos, uma viagem (COSTRUBA, 2011, p. 88).

Lúcia Lopes de Almeida (1899-?), nome este concebido a última filha da escritora. A caçula do casal atuou como prosadora e poetisa. É notório que, entre os filhos de sr. Filinto de Almeida e Júlia Lopes de Almeida, o contato e a afinidade com as letras e a cultura são alicerces contínuos na criação dos herdeiros, assim norteando a vida dos mesmos. É importante ressaltarmos que o encantamento pelo campo da literatura estendeu-se à segunda geração do casal Almeida, como representante desta geração a neta Fernanda Lopes de

Almeida<sup>44</sup>, que assim como os membros anteriores da prole, dedicou-se ao universo das letras.

Na escrita de Júlia Lopes de Almeida, além dos comentários já mencionados anteriormente no *corpus* deste trabalho, não podemos deixar de salientar a forte relação que a cômica do sr. Filinto de Almeida, possuía com a Natureza e com a Arte como enfatiza suas palavras “dois formosos templos, onde, em qualquer ocasião encontramos um asilo seguro para o nosso espírito” (ALMEIDA, 1906, p.13).

Em relação a Natureza, diga-se de passagem, frequente nos escritos da escritora, estimada como bem afetuoso, a mesma é defendida pela autora de maneira “verdadeiramente ecológica” que se subjugava com o intuito de “transmitir aos leitores a importância de sua preservação para o benefício da Humanidade” (SALOMONI, 2005, p. 30). Já em relação a Arte, como afirma Rosane Salomoni (2009) foi seu porto seguro, ofício e prazer. A partir dela procurou transmitir suas crenças e ensinamentos. E compartilhando do viés exposto, aproprio-me das palavras com as quais Cecília Meireles (1968), sintetizou a “arte” de Almeida, citada em Salomoni:

Aqueles olhos penetrantes, que ora pareciam velados, ora cintilantes, já tinham pousados sobre muitas cenas da vida humana, sabiam muitas coisas da sua incoerência, da sua amargura, das suas inaptidões. E ela, então, escrevia sobre essas coisas, com leveza e sabedoria, procurando – suponho – instruir sem aconselhar, consolar sem ferir, harmonizar sem entristecer (SALOMONI, 2005, p. 89).

Como ressalta no excerto supracitado, Júlia Lopes de Almeida, expressou-se através da Arte de forma leve e sábia, sempre buscando “instruir, consolar e harmonizar” as cenas da vida humana, tarefa nada simples, visto que, discorrer sobre os aspectos da humanidade, dentro o qual frisou a vida humana, jamais foi ou será, um assunto fácil a ser dialogado, ainda mais, por uma escritora feminina na época em que viveu a literata, que não apenas

---

<sup>44</sup> Fernanda Lopes de Almeida foi um dos nomes mais expressivos na área da literatura infantil brasileira a partir da década de 1970. Teve vários *best-sellers* publicados em São Paulo pelas Edições Melhoramentos e pela Editora Ática ao longo dos anos 1970 e 1980. Seu primeiro livro, A fada que tinha ideias, teve sua primeira edição em 1971 e recebeu o prêmio da FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, como uma das cinco melhores obras infantis brasileiras de 1967-1971. Dentre os outros livros da escritora estão: A margarida Friorenta; Gato que pulava em Sapato; Pinote o Fracote e Janjão, o Fortão; A Aranha, a Dor de Cabeça e Outros Males que assolam o Mundo; Curiosidade Premiada entre outros.

expressou-se uma, duas ou três vezes a respeito da temática. A autora dedicou-se inúmeras vezes para produzir trabalhos, no qual a rotina da vida humana fosse destacada, não de forma tradicionalista ou simplista, a ficcionista conseguiu produzir a respeito de assuntos diários, com veemência e profundidade que orientava sem ferir e ensinava sem retrain, quão expressiva e sabia fora Júlia Lopes de Almeida.

Rosane Salomoni, em seu estudo a respeito dos principais caminhos perpassado pela literata, discorreu

o fazer literário de Júlia Lopes resultou num rol de obras multiplicado pelas diversas categorias que a levaram a exercer o ofício de ficcionista, publicista, dramaturga, cronista, conferencista por cinquenta e três anos, legando um patrimônio considerável para a literatura e a cultura brasileiras (2005, p. 31).

Para corroborar a fala da estudiosa, diga-se de passagem, legado este que, por alguma justificativa, quem sabe até mesmo preconceituosa, não é objeto de estudo tão frequente nas grandes academias, mas nos últimos anos a passos contidos, o volumoso e expressivos trabalhos deixado por J.L.A., vem sendo objeto de análise e estudo.

Como representantes dos principais estudiosos que empenharam-se a discorrer sobre o volumoso legado da referida autora em estudo citamos: Cristiane Viana da Silva (2014) sobre o trabalho – A condição feminina nas obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas de 1889 a 1914; Deivid Aparecido Costruba (2011), sob o título – “CONSELHOS ÀS AMIGAS”: Os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896 e 1906); Cátia Toledo Mendonça (2003) com a temática – Júlia Lopes de Almeida: A busca da libertação feminina pela palavra; Leonora de Luca (1999) – discorrendo sobre “O Feminismo Possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)”; Karen Fernanda Mourão Batista (2012), dialogando sobre – “Júlia Lopes de Almeida e a Educação da Mulher nos livros das Noivas e das Donzelas” e Rosane Saint-Denis Salomoni (2005) sob o trabalho intitulado – “A escritora/os críticos/a escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira”.

Através dos trabalhos mencionados acima, podemos confirmar quão amplo foi o campo literário dialogado por Júlia Lopes de Almeida, que se envolvia com temáticas bem acentuadas para época e de grande embate em nossa

contemporaneidade. Entre as principais abordagens destacamos os assuntos a respeito da liberdade feminina, a condição da mulher, com ênfase no âmbito social e o feminismo. Vale ressaltar que essas são apenas algumas das diversas temáticas que esteve sob o foco da escritora.

Para melhor compreendermos a versátil atuação da ficcionista no campo literário mais especificamente no suporte – imprensa, é importante mencionarmos a visão de alguns estudiosos que dissociaram imprensa feminina e feminista. Segundo Dulcília Buitoni (1990), a imprensa feminina é aquela dirigida e pensada por mulheres, enquanto a feminista, embora dirigida ao mesmo grupo, se distingue pelo fato de defender causas. Por tanto, à luz da pesquisadora Dulcília Buitoni, podemos identificar a escritora em estudo, como feminista, pois a mesma ao desenvolver seus escritos, principalmente na imprensa visava como objetivo principal defender, instruir e alertar as mulheres a respeito de temáticas diversificadas desta orientação sobre jardinagens como ocorreu no livro *Jardim florido, jardinagem* (1922), ao assunto mais pontuais como a transição do trabalho escravo para o trabalho assalariado no final do século XIX, no interior de São Paulo, temática relatada no romance *A Família Medeiros* (1892).

A temática abordada por Dulcília Buitoni (1990), foi de suma importância para o processo da literatura de autoria feminina, inclusive foi pauta de diálogo à luz da pesquisadora feminista norte-americana Elaine Showalter, em **Toward a Feminist Poetics** – (1979), neste volume, a feminista destacou a história da literatura feminina que se divide em três fases. 1) *A Feminine Phase* (1840-1880) sintetiza o momento em que as mulheres escreveram, num esforço para se igualar às conquistas intelectuais da cultura masculina e internalizaram, seus pressupostos sobre a natureza feminina; 2) *A Feminist Phase* (1880-1920) – esta fase definiu-se pela escrita de mulheres que protestavam contra os as normas e valores masculinos, e defendeu os direitos das mulheres e dos valores, sobretudo a autonomia; 3) e por derradeiro, a *Female Phase* (1920-?) – adjetivou-se a fase da autodescoberta, em que as mulheres rejeitaram tanto a imitação como o protesto, duas formas de dependência e se voltaram para a experiência feminina como a fonte de uma arte autônoma, ao estender a análise feminista da cultura às formas e técnica da literatura (Cf. SHOWALTER, 1979, p. 33).

É importante ressaltarmos que de acordo com as três fases divididas pela pesquisadora Elaine Showalter, Júlia Lopes de Almeida, enquadrava-se a partir da segunda etapa em diante, momentos estes em que as mulheres buscavam incessantemente a defesa por seus direitos, principalmente pela autoria feminina e protestavam contra as normas e valores masculinos, além de almejavam a autodescoberta, assim rejeitando as imitações através de protesto e direcionavam-se para a experiência feminina expressa por uma arte autônoma, que objetivava-se a análise feminista da cultura às formas e técnicas da literatura.

Como já mencionado em momentos anteriores neste trabalho, para as mulheres no Brasil, a conquista por espaço no campo das letras e da imprensa feminina foi custoso e fadigoso. Desde os primeiros “esforços travados por Nísia Floresta até os dias atuais a luta é incessante” (COSTRUBA, 2011, p. 93). Conforme salienta Deivid Costruba (2011) hoje em dia, o mérito é para os grupos de estudos chefiados por mulheres. Não só o gênero é o tema central destes, mas também a análise das lutas femininas na História do Brasil, bem como as implicações da mulher na sociedade contemporânea.

Por meio deste entendimento e foco que a ficcionista J.L.A. elucidou mais de cinquenta anos de contribuição para a literatura nacional. Para sintetizar o exposto, apropriando-me das palavras de Maria Beatriz Zanchet (2006), ao referir-se a escritora. Júlia Lopes de Almeida é um exemplo de intelectual preterido pela crítica. Entretanto, no contexto de sua produção literária, a escritora era conhecida e respeitada como uma das romancistas mais populares, representantes e porta-voz das questões femininas. Neste viés, a referida autora afirma que, talvez, a forma adequada e pouco agressiva de discutir temas polêmicos tenha contribuído para granjear-se posição de destaque nos círculos literários oficiais da época, indiscutivelmente sob o forte monopólio masculino.

Descarte, concluímos à luz de Zanchet (*Apud* SILVA, 2014), que Júlia Lopes de Almeida teve papel importante por destacar a relevância da defesa de questões ligada às oportunidades educacionais e profissionais da mulher fora do ambiente doméstico, quer em seus romances, quer em seus artigos jornalísticos ou em suas conferências. Apesar de, por determinado período, os manuais de crítica literária terem praticamente omitido o seu nome na galeria dos autores dignos de estudo. Entretanto, somente com as recentes abordagens referentes

ao estudo de gênero as obras da autora foram resgatadas e devolvidas ao público leitor. A seguir iremos esboçar de forma minuciosa, quão formidável foi a disseminação dos escritos da autora no periódico *Diário de Notícias* (1894-1898), representando de maneira ilustre a participação da autoria feminina nas principais seções do jornal, expressas pelas mãos de Júlia Lopes de Almeida.

#### 4. OS CONTOS PUBLICADOS POR JÚLIA LOPES DE ALMEIDA NO SUPORTE *DIÁRIO DE NOTÍCIAS*

##### 4.1 – A autoria feminina representada por Júlia Lopes de Almeida nas principais seções do periódico *Diário de Notícias*

Antes de adentrarmos na apresentação completa e análise dos escritos publicados por Júlia Lopes de Almeida, no periódico *Diário de Notícias* (1881-1898), este que circulou na Província do Grão-Pará, mais especificamente, na segunda metade do século XIX, peço licença aos leitores deste trabalho, para propor uma breve cronologia a respeito de alguns dos trabalhos publicados pela literata em outros exemplares que circularam em solo paraenses, dentre os quais citamos: *A Província do Pará*<sup>45</sup>(1876 a 2001), *A Pátria Paraense Diário Noticioso, Commercial e Litterario*<sup>46</sup> (1894 -?) e *O Diário de Notícias* (1881-1898 – nosso suporte de estudo neste trabalho). Inclusive na *Província do Pará*, antes da primeira circulação do exemplar folha da Amazônia, ocorrido em 01 de junho de 1881, sobre a coordenação do Sr. João Campbell e Antonio Fructuoso da Costa.

---

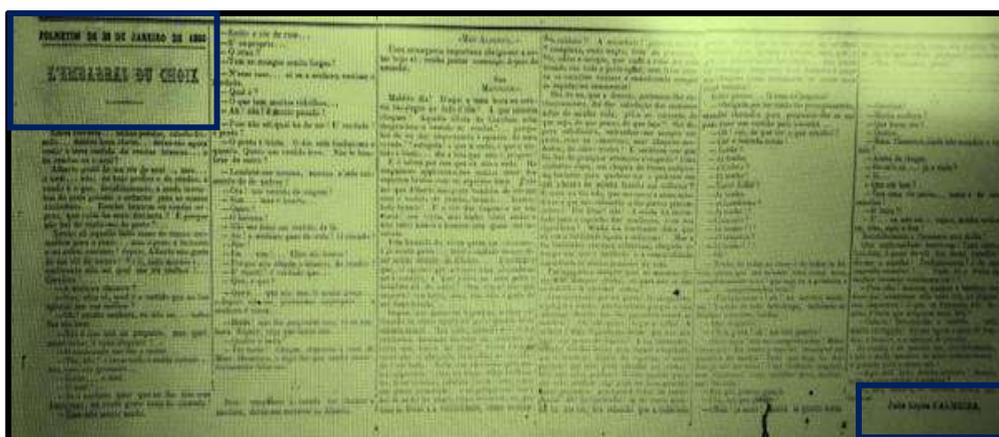
<sup>45</sup> Este periódico marcou a história da imprensa no estado do Pará como sendo a folha de notícias de mais duradoura circulação: aproximadamente 125 anos. A trajetória do jornal se divide em quatro fases. De acordo com Rocque (1976), o marco de sua primeira publicação se deu em 25 de março de 1876, e durou até 2001. Já no seu primeiro dia de circulação, o exemplar imprimia em suas páginas o folhetim, como se confirma nas palavras de Rocque: “O 1º exemplar de A PROVÍNCIA tinha, à exemplo dos jornais da época, modesta apresentação gráfica. E seu tamanho era pequeno, estilo tablóide. Na primeira página, anúncios, decretos e portarias do Governo, movimentos de navios, da praça do comércio, etc. Editorial, notícias, comentários, folhetim literário, na segunda e na terceira página. A quarta e última página era também dedicada a anúncios variados” (ROCQUE, Carlos. *História da A Província do Pará*. Belém: Editora Mitograph, 1976, p. 18)

<sup>46</sup> De acordo com o trabalho apresentado ao GP História do Jornalismo, no XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Foz do Iguaçu, PR – 2 a 5/9/2014, pela Mestranda Lívea Pereira Colares da Silva, junto ao Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, da Universidade Federal do Pará, sob orientação da Professora Netília Silva dos Anjos Seixas, da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, orientadora e coordenadora do projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”. Ambas nos relatam que no que concerne aos jornais *A Pátria Paraense* e *Revista Estudantina* não há data de encerramento no Catálogo. Com relação à periodicidade, a maioria dos jornais era semanal ou quinzenal. Fugindo a esse padrão, apenas o *Correio Paraense*, o *Jornal do Pará*, *O Pará* e *A Pátria Paraense* eram diários, no período analisado.

Em se tratando da primeira publicação de Júlia Lopes de Almeida, em jornais paraense, frisamos a participação da literata no exemplar mais duradouro da história da imprensa paraense – *A Província do Pará*. De acordo com Denise Araújo Lobato, “foi o primeiro periódico a veicular textos almeidanos” (2016, p. 90). Vale destacar que na *Província* somente se encontrou narrativas ficcionistas da literata na década de noventa do oitocentos.<sup>47</sup> O primeiro escrito divulgado pelas mãos de Júlia Lopes de Almeida em lares paraenses encontrou-se publicado na folha do dia 28 de janeiro de 1890. Tratava-se do conto intitulado – “*L’embarras du choix*”, este disponibilizado na seção *Folhetim*, localizada na primeira página do exemplar, mais especificamente no espaço do rodapé do jornal. Em relação à narrativa, impele-nos adicionar que, nove anos após a materialização da narrativa no periódico, a mesma foi republicada, na primeira edição do romance *Memória de Marta*, datado em 1899.

Para corroborar com a informação sobre a primeira publicação de Júlia Lopes de Almeida na página do exemplar *A Província do Pará* (1876-2001), apresento a imagem 46, que ilustrará a exposição introdutória da ficcionista nos jornais paraenses.

Imagem 46



Fonte: Acervo do setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna.  
Acesso: 2013. Descrição: Folhetim de 28 de janeiro de 1890. Júlia Lopes de Almeida.

<sup>47</sup> Realizou-se catalogação das folhas d’*A Província do Pará*, concernentes ao período 1876 a 1900, no ano de 2012, por Sara Vasconcelos Ferreira, pesquisa que estava associada ao projeto coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Germana Sales Araújo Sales (CNPq/2010-2012): “Trajetória literária: a constituição da história cultural em Belém no século XIX”. As informações dos textos publicados no periódico constam no relatório técnico-científico: “A Leviana: história de um coração e outras histórias na *Província do Pará*”.

Transcorridos exatos cinco dias do mês subsequente, mais exato em 5 de fevereiro de 1890, a literata publicava o segundo trabalho, no exemplar de mais duradoura circulação na história da imprensa paraense. O escrito divulgado ao público, tratava-se do conto “*A primeira bebedeira*”, este posicionado na seção *Folhetim*, que ocupava a primeira página do exemplar. Importa mencionar que na coletânea de contos denominada *Ânsia eterna* (1903), lançada pela editora H. Ganier, a narrativa esteve presente nas páginas iniciais do volume, exatamente, como disponibilizada no jornal. A seguir destacamos a figura 47, na qual ilustramos a divulgação do segundo conto literário na página do jornal *A Província do Pará*, assinado pela ficcionista.

Imagem 47



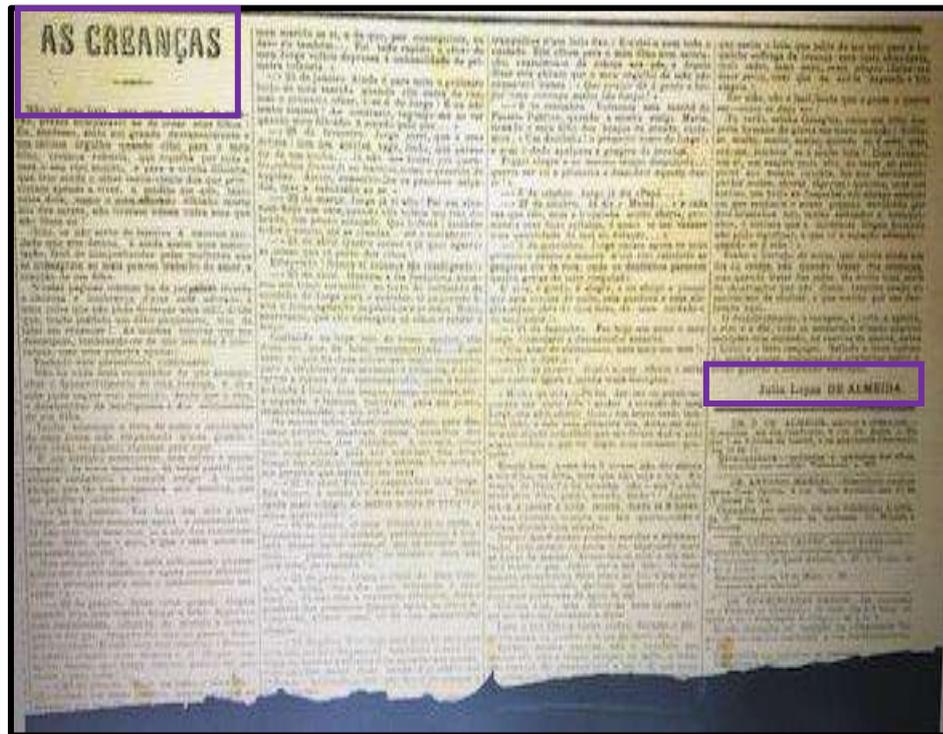
Fonte: Acervo do setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna.  
Acesso:2013

Descrição: *Folhetim* de 5 de fevereiro de 1890. Júlia Lopes de Almeida.

Nas posteriores circulação do jornal *A Província do Pará*, com número expressivo de tiragem, foram identificados outros trabalhos elaborados por Júlia Lopes de Almeida, sob o título: “*As Criações*<sup>48</sup>” – em dois fascículos (01 de julho de 1892 e 05 de junho de 1892); “*A Minha estante*” (15 de julho de 1893) e “*Carta de uma sogra*” (14 de agosto de 1895). É relevante mencionarmos, que o primeiro e derradeiro texto que arrolaram nas páginas do exemplar, foram produzidos quatro anos mais tarde, no *Livro das Noivas* (1896) de exclusiva autoria de Júlia Lopes de Almeida. A seguir, nas figuras de número 48,49, 50,51, destacamos as publicações no corpus do periódico *Província do Pará*.

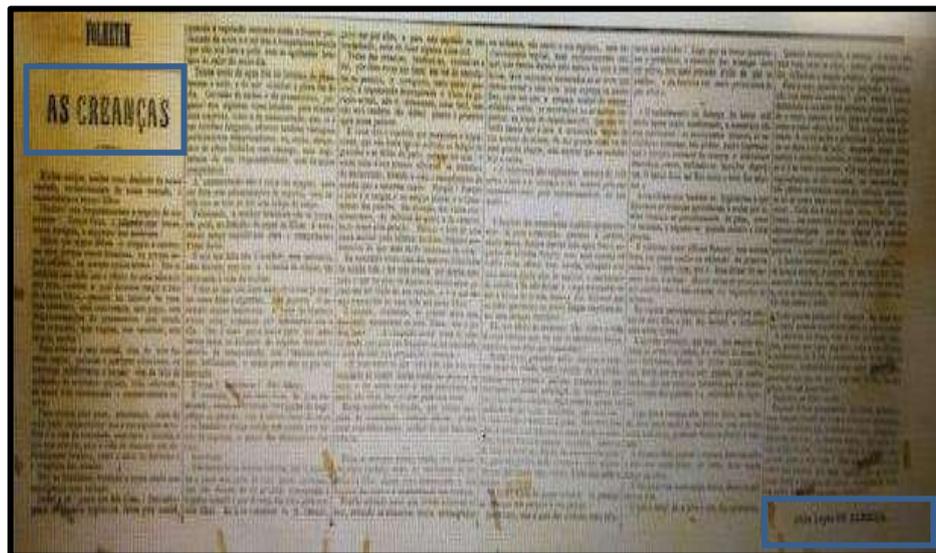
<sup>48</sup> Mantivemos a ortografia da época.

Imagem 48



Fonte: Acervo do setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna. Acesso: 2013. Descrição: Fascículo 1, publicado na seção folhetim – As Crenças (em 01 de julho de 1892). Júlia Lopes de Almeida.

Imagem 49



Fonte: Acervo do setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna. Acesso: 2013. Descrição: Fascículo 2, publicado na seção folhetim - As Crenças (em 05 de julho de 1892). Júlia Lopes de Almeida.

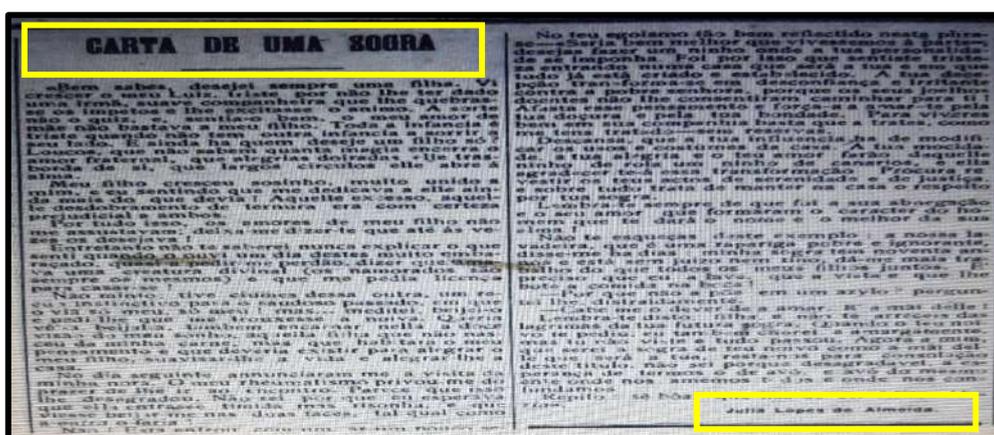
Imagem 50



Fonte: Acervo do setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna.  
Acesso: 2013.

Descrição: Publicação na coluna *Variedades*, jornal *A Província do Pará* em 15 de julho de 1893. Título: *A Minha Estante*. Autora: Júlia Lopes de Almeida.

Imagem 51



Fonte: Acervo do setor de Microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna.  
Acesso: 2013.

Descrição: Publicação na coluna *folhetim*, jornal *A Província do Pará* em 14 de agosto de 1895. Título: *Carta de uma Sogra*. Autora: Júlia Lopes de Almeida.

É importante destacarmos que as publicações identificadas no periódico *A Província do Pará*, mais especificamente os apresentados nas figuras de ordem 48, 49 e 50, são trabalhos inéditos publicados inicialmente pela ficcionista n' *A Província do Pará*, que decorridos quatro anos são reeditados, ocupando as páginas do *Livro das Noivas* (1896), é relevante mencionar que este volume é um dos trabalhos mais expressivo de Júlia Lopes de Almeida, não que os demais

escritos ocupem lugares menos favoráveis, no entanto podemos considerá-lo, como um dos livros mais afamados e que se destacou pelo alto índice de vendas.

Como nos descreve Deivid Aparecido Costruba

O livro foi importante em sua época, pois aconselhava, recomendava, repudiava, execrar, divertia e orientava as atitudes das mulheres que nele tinham a ambição de instruir-se. Além disso, o mesmo teve grande vendagem à época e diversas reedições pela livraria Francisco Alves (2009, p. 288).

O pesquisador relata uma possível justificativa para a confecção do livro em menção, e complementa a respeito:

A necessidade de se escrever um livro deste porte se deu no quadro de mudanças em que se encontrava a capital fluminense, pois havia um processo de transição da sociedade, na qual ela passaria de uma sociedade senhorial, de base essencialmente agrária, para uma burguesa, progressivamente urbana e industrial (COSTRUBA, 2009, p. 294).

Como bem expressa a fala do estudioso, o processo de alteração de uma sociedade basicamente agrária, para uma burguesa, que gradativamente tornara-se industrial e urbana, ocorria no Rio de Janeiro. Também em Belém o progresso avançava. Através das ideias liberais e progressivas, significativas mudanças ocorreram, dentre as quais destacamos a expressiva circulação e tiragens de jornais no Grão-Pará a exemplo do jornal *A Província do Pará* (1876 a 2001), que tinha como proposta prioritária a expressão de liberdade e o progresso. Com o objetivo de fundamentar e alcançar os ideais traçados, um novo perfil direcionado às causas sociais é reconfigurado. Como salientam Sara Vasconcelos Ferreira & Germana Maria Sales

A proposta do novo jornal [*A Província do Pará*]<sup>49</sup> se pautava na liberdade e no progresso. Por essa razão, algumas causas sociais fizeram parte das defesas do diário nos anos seguintes, das quais destacamos os direitos das mulheres. Vale ressaltar que, embora houvesse por parte do jornal uma postura de defesa dos direitos femininos, por diversas vezes foi possível encontrar discursos contrariados, naturalmente de homens, mas também de mulheres. Essa postura, que parece dúbia a princípio, estava alinhada à liberdade de expressão e pensamento pregada pelo jornal em seu editorial de inauguração (FERREIRA & SALES, 2020, pp. 423 - 424).

---

<sup>49</sup> Periódico este que circulou na capital paraense (1876-1890), entre os jornais de grande porte e longa duração que circularam nas décadas anteriores a 1890, *A Província do Pará* foi o único exemplar que permaneceu atuante no período republicano e prosseguiu pelo século XX com a função noticiosa, jornalística, comercial e literária. (RODRIGUES, 2019, p. 29).

Em consonância com Vasconcelos & Sales, no

intuito de dar voz aos que eram emudecidos pelos costumes conservadores é que *A Província do Pará* abre espaço para as mulheres escritoras e proporciona a inserção dos trabalhos de dezenas de mulheres contistas, tradutoras, romancistas, poetisas e ensaístas estrangeiras e nacionais ao longo do último quartel do século XIX (2020, p. 424).

Destarte, para embasarmos nossos estudos a respeito da literatura feminina, é pertinente realçar que,

No Brasil, a literatura feminina somente começa a ser visível, ou um pouco respeitada, no primeiro quartel do século XX. Ainda que produtivas, nossas escritoras ficaram excluídas da historiografia literária, mas, curiosamente, embora à margem, a literatura feminina foi presença constante nos periódicos do século XIX [...] (MUZART, 2003, p. 225).

Como nos descreve a pesquisadora Zahidé Muzart (2003), apesar de encontrarmos uma constante produção de textos literários femininos nos jornais oitocentistas,

seus trabalhos, não costumavam ter a atenção dos literatos ou mesmo do público, e estar envolvidas nesse círculo social de pessoas ligadas à imprensa favorecia-as na publicação de suas produções. Não por acaso, um dos primeiros trabalhos de escritoras brasileiras no jornal são os escritos de Augusta de Assis, filha do Dr. Assis – fundador do jornal. D. Augusta teve sua estreia n' *A Província* aos 15 anos de idade com uma pequena prosa (FERREIRA & SALES, 2020, p. 424).

A partir da significativa estreia de D. Augusta de Assis no jornal, foi possível identificarmos uma movimentação assídua de nomes literários nas seções do exemplar. Como bem descrevem Ferreira & Sales,

Embora em alguns discursos Augusta de Assis mantivesse uma postura conservadora, a contribuição deixada ao jornal foi de grande importância, pois, de certa forma, influenciou na divulgação de diversos escritos de outras mulheres, como da escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho, frequente nome nas páginas do jornal, além de inúmeras traduções, entre as quais destacamos os trechos de Mme. de Stael. Ela também abriu espaço para a inserção de outras senhoras da sociedade local no diário noticioso do pai e foi uma das mais frequentes em tradução assinada por mulheres e fez parte da Sociedade de Mulheres da Emancipação – órgão que apoiava as festas e movimentos abolicionistas. Posteriormente, foi a filha de Antonio Lemos – D. Maria Guajarina de Lemos – que ocupou o espaço dedicado às mulheres no jornal. Outras escritoras regionais também foram divulgadas pelo diário: Englatina, Mariana Macedo e Maria Valmont, esta última foi uma importante poetisa vinculada à

agremiação literária paraense Mina Literária. **Júlia Lopes de Almeida**, Eponina Conduru Serra, Celina Lopes Vieira, Anna Nogueira Batista, Júlia Cortines, Josefina Álvares de Azevedo, Francisca Júlia da Silva, Narcisa Amália, Serafina, Marcia Flaviana foram algumas das mulheres que tiveram seus trabalhos divulgados pelo jornal paraense (2020, p. 425 - 426).

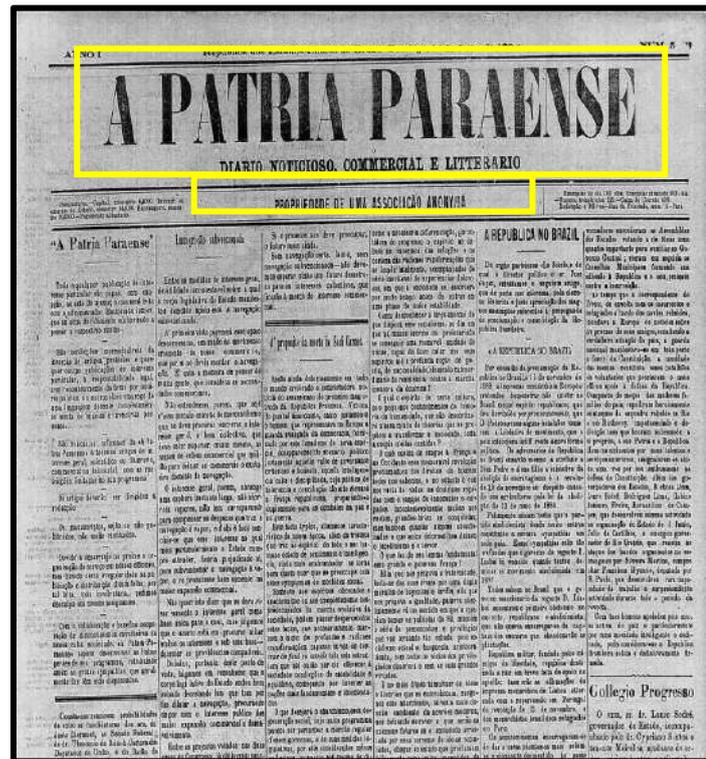
É imprescindível frisarmos que a literata, apesar de pertencer a classe dos burgueses e contar com o apoio familiar representado inicialmente pela figura paterna e subsequente pelo esposo, em determinados trabalhos publicados em periódico, fez uso do pseudônimo, como uma estratégia para que seus parentes não sofressem preconceito, uma vez que neste período não era de bom tom que as mulheres exercessem constantes atividades fora dos serviços domésticos. Como se confirma na fala de Marly Jean de Araújo Vieira:

Este ocultamente demonstra o quanto a mulher esteve apartada do lugar de destaque na sociedade. Esta estratégia era utilizada para evitar que as escritoras e seus familiares se expusessem aos preconceitos vigentes e expressava a dificuldade das mulheres de se firmarem no exercício de funções diferentes das atribuições domésticas (VIEIRA, 2009, p. 02).

Contudo, Júlia Lopes de Almeida não se delimitou “à censura” que a sociedade patriarcal fizera menção. A ficcionista, assim como outras literatas entre as quais citamos: Maria Firmina Reis, Ana Lins dos Guimarães Peixoto, Nísia Floresta, Josefina Álvares de Azevedo, Guiomar Torresão e Peggy Sharpe, contou com assídua participação em periódicos que circularam em lares paraenses, dentre os quais mencionamos: *A Província do Pará* (1876 a 2001) – como descrito nos parágrafos anteriores; o jornal *A Pátria Paraense: Diário Noticioso, Commercial e Litterario* (24 de julho de 1894 -?) e o exemplar *A Folha da Amazônia* (1881-1898).

Com o intuito de ratificar nossa assertiva supramencionada, destacamos a seguir as ilustrações de número 52 e 53, que fazem alusão ao trabalho publicado por Júlia Lopes de Almeida no jornal *A Pátria Paraense: Diário Noticioso, Commercial e Litterario*. Note abaixo a referida divulgação.

Imagem 52

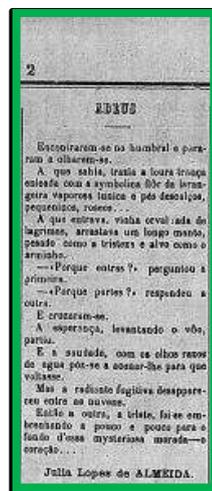


Fonte: Hemeroteca Digital – acesso em 20/03/2022. No site:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720860&Pesq=%22julia%20lopes%20de%20almeida%22&pagfis=17>.

Descrição: A imagem corresponde a página de número 1 do jornal *A Pátria Paraense* – Domingo, 01 de julho de 1894. Sobre a propriedade de uma associação anônima.

Imagem 53



Fonte: Hemeroteca Digital – acesso em 20/03/2022. No site:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720860&Pesq=%22julia%20lopes%20de%20almeida%22&pagfis=17>.

Descrição: na ilustração acima, refere-se à segunda página do exemplar *A Pátria Paraense*, de 01 de julho de 1894. Na coluna de número 4, é possível identificarmos a publicação do trabalho intitulado: *Adeus* – da literata Júlia Lopes de Almeida.

Como descrito em momentos posteriores deste trabalho e ratificado através de assertivas e ilustrações, a escritora Júlia Lopes de Almeida, após sua estreia na imprensa, em 1881 – ano de sua primeira publicação no periódico *Gazeta de Campinas*, não mais deixará de contribuir com seus escritos nos jornais mais expressivos da época, com ênfase aos periódicos que circularam no estado do Pará, mais particularmente na cidade de Belém, no período oitocentista.

Com o desígnio de corroborar com as referidas publicações as quais a ficcionista apresentou nos jornais *A Província do Pará* e *A Patria Paraense*, exemplares estes que circularam no século XIX na província do Grão-Pará, expressaremos nas linhas subsequentes deste estudo, a participação ativa da literata revelada através dos seus escritos divulgados nas principais seções do suporte *Diário de Notícias*.

Mediante o intuito de alcançar uma explanação breve, mas minuciosa sobre a trajetória trilhada para encontrarmos os primeiros escritos da autora no exemplar *Diário de Notícias*, relataremos de modo sucinto como a primeira descoberta aconteceu.

Como sabemos, as pesquisas desempenhadas em periódicos paraenses, que detinham estreitas afinidade com a temática literária, oportunizaram-nos a detectar a propagação do primeiro texto de prosa de ficção divulgado no jornal *Folha da Amazônia* – assim, também era reconhecido nosso exemplar em estudo. Com efeito, as declaradas informações coletadas possibilitaram-nos organizar uma curta cartografia que delineia a compleição da ficcionista no jornal paraense – *Diário de Notícias* (D.N).

A presença da primeira narrativa de ficção que ocorreu no exemplar D. N, marcará a data de 01 de maio de 1887. O período ao qual a marcação temporal se refere é significativo a Júlia Lopes de Almeida, visto que na data expressa, a literata completou seis anos de sua trajetória como colaboradora em jornais. O referido ano também marcou a divulgação do seu primeiro livro de contos, intitulado *Traços e Illuminuras*, este publicado pela Tipografia Castro & Irmão Lisboa, em Portugal. Além de marcar o ano, no qual a literata confirma seus votos ao futuro esposo – Sr. Filinto de Almeida.

Para melhor sintetizarmos as descrições das publicações da autora no jornal D. N e ratificamos o que já foi mencionado em tópico anterior, em relação à estreita afinidade de Júlia Lopes de Almeida com as revistas, os periódicos<sup>50</sup> que expressavam conteúdo literário, iniciaremos por esmiuçar os trabalhos divulgados pela literata nas renomadas seções do periódico, organizamos de maneira cronológica as publicações e ressaltamos os mais significativos destaques das mesmas.

Em se tratando de exemplares brasileiros, mais especificamente os que circularam na Província do Pará no período oitocentista, com realce ao exemplar *Diário de Notícias* (1881-1898), a ficcionista contribuiu com significativas publicações, dentre as quais destacamos: *O Tamanco* (1887); *A Caôlha* (1894); *In Extremis* (1894); *Pela Patria!* (1895); *Concessões para a Felicidade* (1895). Tais escritos, contaram com a assinatura completa da literata.

A prosa de ficção que principia a estreia de Júlia Lopes de Almeida no jornal *Diário de Notícias* é identificada pelo título “*O tamanco*”, localizado na terceira folha, na seção denominada Variedades, mais notadamente no domingo, 01 de maio de 1887. A figura a seguir, de número 54, representa a página de 1ª do exemplar e a ilustração de número 55, corrobora com a afirmativa da publicação em destacada, ocupando a página 3 da mesma tiragem, preenchendo as colunas 2 e 3. Na sequência, friso a imagem de número 56 – trata-se da ampliação do texto em questão, pois devido ao tamanho reduzido das letras, uma possível ilegibilidade comprometeria a leitura da obra, pensando nesse contratempo, aumentamos a dimensão da grafia.

---

<sup>50</sup> É instigante destacarmos que o jornal, no século XIX, foi um suporte de informação política-sócio e cultural. Destarte, instituiu-se um significativo espaço de divulgação de temáticas literárias, visto que, sobretudo, de nele ter sido introduzido o romance-folhetim. Este gênero, que inicialmente se concebeu na capital do império, o Rio de Janeiro, posteriormente advir da França ao Brasil, propagou-se, determinado seu espaço nas infindas gazetas das províncias brasileiras, como narra Tinhorão (1994), mesmo naquelas mais afastadas do Rio de Janeiro, a exemplo do Pará. Em conformidade com o mapeamento já realizado do romance-folhetim pelas terras brasileiras, por pesquisadores da dimensão de José Ramos Tinhorão (1994), Marlyse Meyer (1996) e Yasmin Nadaf (2002) nos oportuniza detectar o surgimento e o estabelecimento do gênero nos periódicos. É pertinente ressaltar concisamente, que o romance-folhetim foi originado na França por Émile de Girardin, em 1836, datação em que demarcou um importante lugar no suporte. Dessa matriz o Brasil o importou. A divulgação dos escritos literários, se dava, geralmente, no rodapé da página, em fascículos. Desta forma, tornou-se na descrição de Barbosa (2007) “*o carro-chefe*” de muitos jornais, pois o grande fascículo que envolveu leitores-consumidores.

domingo, 1 de maio de 1887 NUM. 97

---

Para-Brazil

# Diário de Notícias.

Numero avulso 80 rs. Propriedade de J. Campbell Numero atrasado 300 rs.

---

**Tragen..... 5,000**

**ASSIGNATURAS**  
 Capital, 10000..... 10000  
 Reserva, 10000..... 10000  
**PARAVANT ASSIGADO**

**Officina e Redação**  
 Rua da Indaiana, n. 14, esquina da Travessa do BARRIO BOHIO.  
 Caixa de Correio 278

**Enisso correspondente em Paris,**  
 para assinaturas e redações  
 A LORETTE  
 Director da SOCIETE PARISIENNE DE PUBLICITE.  
 Rue St. Anne, 25, Paris

**NEW-YORK**  
 São tomaz correspondente de Nova York, para publicação de artigos e redações, de seu. Washburn Herndon.

**ANNUNCIOS**

**Ao commercio**  
 Redacção, sob a direcção de...  
 A LORETTE  
 Director da SOCIETE PARISIENNE DE PUBLICITE.  
 Rue St. Anne, 25, Paris

**Declara, en**  
 a todos os seus leitores, que...

**Declaramos, nos**  
 a todos os seus leitores, que...

**Ao commercio**  
 A. A. Silva & C.ª

**Ao commercio**  
 A. A. Silva & C.ª

**Ao commercio**  
 A. A. Silva & C.ª

**Recrimine**  
 A. A. Silva & C.ª

## AUX MINES D'OR

### BAZAR DE JOIAS

DE  
**Jacques & Alfred Levy**  
 39—Rua dos Mercadores—39  
 PARA—

Recomendados por sua alta qualidade de obras, boa gosto e sobretudo baratos.

Casa principal—**LEVY FRÈRES & C.ª**  
 108—Boulevard Magenta—PARIS.

# GELO!

## TODOS OS DIAS

### POMROY & C.ª

RUA DE BELEM  
 N. 1 Em frente a nova rampa. N. 1

**Cocheira**  
 Aluga-se a seguinte, n. 10, a rua de...  
 A. A. Silva & C.ª

**Perfumarias**  
 Aluga-se a seguinte, n. 10, a rua de...  
 A. A. Silva & C.ª

**Kiosque da praça**  
 A. A. Silva & C.ª

**Independencia**  
 A. A. Silva & C.ª

**Horrorivel naufragio**  
 A. A. Silva & C.ª

**Caixa de borracha**  
 A. A. Silva & C.ª

**Exnovaes**  
 A. A. Silva & C.ª

**Terreno**  
 A. A. Silva & C.ª

**De Havana**  
 A. A. Silva & C.ª

**Saldão do Dr. Wright**  
 A. A. Silva & C.ª

**Dandys**  
 A. A. Silva & C.ª

**TUDO BARATO**  
 Mercadoria Salgado  
 Protector das Familias

**BOHEMIA**  
 ESPÍRITO  
 Camillo Castello Branco

**NAVEGAÇÃO**  
 AVISOS  
 MARITIMOS  
 Companhia de N. à V. do Amazonas (Limitada)

**Viagem no Fozas**  
 A. A. Silva & C.ª

**200 BARRIS**  
 Chegaram pelo "Amazonense" e a sair brevemente d'alfandega 200 barris do famoso, excellentissimo e conhecido vinho

**AZEITÃO,**  
 marca SOL  
 Vende-se na loja do Sol, a rua dos Mercadores, n. 19

**RESTAURANT**  
 MARCO  
 Festas no domingo!  
 Boa pandega!  
 Música e foguetes!

**MORIM**  
 Fregata Amazonas

**1887**  
 Ao Bazar do Chado!

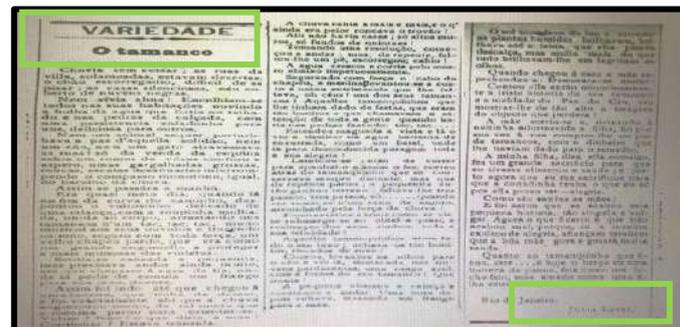
Fonte: Hemeroteca digital.  
 Site: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=763659&pesq=julia%20lopes&pagfis=6218. Acesso em: 22/03/2022.  
 Descrição: Marcação da localização e data em que a primeira narrativa da escritora circulou no jornal Diário de Notícias.

Imagem 55



Fonte: Hemeroteca Digital Nacional – Site:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=763659&pesq=julia%20lopes&pagfis=622>  
 0. Acesso: 22/03/2022.  
 Descrição: Seção Variedade – Texto intitulado: “O tamambo” – Autora: Júlia Lopes.

Imagem 56



Fonte: Hemeroteca Digital Nacional – Site:  
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=763659&pesq=julia%20lopes&pagfis=622>  
 0. Acesso: 22/03/2022. Descrição: “O tamambo” – na seção *Variedade*, ampliado para leitura.

Como se observa nas ilustrações acima, o texto em destaque foi divulgado apenas no exemplar do dia 01 de maio de 1887, o mesmo tratava-se de um texto breve e de fácil compreensão, típicos de leituras literárias publicadas nos exemplares. É relevante destacarmos que a linguagem clara, sintetizada e simplista é marca frequente nos escritos almedianos – escrita esta representada pela literata Júlia Lopes de Almeida.

Em continuidade a respeito da identificação dos textos assinalados pela escrita almediana no jornal *Diário de Notícias*, é pertinente ressaltarmos que a literata disseminou seus trabalhos, em um dos espaços mais competitivos do jornal, local este posicionado no rodapé do fascículo, normalmente na primeira página. A seção a qual nos referimos é a coluna *folhetim*. Nesta, Júlia Lopes de Almeida disseminou três, dos cinco trabalhos publicados no exemplar. Desses três, dois foram divulgados no mesmo ano de 1894, marcação esta que simboliza o auge de publicações da escritora no periódico carioca *Gazeta de Campinas* (RJ).

Abaixo destacamos os três contos elaborados pela autora, que foram publicados em apenas uma folha do periódico, com início e término na mesma tiragem.

Imagem 57



Fonte: Hemeroteca Digital Nacional. Site: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.  
 Descrição: Na seção Folhetim, o conto: In extremis – assinado por Júlia Lopes de Almeida. No dia 12 de agosto de 1894, no exemplar de número 70.

Imagem 58



Fonte: Hemeroteca Digital Nacional. Site:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=763659&pesq=a%20ca%C3%B4lha&pagfis=4596> Descrição: Publicado no dia 28 de outubro de 1894, no jornal de número 234, o conto intitulado *A Caôlha*, de autoria de Júlia Lopes de Almeida.

Imagem 59



Fonte: Hemeroteca Digita. Site:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=763659&pesq=a%20ca%C3%B4lha&pagfis=4596> Descrição – Exemplar *Diário de Notícias* de número 51, publicado no em 03 de março de 1895. O conto *Pela Patria!* na coluna *folhetim*, assinado pela literata Júlia Lopes de Almeida.

Além dos contos expressos por meio das ilustrações acima, ressaltamos a publicação da crônica intitulada – *Concessões para a felicidade*, que a escritora apresentou ao público leitor do jornal paraense *Diário de Notícias*, na datação de 23 de junho de 1895, na seção denominada *Lampejos Literarios*<sup>51</sup>. A seguir observe na figura de número 60 as afirmações mencionadas.

Imagem 60



Fonte: Hemeroteca Digital. Site:

<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=763659&pesq=a%20ca%C3%B4Iha&pagfis=4596> Descrição: Crônica denominada “*Concessões para a felicidade*”, divulgada no exemplar de número 140, em 23 de junho de 1895. Na primeira página do fascículo, na seção *Lampejos Litterarios*.

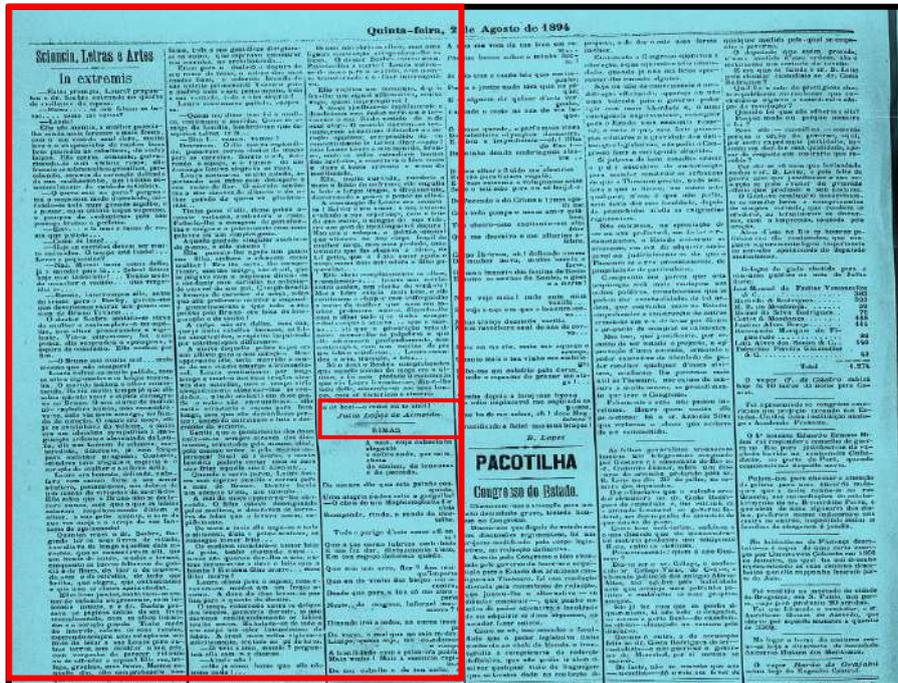
Diante os dados supracitados e das informações mencionadas no desenvolvimento deste trabalho, em consonância com pesquisas desenvolvidas em fonte primária, mais diretamente relacionada aos periódicos de conteúdo literário, foi possível identificarmos a presença do texto intitulado *In Extremis* de autoria almediana, no jornal *Pacotilha*<sup>52</sup> (MA) – (1881-1938), publicado em dois

<sup>51</sup> Mantivemos a ortografia da época.

<sup>52</sup> “O jornal *Pacotilha* é um dos mais longevos exemplos de jornais maranhenses. Sua publicação tem início em 1880, com formato de quatro páginas. Em 1881, teve suas atividades suspensas por quatro meses (de 23 de janeiro a 10 de abril), para ajustes. Logo depois, reabre já com tiragem diária, com seis edições por semana. Já no século XX, também teve suas atividades interrompidas entre 1931 e 1934, sendo retomado depois até 1938, quando finalmente deixou de existir”. MARCOS FÁBIO BELO MATOSOR (2021, p. 398-399). CID: <https://orcid.org/0000-0002-0655-0332>. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. Professor do Curso de Jornalismo do CCSST (UFMA-Imperatriz Outros Tempos, vol. 18, n. 32, 2021, p. 398-407.

de agosto de 1894, e reimpresso em doze de agosto do referido ano, como destaca a figura 61:

Imagem 61



Fonte: Hemeroteca Digital.

site: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319\\_01&Pesq=%22julia%20lopes%20de%20almeida%22&pagfis=15612](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&Pesq=%22julia%20lopes%20de%20almeida%22&pagfis=15612) . Acesso em 23/03/2022.

É válido enfatizar que a literata publicou significativos textos nas páginas do jornal *Pacotilha*, além do conto *In Extremis*, identificamos a presença do romance *A falência*<sup>53</sup> (1901), publicado no exemplar em fatias, na seção *folhetim*, a partir de 01 de maio de 1903 a 23 de maio de 1903; além das narrativas intituladas – *Narração do espírito*<sup>54</sup> (07/03/1891), *O futuro presidente*<sup>55</sup> (02/12/1894). *O saber ser pobre* (08/02/1899)<sup>56</sup>; e dos contos denominados – *O Bruto*<sup>57</sup> (27/01/1902), *O passarinho* – em 22/11/1901, este último dedicado aos pequeninos leitores, como bem expresso nas palavras da autora e na ilustração a seguir.

<sup>53</sup> Romance publicado pela primeira vez em 1901, pela Editora Oficina das Obras d'A Tribuna do Rio de Janeiro. Apresentamos em anexo a divulgação da obra *A falência*, que foi divulgada aos leitores do exemplar *Pacotilha*, no ano de 1903.

<sup>54</sup> Será disponibilizado em anexo.

<sup>55</sup> Idem.

<sup>56</sup> Idem

<sup>57</sup> Idem.

Imagem 62



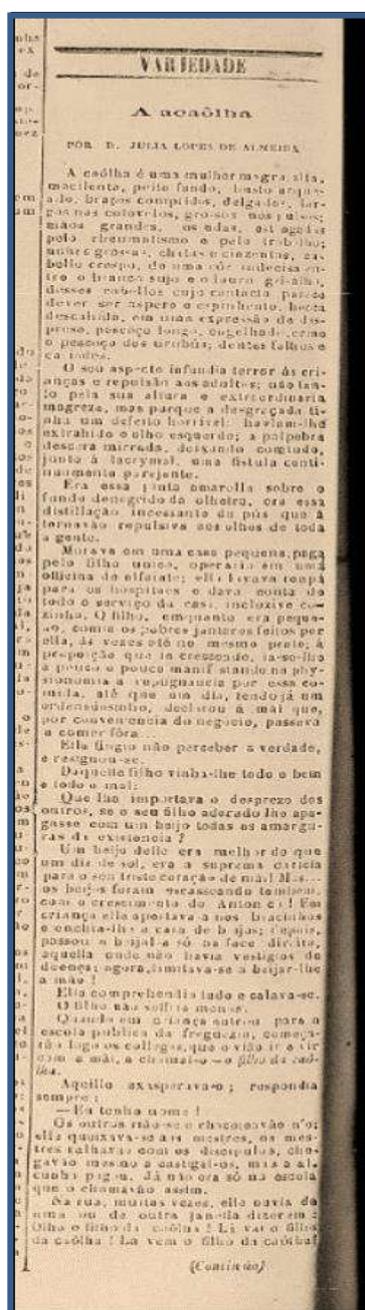
Fonte: Hemeroteca Digital Nacional. Site: Descrição: Conto “*O passarinho*”, apresentado ao público leitor do periódico *Pacotilha*, na página 02, localizado na coluna 1.

Mediante os dados coletados, podemos fazer algumas inferências peculiares em relação à veiculação de textos literários na Província do Grão-Pará, os escritos aparecem com mais frequência nos jornais, quando a escritora se fez presente nesta etapa ímpar de movimentação de suportes, que englobava uma rede cultural, que se destacam nos exemplares das regiões norte e nordeste, como representante da comarca do nordeste, citamos *O Republicano: órgãos do partido republicano*<sup>58</sup>.

<sup>58</sup> O jornal *O Republicano* (1888-1893) tinha uma contenda maior com o jornal *A Gazeta de Sergipe*, outro jornal sergipano do mesmo período e também de circulação diária, por vezes o primeiro tratava de defender Felisbello Freire dos ataques do segundo. É no mínimo instigante a pesquisa no jornal *O Republicano* que, ao que tudo indica, tinha o mesmo lema da República: o de limpar o país dos pobres e das minorias. O Jornal também colocava trechos do projeto do código penal que estava sendo elaborado neste ano de 1890 dentre eles as capoeiras mandadas para trabalhos forçados em colônias agrícolas. No próprio jornal *O Republicano* aparecia capoeira ou capoeiras como sinônimo de mato, de campo, de roça. In: MACHADO, Tatiane Trindade; Amorim, Simone Silveira. **A Capoeira no Jornal O Republicano De Sergipe Em 1890: Reflexões Um Dos Atos Do Governador Felisbello Freire.** V Congresso Sergipano de História e V Encontro Estadual de História da ANPUH/Se. O Brasil na historiografia de Felisbello Freire: Reflexos na Pesquisa e no Ensino em História. 24 a 27 de outubro de 2016. Aracaju/Se.

Neste, sobressaltam o conto “*A caolha*”, que teve sua primeira publicação no jornal *O Republicano*, em onze de maio de 1890, na sequência dos dias treze e dezesseis do mesmo mês e ano foi reeditado, na seção *Variedade* do exemplar. No agrupamento das ilustrações de números 63, 64 e 65 podemos confirmar tal aparição.

Imagem 63



Fonte: Hemeroteca Digital. Site:

[http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319\\_01&Pesq=%22julia%20lopes%20de%20almeida%22&pagfis=15612](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&Pesq=%22julia%20lopes%20de%20almeida%22&pagfis=15612). Descrição: Conto “*A Caolha*” – publicado por Júlia Lopes de Almeida. No dia 11 de maio de 1890, na segunda página e na quinta coluna, com informe de continuação.

## Imagem 64

**O REPUBLICANO**

**Uma homenagem**  
(13 DE MAIO DE 88)

É muito cedo... Ainda hontem brilhante  
Aurora do Brazil... Grilhões quebrados...  
Negros em risos bonis, illuminados...  
Esperas alguma luz de sol distante.

E já um ballo de fagulha...  
Podera bragançinos annullados,  
Ao calor de uns principios bons fadados  
Que o povo adora, em festa, dolrante!

Nos falla viva e quente ao coração,  
E sempre, aqui, ali, por toda a parte,  
A historia do terror de escravidão...

Historia negra e triste!... Não é finda,  
Por certo, desso feito e obra alieta,  
De nossa glória... E ceda ainda!...

MORRIDA GOMARES.

**VARIEDADE**

**A caôlha**

POR D. JÚLIA LOPES DE ALMEIDA

Eram as irmãs dos colleges, meni-  
nas novas, innocentes, e que, industria-  
das pelos irmãos, ferião o coração do  
pobre Antonio cada vez que o vião  
passar.

As quitandeiras, co'la ja comprar  
as gualbas, lamangas ou tamarcos para  
o lunch, aprendião depressa a fero-  
minha, co' como os outros, e, muitas ve-  
zes, affixião os portucos que se ag-  
glomeravam ao redor dellas, dizião,  
estendendo uma mancha de aragão,  
com uma piedade e sympathia:

— *Tá he, isso é pra'o fillo da caôlha!*

O Antonio preferia não receber o  
presente a ouvir-lhe a companhia de lous  
palavras; tanto mais que os outros,  
com aveje, roupião a gritar, can-  
tando em côro em um estribillo ja  
combinado:

— Fillo da caôlha, fillo da caôlha!  
Ó Antonio pedio a mãe que o não  
fôsse buscar á escola, e, muito verne-  
lho, contou-lhe a coisa; sempre que  
a vião apparecer á porta do collegio os  
companheiros murmuravão injurias,  
piscavão os olhos para o Antonio e  
fazião caretas de nozezes!

A caôlha suspirou e nunca mais foi  
buscar o fillo.

Aos onze annos o Antonio pedio  
para sahir da escola, levava a bagar  
com os condiscipulos, para o integrão  
e mal querido. Pedio para entrar para  
uma officina de marceneiro. Mas na  
officina de marceneiro aprendião de-  
pressa a chamal-o — o fillo da caôlha,  
e a humilha-o como no colle-  
gio.

Além de tudo, o serviço era perado  
e elle começou a ler vertugens e des-  
manos. Arranjou então um lugar de  
caixeiro de venda: os seus ex-collegas  
agrupavão-se á porta, insultando-o e  
o vandeiro achou prazente mostrar o  
caixeiro embora, tanto mais que a ra-  
pazada, ia-lhe dando cabo do feijão e  
do arroz expoz á porta nas saccos  
abertos! Era uma continua saravada  
de carezas sobre o pobre Antonio!

Depois disso passou um tempo em  
casa, couroso, magro, amarral; deta-  
do p'los entes, dormião as moecas,  
sempre zangado e sempre beccante!

Exitava sahir de dia e nunca mais  
pavava; acompanhava a mãe; esta pou-  
quillo que o firmou, em ser um  
fazer sergipano, emporrendo para o  
grandecimento futuro.

Em effeito nada he mais ex-  
p'ito, mais claro, nem mais logre-  
sabem todos as condições do  
reio de Sergipo, ha muito  
travissado a praça da Bahia,  
e ha a superintendencia mercade  
e offerece no consumo publico  
lendo-se muitas vezes a cartaz  
p'p'os inevitaveis no jogo da  
ap'os a credito.

E te excessivamente, d'v'ito a  
instancias especiaes em que se  
c'locados, tem tr'zão a ambra  
marcha commercial, de modo que  
vez de nos adiantarmos cada ve-  
zes atrasamos; porque cada ve-  
lucral de açcao não pode  
independencia.

Esta independencia de que  
arcedimos nos póis ser cont-  
om o estabelecimento da im-  
prensa, e por esta razão é q

continua

**SEÇÃO LIVRE**

**Grande melhoramento**

O illustre governador deste Estado  
no louvel intento de engrandecer a  
terra onde nasceu, o muito principal-  
mente o commercio sergipano, publi-  
cou o Decreto n. 25 de 25 de Feve-  
reiro do anno, adoptando medidas  
tendentes a promover o estabele-  
cimento do commercio directo entre esta  
praça e a dos estrangeiros.

Foi o art. 1.º do referido Decreto fi-  
comissão de quaesquer impostos,  
incluindo os de qua trata o § 51 do  
art. 1.º do orçamento signato, to lras  
mercadorias importadas directame-  
nte por transito de paizes estrangei-  
ros.

O art. 2.º dispõ que apenas esteja  
o commercio directo, podem  
fazer os primeiros necessida-  
des do consumo. Bitem os mercado-  
rias de outros Estados Pa-  
derudo, sujeitas ao pagamento de  
imposto equivalente ao que se achava  
estabelecido na tarifa das alfândegas.

Essa Decretão em si mesmo affirma-  
o patrio ou foi recebido pelo publico  
sensal como daria ser, visando todo  
nello, ainda mesmo os mais possiveis  
lucros, a estrada de chegar prompta-  
mente a as arrastado progresso, po-  
tencia da autonomia commercial.

Obtendo-se grande pensamento  
que o  
acaba o illustrado e bem intencio-  
nario e governador do correto e  
publico o Decreto n. 42 de 5 de  
fevereiro, no qual, para inte-  
ligencia das disposições do art. 2.º, § 51,  
do Decreto de 25 de Fevereiro  
estabelece o prazo de seis mezes, a co-  
mear daquelle data, para a execu-  
ção de qua ficou disposto.

O fim do ultimo Decreto, marcando  
o prazo de que se trata, foi a presen-  
tação dos resultados das transacções com  
mercades directas entre o Estado  
de Sergipo e as praças estrangeiras, po-  
que já havia decorrido tempo su-  
ficiente para conhecimento de todos  
lucros e gastos.

Na prova á sociedade qua o dist-  
ricto governador deste Estado, sem  
a menor interrupção do progresso de sua patria, e  
a um pequeno momento, e quando  
havia estado della, de preferencia á  
qualquer interesse.

A primeira vista poderá ter pe-  
nha á alguns espiritos pouco reflexi-  
vos que o acto do honrado governa-  
dor em disposições arbitrarías, tou-  
do de uma imposição, no intuito  
de ornar á popularidade com di-  
vidas das classes produtoras.

Então, quem ha f'ra e  
ha zozos, anlyer, interm'ntem  
est'rio do Decreto de 25 de Feve-  
ro a nelle apenas o ham desejo  
quillo que o firmou, em ser um  
fazer sergipano, emporrendo para o  
grandecimento futuro.

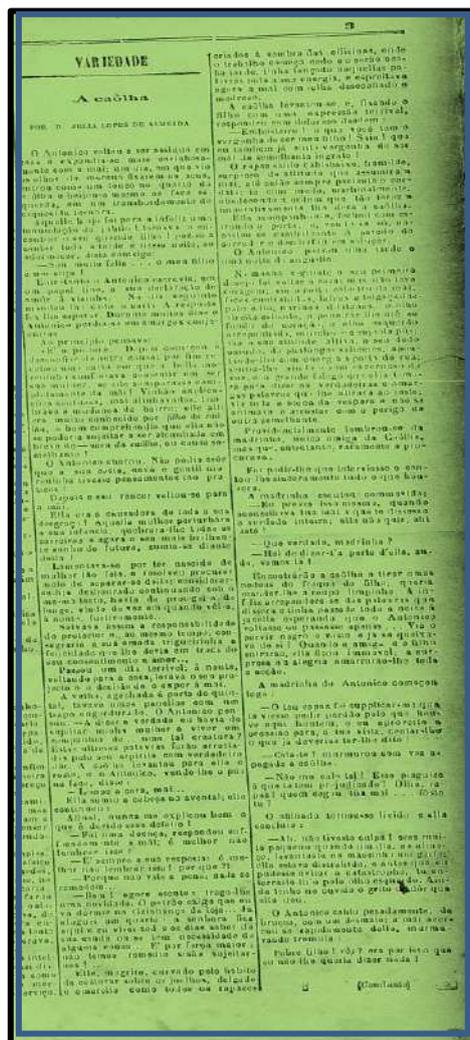
Em effeito nada he mais ex-  
p'ito, mais claro, nem mais logre-  
sabem todos as condições do  
reio de Sergipo, ha muito  
travissado a praça da Bahia,  
e ha a superintendencia mercade  
e offerece no consumo publico  
lendo-se muitas vezes a cartaz  
p'p'os inevitaveis no jogo da  
ap'os a credito.

E te excessivamente, d'v'ito a  
instancias especiaes em que se  
c'locados, tem tr'zão a ambra  
marcha commercial, de modo que  
vez de nos adiantarmos cada ve-  
zes atrasamos; porque cada ve-  
lucral de açcao não pode  
independencia.

Esta independencia de que  
arcedimos nos póis ser cont-  
om o estabelecimento da im-  
prensa, e por esta razão é q

Fonte: Hemeroteca Digital Nacional. Site: Descrição: Reedição do conto "A Caôlha" de autoria de Júlia Lopes de Almeida, no exemplar *O Republicano* em 13 de maio de 1890. Ocupando a terceira página do jornal e a segunda e terceira coluna, com o informe de continuação.

## Imagem 65



Fonte: Hemeroteca Digital Nacional. Site: Descrição: Reimpressão do conto intitulado “A Caôlha” – de Júlia Lopes de Almeida. No exemplar *O Republicano*, no dia 16 de maio de 1890. Localizado na página terceira, na seção *Variedade*, nas colunas de número 4 e 5, com informação de conclusão do conto.

Para nos direcionarmos ao fechamento deste tópico, o qual tem a primazia de destacar a presença dos escritos de Júlia Lopes de Almeida nas páginas do jornal *Diário de Notícias*; vale mencionar que o referido estudo, possibilitou-nos ir além de nossa análise, nos oportunizando realizar cruzamentos de informações que nos permitem a reflexão de quão frequente e expressiva fora a contribuição da literata em periódicos paraenses dentre os quais cito: *A Patria Paraense*, *Província do Pará* e *A folha da Amazônia* – nosso suporte de análise e nos jornais nordestinos: *O republicano* (Se) e *Pacotilha* (Ma).

Dentre aqueles, julgamos pertinente sobressaltar os escritos que foram publicados de maneira inédita no jornal *Diário de Notícias* a exemplo dos contos:

*O tamanco* (1887) e *Pela Pátria!* (1895). Não podemos deixar de mencionar quão valiosas foram as reedições das obras *A Caolha* (1894), *In extremis* (1894), e *Concessões para a felicidade* (1895), que tiveram suas respectivas divulgações iniciais nos jornais *O Republicano* e *Pacotilha*.

Tais cruzamentos de dados, foram importantes para verificarmos a presença da ficcionista nas páginas dos jornais paraenses mencionados no corpus deste trabalho, além de realizarmos a veiculação dos escritos da autora nos periódicos nordestinos *Pacotilha* e *O Republicano*. No entanto, nossa atenção direcionou-se aos trabalhos publicados por Júlia no jornal *Diário de Notícias*, estes nos possibilita uma minuciosa investigação a respeito dos teores atrativos dos textos apresentados pela escritora aos seus leitores na Belém finissecular, além de uma possível constatação, em relação à literata ser a escritora que mais divulgou seus trabalhos nas páginas do exemplar *Diário de Notícias* no período de 1894 a 1898.

Destarte, diante das assertivas apresentadas, nos direcionamos ao capítulo subsequente deste trabalho, o qual objetiva analisar as narrativas intituladas: *A Caolha* (1894), *In Extremis* (1894) *Pela Pátria!* (1895); estas compõem a cartografia das narrativas publicadas por Júlia Lopes de Almeida nas principais seções do jornal *Diário de Notícias*. Portanto, buscaremos inicialmente realizar uma breve análise dos textos e posteriormente apreciarmos as temáticas dos mesmos.

#### **4.2 – O Gênero textual conto como modalidade de nossa análise**

O presente capítulo tem como intuito realizar a análise de três contos divulgados pela ficcionista Júlia Lopes de Almeida no periódico *Diário de Notícias*, tais publicações ocuparam as principais seções do exemplar, mais especificamente o espaço *folhetim*. No presente momento iremos apresentar as respectivas narrativas que serão nosso objeto de estudo. Inicialmente será observado o conto “*In Extremis*” (12/08/1894); na sequência, “*A Caôlha*” (28/10/1894) e por derradeiro o conto intitulado “*Pela Pátria!*” (03/03/1895). Optamos por esta ordem, levando em consideração a datação da divulgação dos contos no jornal em estudo.

Antes de introduzirmos nossa análise sobre os contos selecionados, iremos direcionar o leitor para uma breve reflexão sobre o gênero textual conto, para assim, nos aprofundarmos com mais munições a respeito das narrativas em estudo.

Como bem advertido em estudos anteriores, o conto pertence ao gênero narrativo em prosa. E como bem destaca as estudiosas Glória das Neves Verde & Valdeci Batista Oliveira “o conto ainda que contenha os mesmos componentes do romance, a sua brevidade decorre das peripécias, dos lances e dos embates produzidos pelo *ágon* e do número de cenários e de personagens reduzidos”. (p. 7, s/d).

Como destacado na fala das pesquisadoras, o conto nos apresenta esta narrativa mais reduzida, com número de personagens menor, para assim atender o enredo, uma vez que o conto, se particulariza por esta narrativa breve, que aponta a concisão, precisão, densidade da trama, causando, assim, um efeito único no leitor, como nos pondera o romancista Moacyr Scliar, ao destacar sua preferência pelo conto:

Eu valorizo mais o conto como forma literária. Em termos de criação, o conto exige muito mais do que o romance... Eu me lembro de vários romances em que pulei pedaços, trechos muito chatos. Já o conto não tem meio termo, ou é bom ou é ruim. É um desafio fantástico. As limitações do conto estão associadas ao fato de ser um gênero curto, que as pessoas ligam a uma ideia de facilidade; é por isso que todo escritor começa contista (Jornal Folha de S. Paulo, 4 de fevereiro de 1996, pp. 5 -11).

É com as referidas ideias e reflexões sobre o gênero conto que avançamos em nosso trabalho e nos direcionamos neste momento às análises dos contos supramencionados, objetos de nosso estudo. Mas, antes de iniciarmos a análise, gostaríamos de pontuar os elementos essenciais dentro de uma narrativa que são – o narrador, os personagens, o enredo, o tempo e o espaço.

Os contos selecionados como nosso corpus de análise, sintetizam os elementos das narrativas, porém, com dimensões distintas. Em se tratando do espaço dentro dos contos almedianos em estudo, podemos nos apoiar nas palavras de Borges Filho (2007, p. 103) que nos apresenta a classificação de como o espaço poderá ser reconhecido de acordo com sua quantidade de

espaços dentro da narrativa, ela pode ser denominada de monotópica, quando há apenas um espaço, bitópica, quando há dois espaços, ou politópica, quando há a presença de vários espaços pelos quais a personagem se desloca.

É pertinente frisarmos que dentre os aspectos interessante das narrativas bitópicas é a fronteira. Ela, como descreve Borges Filho, “se caracteriza por um corte grandioso, longitudinal” (2007, p. 30). Além disso, a fronteira pode ser identificada como impenetrabilidade, salienta Cinara Leite Guimarães (2015, p. 72-73) “a fronteira é caracterizada pela impenetrabilidade, colocando-se como um obstáculo ao movimento das personagens. Esses obstáculos podem ser de ordem diversa: social, psicológica, ideológica, física ou econômica.” Assim, como destacado o gênero e aspectos sobre os elementos das narrativas, vamos direcionarmos a análise dos contos e no decorrer do estudo, aprofundarmos os elementos narrativos sobre cada conto.

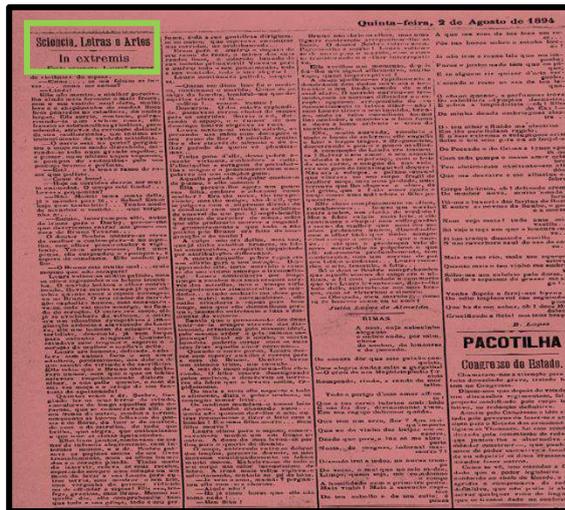
Como já mencionado anteriormente, por uma questão didática, levaremos em consideração a data de publicação das narrativas no exemplar *Diário de Notícias*, para ordenação das análises.

#### **4.3 – A representatividade da figura feminina diante o olhar de Júlia Lopes de Almeida no conto “*In Extremis*” (1894)**

O presente subcapítulo tem como intuito analisar três dos contos almedianos que ocuparam as páginas e principais seções do suporte *Diário de Notícias*, mais especificamente nos dias 12/08/1894 o conto *In Extremis*; 28/10/1894 – *A Caolha* e em 03/03/1895 o conto *Pela Pátria!*. Nestes textos, iremos observar como o perfil feminino é apresentado mediante o olhar da ficcionista e como a autora, por meio de sua escrita objetiva, simplista e direta esmiuçar os principais personagens da trama, com especial atenção às personagens femininas.

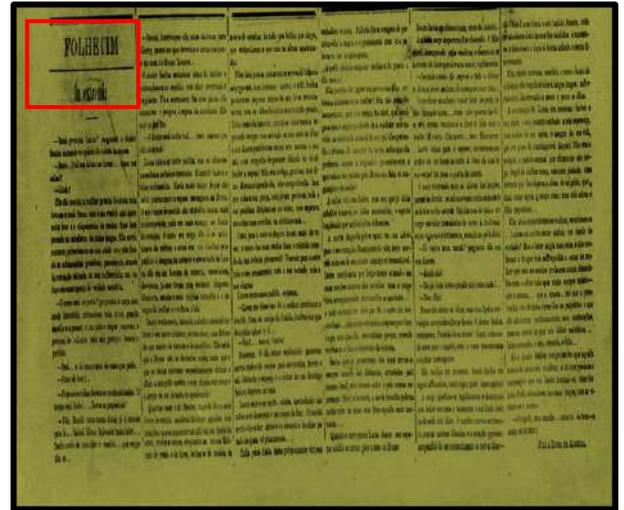
Para uma melhor compreensão, iniciaremos nosso estudo e análise sobre o conto *In Extremis*, este com sua primeira publicação no exemplar maranhense *Pacotilha (MA)* em 02/08/1894, decorrido dez dias a narrativa é republicada no jornal *Diário de Notícias*. Como se pode verificar nas imagens a seguir de ordem 66 e 67.

Imagem 66



Jornal *Pacotilha* de 02/08/1894,  
seção *Ciencia, Letras e Artes*,  
com o conto "*In Extremis*"  
de Júlia Lopes de Almeida

Imagem 67



Exemplar *Diário de Notícias* de  
12/08/1894, seção  
*Folhetim*  
com o conto "*In Extremis*"  
autoria de Júlia Lopes  
de Almeida.

Fonte: site: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319\\_01&Pesq=%22julia%20lopes%20de%20almeida%22&pagfis=15612](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_01&Pesq=%22julia%20lopes%20de%20almeida%22&pagfis=15612) . Acesso em 23/03/2022.

A narrativa teve sua primeira divulgação no exemplar a *Pacotilha* (1894), no mesmo ano e mês o conto foi republicado no periódico *Diário de Notícias*, jornal este nosso suporte de estudo, é importante destacar que será o conto publicado nesta edição do exemplar que será objeto de nossa verificação.

O conto *In Extremis* localizado na primeira página do jornal, ocupando a seção *folhetim*, nos apresenta nas suas primeiras linhas narradas a presença de uma mulher jovem, casada com um homem de mais idade, pelo qual possui um afeto, admiração e respeito, mas que verdadeiramente carrega em seu coração o amor carnal por outro homem, de idade compatível a sua e sendo correspondida. A trama se desenvolve com os seguintes personagens: Laura, a jovem casada, o Dr. Seabra, esposo da protagonista, e Bruno Tavares, rapaz jovem.

A trama utiliza-se do narrador heterodiegético – ou seja, não participa da história, como podemos observar nas palavras expressas por Denise Lobato “a tessitura narrativa do conto *In Extremis* se faz na terceira pessoa, o que implica

dizer que o narrador heterodiegético não participa da história, apenas narra os acontecimentos” (2016, p. 115).

Em relação aos espaços nos quais se desenvolvem o enredo, podemos citar “há duas casas, a que vive o casal, cuja lugar abriga as primeiras ações, e a outra de Bruno, na qual se desenvolve o desfecho do conto; as demais, há o espaço Derby, onde aconteceu evento para o qual os protagonistas se dirigiam” Lobato (2016, p. 116).

É diante deste cenário que se introduz o enredo, o qual se inicia com o diálogo entre a jovem Laura e seu esposo, ambos estão preparando-se para desfrutar de uma bela manhã ensolarada que fazia naquele dia.

Laura moça vaidosa, cuidava-se dos mínimos detalhes, para desfrutar do evento matutino optou por usar um vestido de tom azul claro e leve, para tomar os devidos cuidados contra os raios solares compôs sua vestimenta de um chapeuzinho de renda finas, além de complementar sua veste fazendo uso de luvas.

Laura, uma senhora que demonstrava ter entendimento dos estilos e cuidados com a saúde. Pois, no dia ensolarado nada melhor que utilizar-se de tons claros para melhor absorção do calor e de acessórios para protegê-la dos raios solares, para assim preservar sua pele macia e jovial. Tais percepções comentadas são possíveis de serem observada no trecho a seguir:

-Estás pronta,<sup>59</sup> Laura? Perguntou o doutor Seabra entrando no quarto no toilette da esposa. - Estou... só me faltam as luvas... como me achas? -Linda...

Elle não mentia, a mulher parecia-lhe ainda mais formosa e mais fresca, com o seu vestido azul claro, muito leve e o chapéuzinho de rendas finas bem pousado na cabelleira, de ondas larga. Ella sorri contente, pulverizando-se com *White rose*; elle franziu as sobrancelhas grisalhas, percebendo através da carnação delicada da sua mulherzinha, um intimo estremecimento de vaidade satisfeita.

- O carro está na porta? Perguntou a moça com modo distraído, mirando-se toda n'um grande espelho e a passou, n'um ultimo toque vaporoso o pompon de *veloutine* pelo seu pescoço branco e perfeito.

- Está... e lá tens o ramo de rosas que pedis...

- Como és bom!...

-Hoje as corridas devem ser muito animadas. O tempo está lindo!... (ALMEIDA, 1894, p. 32).

Laura, era uma mulher responsável, determinada, e que executava algumas decisões, sem necessariamente ter que compartilhar com o esposo, em

---

<sup>59</sup> Mantivemos a escrita da época.

determinadas situações, a esposa do Dr. Seabra detinha o poder de resolução, como se observa no fragmento “- O tempo está lindo!... Levas a pequenina? – Não. Mamã toma conta d’ella; já a mandei pra lá” (ALMEIDA, 1894, p. 33).

Observe o excerto, quando Laura ao ser questionada pelo esposo, sobre a ida ou não da filha do casal ao dia de lazer, a esposa já informa que resolverá a situação, apenas comunica qual medida tomou, sem apresentar um diálogo para discorrer sobre o assunto.

Tal circunstância de cuidados dos filhos expresso na figura feminina de Laura, que se ocupou da tal responsabilidade dentro da narrativa, nos aponta quão à frente de algumas decisões as mulheres já estavam, imagem feminina esta que detinha poder de resoluções sobre determinadas ações diante o ambiente familiar.

A moça constantemente disposta e atenta para as observações do esposo é surpreendida com o comentário do Dr. Seabra de que julgava pertinente ambos fazerem uma visita à casa de Bruno Tavares, pois o mesmo não estava muito bem de saúde, como se nota no trecho:

- Escuta, interrompeu elle, antes de irmos para o Derby, parece-me que deveríamos entrar um pouco em casa do Bruno Tavares... – O Bruno está muito mal. Creio mesmo que não escapará (ALMEIDA, 1894, p. 34).

No trecho mencionado, podemos notar a presença de três locais distintos no qual o narrador nos apresenta, a casa do casal, local em que ocorre a informação por parte do Dr. Seabra, e direcionamento à casa de Bruno Tavares, o enfermo, antes de se dirigir ao passeio matinal para o Derby. Com a menção dos três espaços, logo podemos inferir que nesta narrativa o espaço faz referência a um espaço politópica, além de nos apresentar indiretamente a fronteira entre os personagens. A Fronteira está subdividida pelas questões sociais, econômica e ideológica.

Como questão social, podemos mencionar os termos dos nomes entre os personagens no qual um é identificado pelo simples nome – Bruno enquanto o segundo no decorrer do conto é identificado como “doutor – Seabra”, já constatamos uma distinção no tratamento dos personagens, além de possivelmente a relação econômica, na qual o derradeiro organiza-se para ir ao evento de corridas de cavalos – diga-se de passagem, um evento direcionado à

burguesia à alta sociedade – , um evento celetista que não acolhe qualquer participante, por envolver geralmente altos valores de apostas entre os animais envolvidos na corrida. Logo, este ambiente não é tão propício a Bruno.

Com o andamento da apreciação do conto, observamos mais detalhes que nos direcionaram a ratificar a fronteira que existe, mencionada pelo narrador no decorrer da análise entre os personagens.

Após a notícia mencionada por seu esposo, a jovem altera completamente seu semblante e a feição transmite o que o coração de Laura passou a palpitar naquele instante mediante a informação sobre o estado de saúde de seu amor – sim, Laura nutria um amor que sabia não poder concretizar, pois era casada e tinha a consciência de sua condição, esposa e princípios morais. Como bem nos descreve o narrador, a aparência de Laura ao ser surpreendida pela fala do seu esposo, sobre o estado de saúde do jovem Bruno: “Laura voltou-se pallida, com os olhos esgarçados e os beiços trêmulos. O marido baixou o olhar entristecido. Havia muito tempo já que ele sabia quanto amor a esposa consagrava ao Bruno” (ALMEIDA, 1894, p. 34).

Como podemos constatar nas palavras do narrador, Laura não disfarçava o sentimento que carregava no seu interior, tanto que seu cônjuge sofria emudecido pela circunstância em que se encontrava, homem maduro, com uma certa experiência e intelecto aguçado, optou por conduzir de forma amena e apaziguada a situação que se formará entre sua amada esposa e Bruno Tavares. Visto que o Dr. Seabra, por vezes, presenciou os dois jovens corações vibrantes de amor e sintonia, em seu ambiente particular de estudos, típico espaço dos membros da classe alta da época. Como bem pontuado pelo narrador:

Quantas vezes o Dr. Seabra, fingindo lêr cá seus livros de estudo, escultava de longe aquelles dois corações, que se conservavam alli, um em frente do outro, mudos e ternos, enquanto as boccas falavam de poesia e de flores, de luar e de música, de aves de estrellas, de tudo que brilha, que alegra que enthusiasma e que une as almas apaixonadas (ALMEIDA, 1894, p. 35).

É pertinente destacar que as atitudes e gestos conduzidos por Laura, estavam à margem do outro – social – este aqui representado na figura de seu esposo, até mesmo os momentos considerados mais íntimos dos jovens apaixonados eram supervisionados por Seabra, como no trecho a seguir:

Elles juntos, contavam scenas da infância, alegremente, com interesse mútuo, o Dr. Seabra passava as páginas secas de seu livro tremulamente, com os olhos húmidos e o coração pesado (ALMEIDA, 1894, p. 35).

Como podemos observar, o cônjuge de Laura, carregava na profundidade de sua alma a tristeza de ver a sua amada esposa alimentando amor por outro homem. É importante destacar que Seabra, no decorrer do enredo, em momento algum revolta-se ou voltou-se de maneira ríspida com Laura, o homem de idade, conservou-se tênue e confiante na amada até as derradeiras linhas do conto. É possível confirmar no fragmento seguinte, o quanto manteve-se cauteloso e consciente da situação:

O seu ciúme de marido não explodira nunca, mais concentrava-se cada vez mais amargo, no fundo do coração. O outro era moço, ele já se avizinhava da velhice, o outro era idealista sympathico, à imaginação ardente, materialista, descrente, já sem forças para encantar ninguém. Conhecia e confiava n'ella (ALMEIDA, 1894, p. 36).

Diante das palavras expressas pelo narrador, no trecho acima, é instigante nos fazermos uma reflexão sobre as questões dos princípios éticos apresentados no decorrer do conto: a figura feminina, casada, com um homem de mais idade, apaixonou-se por um rapaz mais jovem, porém, mediante seus ideais, precisa honrar sua escolha. Temos o papel de mulher casada em meio à sociedade e, principalmente, o valor atribuído aos votos de união feitos ao Dr. Seabra, comunhão da qual nasceu um fruto.

Como frisado no excerto do conto a seguir, Laura é pontuada como a mulher de princípios e virtudes admiráveis, apesar de alimentar um amor fantasioso por outro homem:

Laura era honesta, delicada e abafava com anino o seu amor adultero pecaminoso nas obras de um recanto de virtudes e de sacrificios. Elle sabia que o Bruno não se declarava nunca, mais que o que os lábios calavam respeitosamente diziam-o olhar, a sua pelle quente, o som da sua voz moça e o arrojado da sua fantasia apaixonada (ALMEIDA, 1894, p. 37).

Em se tratando dos princípios e condutas adotados pelos personagens protagonistas do conto, é relevante apoiarmos sobre as palavras de Denise Lobato, quando nos afirma que:

o conto em si, é um verdadeiro hino cantado de virtudes e boas condutas: Laura não cede ao sentimento por ser singularmente virtuosa, Bruno parece representar aquele que morre do mal de amar ao não conseguir ter a mulher desejada, traço comum à época romântica, e Seabra não toma atitude extrema por medo de perder a mulher, ou ainda pelo temor de ser traído, e mesmo a ideia da eminente morte de Bruno agradar-lhe não pesa sobre sua virtude (LOBATO, 2016, p. 117).

Como se observa nas palavras supramencionadas da estudiosa, Laura, Dr. Seabra e Bruno Tavares no decorrer do enredo são exemplos constantes de uma boa conduta e princípios de virtudes, como bem destaca as palavras acima, o conto no geral tratava-se de um verdadeiro hino, no qual os princípios morais burgueses eram bem frisados.

É importante pontuar que mesmo diante das situações mais complexas como por exemplo o momento em que Laura e Dr. Seabra chegam até a casa de Bruno para visitá-lo, encontram-no deitado diante dos lençóis e são informados pela mãe do rapaz de que ele apenas podia alimentar-se de leite materno. Laura encontrava-se na época de produção de bastante leite, visto que amamentava sua pequena filha, o cenário propício criou-se, no entanto, os valores e virtudes morais foram o destaque como podemos verificar no trecho:

Quando o carro parou Laura desceu sem esperar auxílio e correu para a casa do Bruno. Dentro havia um silêncio triste, um ar de tumulto... a mãe do moço apareceu-lhe chorando. O filho estava desenganado pelos médicos, e descreveu os horrores da febre que o levava assim, rapidamente...

Os médicos mandam-o tomar leite de peito, tenho chamado amas... umas não querem dar-lhe seio, outras recusam-se a tirar o leite com a bomba!

Laura olhou para o esposo; conservavam-se mudos um em frente ao outro (ALMEIDA, 1894, p. 37).

Diante do cenário construído, no qual Bruno encontrava-se no estado mais debilitado de sua enfermidade, Laura ao ver o moço naquela situação grave e com o possível remédio que aliviaria tal sofrimento, pois ela estava com os seios carregados de leite materno.

E Seabra ao seu lado para constatar mais uma vez a fidelidade e honestidade de sua amada esposa, toma uma atitude, como podemos observar nas passagens:

Bruno não abriu os olhos, mas uma ligeira contração arrepanhou-se as fáceis. O doutor Seabra estremeceu. Parecia-lhe a morte! Laura voltou-se para o marido, com o rosto transtornado e o olhar interrogativo. Elle vacilou um momento, depois fez-se um sinal afirmativo, muito vago, quase imperceptível (ALMEIDA, 1894, p. 37).

A moça ajoelhou-se rapidamente e desabotoou com os dedos nervosos e tateantes o seu lindo vestido azul claro. O marido curvou-se tremulo com as narinas dilatadas e o coração oprimido: arrependido do seu consentimento ia talvez dizer: - Não, mas Laura tirara o seio tímido, branco, onde as veias estendiam tênues fios azulados e encostava o bico róseo e duro a bocca ardente e seca do moribundo (ALMEIDA, 1894, p. 39).

Laura, assim como Seabra, vivenciaram o ápice dos seus momentos avassaladores, no qual Laura, ao saber que seu amado estava nos últimos suspiros de vida e que à sua frente estava seu esposo, para o qual devia respeito, fidelidade e honra, tomou uma atitude extrema. Entretanto, o esposo, por amor, consentiu, mesmo que de maneira discreta, que a sua amada esposa desse do leite materno a Bruno, permitindo assim que a jovem pusesse na boca de outro homem – o enfermo, o seio branco, rosado e tímido. Como se observa, a cena descrita remete ao topo do movimento estético do Romantismo, no qual a temática do amor, morte e sentimentalismo são expressos frequentemente. Aqui, o amor carnal, acentuado pelo seio nu, é sublimado por um gesto de amor ao próximo, ao enfermo.

A morte do jovem seria uma espécie de alívio para Dr. Seabra, pois assim teria o seu ciúme amargo e irremediável abrandado, além de poder levar sua esposa para longe, sem que a mesma suspeitasse de alguma estratégia do marido para mantê-la mais resguardada, temendo Dr. Seabra em encontrar resistência por parte de Laura, quem sabe, não aceitando a ideia do esposo. Como nos confirma os trechos a seguir:

A morte daquele pobre rapaz era uma allivio para o seu coração. Desapparecido elle, teria morrido a causa de seu ciúme amargo e irremediável (ALMEIDA, 1894, p. 38).

Laura continuaria por longo tempo a amal-o nas suas orações através das estrelas, mas o tempo viria sossegadamente atenuar-lhe as saudades... e tudo acabaria em doce paz... elle então arrastaria a esposa para bem longe sem que ella desconfiasse porque, temendo, entretanto, a luta e descrente da victoria (ALMEIDA, 1894, p. 39).

Observe no primeiro fragmento em destaque que a morte do pobre rapaz soaria como a solução para a liberdade do três, uma vez que, com isto nenhum tinha se desvirtuado, como podemos destacar na fala de Denise Lobato:

com efeito, é a morte de um, a redenção dos três, uma vez que com ela todos se veem libertos, e com isso, ninguém se desvirtua. Consagrando a moral, instruir -se o leitor de que a manutenção dos valores sociais deve estar acima das pulsões humanas (LOBATO, 2016, p. 118).

Assim, os valores sociais foram preservados e sobressaltados de maneira viril e autêntica sobre as tentações carnis e desejos da pulsão humana, visto que, em alguns aspectos, a cobiça momentânea e da carne nos impulsionam a decisões e resultados desfavoráveis que atingem nossa figura social e pessoal. Ao contrário do que nos resultam, por vezes, as escolhas amparadas nos princípios de honra, dentre os quais destacamos o respeito, honestidade e lealdade que nos ofertam a preservação e manutenção dos nossos valores éticos. É importante frisar que tais assertivas e lições são apenas algumas das possíveis ideias apresentadas no decorrer do conto de Júlia Lopes de Almeida.

É pertinente destacarmos que em parte alguma do conto se cria uma ambientação para que os dois jovens ficassem sozinhos, para que uma possível consumação dos fatos ocorresse e a mulher tivesse caído em tentação de concretizar o que sua mente poderia idealizar. A esposa do Dr. Seabra, manteve-se constantemente ao lado de seu marido, inclusive no momento do enredo de mais intimidade com o enfermo, como se verificará na passagem a seguir:

Ella, muito curvada, encobria a meio o busto do enfermo; elle engolia o leite a largos tragos, soffregante, descerrando a pouco e pouco os olhos.

A comoção de Laura era imensa! Salvar o seu amor, o seu amante sonhado a sua esperança, com o leite de sua carne, o sangue as duas vidas, ora um goso da inextinguível doçura! Não era a volúpia, a paixão sensual que vibrava no seu corpo frágil de mulher -moça, mas uma piedade, uma ternura que lhe alagava a alma, de tal jeito, que a fazia amar agora o moço como uma mãe adora o filho pequenino... (ALMEIDA, 1894, p. 40).

Note-se, quão íntimo e singelo é o momento descrito pelo narrador, Laura, casada e mãe, constituinte de uma posição social favorável, alimenta, com o consentimento do Dr. Seabra, seu amor com o leite de sua mama, com o intuito de devolver a vida a Bruno Tavares, tido no enredo como seu amante, amor e cúmplice.

Como é perceptível no final do excerto acima, o amor carnal e sensual que vibrava no corpo de Laura, diante da situação que se encontravam as almas apaixonadas, cedeu espaço ao sentimento de dó, piedade, compaixão e o papel da moça apaixonada é ocupado agora por uma mulher-mãe, a qual olha para o rapaz e o adora como um filho pequeno, como é destacado nas últimas linhas do enredo.

Como podemos notar no decorrer do conto, há características tipicamente românticas, com atenção mais acentuada à Laura, a qual viveu um amor platônico por Bruno, pois, apesar de correspondido, havia como impedimento da consumação dos atos o Dr. Seabra, seu esposo, mais velho que ela, o qual, provavelmente, entrou em sua vida por meio de um casamento arranjado pelos pais.

Caminhando para o desfecho da narrativa, após a cena mais íntima e comovente do enredo, o rapaz, depois de ser alimentado pelo seio de Laura, parece voltar-se para a realidade da vida, mesmo que por alguns instantes, diante do seu leito, observa a cena diante de si, a mulher que ele amava estava alimentando-o, como mesmo frisa o trecho a seguir, nem mesmo em sonho o jovem rapaz conseguiria pronunciar o amor que nutria por Laura, porém o olhar, trocado por eles naquele instante encarregou-se de transmitir o que Bruno, havia emudecido sempre, e na sequência o riso de paz – morte do jovem, acontecera:

Elle abriu completamente os olhos, reconheceu-a... Houve um sorriso entre ambos, um clarão de verdade! Mas a febre exigia mais leite, e elle continuou a chupar com sofreguidão a carne da mulher que nem em sonhos profanara nunca, dizendo-lhe com o olhar tudo que tinha sempre calado – que a amava...Que a amava...até que a prostração veio de novo carrar-lhe as pálpebras e que elle adormeceu profundamente, sem contrações, com um sorriso de paz nos labios satisfeitos... (ALMEIDA, 1894, p. 40).

Nas derradeiras linhas da narrativa, identificamos subseqüentes atitudes de Laura com o Dr. Seabra, quão foi importante aquele discreto gesto afirmativo por parte do esposo, ao conceder a permissão para sua esposa tentar salvar aquele homem, mesmo sendo alguém que lhe despertava ciúmes, ódio e sofrimento. O Dr. Seabra teve a hombridade de enxergá-lo como um ser humano, que estava necessitando da cura para o seu estado de saúde e que, supostamente, a mesma viria pelo leite materno, leite este que sua esposa tinha

em abundância naquele momento. No entanto, mesmo com a tentativa de uma suposta ajuda, Bruno não recuperou a saúde, porém, para Laura, o Dr. Seabra, foi como um herói, visto que a esposa, reconhece quanto o esposo foi passivo e bom, como se verifica nas palavras finais do conto:

Laura escondeu o seio, tremula, e feliz...  
Só o doutor Seabra compreendeu que aquelle sonno do moço era o ultimo e foi com piedade e comoção que veio Laura levantar-se, dizer toda d'elle, atirando-se aos seus braços com ar victorioso e sincero:  
- Obrigada, meu marido... Como tu és bom e como eu te amo!  
(ALMEIDA, 1894, p. 41).

Como podemos averiguar nas últimas linhas do enredo, Laura, a figura feminina em destaque na narrativa, consegue chegar ao fim da história sem perder a esperada virtude de uma mulher conservadora, que não deixou de reconhecer a atitude de seu esposo, ao lançar-se nos seus braços, afirmando amá-lo e destacar o quanto ele era bom, atributos típicos das relações burguesas.

De acordo com o conto, conseguimos observar que Júlia Lopes de Almeida nos apresenta uma temática corriqueira em algumas obras, como a questão do trio amoroso, entretanto, é um conto que esmiuça de maneira latente a temática e constrói um final rico e talvez não aguardado pelo público.

É perceptível que a temática apresentada na narrativa era algo muito comum no meio burguês, uma vez que o casamento entre um homem de mais idade com uma moça jovem, marcava uma relação de negócios – comum no período. Muitas vezes o matrimônio aconteceu por um acordo entre as famílias e geralmente não se casavam por amor ou desejo por seu cônjuge, mas sim, pela situação econômica favorável do pretendente para suprir as necessidades da esposa, do ambiente familiar e dos filhos. Como é observado na vida de Laura e Dr. Seabra.

Para corroborar com nossa análise, nos apoiamos na fala de Del Priore que relata: “o casamento é uma instituição básica para a transmissão do patrimônio. Sua origem é fruto de acordos entre as famílias e não resultado da escolha das pessoas que vão se unir em matrimônio” (2005, p. 26).

A escritora, apesar da temática frequente em outros escritos, nos brinda com um fim inesperado e com a preservação das virtudes éticas e sociais, principalmente dentro da temática família: respeito, fidelidade e honra foram

constantemente testados e aprovados dentro do conto, com a vitória do amor. Tanto o senhor Seabra demonstrou amor com sua família, representado pela esposa, como também por Laura, ao reconhecer o quanto o marido foi bom e como ela o amava. Sabemos que o amor, descrito por eles, é de intensidade e perspectivas divergentes.

O sentimento que o Dr. Seabra tinha por Laura era de um amor verdadeiro entre um homem e uma mulher com desejos carnavais, proteção e cumplicidade, porém o de Laura por seu marido era de gratidão – como é possível deduzir o casal nutria sentimentos diferentes de um para com o outro, no entanto, viviam na mais passiva união, a qual transmitiam à sociedade ser um matrimônio sólido, perfeito e feliz.

É notório que Júlia Lopes de Almeida, de maneira sutil, nos apresenta a temática do triângulo amoroso e demais subtemas, como a maternidade, questões éticas e sociais; relacionando possivelmente com os modos de casamento e o papel que a figura feminina ocupava na época dentro da relação conjugal. Pois, como é compreendido, a mulher normalmente é preparada para assumir funções no âmbito doméstico, como coser, costurar, cuidar dos filhos e do esposo.

Podemos compreender que o Dr. Seabra, carregava um verdadeiro amor por Laura. No decorrer da trama, podemos identificar os cuidados, anseios e atitudes de um homem literalmente apaixonado, que tentou até o final da narrativa proteger a sua união com Laura, sendo homem de mais idade, com as sobranceiras grisalhas, supostamente com experiência de vida, em relação aos jovens apaixonados. Talvez, o protagonista compreendia que tal fase seria devido aos dois serem moços e estarem desfrutando de sentimentos passageiros, compatíveis com a etapa de suas vidas, os quais não mais condizem com aquele homem maduro, que já construía seu espaço no âmbito social: tinha uma família já constituída e era convicto do que desejava para sua vida.

Júlia Lopes de Almeida apresenta por meio da personagem Laura, algumas características frisadas na sua escrita em relação ao papel desempenhado pelas mulheres, em especial as casadas, como no caso de Laura. Conseguimos identificar em partes da narrativa uma personagem feminina, que cuidava de si, preocupada em solucionar algumas situações de

maneira ágil, como a ida de sua pequena filha para a casa da avó, e principalmente esteve ao lado de seu esposo em toda parte do enredo, até mesmo no ápice dos fatos no qual encontram o enfermo e precisavam ali abrandar as crises.

Laura consulta ao esposo, através de seu olhar implorativo, se poderia concluir o que sua mente e coração palpitava, e por meio do simples e quase imperceptível gesto afirmativo por parte do esposo, a protagonista, alimenta Bruno. E, ao final, Laura, reconhece o bom marido que tem e quanto ela o ama. Tal amor pode até não ser de maneira carnal, como é frequente entre os casais, mas era um amor de respeito, bondade e cuidado.

Como descrito no conto, Laura, tinha um amor submisso por seu esposo, e vale frisar que ela cumpriu a função da mulher burguesa, que viveu entre os códigos de honra social e a abnegação do seu amor, tópicos comuns nas personagens femininas no século XIX. Assim, Laura acaba por priorizar a família e tenta cumprir o seu papel de mulher burguesa.

Assim, como percebemos na personagem de Laura, a ficcionista nos apresenta em outros escritos a presença de mulheres que desbravam lutas cotidianamente e que por significativas vezes saem como vitoriosas e como lutadoras, por avançar ou mesmo aprender com as situações do dia a dia.

E com o objetivo de analisar mais uma personagem que transmite as ideias sustentadas e apresentadas pela escritora, convidamos ao leitor se debruçar sobre o conto intitulado “*A Caôlha*”<sup>60</sup>.

#### **4.4 – O olhar de Júlia Lopes de Almeida sobre vidas arruinadas em *A Caôlha* (1894)**

O conto denominado “*A Caôlha*”, teve sua primeira publicação no jornal nordestino intitulado *Republicano*, em 11 de maio de 1890, e foi divulgado no mesmo periódico por mais duas vezes nos exatos dias 13 e 16 do mesmo mês e ano. Não sabemos ao certo, qual foi o motivo pelo qual o conto se apresentou três vezes no mesmo exemplar em tão pouco espaço de dias. O que podemos

---

<sup>60</sup> Mantivemos a ortografia vigente na época.

ratificar é que a narrativa teve sua publicação no exemplar *Diário de Notícias*, no dia 28 de outubro de 1894, ocupando a página de número 1, localizado no rodapé do exemplar, mais especificamente na seção *Folhetim*, descrito nas seis colunas do jornal, com início e fim da narrativa em um único dia. Como se comprova através da figura 68.

Imagem 68



Fonte: *Diário de Notícias*. Conto: *A Caôlha*. Seção: *Folhetim*. 28/10/1894. A autoria: Júlia Lopes.

O conto *A Caôlha* (1894), de autoria de Júlia Lopes de Almeida é republicado na coletânea denominada *Ânsia eterna* (1903), o enredo dessa narrativa é composto pelos personagens principais: mãe (caôlha), cujo nome verdadeiro não é revelado, e seu filho (Antonico) e os personagens secundários como a madrinha do rapaz e seus colegas de trabalho e a mulher da quitanda.

A trama nos revela o trágico por meio de uma linguagem comum, propiciando um sentido definido do belo e uma percepção nítida dos valores morais e sociais. Podemos, de certo modo, considerar o conto como o retrato de um ambiente familiar e social opressivo, que em certo ponto atinge as raias do grotesco, estimulando no leitor o possível sentimento de estranhamento para com a realidade tão desumanizada.

Em se tratando de uma observação direcionada ao ângulo do grotesco, apresenta-se, antes de tudo, numa associação direta à condição social da mulher. Diante disso, Sodré e Paiva (2002, p. 39) nos adverte:

o grotesco é uma aberração de estrutura ou de contexto [...]o miserável, o estropiado, são grotescos em face da sofisticação da sociedade de consumo, especialmente quando são apresentados em forma de espetáculo. A 'estranheza' que caracteriza o grotesco coloca-o perto do cômico ou do caricatural. [...] o grotesco é um mundo distanciado, daí a sua afinação com o estranho e o exótico (PAIVA, 2002, p. 39).

A presente relação mencionada acima é descrita e mencionada no conto *A Caôlha*, logo nas primeiras linhas, relatada pelo narrador, quando este denomina a protagonista do enredo de “a infeliz mulher”, além de detalhar cenas pitorescas, dentre as quais fazem menção o primeiro parágrafo do conto, como observamos no trecho:

A infeliz mulher contou ao mestre toda a história do filho....  
A caolha era uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto arqueado, braços compridos, delgados, largos nos cotovelos, grossos nos pulsos; [...] pescoço longo, engelhado, como o pescoço dos urubus; dentes falhos e cariados. O seu aspecto infundia terror às crianças e repulsão aos adultos; não tanto pela sua altura e extraordinária magreza, mas porque a desgraçada tinha um defeito horrível: haviam-lhe extraído o olho esquerdo; a pálpebra descera mirrada, deixando, contudo, junto ao lacrimal, uma fístula continuamente porejante (ALMEIDA, 1894, p. 9).

Como se nota na descrição acima, a mulher do conto é narrada com inúmeras adjetivações que carregam semanticamente um pesar em seus significados, palavra estas com um certo olhar de desumanizador para descrever a protagonista da narrativa, uma mulher em condições financeiras desfavoráveis, pois cuidava e sustentava sozinha seu filho, Antonico. Para refletirmos sobre o teor humanizador é bem pertinente as palavras de Antonio Candido, quando nos afirma:

Entendo aqui por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1989, p. 117).

O conto em si nos retrata possíveis acontecimentos de uma vida real, com características do estilo de época Realista. Para Afrânio Coutinho (2004, p. 12), a estética realista procura atingir a beleza sob os costumes do comum e do familiar, no ambiente local e na cena contemporânea.

No enredo de *A Caôlha*, podemos identificar dentre as inúmeras temáticas, a maternidade, o papel da mulher na sociedade, pois, como tantas, a protagonista enfrenta as responsabilidades de mãe e de trabalhadora, inserida em uma sociedade preconceituosa por ser pobre, caolha e mulher.

A autora do conto, nos apresenta uma personagem feminina, sem um nome e sobrenome, que é reconhecida apenas por suas descrições físicas e sociais. A história é de uma sofrida mulher, com relances de tons trágicos, em geral o conflito é retratado no seu ambiente familiar e sem idealização, descrevendo a realidade “num arranjo artístico único” (VERDE & OLIVEIRA, s/d, p. 10), ou como nos descreve Borges Filho (2007, p. 07) espaço pontuado como monotópico.

O conto é narrado através de uma linguagem marcada pela simplicidade e naturalidade, de acordo com o seu contexto histórico e social. Como pertinente ao gênero textual, a narrativa é curta. Descreve-se a história de uma mulher que sozinha cria e cuida de seu filho, enfrentando os mais diversos tons de dificuldades sejam as de cunho social, material e pessoal.

A mãe de Antonico vivia excluída do mundo social, devida sua deformidade no olho esquerdo, era literalmente caolha, sua aparência física foi atingida pelo filho, quando ainda criança a acidentou, sem intenção com um garfo, assim deixando para sempre a deformidade no rosto da mulher, como podemos confirmar no trecho:

– O teu rapaz foi suplicar-me que te viesse pedir perdão pelo que houve aqui ontem e eu aproveito a ocasião para, à tua vista, contar-lhe o que já deverias ter-lhe dito!

– Cala-te! – murmurou com voz apagada a caolha.

– Não me calo! Essa pieguice é que te tem prejudicado! Olha! Rapaz, quem cegou tua mãe foste tu! O afilhado tornou-se lívido; e ela concluiu: – Ah, não tiveste culpa! eras muito pequeno quando, um dia, ao almoço, levantaste na mãozinha um garfo ela estava distraída, e antes que eu pudesse evitar a catástrofe, tu enterraste-lho pelo olho esquerdo! Ainda tenho no ouvido o grito de dor que ela deu! (ALMEIDA, 1894, p. 11).

Como minuciado no excerto acima, o filho foi o autor do incidente no rosto de sua mãe, mesmo que involuntariamente, sem a intenção de atingir o rosto de sua progenitora, o fato aconteceu e até as derradeiras linhas da narrativa é perceptível tamanha discriminação, repúdio, sofrimento e angústia passados por esta mulher, que se dedicou ao cuidado do filho, ao sustento do lar. Os trechos seguir comprovam tais assertivas:

... ela lavava a roupa para os hospitais e dava conta de todo o serviço da casa inclusive cozinha.

O filho, enquanto era pequeno, comia os pobres jantares feitos por ela, às vezes até no mesmo prato;

A caolha suspirou e nunca mais foi buscar o filho... Que lhe importava o desprezo dos outros, se o seu filho adorado lhe apagasse com um beijo todas as amarguras da existência? (ALMEIDA, 1894, p. 15).

Destarte, como bem destacado nos fragmentos posteriores, a caolha, era uma mulher que trabalhava para fora, lavando roupa para terceiros, e dava conta de todos os serviços domésticos, inclusive na cozinha. Como nos pontua o narrador, o filho da mulher, quando pequeno, por ter a magia do encantamento, a pureza e inocência de uma criança, não se contrapunha a alimentar-se inclusive no mesmo prato que sua mamãe.

A mulher, mesmo perpassando por todas as amarguras, ao deleitar-se no puro e mais sublime amor de uma mãe para com o filho, esquecia-se das mazelas e desprezo que sofria por parte dos outros. O momento de mais afeto do filho com a mãe, cena está na descrição do beijo que Antonico lhe oferecia, a deixava contente a ponto de “apagar”, nem que fosse por alguns instantes, as amarguras de sua existência. Como relata o narrador ao descrever o trecho, no qual diz a caolha: “Um beijo dele era melhor que um dia de sol, era a suprema carícia para o seu triste coração de mãe!” (ALMEIDA, 1894, p. 6).

No desenvolver da narrativa, Antonico cresce se desenvolve, não apenas em estatura, mas nos pensamentos e começa a ter outras ideias e atitudes que por vezes, magoavam e entristecem sua mãe, como nos pondera o trecho:

Mas... os beijos foram escasseando também, com o crescimento do Antonico! Em criança ele apertava-a nos bracinhos e enchia-lhe a cara de beijos; depois, passou a beijá-la só na face direita, aquela onde não havia vestígios de doença; agora, limitava-se a beijar-lhe a mão! Ela compreendia tudo e calava-se (ALMEIDA, 1894, p. 10).

A pinta amarela no rosto da caolha não apenas causava agora repúdio por parte das outras pessoas, visto que seu filho também passou a demonstrar um certo grau de discriminação, indignação e vergonha, diante da situação em que a caolha se encontrava, devido sua deformação.

O garoto inclusive solicita a mãe para não ir buscá-lo na escola, além de passar um período sem sair de casa, por não conseguir lidar com os deboches por partes dos colegas e conhecidos, que por vezes o identificavam como “o filho da caolha”; ou seja, Antonico, perde sua identidade, passando a ser conhecido pelo nome da deficiência de sua mãe, o filho da caolha. Observemos tais fatos nos fragmentos a seguir:

Era essa pinta amarela sobre o fundo denegrido da olheira, era essa destilação incessante de pus que a tornava repulsiva aos olhos de toda a gente.

O filho não sofria menos. Quando em criança entrou para a escola pública da freguesia, começaram logo os colegas, que o viam ir e vir com a mãe, a chamá-lo – o filho da caolha.

Na rua, muitas vezes, ele ouvia de uma ou de outra janela dizerem: o filho da caolha! Lá vai o filho da caolha! Lá vem o filho da caolha! Eram as irmãs dos colegas, meninas novas, inocentes e que, industriadas pelos irmãos, feriam o coração do pobre Antonico cada vez que o viam passar cantando em coro, num estribilho já combinado: – Filho da caolha, filho da caolha! O Antonico pediu à mãe que o não fosse buscar à escola (ALMEIDA, 1894, p. 18).

Decorrido os dias, o Antonico não conseguiu lidar com a situação de vexames vivenciadas na escola e deixou de frequentá-la. Ele pede à mãe para participar de uma oficina de marceneiro, com o intuito de aprender algum ofício, no entanto, ao adentrar, passa a ter os semelhantes problemas com os colegas, que passam a identificá-lo como o filho da caolha:

Aos onze anos o Antonico pediu para sair da escola: levava a brigar com os condiscípulos, que o intrigavam e malqueriam. Pediu para entrar para uma oficina de marceneiro. Mas na oficina de marceneiro aprenderam depressa a chamá-lo – o filho da caolha, a humilhá-lo, como no colégio (ALMEIDA, 1894, p. 18).

Após esta frustrante tentativa de trabalho, Antonico passa um tempo em casa, não saía para nada, não acompanha sua mãe, a estadia dele em casa não foi tão serena, ele vivia deprimido, isolado pelos cantos, deitado, magro e pálido. Como se nota na descrição a seguir:

Passou um tempo em casa, ocioso, magro, amarelo, deitado pelos cantos, dormindo às moscas, sempre zangado e sempre bocejante! Evitava sair de dia e nunca, mas nunca, acompanhava a mãe; esta poupava-o: tinha medo de que o rapaz, num dos desmaios, lhe morresse nos braços, e por isso nem sequer o repreendia! (ALMEIDA, 1894, p. 19).

Ao perceber a situação que o filho se encontrava, deprimido e amuado pelos cantos da casa e com idade propícia ao trabalho, a caolha, com o sentimento materno a florado, tentou amenizar a situação na qual o filho encontrava-se, assim se direciona à oficina de alfaiate e súplica ao Mestre que não permita que Antonico seja humilhado por terceiros, como ocorrerá em locais como na escola, na rua onde moravam:

Aos dezesseis anos, vendo-o mais forte, pediu e obteve-lhe, a caolha, um lugar numa oficina de alfaiate. A infeliz mulher contou ao mestre toda a história do filho e suplicou-lhe que não deixasse os aprendizes humilhá-lo; que os fizesse terem caridade! (ALMEIDA, 1894, p. 41).

Assim, a infeliz mulher, como denominada pelo narrador, mesmo tendo uma vida de dificuldades, dentre uma delas a de criar e educar um filho sozinha, além de refletir constantemente sobre o pesar daquela deformação em seu olho esquerdo. Inclusive a caolha aponta que o filho tem vergonha de tê-la como sua mãe, neste momento, na narrativa, a mãe de Antonico, reage àquela cruel exclusão do filho, com palavras firmes e incisivas:

A caolha levantou-se e, fixando o filho com uma expressão terrível, respondeu com doloroso desdém: – Embusteiro! o que você tem é vergonha de ser meu filho! Saia! Que eu também já sinto vergonha de ser mãe de semelhante ingrato! (ALMEIDA, 1894, p. 41).

Na maior parte do enredo, podemos perceber uma mulher humilde, que não murmurava da vida que levava, que nutria um amor radiante por seu filho e tinha-o como o melhor de si, pois todos os pesares e dificuldades que a caolha enfrentasse no cotidiano eram sanados com um beijo e abraço de seu filho. Tal cena era frequente quando Antonico era criança. Entretanto, tal trecho acima, relata o momento que o rapaz decide, de morar sozinho, uma estratégia criada para ficar longe da mãe.

A ideia de morar sozinho estava relacionada à nova fase que o garoto se encontrava: apaixonado. Antonico começou a namorar uma moça, chamada Moreninha.

Inicialmente, o rapaz fora correspondido, entretanto, com o passar de uns dias, recebeu da senhorita uma carta com argumentos embaraçados de que ele teria que separar-se de sua mãe.

Ela que na narrativa representa a figura feminina, sutilmente enaltece a representatividade do cotidiano feminino moderno, o qual destaca a mulher que consolida as atividades de: administradora do lar, cuidadora e responsável unicamente pelo filho, além de exercer trabalho remunerada, para ofertar o sustento da sua família.

A caolha, como ficou reconhecida no enredo, sempre fizera de tudo para conceder o sustento da sua família, que resumia-se ao filho Antonico, ele era sua força para continuar lutando contra os preconceitos, tristezas e dificuldades que a vida lhe apresentava. Antonico, apaixonado, precisava fazer uma escolha, entre sua mãe e sua possível namorada, tal decisão foi proposta pela moça, que temia ficar conhecida no bairro como a nora da caolha. Como menciona o excerto:

Antonico escrevia, num papel fino, a sua declaração de amor à vizinha. No dia seguinte mandou-lhe cedo a carta. A resposta fez-se esperar. Durante muitos dias Antonico perdia-se em amarguradas conjeturas. Ao princípio pensava: – "É o pudor". Depois começou a desconfiar de outra causa; por fim recebeu uma carta em que a bela moreninha confessava consentir em ser sua mulher, se ele se separasse completamente da mãe! Vinham explicações confusas, mal alinhavadas: lembrava a mudança de bairro; ele ali era muito conhecido por filho da caolha, e bem compreendia que ela não se poderia sujeitar a ser alcunhada em breve de – nora da caolha (ALMEIDA, 1894, p.43).

Antonico, mesmo sentindo-se triste, amargurado e sem saber como resolver a situação, firmou em seus pensamentos a ideia de mudar-se para outra casa e deixar a mãe na casa simples em que sempre viveram e foram felizes. O garoto, mesmo triste e por vez revoltado com a situação de sua mãe, a acusa por ter nascido de uma mulher tão feia. Ele se direciona à mãe e expõe a situação, porém criando outra estratégia, mencionando as questões sobre o trabalho, sendo este o motivo de sua mudança. Entretanto, sendo uma mulher esperta, a mãe deduziu de imediato qual de fato seria a situação que fizera

Antonico tomar aquela decisão, deixando sua mãe transtornada e muito abalada. Como se observa nas narrativas:

Não podia crer que a sua casta e gentil moreninha tivesse pensamentos tão práticos! Depois o seu rancor voltou-se para a mãe. Ela era a causadora de toda a sua desgraça!  
A caolha levantou-se e, fixando o filho com uma expressão terrível, respondeu com doloroso desdém: – Embusteiro! o que você tem é vergonha de ser meu filho! Saia! Que eu também já sinto vergonha de ser mãe de semelhante ingrato! O rapaz saiu cabisbaixo, humilde, surpreso da atitude que assumira a mãe, até então sempre paciente e cordata; ia com medo, maquinalmente, obedecendo à ordem que tão feroz e imperativamente lhe dera a caolha. Ela acompanhou-o, fechou com estrondo a porta, e vendo-se só, encostou-se cambaleante à parede do corredor e desabafou em soluços (ALMEIDA, 1894, p. 44).

De início, Antonico aponta que todos os infortúnios que aconteceram sobre sua vida estavam relacionados à sua genitora. Vale frisar que mesmo tendo esses pensamentos dispersos, ele preocupava-se com sua mãe. Apesar de deixá-la sozinha em casa, teve certos cuidados com aquela mulher que sempre o acompanhou.

Com a saída de casa, o rapaz comprometeu-se a ir diariamente acompanhar o estado de saúde de sua mãe, visitá-la constantemente e observar se ela precisava de algo, como podemos notar:

trago-lhe uma novidade: o patrão exige que eu vá dormir na vizinhança da loja... já aluguei um quarto: a senhora fica aqui e eu virei todos os dias a saber da sua saúde ou se tem necessidade de alguma coisa... (ALMEIDA, 1894, p. 44).

Apesar de tais palavras serem argumentadas com o intuito de não ofender e causar ainda mais sofrimento àquela mulher, não foi o que ocorreu, ela ficou muito furiosa e tratou Antonico como nunca tinha sido antes. Gritou, expulsou e exclamou dizendo: “com doloroso desdém: – Embusteiro!” (ALMEIDA, 1894, p. 45), o filho amado e protegido, estava sendo adjetivado pela mãe como um impostor, de fato, era este papel o qual Antonico estava desempenhando naquele momento o de mentiroso. Pois é justamente nessa falta de opção de agradar as duas mulheres que traçaram sua vida, mulheres estas opostas uma feia, deformada e infeliz – a caolha (mãe) *versus* a mocinha, raparigazinha e linda moreninha – (sua amada).

É mediante este cenário de lutas, indecisão e conturbação que o rapaz, busca compreender aquela situação da mãe, de como e porque nunca o contara como de fato tal acidente ocorreu, acontecimento este que sempre causou muitos danos a eles, inclusive à própria mãe, que não mais saia de casa, vivia resguardada dos outros, pois tinha receio de sua aparência, causava medo nas crianças do bairro e chamava atenção dos que a avistaram pela primeira vez.

Como é destacado na passagem:

O seu aspecto infundia terror às crianças e repulsão aos adultos; não tanto pela sua altura e extraordinária magreza, mas porque a desgraçada tinha um defeito horrível: haviam-lhe extraído o olho esquerdo; a pálpebra descera mirrada, deixando, contudo, junto ao lacrimal (ALMEIDA, 1894, p. 45).

Com o intuito de descobrir a verdadeira história sobre a deformação do olho esquerdo de sua mãe, Antonico se direciona a casa de sua madrinha, com o objetivo de saber como de fato ocorreu aquele acidente em sua mãe. Pois, ela nunca confessava a real história daquele acontecimento, sempre insistia na mesma resposta que se tratava de uma doença e não e desconversava o assunto. Como se nota no trecho:

Ela sumiu a cabeça no avental; ele continuou:  
– Afinal nunca me explicou bem a que é devido esse defeito!  
– Foi uma doença, – respondeu sufocadamente a mãe – é melhor não lembrar isso!  
– E é sempre a sua resposta: é melhor não lembrar isso! Por quê? – Porque não vale a pena; nada se remedeia... – Bem! (ALMEIDA, 1894, p. 41).

Nesta ocasião, o rapaz já adulto, não mais aceitava com facilidade a simples resposta da mãe e, angustiado pela situação que a mulher levava precisava obter uma resposta mais completa e concreta de toda aquela situação que o acompanhou até aquele momento, buscava entender o que de fato aconteceu a sua mãe, que a deixou sem o olho esquerdo e, além da deformação física, aquela marca em sua face, o atingiu também, inclusive ficando conhecido na escola, no bairro e nas oficinas de trabalho como “o filho da caolha”. Ou seja, por algumas vezes, aquela ausência do olho esquerdo que sua mãe carregava no rosto causou influência diretamente em sua vida desde a infância até a vida

adulta, no momento em que ele planejava construir um relacionamento com uma moça, que poderia ser sua futura esposa.

Com o objetivo de amenizar a angústia que carrega em si, após ter sido expulso da casa de sua mãe, por tentar enganá-la, em não mais morar com ela devido às ordens do ofício, ele busca ajuda na casa de sua madrinha, amiga esta de sua mãe, contudo, de visitas pouco frequentes. Ao expor a situação completa à madrinha, que o escutava com atenção, relata que sempre havia dito, que tal situação não terminaria bem, que esconder a verdadeira história, em algum momento traria problemas, como estava acontecendo, Antonico, sem compreender as palavras da dinda, atende o convite de irem a casa da mãe do rapaz, e esclarecem os fatos:

... lembrou-se da madrinha, única amiga da caolha, mas que, entretanto, raramente a procurava. Foi pedir-lhe que interviesse, e contou-lhe sinceramente tudo que houvera. A madrinha escutou-o comovida; depois disse: – Eu previa isso mesmo, quando aconselhava tua mãe a que te dissesse a verdade inteira; ela não quis, aí está! – Que verdade, madrinha? – Hei de dizer-te perto dela; anda, vamos lá! (ALMEIDA, 1894, p.46).

Decorrida a conversa de madrinha e afilhado, ambos se direcionam à casa da mulher – a caolha, que se encontrava ocupada cuidando das roupas do filho, mesmo triste com a situação e sendo de certa forma magoada pelo fato que tinha passado. Ao adentrarem na casa, Antonico e a madrinha, deparam-se com a mulher lavando a roupa do jovem como se lê “Encontraram a caolha a tirar umas nódoas do fraque do filho – queria mandar-lhe a roupa limpinha” (ALMEIDA, 1894, p. 47).

Notamos que mesmo após a discussão com o filho, a mãe preocupava-se em lhe encaminhar as vestes todas limpas, tal situação pode-se justificar pelo amor maternal entre ela e o rapaz, amor este que por vezes pode ser considerado de imensurável afeto. Pois, como bem frisou o narrador, a mãe já não mais guardava nenhum sentimento negativo da noite passada, a mãe ficou por esperar o filho, mesmo depois das situações vivenciada pelos dois na noite anterior, como destaca o trecho: “A infeliz arrepende-se das palavras que dissera e tinha passado toda a noite à janela, esperando que o Antonico voltasse ou passasse apenas... Via o porvir negro e vazio e já se queixava de si!” (ALMEIDA, 1894, p. 48).

Transcorrido o momento de explicação por parte da mãe do Antonico, ela demonstrou-se bastante alegre e surpresa com a visita deles, que tal comoção bloqueou sua ação, talvez, não compreendia muito bem, o que os dois faziam juntos naquela visita inesperada por parte dela.

Para justificar a ida de ambos a casa da mulher, a madrinha expôs a situação a qual fizera estar ali acompanhada do rapaz, ela esclareceu que o mesmo foi procurá-la com o objetivo de que fosse ajudado para pedir desculpas a mãe, devido ao ocorrido na noite anterior, e a madrinha, aproveitou-se do momento de reconciliação entre eles, relatou o que causou aquela deformação no rosto da mulher, por vezes, a caolha, tentou emudecer a amiga.

Porém o real acontecimento foi revelado: o menino, quando criança, sem intenção, ao alimentar-se enfiou um garfo no olho esquerdo da mãe, tal acidente a deixou marcada para sempre com aquela deformidade na face esquerda, lado em que se guarda o coração, por vezes conhecido como o órgão do amor. Mesmo mediante o fato, nunca faltou o amor entre a mãe e o seu filho, este o agente da ação, que marcou o rosto de sua mãe e a impedindo de levar uma vida como as demais mulheres daquela sociedade, que por vezes preocupava-se com a beleza exterior. No trecho a seguir podemos acompanhar a fática descrição do narrador na cena comentada:

– O teu rapaz foi suplicar-me que te viesse pedir perdão pelo que houve aqui ontem e eu aproveito a ocasião para, à tua vista, contar-lhe o que já deverias ter-lhe dito! – Cala-te! – murmurou com voz apagada a caolha. – Não me calo! Essa pieguice é que te tem prejudicado! Olha! Rapaz, quem cegou tua mãe foste tu! O afillhado tornou-se lívido; e ela concluiu: – Ah, não tiveste culpa! eras muito pequeno quando, um dia, ao almoço, levantaste na mãozinha um garfo; ela estava distraída, e antes que eu pudesse evitar a catástrofe, tu enterraste-lho pelo olho esquerdo! (ALMEIDA, 1894, p. 49).

Como se pode observar a caolha, tenta impedir a revelação do acontecido, ordenando silêncio a sua amiga, que não a atende e o declara ser ele o autor daquela marca grafada no rosto de sua mãe, mesmo não podendo ser considera culpado, pois o ato ocorreu de maneira incalculável e sem intenção. A descoberta de que ele fora quem causou aquela ação contra a mãe o deixou abalado e, assim, chegando a perder os sentidos através do desmaio e a mãe, explicando o porquê de evitar de contar a verdadeira história do acontecimento, pois talvez seu coração de mãe já soubesse a reação de

Antonico, como apresenta nas derradeiras linhas do enredo: “ O Antonico caiu pesadamente de bruços, como um desmaio; a mãe acercou-se rapidamente dele, murmurando trêmula: – Pobre filho! vês? era por isto que eu não lhe queria dizer nada!” (ALMEIDA, 1894, p. 49).

É assim, que a narrativa cessa, apresentando-nos do início ao fim uma mulher que tivera dificuldades, que lutou contra tudo para ver seu filho bem, oferecer-lhe dentro de suas possibilidades o de melhor àquele filho único, que carregava a partir da declaração dos fatos aquele cruel fardo da culpa de ter marcado para sempre o rosto da mulher que lhe gerou e que por certo momento sentiu vergonha de tê-la como mãe, descrevendo-a como uma mulher tão feia e a culpando de toda a desgraça que já tinha passado na vida desde a infância.

Ao direcionarmos para o desfecho da narrativa, podemos ratificar quão rico em temáticas fora o breve conto, temas esses pertinentes e frequentes na escrita de Júlia Lopes de Almeida, como: gratidão, amor filial, maternal, abnegação e diferenças sociais. O encerramento do conto, dentre uma das possibilidades como nos pondera Maria Beatriz Zanchet nos faz retornarmos a parábola do filho pródigo descrita na bíblia “No entanto, era preciso festejar e ficar alegre, porque esse teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi encontrado!” (2006, p. 151). Lucas (cap.15, versículo 32), apontando, dessa forma, para o caráter de exemplaridade assumida na narrativa.

Como podemos observar a mulher apresentada por Júlia Lopes de Almeida no conto analisado anteriormente detinha uma visão diferente da observada no primeiro conto *In Extremis* – perfis divergentes, porém representados na pele feminina, na qual mulheres estão perpassando por situações, lidando com tensões e fatos reais e que retratam o cotidiano da sociedade as quais estavam inseridas temáticas verídicas, sendo trabalhada na obra da ficcionista, não que outros escritores não abordavam em suas obras.

O fato se difere por ser uma autora, descrevendo os fatos e personagens diante de seu olhar e principalmente descrevendo com o teor e domínio sobre as diversas temáticas dentre elas temos: o amor de uma mulher casada por um jovem; a relação mãe e esposa; a virtude dos princípios morais e, por fim, a mãe que administra a casa sozinha, tem suas atividades externas remuneradas, cuida de um filho e concilia com as atividades de seu lar.

Neste momento, direcionamos você leitor para a análise do nosso terceiro e derradeiro conto, no qual a literata Júlia Lopes de Almeida, nos apresentará no enredo a figura principal vivenciada por um perfil feminino que tem por nome Catharina, dentro da narrativa intitulada *Pela Pátria!*

#### 4.5 – O amor maternal versus o amor *Pela Pátria!*

O conto denominado *Pela Pátria!* (1895) teve sua primeira divulgação no periódico *Diário de Notícias* em 03 de março de 1895, ocupando a seção *folhetim*, que está localizada no rodapé da página de número 1 do exemplar. Tais assertivas podem ser comprovadas pela imagem 69.

Imagem 69



Fonte: Hemeroteca Digital – Jornal *Diário de Notícias*  
Acesso: 21/03/2021.

É importante destacar que não se tem nenhuma informação sobre a reedição do conto, em outros exemplares, no entanto o conto faz parte da coletânea intitulada *Ânsia eterna* (1903), esta formada por vinte e seis contos, lançada pela primeira vez na editora carioca H. Ganier.

Podemos destacar que a narrativa foi apreciada nas páginas do jornal *Diário de Notícias*, sendo publicada uma única vez com início e fim, por se tratar de uma obra curta e com ações mais concisas, típico do gênero textual conto.

A narrativa nos apresenta a história de uma mulher chamada Catharina, viúva, mãe de dois filhos, o João (mais velho) e Pedro (mais novo), a maior parte do enredo divide-se entre o ambiente interno da casa e o externo, fazendo menção à rua. O narrador não participa dos fatos da história, logo é identificado como narrador heterodiegético – narra os fatos, sem participar efetivamente deles.

O enredo se introduz descrevendo como se encontrava o ambiente externo, mesclando com a narração de como Catharina encontrava-se diante daquele cenário:

Os tiros lá fôra<sup>61</sup> repetiam-se tremendos e abaladores. D.Catharina, muito lívida, segurava com os dedos magros, de encontro ao peito fundo e concavo o seu triste chale de viuva, escutando sozinha a agonia do coração... (ALMEIDA, 1895, p. 01).

Como discorre o narrador, o ambiente não era dos mais tranquilos, acontecia de guerra, luta entre povo e nação, pois tiros e tensões eram percebidos lá fora. Diante deste ambiente, o narrador nos apresenta algumas das características físicas de Catharina, a figura feminina que Júlia Lopes de Almeida nos apresenta, nesta narrativa.

A protagonista da história tem suas características físicas apresentadas no segundo parágrafo do conto: uma mulher de tom de pele pálido, magra, peito fundo e côncavo, que se encontrava sozinha em seu lar, aflita e receosa por ouvir aqueles sons de tiros e saber que seus dois filhos se encontravam em meio àquele conflito, servindo à nação, a sua pátria, como bem sugere o título do conto – *Pela Pátria!*.

Os filhos de D. Catharina são também descritos pelo narrador para diferenciá-los, não apenas pelo nome, mas também pela estrutura física. João – o primogênito, puxou para o pai com as semelhantes características:

O mais velho era um soldado garboso, claro e bonito como o pai, de olhos rasgados e peito franco e largo.

---

<sup>61</sup> Mantivemos a ortografia da época.

O outro, ainda muito moço, puxára ao typo da mãe: era magro, trigueiro, de rosto comprido e lábios sympatheticos (ALMEIDA, 1895, p.01).

Como relatado pelo narrador, João era um rapaz que se assemelhava aos atributos do pai, no entanto, Pedro, o mais novo, que detinha os traços semelhantes aos da mãe, é uma figura fundamental na narrativa, principalmente para o seu desfecho.

De acordo com Nunes, o tempo cronológico “é o tempo dos acontecimentos, englobando a nossa própria vida” (1988, p. 20). Apoderando-se deste conceito, julgamos por bem destacarmos o tempo apresentado no conto, uma vez que encontramos fatos seguindo uma progressão ordenada dos acontecimentos, bem típico do tempo cronológico, em que as etapas acontecem alinhadas.

Na narrativa, podemos observar, por meio da descrição do narrador, que as temáticas ali abordadas não serão de fáceis diálogos, não por tratar-se de temas desconhecidos, mas por exigirem cautela e minuciosidade, dentre os assuntos destacamos: o luto, a religiosidade, a solidão, a morte e a maternidade.

Como podemos identificar nos primeiros parágrafos do conto, D. Catharina encontrava-se sozinha em casa, em sua pequena casa, no bairro Niterói, mulher magra, esguia, fazia uso de uma vestimenta preta, representando seu momento de luto, andando de um lado para outro, completamente desorientada, a protagonista, estava muito aflita e desorientada por saber que seus dois filhos se encontravam no meio da guerra, o mais velho a serviço do exército e o mais novo servindo a esquadra.

Assim, como descreve o narrador no fragmento: “Corria assim de canto, de parede à parede, de janella à janella, sem parar, sem perceber senão que os seus dous rapazes lá estavam na guerra, o mais velho no exército, o mais novo na esquadra” .... (ALMEIDA, 1895, p. 01).

D. Catharina encontrava-se em um profundo estado de solidão e angústia, à espera de seus rapazes, os quais, por alguns minutos, em devaneio, imaginava que em breve retornariam ao lar, e como um exemplo de mãe dedicada aos filhos, mesmo já crescidos, detinha toda um empenho em cuidar de organizar um local para que eles pudessem repousar e desfrutar de uma noite de sono. No entanto, mesmo mediante seus pensamentos imaginários, a lucidez a capturava,

pois seu coração de mãe tinha a ideia de que eles não apareceriam naquele noite, como de fato aconteceu:

Tinha cahido a noite D. Catharina procurou reagir, accedeu a lampada, compoz na alcova proxima as roupas e as camas dos seus rapazes. Para que? Eles não viriam... mas era um habito e ella obedecia com submissão a todos os seus velhos costumes (ALMEIDA, 1895, p. 01).

A mãe dos jovens era uma mulher religiosa que detinha o frequente hábito da crença, acreditava no Deus que fez o mar e a terra, mas, por vezes, o desespero, o desânimo e o abalo vinham sobre seu espírito. Catharina se dedicava a suas orações, suplicando vida longa para cuidar de seus únicos filhos, trecho bem enfático nos seguintes excertos:

embora inteligente e imaginosa; e na curta parabola em que o seu espirito se abalançava, não podia attingir esses preceitos divinos, que se escrevena com sangue e que os homens leêm corrente na sua alta sabedoria...

A honra? O brio da nação? Palavras! Ella não sabia senão que amava os filhos, que os tinha criado com terno apego e grande sacrificio, pedindo honestamente e humildemente ao Senhor Deus dos exercitos, que fizera as estrellas do céu, as aguas do rio, os cedros altivos e as areias do mar, que, na sua forga prodigiosa de tantas maravilhas lhe concedesse a simplissima graça de a fazer morrer bem velhinha, deixando n'este mundo os seus dois filhos... os seus dois unicos filhos! (ALMEIDA, 1895, p. 01).

É mediante o cenário de consciência e desilusão que D. Catharina rompe as primeiras horas do anoitecer, as ruas já silenciadas, o céu turvando e os pensamentos oscilando entre o bem (Deus) X o mal (Diabo), ocupavam as ideias da viúva, por afligir-se em saber que seus filhos estavam em meio à guerra em favor da pátria, a certeza que ela tinha era de que amava os filhos. E para acalantar seu coração de mãe apegava-se a todos os santos que sua memória se recordava, além de vagar seus pensamentos entre preces e heresias, como podemos comprovar nos excertos abaixo:

A pouco e pouco idéas desencontradas foram nascendo e fugindo si - multaneamente no seu cerebro de devota extinet a Deus e o diabo surgiam juntos na mesma luz indecisa que se esbatia em sombras, que mudava e que desaparecia. Santa Catharina, sua patrona, a virgem douta, vinha também na sua nudez pallida de martyrisada, atravessar lhe a mente n'um clarão frouxo e frio. E depois outros santos, e grandes heresias, procissões fantásticas, mal definidas, indeterminadas, arrastavam-se lentamente, mudando de feitio e mudando de côr, esfacelando-se, extinguindo-se... (ALMEIDA, 1895, p. 01).

A viúva, por um considerado tempo, permaneceu com seu olhar vago, diante de todo aquele clima bélico, em que os sons de estrondo de canhões, tremores do solo e ondulações, intensificam ainda mais aquele momento tão terrível e doloroso, principalmente aquela mãe, que sozinha em casa, mediante sua angústia e ansiedade, mal sobrevivia. Como bem discorre a cena, o narrador: “perdera as forças na anciedade e no pranto; o coração não lhe distillava a agua purificada da lagrima, que escorrera toda, deixando só no fundo os residuos de sangue negro e envenenado, geradores de raiva” (ALMEIDA, 1895, p. 01).

É diante deste cenário de oscilação entre a aflição e a crença de um coração materno em poder ver seus filhos que D. Catharina ouve passos firmes aproximarem-se da calçada e rapidamente desperta-se daquele olhar que ao mesmo tempo era fixo e penetrante. Ela, desligando-se do olhar apático, direciona-se à porta e reencontra o seu filho João. O coração daquela mulher naquele instante irradia-se ao rever seu filho:

O coração saltava-lhe em ímpetos violentos, suffocadores.

- Meu filho!

Era o João, o mais velho, o soldado. A mãe estendeu-lhe os braços, sorrindo, enlevada, n'uma grande ventura. Elle não respondeu ao affago, e pallido, abstracto, sem ter nem mesmo levado a mão respeitosa ao bonet, foi direto á mesa e apoiou-se n'ella deixando-se cahir n'uma cadeira (ALMEIDA, 1895, p. 01).

Com o coração festivo ao ver que seu filho mais velho, estava bem, apesar de uma aparência enfadonha e sujo de pólvora, aquele encontrava-se ali, diante de seus olhos, mesmo com todo o entusiasmo, rapidamente lembrou-se de Pedro e na sequência indaga João sobre seu irmão:

- Como você vem sujo de polvora...e como está cansado!... Meu adorado filho!..que medo que eu tinha !... Fico pensando agora do outro... o meu Pedrinho ... você sabe d'elle?

João voltou-se para mãe com ar espantado.

- Diga: você viu seu irmão? (ALMEIDA, 1895, p. 01).

Apesar da insistência de D. Catharina para obter informações sobre o filho caçula, João parecia não compreender o que a mãe lhe perguntara, inclusive ela cogitou a possibilidade de o filho mais velho estar louco.

Pois aquele olhar espantado, sem resposta para suas indagações, as mãos todas sujas de pólvora, roupas rasgadas, lembrou-se de convidá-lo a

repousar, pois assim poderia melhorar aquele quadro no qual ele encontrava-se, vindo de uma guerra.

Os pensamentos de mãe, em proteger e recuperar o bem-estar daquele filho, sobressaltam, em nenhum momento poderia imaginar, o que João fora lá fazer, além de mostrar a sua progenitora que apesar da batalha, estava vivo e que viera fugido. A mãe com temor de perder o filho de vista novamente, cessou as perguntas. Tais entendimentos podem ser comprovados nos fragmentos:

O soldado não respondeu. Fixava a mãe com o olhar parvo, muito aberto como se não compreendesse o que ella lhe dizia. Vinha fugido, com a farda rasgada, aberta o peito, as mãos negras de polvora, o rosto transtornado e decomposto.  
D. Catharina apavorou-se. Estaria doudo, o João? Ameigando a voz, ella pediu-lhe que repousasse, offereceu-lhe de comer.  
Que não, respondeu elle com um gesto. Então...  
Mas o espirito da mãe clareou-se de repente. Sabia. O filho vinha só para dizer-lhe: vivo! E já com medo de tornar a perdê-lo, instou para que fosse descançar. - Não posso ... balbuciu elle; e depois: - venho fugido! (ALMEIDA, 1895, p. 01).

O cenário mais conturbado do conto aproximava-se: João retornava à casa de sua mãe, não apenas para revê-la e confirmar que estava vivo, a ida dele perpassa por fatos mais pontuais e fortes. Não pretendia demorar, pois a guerra não cessara e não deixaria os demais companheiros na batalha e se refugiaria em casa, como desejava o coração de D. Catharina que, inclusive, propõem-se ir buscar Pedrinho, uma vez que João afirma tê-lo visto em solo, a mãe segue nas indagações, sem compreender as atitudes e respostas do filho e clama a sua entidade de devoção, como se nota no excerto abaixo:

- Não quero esconder-me, tornou elle percebendo-lhe a intenção; eu volto para lá ... Elles conseguiram vir á terra... temos luctado muito!...  
- Os revoltosos desembarcaram?! Perguntou a mãe com vehemencia, afflictiva, arrancadamente.  
- Que sim.  
-Então você viu o Pedrinho?!  
João abaixou affirmativamente a cabeça.  
-Nossa senhora! Porque é que o não trouxe? O soldado calou-se, tímido, suspirando baixo (ALMEIDA, 1895, p. 01).

O soldado João estava a preparar a sua mãe para, enfim, proclamar a notícia que de facto trazia para D. Catharina, senhora esta que já perdera o esposo e naquele momento recebia da boca do filho mais velho a notícia de que Pedro, o seu Pedrinho havia morrido, as palavras carregavam um pesar sem fim,

que ao ser indagado pela mãe, João apenas acena com a cabeça, afirmativamente de que Pedro morreu, não que tal gesto de comunicar a perda, diminuísse o sofrimento daquela mãe:

- Mas Pedrinho está vivo?

A palavra custava a romper entre os lábios do soldado, e foi ainda com a cabeça que elle disse - que não... D. Catharina cahiu de joelhos, com as mãos unidas. - Misericórdia! Mataram meu filho! (ALMEIDA, 1895, p. 01).

Com destaca o fragmento supracitado, D. Catharina perde as forças, com a notícia dada por João, cai com os joelhos e mãos unidas ao chão, simbolizando um gesto de clamor, que não era possível, que haviam matado o seu filho, clamando por compaixão. Mal poderia esperar o restante da informação que advinha dos lábios do filho primogênito, após insistir que tudo fosse-lhe contado e indagava ainda mais. João, atendendo-lhe o pedido, olhou para a espada, que carregava junto à sua perna, com o intuito de responder às indagações de D. Catharina, pois aquela teria sido a arma branca que tirara a vida de Pedro. Entretanto, sem compreender aquele sinal, a mãe desolada insistia no questionamento, até que João, pronunciou as mais curtas palavras, porém com uma carga significativa, nas quais expressou ser ele quem matou o seu irmão, Pedro.

Depois n'um salto, exigiu do outro que lhe dissesse tudo, e instava.

-Mas quem foi que o matou?... você não viu? Diga tudo, tudo, tudo! João olhou para a espada, que lhe pendia ao lado, batendo-lhe na perna. A mãe não entendeu e repetiu:

-Quem foi que o matou? Diga, se viu! Diga tudo! quem foi? -Fui eu... (ALMEIDA, 1895, p. 01).

Após ouvir a resposta de João, D. Catharina tomada pelo impacto da notícia afasta-se com um tom de incredulidade naquilo que estava ouvindo, mas, ao mesmo tempo, reage agredindo ao filho, com muitos tapas em direção ao rosto, no peito em cima do coração, aquela mulher ficou desolada, o sofrimento era tão intenso que o narrador a compara a um cão que uivava e rugia e uma leoa que atacava. A dor e aflição se misturavam com a revolta e ódio, por fim amaldiçoa João e o denomina de Caim.

Como sabemos, Abel e Caim, são dois irmãos, filhos de Eva, história retratada na bíblia no livro de Gênesis, (capítulo 4. versículo 4 - 8) no decorrer

da narrativa, Caim mata seu irmão Abel, e por este fato, podemos inferir que D. Catharina refere-se ao João como aquele que tirou a vida do próprio irmão que nascera do mesmo ventre e alimentou-se do mesmo seio, assim o denominando de Caim. As passagens a seguir nos retratam o momento de grande desespero, em que a protagonista do conto reage ao saber que Pedro havia morrido pelas mãos do próprio irmão:

D. Catharina recuou espavorida, e depois, avançando para o filho, cahiu-lhe em cima como uma fêra raivosa, bateu-lhe no peito, bem sobre o coração, e bateu-lhe na cara, muitas vezes e com muita força. Toda ella vibrava na convulsão do desespero, e a voz que a dôr tinha desafinado e enrouquecido, uivava e rugia a um tempo, como um cão que se lamenta, ou uma leôa que ataca!  
- Maldito! Matar seu irmão! Você, que mamou nos mesmos peitos, sahiu do mesmo ventre, nasceu do mesmo amor! Amaldiçoado...Caim!  
(ALMEIDA, 1895, p. 01).

Após a compreensiva reação de D. Catharina, João informa que fora até a casa de sua matriarca informá-la sobre o ocorrido e pedir seu perdão, no entanto, a mãe abalou-se profundamente, com razão, pelo fato, que de início não impediu que João retornasse ao combate, ele saiu sem a bênção de sua mãe e chorando: João concluiu: “viêra despedir-se da mãi, pedir-lhe que lhe perdoasse...mais nada. Voltava para o combate. A mãi não precurou retel-o, e elle sahia soluçando. O soldado não voltou à casa materna” (ALMEIDA, 1895, p. 01).

Como bem frisa o narrador, João não voltou mais à casa de sua mãe, um desses dias de combate, D. Catharina sai a busca do primogênito, com o intuito de encontrá-lo e trazê-lo de volta ao lar, entretanto é informada por um soldado de que João foi levado junto com outros cadáveres, ou seja, havia recebido o mesmo fim de Pedro – a morte. Como se confirma na passagem:

Um dia, já muito sobressaltada, sahia para ir buscal-o, n'um alvoroço, sem saber como perguntar por elle; mas logo no meio da estrada esbarrou com uns soldados que lhe disseram cruamente a verdade; o João tinha sido baleado e fôra levado com outros, n'um montão de cadavres (ALMEIDA, 1895, p.01).

Decorrida aquela fatal notícia, D. Catharina fica estática, com os olhos fixos em uma onda verde, uma espécie de mar de pessoas vestidas das cores patrióticas, que hibridizam com as lembranças das últimas palavras ditas ao filho

e, mediante este cenário conturbado de dor e desespero, a mulher tem a impressão de ver os espíritos dos seus dois filhos, emergindo para o alto – O céu. A cena finaliza com o retorno da viúva para casa, diante daquele dia cinzento, chuvoso e gritando que a pátria era ela, ou seja, D. Catharina era a origem (mãe), a raiz de seus filhos e não a nação, que o fizera perder os dois filhos e termina o conto adjetivando e ordenando mudos aqueles gritos. Como se observa no excerto:

D. Catharina alongando a vista, julgou ver ao longe os espectios dos filhos, com os braços hirtos, muito erguidos para o céu inclemente e as boccas articulando sem vóz, n'um esforço medonho: -Pela patria! Pela patria! Batendo então com as mãos fechadas no peito fundo, D. Catharina, no seu egoismo materno, respondeu-lhes gritando em arrancos de louca: - Calai-vos, ingratos! A patria sou eu! Sou eu! (ALMEIDA, 1895, p. 01).

Como podemos notar do início ao desfecho do conto, a escritora Júlia Lopes de Almeida nos apresenta uma personagem feminina que inicialmente sofre com o tema do luto do esposo, por ser uma viúva e no decorrer da narrativa nos apresenta a temática da maternidade, na qual uma única mãe perde dois filhos.

Por meio da leitura do conto, podemos inferir que a autora, de maneira sutil, nos apresenta uma possível reflexão sobre o serviço militar obrigatório – uma questão de autoritarismo, de intimar os rapazes a participarem das guerras, deixando assim, uma mãe sem os seus filhos, os quais tiveram suas vidas ceifadas pelos combates da guerra, em que vencer era o objetivo primordial.

Tal narrativa, nos possibilita inferir sobre como o patriotismo é imposto, no qual a pátria é frisada como prioridade em relação aos princípios familiares, visto que D. Catharina era viúva, não mais tinha a figura patriarcal no seu lar e, mesmo assim, o governo não dispensou a participação dos seus filhos, inclusive o mar, de verde e amarelo, simbolicamente representando a força de inúmeras pessoas, não cedeu àquela mulher para que ao menos ficasse com um dos filhos em casa.

Talvez nessa narrativa a ficcionista tentasse expressar como os membros das famílias sentiam-se aflitos ao terem os seus entes no campo de batalha, dos quais por vezes, não mais voltavam para os seus lares, a exemplo do João e Pedro.

É importante frisar que a suposta crítica, vem unida ao sentimento de revolta, como bem expressa quando Catharina relata odiar a terra: “D. Catharina odiava a terra que nascera e que lhe roubava agora os filhos, e execrar ainda mais os homens e a lei de tudo!” (ALMEIDA, 1895, p. 02).

Outro momento em que é possível notar a insatisfação da mulher com a nação é na passagem em que ela grita ser “ela a pátria”, assim ratificando ser ela a origem, a raiz daqueles dois rapazes, e não o país, pelo qual eles lutaram, e perderam a vida.

E, após os fatos ocorridos, o que identificamos é o quadro de uma mulher enlutada, tanto pela perda do esposo como pela dos filhos, a qual sozinha tentará sobreviver ao novo destino de sua vida, de completa solidão, e como descrito nas penúltimas passagens do conto, D. Catharina tem a impressão de ver os espíritos dos filhos vagando, reflexo este da alucinação possivelmente desencadeada devido a tal sofrimento, levando aquela mãe a enlouquecer.

Nos direcionando para a conclusão deste capítulo. É imprescindível reforçarmos quão versátil e eclética são as palavras/temas nas mãos de Júlia Lopes de Almeida, ficcionista esta que é reconhecida por importantes estudiosos como Lúcia Miguel Pereira e Guiomar Torresão e outros citados no *corpus* deste trabalho por abordar temáticas do nosso feminino, como bem expressas nos contos aqui analisados, assuntos estes que perpassam pelos princípios éticos e sociais, pela maternidade, luto, patriotismo, amor, doméstico e rejeição social.

Tais assuntos, trabalhados pela escritora, apresentam constantemente a presença feminina como protagonista do enredo, abordando de maneira singular os assuntos tratados e principalmente nos ensinando a lidar com tais temas no decorrer de nosso cotidiano, por esses e outros assuntos conduzidos por Júlia Lopes de Almeida a destacamos como uma escritora além do seu tempo, além de nos possibilitar mergulharmos neste mundo no qual a mulher era vista como um ser objetificado pela sociedade. Em suas obras, a autora

traça um perfil histórico do comportamento feminino entre séculos, criando personagens que refletem, discutem e tentam reverter o quadro em que se encontram, denunciando o padrão feminino exigido pela sociedade (FIGUEIREDO, 2018, p. 1047).

Como nos enfatiza a estudiosa Viviane Figueiredo, a escritora nos presentearia com personagens que muito nos permitem refletir e rever assuntos

nos quais estamos constantemente inseridos, além de, por vezes, violar os padrões ditados por uma sociedade patriarcal, como acompanhamos nos contos em estudo, com especial atenção a *Caólha*.

## Considerações Finais

A presente dissertação teve o objetivo de apresentar à comunidade acadêmica a importância de realizarmos pesquisas em fontes primárias para os estudos literários, a partir da análise do jornal *Diário de Notícias*, nosso objeto de estudo, o qual representou no decorrer deste trabalho a imprensa em solo paraense na segunda metade do século XIX, mais pontualmente nos anos de 1881 a 1898. Para o nosso estudo, delimitamos os anos de 1894 a 1895, pois é neste intervalo de tempo que identificamos os textos de autoria feminina de Júlia Lopes de Almeida, mais especificamente os escritos que se enquadram na categoria do gênero textual conto.

O trabalho com as fontes primárias foi de total relevância para compreendermos e identificarmos como tais fontes são ricas em temas, materiais e conteúdo para o campo literário, assim, os estudos devem ser aprimorados, para assim enriquecermos nossos métodos de investigações e irmos mais a fundo com as pesquisas bibliográficas.

Além de nos depararmos com uma fonte inesgotável de assuntos e informações importantes do meio social, político, literário e intelectual nas páginas do jornal *Diário de Notícias*, uma das temáticas e descobertas que nos envolveu, com o andar de nossos estudos, foi a identificação de textos produzidos de autoria feminina. Além de frisar, que tais escritos foram assinados por uma das mais importantes literatas, a qual publicou significativos trabalhos no decorrer da segunda metade do século XIX, assinando seus trabalhos pelo nome de Júlia Lopes de Almeida, a partir de 1888.

A ficcionista contou com uma vasta trajetória literária no campo das Letras, com especial atenção às publicações em periódicos, entre os quais o *Diário de Notícias* é mencionado no decorrer do capítulo dois do presente trabalho.

Além disso, apresentamos de forma sintética as principais obras e contribuições da escritora para o universo literário, não esquecendo de destacar o quanto a autora fora discriminada por uma parte da crítica literária, por apresentar ao público, em especial ao feminino, uma nova forma de enxergar,

agir e compreender determinadas temáticas do cotidiano, como, por exemplo: a maternidade, o trabalho fora do lar doméstico, as questões sociais e políticas.

Este estudo possibilitou a recuperação de obras que a escritora produziu de maneira inédita ou mesmo reproduzidas, como a exemplo dos contos *In Extremis*, *A Caôlha* e *Pela Pátria!*. Vale destacar que este último conto teve sua primeira divulgação nas páginas do jornal *Diário de Notícias*. Os textos selecionados para o estudo apresentam um perfil feminino ainda mais aguçado pelos olhares de Júlia Lopes de Almeida. Nestes escritos, podemos acompanhar os perfis distintos de três mulheres, cada uma vivenciando assuntos do cotidiano, porém com atitudes e reações diferenciadas, as personagens apresentadas pela ficcionista conduzem as situações do cotidiano de maneira particular com opiniões formadas, sensatez e uma sutil intelectualidade ainda mais aperfeiçoada.

Tal percepção é compreensível dentro das tramas de Júlia Lopes de Almeida, visto que a escritora tinha como prioridade o campo das Letras, uma leitora versátil e que se direcionava constantemente ao público feminino.

Houve o objetivo de recuperar ou mesmo fazer que se conhecessem a literata pouco estudada no campo universitário. Apesar de atualmente relevantes estudos estarem sendo título de trabalhos de dissertações e teses, por longa data a escritora esteve apagada ou mesmo esquecida na história da literatura brasileira, uma significativa exclusão para o campo literário, uma vez que Júlia Lopes tanto nos presenteou com textos importantes e singulares. Suas ideologias e opiniões são apresentadas ao público ainda no século XIX, quando as ideias da autora são tidas como tabus, dentre elas destacamos no conto *A Caôlha* uma mãe que cria o filho sozinha e que precisa trabalhar para oferecer o sustento de sua família.

Além de recuperarmos textos e assuntos tão importantes a serem retratados dentro da autoria feminina, o presente estudo nos possibilitou realizarmos um minucioso estudo bibliográfico sobre alguns estudiosos que também se interessaram pelo campo de estudo sobre os trabalhos apresentados pela ficcionista. Com o desenvolvimento das leituras e releituras podemos confirmar o quão significativo é o lugar conquistado pela escritora diante do público pelo seu potencial, carisma e sobretudo por retratar assuntos que

buscavam inovar na forma de refletir de uma parcela da sociedade, através de uma linguagem simples, objetiva e versátil.

É importante frisar que por meio de seus trabalhos, a esposa de seu Filinto de Almeida, propunha uma negociação, um aperfeiçoamento e não exclusão das ideias já construídas pela classe dominadora. Deste modo, percebemos que os textos produzidos por mulheres também apresentam suas qualidades e contribuição para o campo acadêmico e literário, apesar de algumas vezes ser objeto de exclusão ou mesmo apagamento por parte da fortuna crítica. No entanto, o presente estudo vem somar com a parte da sociedade que confirma e acredita que é possível realizar-se trabalhos relevantes e de significativos conteúdos abordando o campo literário, através dos olhares e mãos femininas como as da nossa intelectual Júlia Lopes de Almeida.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

**“A mensageira”**: uma revista de mulheres escritoras na modernização Brasileira, Campinas - SP, v. 1 e 2, [s.n.], 1999.

**A Bíblia da Mulher**: leitura, devocional, estudo. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

ABREU, M. **O caminho dos livros**. Campinas - SP: ALB; Mercado de Letras; São Paulo: FAPESP, 2003, p. 255.

ALMEIDA, J. L. **Livros das Donas e Donzelas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves & Cia., 1906.

ARMAND. **A República**, Belém, 25 mai. 1890, Pela Manhã, p. 02.

BAENA, A. L. M. **Compendio das Eras da Província do Pará**. Belém: Tipografia de Santos e Santos Menor, 1838, p. 545.

BARATA, M. **Formação Histórica do Pará**: obras reunidas. Edição comemorativa do sesquicentenário da Adesão do Pará à Independência do Brasil. Belém: Coleção Amazônica, 1973, p. 229.

BATISTA, K. F. M. **Júlia Lopes de Almeida e a Educação da Mulher nos livros das Noivas e das Donas e Donzelas**. Monografia (graduação em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores, São Gonçalo, 2012.

BEZERRA NETO, J. M. Se bom cativo, liberto melhor ainda: escravos, senhores e visões emancipadoras (1850-1888). In: MACHADO, M. H. P. T.; CASTILHO, C. T. (Orgs.). **Tornando-se livre**: agentes históricos e lutas sociais no processo de abolição. Cidade: São Paulo, Editora: UNESP, p. 257.

BUITONI, D. S. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Editora Ática, 1990. (*Coleção Princípios*).

CANDIDO, A. Crítica e Sociologia. In: **Literatura e Sociedade**: estudos de teoria e história literária. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, A. **Iniciação à literatura brasileira**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 40.

CANDIDO, A. O escritor e o público. In: **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006, p.84.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 24.

SHOWALTER, E. "Toward a Feminist Poetics". In. **Women's Writing and Writing About Women**. (pp. 22 - 41). London: Croom Helm, 1979. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=GACFAAAAIAAJ&q=Toward+a+Feminist+Poetics&dq=Toward+a+Feminist+Poetics&hl=ptbr&ei=PJgXTcPcDoO88g>>

ayxoTJDQ&sa=X&oi=book\_result&ct=result&resnum=5&ved=0CDYQ6AEwBA.  
> Acesso em: 15 de nov. 2022.

CHARTIER, R. **A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Brasília: Editora da UNB, 1994.

COELHO, G. M. **Letras & baionetas: novos documentos para a história da imprensa no Pará**. Belém: Cultura Cejup, 1992, p.45.

COELHO, G. M. **Letras & baionetas: novos documentos para a história da imprensa no Pará**. Belém: Cultura Cejup, 1989.

COSTRUBA, D. A. **“CONSELHO ÀS MINHAS AMIGAS”**: os manuais de ciências domésticas de Júlia Lopes de Almeida (1896 e 1906). Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis-SP, 2011, 175f.

COSTRUBA, D. A. Júlia Lopes de Almeida e a Literatura de O livro das Noivas (1896). **Baleia na rede – Revista online do grupo Pesquisa em Cinema e Literatura**, v.1, n. 6, ano VI, dez. 2009.

CRUZ, L. A. C. **Literatura e Imprensa em Belém do Grão-Pará: o romance-folhetim no periódico *Diário de Notícias*, nos anos de 1881-1893**. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

DARTON, R. Os intermediários esquecidos da Literatura. *In*: \_\_\_\_\_. O Beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Companhia da Letras, 1995.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. UNB, 1994.

EL FAR, Alessandra. **O livro e a leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, s/d.

DUARTE, C. L. **Nísia Floresta: vida e obra**. 2. ed. rev. Natal: Editora da UFRN, 2008.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

FERREIRA, S. V.; SALES, G. M. A. A Província do Pará e a recepção crítica das produções literárias femininas. **Contexto – Revista do Programa de pós-graduação em letras**, Vitória, v. 2, n. 38, 2020.

GOMES, G. A. **Entre o público e o privado: a construção do Feminino no Brasil do oitocentos, 1827-1846.** Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2009.

HOHLFELDT A. **Deus escreve direito por linhas tortas: o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850-1900.** Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

USTOSA, I. **O nascimento da imprensa brasileira.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LECLERC, Max. **Cartas ao Brasil.** São Paulo, 1942.

LOBATO, D. A. **Prosas de Júlia Lopes de Almeida em Jornais Paraenses Oitocentistas: entre a temática moralizante e a palavra libertadora.** Dissertação de (mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Instituto de Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

LUCA, L. “O feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). **Cadernos Pagu**, n. 12, p. 275-299, 1999. Disponível em: <[http://www.maismulheresnoderbrasil.com.br/pdf/Sociedade/O\\_Feminismo\\_Possível\\_de\\_Júlia\\_Lopes\\_de\\_Almeida\\_1862\\_1934\\_.pdf](http://www.maismulheresnoderbrasil.com.br/pdf/Sociedade/O_Feminismo_Possível_de_Júlia_Lopes_de_Almeida_1862_1934_.pdf)>. Acesso em: 19 fev. 2022.

LUCA, L. **Amazonas do pensamento: a gênese de uma intelectualidade feminina no Brasil.** Tese (Doutorado) - Unicamp/IFCH, Campinas, 2004.

MACHADO, U. **Etiqueta de livros no Brasil: subsídios para uma história das livrarias brasileiras.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003, p.15.

MEIRELES, C. Dona Júlia. **Escolha o seu sonho.** 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1968.

MEYER, M. **Folhetim: uma história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOREIRA, N. B. **A condição feminina em Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin.** João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

MUZART, Z. L. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 225-233, jan. – jun. 2003.

NADAF, Y. J. **Rodapé das Miscelâneas: o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX).** Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

PEREIRA, L. S. Nísia Floresta: **memória e história da mulher intelectual oitocentista.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do

Paraná, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, Foz do Iguaçu, 2017.

PEREIRA, L. M. **Prosa de ficção: de 1870 a 1920**. 2 ed., v. XII, Rio de Janeiro: José Olympio, 1957, p. 267.

RIO, João do. **Momento Literário**, s/d. (Brito Broca assinala 1905 como ano de publicação).

RIO, J. **O momento literário**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/Dep.

ROQUE, C. **História geral de Belém e do Grão-Pará**. Belém: DistribeL, 2001.

SALES, G. M. A. "Ainda Romance: Trajetória e Consolidação do Gênero no Brasil Oitocentista". **Floema**, ano VII, n.9. p. 73-90, jan./jun.2011.

SALES, G. M. A. Colunas Literárias: Variedades, Miscelâneas, Literatura, Folhetins. *In: 15º COLE – Congresso de Leitura do Brasil: Pensem nas crianças mudas telepáticas*, 2006, v. 1, p. 1-5.

SALES, G. M. A. Mulheres entre linhas: entre coser, ler, escrever. **Duc In Altum., Revista da faculdade de filosofia, Ciências e Letras Santa Marcelina**, Muriaé, n. 1, p.13-24, set. 2003.

SALLES, V. **Memorial da Cabanagem**. Belém, Cejup. 1992, p. 45.

SALOMONI, R. S-D. **A escritora – os críticos – a escritura: o lugar de Júlia Lopes de Almeida na ficção brasileira**. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, p.36.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SHARPE, P. **Introdução a reedição de A viúva Simões**. Florianópolis: Mulheres/Edunisc, 1999.

SHARPE, P. Júlia Lopes de Almeida. *In: LUPINACCI, L. (org.). Escritoras Brasileiras do Século XIX*. v.2. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p.188-238.

SILVA, C. V. **A condição feminina nas obras de Júlia Lopes de Almeida publicadas de 1889 a 1914**. Dissertação (mestrado) – Programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí, 2014.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p.501.

SOUZA, L. C. **Na Cadeira Vinte e Seis Sucedendo a Cariocas Autênticos**. Discurso de posse de Luiz de Castro Souza Reposta de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro, 1978.

TAVARES, E. D. A. Literatura e história no romance feminino do século XIX - Úrsula. *In: XII Seminário Nacional Mulher e Literatura e do III Seminário Internacional Mulher e Literatura Gênero, Identidade e Hibridismo Cultural*, Ilhéus-BA, 2007. Anais do Seminário Mulher e Literatura, 2007.

TELLES, N. Escritoras, Escritas, Escrituras. *In: PRIORE, M. D.; PINSKY, C. B. (Coords). História das Mulheres do Brasil*. 10. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2011.

THÉRENTY, M-È. “O longo e o cotidiano. Sobre a dilatação midiática dos romances nos séculos XIX e XX”. Trad. Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina. *Revista Interfaces*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 22, p. 117-136, jan.-jun., 2015. <Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/29777>.> Acesso em: 21 de mar. 2022.

TINHORÃO, J. R. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1994, p.99.

TORREZÃO, G. Júlia Lopes de Almeida. *In: A Mensageira – revista literária dedicada à mulher brasileira*, São Paulo: edição Fac-Similar, Imprensa Oficial do Estado S.A. IMESP, v.I, 1987.

TREVISAN, G. S. Transgressões femininas em Júlia Lopes de Almeida: A viúva Simões (1897) e Cruel Amor (1911). **ANPUH. XXIII Encontro Estadual de História**. História por quê e para quem?

VERÍSSIMO, J. Um romance da vida fluminense. *In:\_\_\_\_\_*. **Estudos de literatura brasileira**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

VIEIRA, M. J. A. P. **Estudos Feministas de Gênero em Brasília** - Diálogos interdisciplinares. A literatura feminista de Júlia Lopes de Almeida. 2009.

WOLLSTONECRAFT, M. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Bomtempo, 2016.

ZANCHET, M. B. Tradição e vanguarda na escritura de Júlia Lopes de Almeida. **Revista Trama (Cascavel)**, v. 2, p. 143-154, 2006.

ZILBERMAN, R. O jornal e a vida literária brasileira. *In: BARBOSA, S. F. P. Jornal e literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

ANEXOS I

Publicação do romance "A Falência", na seção folhetim, no periódico maranhense Pacotilha (1903).



Descrição: Primeiro dia da veiculação do romance "A Falência" da escritora Júlia Lopes de Almeida. No dia 1 de maio de 1903.

Sabbado, 2 de Maio de 1903

PACOVILHA

Journal de tarde

Fundado por Victor Leboas

ANNO XXVII

PUBLICAÇÃO DIARIA

2 o jornal de maior circula-

ção na capital.

Conta-se a publicação de

anuncios pelos mais modicos

preços.

Praca João Lisboa

(ANTIGO LANGO DO CASINO)

Numero do dia - 100 reis

e anterior - 200 c

Assignaturas

Para o interior - 18000

Para o exterior - 24000

Para o estrangeiro - 30000

Para o Brasil - 12000

Para o Rio de Janeiro - 8000

Para o Recife - 6000

Para o Porto Alegre - 5000

Para o Belo Horizonte - 4000

Para o Salvador - 3000

Para o Rio de Janeiro - 8000

Para o Recife - 6000

Para o Porto Alegre - 5000

Para o Belo Horizonte - 4000

Para o Salvador - 3000

Para o Rio de Janeiro - 8000

Para o Recife - 6000

Para o Porto Alegre - 5000

Para o Belo Horizonte - 4000

Para o Salvador - 3000

Para o Rio de Janeiro - 8000

Para o Recife - 6000

Para o Porto Alegre - 5000

Para o Belo Horizonte - 4000

Para o Salvador - 3000

Para o Rio de Janeiro - 8000

Para o Recife - 6000

Para o Porto Alegre - 5000

Para o Belo Horizonte - 4000

Para o Salvador - 3000

Para o Rio de Janeiro - 8000

Para o Recife - 6000

Para o Porto Alegre - 5000

Para o Belo Horizonte - 4000

Para o Salvador - 3000

Para o Rio de Janeiro - 8000

Para o Recife - 6000

Para o Porto Alegre - 5000

Para o Belo Horizonte - 4000

Para o Salvador - 3000

Para o Rio de Janeiro - 8000

Para o Recife - 6000

Para o Porto Alegre - 5000

Para o Belo Horizonte - 4000

Para o Salvador - 3000

Para o Rio de Janeiro - 8000

Para o Recife - 6000

Para o Porto Alegre - 5000

Para o Belo Horizonte - 4000

Para o Salvador - 3000

Para o Rio de Janeiro - 8000

Para o Recife - 6000

Para o Porto Alegre - 5000

Para o Belo Horizonte - 4000

Para o Salvador - 3000

Para o Rio de Janeiro - 8000

plenas e a Dondem sperou... as milhas com os pontos de dados, pois tinha as mãos bonnadas de orlas com que untava os cabelos...

Algum tempo depois a D... surgiu radiante de uma porta d'alcozar... os cabelos friados e as mãos bonnadas...

Um vibrante sorriso de amor... a luz de um olhar... as mãos bonnadas de orlas com que untava os cabelos...

Indigestão litteraria... a familia do proleto artista... a familia do proleto artista...

Folhetim... JULIA LOPES DE ALMEIDA... A FALENCIA... Tudo era feito numa urgen-

cia, obrigada a grande movi-

mento... a familia do proleto artista...

Desesperado pegou do mes-

com a Dondem sperou... as milhas com os pontos de dados...

Morte por Amor... Um facto lamentavel acob-

Sociedade de Mutuaes Provi-

O Ovo-Leocine Billon

Um outro empregado vi-

Depois de muitas horas...

val - Atrair-se-lhe-então...

Sales 2 de Maio / Sales /

Sociedade Beneficente S...

Descrição: Continuação da publicação do romance "A Falência" de Júlia Lopes.



Quinta-feira, 7 de Maio de 1903

PACOTILHA

Jornal da tarde

Fundado por Victor Lobato

Anno XXIII

PUBLICAÇÃO DIARIA

E o jornal de maior circulação no Brasil. Contrata-se a publicação de anúncios pelos mais módicos preços.

Praca João Lisboa

(ANTIGO LARGO DO CAIXO)

Número do dia... 100 reis anterior... 200

Assignaturas

Para o interior... 169000

ANCIOSO

Tu vas vir a minha casa... Não se vá no mundo inteiro... Livro seu, mas vou contenta... Vem o romance indif. tendo... Vam os ferros activos... Si eu remano... Para chegar a mais ligeiro... Mary... Alexandre Fernandes.

Navegação de Tocantins

Descobrimos além, muitas vezes, a vida humana... Para esse país das fadas... Mesmo nesta localidade...

Folhetim

TITULA KAPIS DE ADMISTRA

A FALÊNCIA

Não podia explicar, como se pôde atirar com pessoas mais activadas... Não podera ser matado, não...

gondade de seus casadotes rios... A região Tocantina tem sido a que mais tem atraído a atenção... As dificuldades da comunicação, oppostas pela natureza...

Belas, Lordio e Imperatriz, no Maranhão... Bo-Vista, em Goiás... Essas montanhas de granito...

cul de Maranhão e ao norte de Goiás... mais curto, sobre a selva... A lavoura, as indústrias, o commercio...

culdo me praticar sobre como... [como outros que não guardam... de modo a sua palavra; e o que...

Associação Typographica Maranhense

Sessão da directoria... De ordem do sr. presidente... Sociedade do Povoamento... Convênio a todos os socios...

Arary, 29 de Abril de 1903.

República e Estado C. Fernandes... Despedida... In que Gualberto Fregoso e sua...

Sociedade Mutua Pro-Teutonica

Convidado os socios... O objecto assignado... Sociedade Mutua Pro-Teutonica

Viver as Glorias

Thomaz Pires Guimarães... O objecto assignado... Viver as Glorias

Este facto, por si só, vem demonstrar que não se deve desviar... Para a concessão desta licença...

Para a concessão desta licença... Para a concessão desta licença...

Para a concessão desta licença... Para a concessão desta licença...

Para a concessão desta licença... Para a concessão desta licença...

Viver as Glorias... Não podera ser matado, não... Não podera ser matado, não...

Descrição: Proseguimento da Imprensa do romance "A Falência" no exemplar maranhense Pacotilha, em 07 de maio de 1903.



Sabado 9 de Maio de 1903

PACOTILHA

Jornal da tarde

Fundado por Victor Leitoes

Anno XXIII

PUBLICAÇÃO DIARIA... Praca João Lisboa

Para o interior... 100000

ALBUM DE RETRATOS

—Este é o retrato de priminha Estella...

—Ohe a manan quando era moço...

—Porque?

—Agradecido...

—Ora...

Que faz 7 briza... Perdido; toques as maças...

—Não posso mais... Quando o coeiro está dormido...

—Todos os extremos são meios... Para o interior...

—Debaixo do ponto de vista da produção de frutas...

—Ora... Vamos adiante...

manuelina alvissima, repetindo sempre; Nunca mais... nunca mais...

—Nunca mais... nunca mais... Nunca mais...

Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Ruben Rocha

—Ruben, não acho expressão para o folheteiro pelo dia do hoje...

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

Out'ora... Agora... Antos que os az. Billon tinha achado o modo pratico e sobrio...

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

—Salva 9 do maio, salva 1... Ao muito digno

Sociedade B Sant: Nome de Jesus... De ordem dos sen. iniciadores...

—Sociedade B. Fuzeraria Limitada...

—Sociedade Beneficente Fuzeraria...

Manoel Jansen... Mulher, sendo do regresso para o Rio de Janeiro...

—Manoel B. da Rocha

Folhetim 7 JULIA LOPES DE ALMEIDA A FALLENCIA II Tinham-se apaixonado um ao outro, viviam em paz, quando a Sódia regressou na vida de Theodoro...

Never More... Nunca mais... nunca mais... Nunca mais... Nunca mais...

Despedida Joaquim Godinho Fragoso e sua mulher, retirando-se temporaneamente para Portugal...

A nossa carinhosa mãe O nosso coração está de joelhos diante de ti, mãe querida...

Descrição: Continuidade da propagação do romance "A Falência" de autoria almeidiana.

PACOTILHA

Journal da tarde

Fundado por Victor Lobato

Anno XXIII

PUBLICAÇÃO MENSAL

Contém-se a publicação de

anuncios pelos mais módicos

preços.

Praca João Lisboa

(ANTIGO LARGO DO GANHO)

Numero do dia... 100 e

anterior... 200 e

Assignaturas

Para o interior... 15000

P. PORTA

Quem se cala de tudo se acredita

Ata sem fim, nem meio, nem fim

trocer uma palavra com ella... Os namorados, graças ao...

O velho e o principiante... não por no final desta legião...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

Despedida

João Ubaldo R. Moraes, no... guido no vapor e brando no...

De ordem do Sr. Capitão de... Praga, Capitão do Porto de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

Sociedade Beneficente Funeraria... Ache-se fundada esta socie-

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

O Ovo-Lentinho Bilho... E' o mais anegrico reme-

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

—Mas, que contrariedade!... O cavalleiro foi até a rua de...

Folhetim A FALLENCIA II Pedidas desculpas, ao Capitão Rito... —Mas, que alegre de o ver aqui, capitão; quando chegou das viagens?

dar vir para o lago uma Victo-ria Riga. O doutor murmurou por entre dentes, em tom que só Camilla pôde ouvir... —Mas, que alegre de o ver aqui, capitão; quando chegou das viagens?

—Mas, que alegre de o ver aqui, capitão; quando chegou das viagens? —Mas, que alegre de o ver aqui, capitão; quando chegou das viagens?

—Mas, que alegre de o ver aqui, capitão; quando chegou das viagens? —Mas, que alegre de o ver aqui, capitão; quando chegou das viagens?

Descrição: Presença da divulgação do romance "A Falência" da escritora Júlia Lopes de Almeida. No exemplar Pacotilha. Em 11 de maio de 1903.



PACOTILHA
Jornal da tarde
Fundado por Victor Lobo
Anno XXIII
PUBLICACAO DIARIA
E o jornal de maior circulação no capital.

Praça João Lisboa
(N.º 100)
Numero do dia... 100 reis e anterior, 200 c.

Assignaturas
Para o interior... 16000

NOBRES ORGULHO
Mova-se um rei legendario, um rei antigo, que um grande cavaleiro defendendo, desde a sua infancia, os seus direitos.

Paulino de Brito
Um amigo do nosso fallecido pintor Christiano quizava-nos, um dia, de que desejava casar; mas não encontrava com quem...

A força do habito
Apparentemente não havia mais nada que o prendesse aquella mulher que não era bella nem siqna sympathica...

Folhetim
JULIA LOPES DE ALMEIDA
A FALLENCIA
III
D. Helvina olhou para as duas meninas e não pôde conter-se que não estivessem...

Um dia o Eduardo saiu doente e a viuza innocente e coisista correu a casa dello e ficou á sua cabeceira durante muitos dias, e muitos milites, pois o mal aquillo era grave...

Em pouco tempo o Eduardo reconheceu que commettera uma imprudencia. Efectivamente a esculha não podia ter sido mais desastrosa. Aquella janella seria a companhia que lhe convinha, e de seus amigos duo o auxilio...

Quando se deu uma consolação para o seu isolamento do homem sem familia, aquillo se mudou, ao seu lado era um elemento terrivel de perturbação e de dor.

Quando se deu uma consolação para o seu isolamento do homem sem familia, aquillo se mudou, ao seu lado era um elemento terrivel de perturbação e de dor.

Quando se deu uma consolação para o seu isolamento do homem sem familia, aquillo se mudou, ao seu lado era um elemento terrivel de perturbação e de dor.

Quando se deu uma consolação para o seu isolamento do homem sem familia, aquillo se mudou, ao seu lado era um elemento terrivel de perturbação e de dor.

Quando se deu uma consolação para o seu isolamento do homem sem familia, aquillo se mudou, ao seu lado era um elemento terrivel de perturbação e de dor.

Quando se deu uma consolação para o seu isolamento do homem sem familia, aquillo se mudou, ao seu lado era um elemento terrivel de perturbação e de dor.

Quando se deu uma consolação para o seu isolamento do homem sem familia, aquillo se mudou, ao seu lado era um elemento terrivel de perturbação e de dor.

Quando se deu uma consolação para o seu isolamento do homem sem familia, aquillo se mudou, ao seu lado era um elemento terrivel de perturbação e de dor.

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Despedida
Raymond Joaquim Evarista May, tendo de seguir para Lisboa no vapor alliado «Destrino», despediu aqui amanhã, de modo solenne, os seus amigos...

Descrição: Continuação da publicação do escrito intitulado A Falência - de Júlia Lopes de Almeida.

PACOTILHA

Jornal da tarde

Fundado por Victor Lobato

Anno XXIII

PUBLICAÇÃO DIARIA

É o jornal de maior circulação na capital.

Conta-se a publicação de annuncios pelos mais módicos preços.

Praca João Lisboa

(ANTIGO LARDO DO CAMHO)

Numero do dia... 100 reis

anterior... 200 c

Assignaturas

Para o interior... 100000

A MORTE DE PETRONIO

Uma pagina do Que Vadão?

A' eximissima illustração de uma hora...

Poeta agudo, brilhante e etéreo...

Uma pagina do Que Vadão?

Seu, dissera a saga em vos apontando...

De quem acompanhara a e em outro...

Em sua elegancia de um suor arrebatador...

Palmas de angustias e de um recitativo...

Do mesmo gongolo, em dos arrastados...

Trazem de sua alma, e em seu...

Vozes, suas, suas, suas, suas...

É a musica vibrante e as flores...

Do effluvio inspirado em suas paradas...

João de Deus

Um padre e noventa e nove...

de uma frequencia rural e o...

primeiro cidadão, em tomar...

posse, foi examinar o livro dos...

actaamentos.

—Tambem fez alguns estatísticas...

frequentou e perguntou-lhe...

—Sim, senhor; desejo saber...

si se casam mais homens do...

que mulheres.

—No mar largo e o tempo...

de relampi que succedeo-se...

o navio, emquanto pelas on...

das rochas, amagoa sobressa...

Um marçalheiro, apressa...

se mudar de cama.

—Que é isto? pergunta assom...

brado o commandante.

—Que, ha pouco, o capellão...

dixeu que vencia apparear na...

presença de Deus, e pareceu...

que deante de tal phenomeno...

não deve apprehender-se de...

casuista todo seja e cheia de...

Homem de molas

Curioso automoto

—Eis aqui uma noticia interes...

sante e feliz, que do, certo, agrada...

se ao leitor.

—Trata-se de um automoto que...

é um homem perfeitamente...

construido e organizado. Em...

vezes de ter salido do pó, foi...

facto com uma substancia combi...

nada que, si não é certa, para...

de-se muito com ella. Sua alma...

não é trivial nem immortel; o...

clho humano a descobriu em...

uma serie de molas maravilha...

mente pela sua complexida...

de construcção. Aquitand...

Folhetim

JULIA LOPES DE ALMEIDA

A FALLENCIA

III

—Não contago outra coisa...

—E depois de uma pausa, de...

que procurava conter-se abiau...

a faller sem interrupção. As...

Os espectadores do hippodromo...

Devem partir os vapores: «Vianna» para Vianna, a 18...

Muitas discussões surgiram em torno deste automoto perfo...

REGISTRO CIVIL

Nascimentos

De 13 e 14

Uma criança de sexo femini...

—Ainda, filha de Rosa Daria...

Orivaldo, filho legitimo de E...

Raimunda, filha legitima de...

Severo Eliasmo Bilio.

Henrique Ferreira da Silva,

filho de Casuarina Lucia Ferreira...

Obitos

José Severiano Lopes de Que...

38 annos, maritimo, le...

Organica de Lorraine.

Maria Triandé Bolfort, 31...

ancar, estrangeiro, sem assis...

Marcos Oliveira, 25 annos,

maranhense, lesão cardíaca.

Mr. Montorguel fez adoptar...

pela commissão do v. J. Pa...

Reclamou voto de credito contra...

qualquer tentativa de demissão...

da capella explorada. Acha auto...

senhor bilioso, mente horrida...

edilício, diz «L' Aurora», e a...

commissão não admittiu que os...

seu toque nunca se dá de que...

que proceda acõitamentos patri...

Diz-se que esta capella não...

tem caracter algum escriptorio...

e que teria sido edificada para...

o simples fim de marcar o lugar...

do cemiterio da Magdalena, on...

de forte immoção: Luiz Ca...

peto e sua mulher, e que receb...

os restos das principaes...

personagens gongolizadas de...

taudo a revolução. Dantes, en...

tro outros.

A Camera dos Deputados de...

1815 resolveu que fosse levanti...

da praça da C. e creou-se uma...

capella explorada da occupação...

de Luiz XVI e de Maria Antõ...

nica, e depois se si BBE que...

se começasse a executar tal...

afirmava que ellas haviam de...

passar mal de barriga decor...

riam-nos sem que lhe comp...

ressarem nem um chapeo feizo...

de espalharem ou malho de con...

que a Noa atravessava...

o largo, com uma creanga pe...

da mão, para a ladreira do S...

eminido, sentia que alguém, que...

viera correndo, lhe puxava pe...

la asia; voltou-se e viu Sancha...

com a de modo, de quem foge...

—Tá lá que que com que?...

—Que por um favor, disse...

Teatú

«Disparatadamente o cargo...

Devem partir os vapores: «Vianna» para Vianna, a 18...

Muitas discussões surgiram em torno deste automoto perfo...

REGISTRO CIVIL

Nascimentos

De 13 e 14

Uma criança de sexo femini...

—Ainda, filha de Rosa Daria...

Orivaldo, filho legitimo de E...

Raimunda, filha legitima de...

Severo Eliasmo Bilio.

Henrique Ferreira da Silva,

filho de Casuarina Lucia Ferreira...

Obitos

José Severiano Lopes de Que...

38 annos, maritimo, le...

Organica de Lorraine.

Maria Triandé Bolfort, 31...

ancar, estrangeiro, sem assis...

Marcos Oliveira, 25 annos,

maranhense, lesão cardíaca.

Mr. Montorguel fez adoptar...

pela commissão do v. J. Pa...

Reclamou voto de credito contra...

qualquer tentativa de demissão...

da capella explorada. Acha auto...

senhor bilioso, mente horrida...

edilício, diz «L' Aurora», e a...

commissão não admittiu que os...

seu toque nunca se dá de que...

que proceda acõitamentos patri...

Diz-se que esta capella não...

tem caracter algum escriptorio...

e que teria sido edificada para...

o simples fim de marcar o lugar...

do cemiterio da Magdalena, on...

de forte immoção: Luiz Ca...

peto e sua mulher, e que receb...

os restos das principaes...

personagens gongolizadas de...

taudo a revolução. Dantes, en...

tro outros.

A Camera dos Deputados de...

1815 resolveu que fosse levanti...

da praça da C. e creou-se uma...

capella explorada da occupação...

de Luiz XVI e de Maria Antõ...

nica, e depois se si BBE que...

se começasse a executar tal...

afirmava que ellas haviam de...

passar mal de barriga decor...

riam-nos sem que lhe comp...

ressarem nem um chapeo feizo...

de espalharem ou malho de con...

que a Noa atravessava...

o largo, com uma creanga pe...

da mão, para a ladreira do S...

eminido, sentia que alguém, que...

viera correndo, lhe puxava pe...

la asia; voltou-se e viu Sancha...

com a de modo, de quem foge...

—Tá lá que que com que?...

—Que por um favor, disse...

Nakhyra Reis

Por ser amanhã o dia do ten...

Devem partir os vapores: «Vianna» para Vianna, a 18...

Muitas discussões surgiram em torno deste automoto perfo...

REGISTRO CIVIL

Nascimentos

De 13 e 14

Uma criança de sexo femini...

—Ainda, filha de Rosa Daria...

Orivaldo, filho legitimo de E...

Raimunda, filha legitima de...

Severo Eliasmo Bilio.

Henrique Ferreira da Silva,

filho de Casuarina Lucia Ferreira...

Obitos

José Severiano Lopes de Que...

38 annos, maritimo, le...

Organica de Lorraine.

Maria Triandé Bolfort, 31...

ancar, estrangeiro, sem assis...

Marcos Oliveira, 25 annos,

maranhense, lesão cardíaca.

Mr. Montorguel fez adoptar...

pela commissão do v. J. Pa...

Reclamou voto de credito contra...

qualquer tentativa de demissão...

da capella explorada. Acha auto...

senhor bilioso, mente horrida...

edilício, diz «L' Aurora», e a...

commissão não admittiu que os...

seu toque nunca se dá de que...

que proceda acõitamentos patri...

Diz-se que esta capella não...

tem caracter algum escriptorio...

e que teria sido edificada para...

o simples fim de marcar o lugar...

do cemiterio da Magdalena, on...

de forte immoção: Luiz Ca...

peto e sua mulher, e que receb...

os restos das principaes...

personagens gongolizadas de...

taudo a revolução. Dantes, en...

tro outros.

A Camera dos Deputados de...

1815 resolveu que fosse levanti...

da praça da C. e creou-se uma...

capella explorada da occupação...

de Luiz XVI e de Maria Antõ...

nica, e depois se si BBE que...

se começasse a executar tal...

afirmava que ellas haviam de...

passar mal de barriga decor...

riam-nos sem que lhe comp...

ressarem nem um chapeo feizo...

de espalharem ou malho de con...

que a Noa atravessava...

o largo, com uma creanga pe...

da mão, para a ladreira do S...

eminido, sentia que alguém, que...

viera correndo, lhe puxava pe...

la asia; voltou-se e viu Sancha...

com a de modo, de quem foge...

—Tá lá que que com que?...

—Que por um favor, disse...

Julzo Federal

Por ser amanhã o dia do ten...

Devem partir os vapores: «Vianna» para Vianna, a 18...

Muitas discussões surgiram em torno deste automoto perfo...

REGISTRO CIVIL

Nascimentos

De 13 e 14

Uma criança de sexo femini...

—Ainda, filha de Rosa Daria...

Orivaldo, filho legitimo de E...

Raimunda, filha legitima de...

Severo Eliasmo Bilio.

Henrique Ferreira da Silva,

filho de Casuarina Lucia Ferreira...

Obitos

José Severiano Lopes de Que...

38 annos, maritimo, le...

Organica de Lorraine.

Maria Triandé Bolfort, 31...

ancar, estrangeiro, sem assis...

Marcos Oliveira, 25 annos,

maranhense, lesão cardíaca.

Mr. Montorguel fez adoptar...

pela commissão do v. J. Pa...

Reclamou voto de credito contra...

qualquer tentativa de demissão...

PACOTILHIA

Jornal da tarde

Fundado por Victor Lobato

Anno XXIII

PUBLICAÇÃO DIARIA

E o jornal de maior circulação no capital.

Contrata-se a publicação de anúncios pelos mais módicos preços.

Praga João Lisboa

(ANTIGO LARGO DO CARMO)

Numero do dia... 100 reis

anterior... 200 c

Assignaturas

Para o interior... 100000

A BOGAGE

Eu, que não tenho das artes

de fazer o que se chama de

boage, quero saber se há

alguém que saiba fazer

boage de verdade.

Quem sabe, diga-me, por

favor, onde se pode fazer

boage de verdade.

Com a certeza de que se

trata de um boage de ver-

dade, quero saber se há

alguém que saiba fazer

boage de verdade.

Quem sabe, diga-me, por

favor, onde se pode fazer

boage de verdade.

Com a certeza de que se

trata de um boage de ver-

dade, quero saber se há

alguém que saiba fazer

boage de verdade.

Quem sabe, diga-me, por

favor, onde se pode fazer

boage de verdade.

Com a certeza de que se

trata de um boage de ver-

dade, quero saber se há

alguém que saiba fazer

boage de verdade.

Quem sabe, diga-me, por

favor, onde se pode fazer

boage de verdade.

Com a certeza de que se

trata de um boage de ver-

dade, quero saber se há

alguém que saiba fazer

boage de verdade.

Quem sabe, diga-me, por

favor, onde se pode fazer

boage de verdade.

Com a certeza de que se

trata de um boage de ver-

dade, quero saber se há

alguém que saiba fazer

boage de verdade.

Quem sabe, diga-me, por

favor, onde se pode fazer

boage de verdade.

Com a certeza de que se

trata de um boage de ver-

dade, quero saber se há

alguém que saiba fazer

boage de verdade.

Quem sabe, diga-me, por

favor, onde se pode fazer

boage de verdade.

Com a certeza de que se

trata de um boage de ver-

dade, quero saber se há

alguém que saiba fazer

boage de verdade.

Quem sabe, diga-me, por

favor, onde se pode fazer

boage de verdade.

Com a certeza de que se

trata de um boage de ver-

o peso amigável de uma in-

com um adestravel velo-

Ha ainda outros somas que

—Es não gosto d'ellas, mas

—Quo paravos e que secca l...

—Ha quem tambem vieto dormir,

Uma tarde, ás horas, entrou

—E, ao entanto, dormia l. Por

Com ironia fizeo leravav os

—E o mais enoergico recomen-

—Vamce para a salety t...

Despedida

Não devo sentir-me do entre

Não tenho palavras para ex-

—Salve 18 de Maio! Salve!

Sociedade Auxílios Mutuos

Manoel Quirino de Moraes

So sr. Raymundo C. Rap...

Or, sr. que se julga unico

Salvo o dia 18 de maio!

Folhetim

JULIA LOPES DE ALMEIDA

A FALLENCIA

III

A docilidade dos ovinos fa-

—Vai, que não são mal

—Vai, que não são mal

—Vai, que não são mal

Com o pretexto de mostrar

—Vamce para a salety t...



ANEXO II

A obra intitulada "Narração do espirito", de autoria da ficcionista Júlia Lopes de Almeida, no exemplar Pacotilha (1891).



Descrição: Publicação do trabalho denominado "Narração do espirito", no periódico Pacotilha. O dia 07 de março de 1891.



ANEXO IV

Publicação do escrito "O saber ser pobre" — no exemplar Pacotilha. Em 8 de fevereiro de 1899.

Service Telegraphico

Parotilha 7. Quem aqui que tem a herança...

de material, de sentido de...

PACOTILHA

"Adamastor"

FOLHETIM

DIVINDADE DO ORO

JORGE OHNET

Trabalho de Luiz Cardoso

PRIMEIRA PARTE

X

de material, de sentido de...

Descrição: Impressão do escrito "O saber ser pobre". Da literata Júlia Lopes de Almeida.



## Anexos VI

### Textos analisados no capítulo 3 – Digitalizados.

#### “In Extremis”

- Estás pronta,<sup>62</sup> Laura? Perguntou o doutor Seabra entrando no quarto no toilette da esposa.

- Estou... só me faltam as luvas...como me achas ?

- Linda...

Elle não mentia, a mulher parecia-lhe ainda mais formosa e mais fresca, com o seu vestido azul claro, muito leve e o chapeozinho de rendas finas bem pousado na cabelleira, de ondas larga. Ella sorri contente, pulverizando-se com White rose; elle franziu as sobrancelhas grisalhas, percebendo através da carnação delicada da sua mulherzinha, um intimo estremecimento de vaidade satisfeita.

- O carro está na porta? Perguntou a moça com modo distraído, mirando-se toda n'um grande espelho e a passou, n'um ultimo toque vaporoso o pompon de veloutine pelo seu pescoço branco e perfeito.

- Está... e lá tens o ramo de rosas que pedis...

- Como és bom!...

- Hoje as corridas devem ser muito animadas. O tempo está lindo!...

Levas a pequenina?

- Não. Mamã toma conta d'ella ; já a mandei para lá... Sabes! Estou hoje com tanto leite!... Tenho medo de manchar o vestido... Que vergonha se...

- Escuta, interrompeu elle, antes de irmos para o Derby, parece-me que deveríamos entrar um pouco em casa do Bruno Tavares...

O doutor Seabra sentara-se atraz da mulher e contemplava-a no espelho, com olhar prescrutador a vigilante. Vio-a estremecer; fez uma pausa, ella suspendeu o pompon, à espera da conclusão. Elle acabou por fim.

- O Bruno está muito mal. Creio mesmo que não escapará!

Laura voltou-se pallida, com os olhos, esgazeados e os beiços trêmulos. O marido baixou o olhar entristecido. Havia muito tempo já que ele sabia quanto amor a esposa consagrava ao Bruno.

---

<sup>62</sup> Mantivemos a escrita da época.

O seu ciúmes de marido não explodira nunca, mais concentrava-se cada vez mais amargo, no fundo do coração. O outro era moço, elle já se avizinhava da velhice, o outro era um idealista sympathico, à imaginação ardente sciencia, materialista, descrente, já sem forças para encantar ninguém. Conhecia, estudava sem tréguas o espirito e o coração da mulher e confiava n'ella.

Laura era honesta, delicada e abafava com animo forte o seu amor adultero peccaminoso nas obras de um recanto de virtudes e de sacrificios. Elle sabia que o Bruno não se declatará nunca, mais que o que os lábios calavam respeitosamente diziam-o olhar, a sua pelle quente, o som da sua voz moça e o arrojo da sua fantasiade apaixonado!

Quantas vezes o Dr. Seabra, fingindo lêr cá seus livros de estudo, ascultava de longe aquelles dois corações , que se conservavam alli, um em frente do outro, mudos e ternos, enquanto as boccas fallavam de poesia e de flores, de luar e de musica, de aves e de estrellas, de tudo que brilha, que alegra que enthusiasma e que une as almas apaixonadas.

Elles liam juntos, contavam scenas da infância, alegremente, com interesse mutuo, o Dr. Seabra passava as paginas seccas de seu livro tremulamente, com os olhos humidos e o coração pesado.

Tinha medo de intervir, calava os seus receios esperando sempre uma solução ou um meio de levar a sua Laura para outras terras, sem mostrar o seu zelo, com vergonha de parecer ridículo ou de offender a esposa! Ela era trêfega, graciosa, mas firme. Mesmo n'aquelle dia, elle comprehendia bem que toda a sua graça, todo o seu perfume, toda a sua gentileza dirigiam-se ao outro, que esperava encontrar nas corridas, na arehibancada...

Eram para o outro a doçura do seu ramo de rosas, o mimo das suas rendas finas, o colorido brando da sua toilette primaveril!!! Voavam para o outro todo o seu pensamento, toda a sua vontade, toda a sua alegria!

Laura continuava pallida, suspensa.

- Quem me disse isso foi o medico, continuou o marido. Como és amiga da família, lembrei-me de desejarias talvez ir lá...

- Sim!... Vamos, vamos!

Desceram. O dia estava esplendido, passavam carros cheios de moças para as corridas. Serria o sol, doirando o espaço e o rumor de um domingo festivo alegravam as ruas.

Laura sentou-se muito calada, apertadamente nas mãos com desespero o seu ramo de flor. O marido sentia-lhe a dor através do silencio e do olhar parado de quem vê phantasmas... Tinha pena d'ella , dessa pobre amante virtuosa sonhadora e casta. Fallecia-lhe a coragem de perturbar-lhe a magoa e o pensamento com uma palavra ou um simples gesto.

Aquella piedade singular enchia-o de pânico a elle mesmo!

Ella parecia-lhe agora um pouco sua filha, embora a adorasse com mulher! Era tão nova, tão inexperiente, mas tão meiga, tão dócil, que se julgava com o supremo direito de conduzi-la com carinho na solitudine amável de um pai. Comprehendia a firmeza de character da moça, sabia que ella prefereria morrer a enganar-o grosseiramente e que toda a sua paixão pelo Bruno era feita de imaginação e de sonho!

A culpa não era d'elle, mas sua que já tinha cabellos brancos, as falhas amorticadas, o espirito inquietado por atribulações differentes.

A morte daquelle pobre rapaz era um allivio para o seu coração. Desapparecido elle, teria morrido a causa de seu ciume amargo e irremediável.

Laura continuaria por longo tempo a amal-o nas suas orações atravez das estrelas, mas o tempo viria socegadamente attenuar-lhe as saudades... e tudo acabaria em doce paz...elle então arrastaria a esposa para bem longe sem que ella desconfiasse porque, temendo entretanto a luta e descrente da victoria.

Sentia que o pensamento dos dous unir-se –ia sempre, através das distancias, arrastados pelo mesmo ideal, pelo mesmo ardor e pela mesma esperança! Sim! Só a morte, a morte bemdita poderia cortar com as suas azas frias aquelle amor nascente...

Quando o carro parou Laura desceu sem esperar auxílio e correu para a casa do Bruno. Dentro havia um silencio triste, um ar de tumulo...

A mãe do moço appareceu-lhe chorando. O filho estava desenganado pelos medicos, e descreveu os horrores da febre que o levava assim, rapidamente...

-De mais a mais elle nega-se a todo alimento, dizia a pobre senhora, só consegue tomar leite...

Os medicos mandam'o tomar leite de peito, tenho chamado amas... umas não querem dar-lhe seio, outras recusam-se a tirar o leite com a bomba! E o meu filho morre... meu filho morre!

Laura olhou para o esposo; conservavara-se mudos um em frente ao outro. A dona da casa levou-os por fim para o quarto do doente.

O moço enterrado entre as dobras dos lençóis, pareceria dormir, se não movesse continuamente os lábios muito seccos. Exhalava-se de todo o seu corpo um calor intensíssimo de febre. A irmã mais velha vigiava-o sollicitamente, sentada ao pé do leito!

- Já veio à ama, mamãe? perguntou ella com voz chorosa.

- Ainda Não!

- Há já cinco dias que elle não toma nada!...

-Meu filho!

Bruno não abriu os olhos, mas uma ligeira contração arrepanhou-lhe as fáceis. O doutor Seabra estremeceu. Parecia-lhe a morte! Laura voltou-se de novo para o marido, com o rosto transtornado e o olhar interrogativo.

Elle vacillou um momento, depois fez-lhe um signal affirmativo, muito vago, quase imperceptível.

A moça ajoelhou-se rapidamente e desabotou com os dedos nervosos e tacteantes o seu lindo vestido de seda azul claro. O marido curvou-se tremulo com as narinas dilatadas e o coração oppresso: arrependido do seu consentimento ia talvez dizer: -Não, mas Laura tirara o seio tímido, branco, onde as veias estendiam ténues fios azulados e encostava o bico róseo e duro a bocca ardente e secca do moribundo.

Ella, muito curvada, encobria a meio o busto do enfermo; elle engolia o leite a largos tragos, soffregamente, descerrando a pouco e pouco os olhos.

A commoção de Laura era immensa! Salvar o seu amor, o seu amante sonhado a sua esperança, com o leite de sua carne, o sangue as duas vidas, ora um goso do inextinguível doçura! Não era a volúpia, a paixão sensual que vibrava no seu corpo frágil de mulher moça, mas uma piedade, uma ternura que lhe alagava a alma, de tal jeito, que a fazia amar agora o moço como uma mãe adora o filho pequenino...

Elle abriu completamente os olhos, reconheceu-a... Houve um sorriso entre ambos, um clarão de verdade! Mas a febre exigia mais leite, e elle continuou a chupar com soffreguidão a carne da mulher que nem em sonhos profanara nunca, dizendo-lhe com o olhar tudo que tinha sempre calado – que a amava... Que a amava... Até que a prostração veio de novo carrar-lhe as

pálpebras e que elle adormeceu profundamente, sem contrações, com um sorriso de paz nos labios satisfeitos...

Laura escondeu o seio, tremula, e feliz...

Só o doutor Seabra comprehendeu que aquelle sonno do moço era o ultimo e foi com piedade e commoção que veio Laura levantar-se, dizer toda d'elle, atirando-se aos seus braços com ar victorioso e sincero:

- Obrigada, meu marido... Como tu és bom e como eu te amo!

Júlia Lopes de Almeida

### **Pela Patria!**

Os tiros lá fôra<sup>63</sup> repetiam-se tremendos e abaladores.

D. Catharina, muito lívida, segurava com os dedos magros, de encontro ao peito fundo e concavo o seu triste chale de viuva, escutando sozinha a agonia do coração...

Morava em Nietheroy, n'um bairro afastado, e na sua pequena sala terrea, de uma nudez de ascetario, o seu corpo magro e esguio, todo coberto de preto, andava desmorteadamente, como um mastro sem velas batido na borrasca.

Corria assim de canto, de parede á parede, de janella á janella, sem parar, sem perceber senão que os seus dous rapazes lá estavam na guerra, o mais velho no exercito, o mais nova na esquadra ....

A luz pallida do crepusculo desfazia-se aos poucos.

Cousas e seres retrahiam-se n'um silencio expectante.

O troar da artilharia calava todas as outras vozes; nos intervallos cahia sobre a terra uma mudez pesada e absoluta; mas o estampido vinha depressa fazer vibrar a natureza inteira.

E o ar ficava por momentos tremulo, como que dolorido pela passagem d'aquelle som formidavel e assassino.

D. Catharina tinha esgotado todo o fervor religioso de sua alma.

A prece já lhe sahia dos labios frios como um debil perfume de flôr murcha.

Perdera as forças na anciedade e no pranto; o coração não lhe distillava a agua purificada da lagrima, que escorrera toda, deixando só no fundo os residuos de sangue negro e envenenado, geradores de raiva.

D. Catharina odiava a terra que nascera e que lhe roubava agora os filhos, e execrava ainda mais os homens e a lei de tudo!

Era ignorante, embora intelligente e imaginosa; e na curta parabola em que o seu espirito se abalançava, não podia attingir esses preceitos divinos, que se escrevena com sangue e que os homens leêm corrente na sua alta sabedoria...

A honra? O brio da nação? Palavras! Ella não sabia senão que amava os filhos, que os tinha criado com terno apego e grande sacrificio, pedindo honestamente e humildemente ao Senhor Deus dos exercitos, que fizera as

---

<sup>63</sup> Mantivemos a ortografia da época.

estrellas do céu, as aguas do rio, os cedros altivos e as areias do mar, que, na sua forga prodigiosa de tantas maravilhas lhe concedesse a simplissima graça de a fazer morrer bem velhinha, deixando n'este mundo os seus dois filhos... os seus dois unicos filhos!

Tinha cahido a noite D. Catharina procurou reagir, accedeu a lampada, compoz na alcova proxima as roupas e as camas dos seus rapazes. Para que? Eles não viriam... mas era um habito e ella obedecia com submissão a todos os seus velhos costumes.

Ergueu depois a vela à altura dos retratos d'elles, que se destacavam na parede caiada, em dois quadrinhos moldurados de velludo escuro.

O mais velho era um soldado garboso, claro e bonito como o pai, de olhos rasgados e peito franco e largo.

O outro, ainda muito moço, puxára ao typo da mãe: era magro, trigueiro, de rosto comprido e labios sympathicos. D. Catharina beijou-ambos com igual ternura, confundindo-os no mesmo enleio e no mesmo cuidado. Voltou depois para a saleta, abrindo os ouvidos aos rumores de fóra...

Que estranho rumor seria agora aquelle que percebia ao longe, no ar immovel da noite? Fincou o olhar na treva. Ninguém! A estrada devia estar deserta. Tornou a entrar e foi sentar-se a um canto, com os cotovellos pontuados firmados nos joelhos e o rosto sumido entre as mãos. Cahina por fim n'uma atonia que lhe amolentava o espirito e petrificava o corpo; nem um leve estremecimento lhe agitava os musculos. Permaneceu por longas horas em igual postura, olhando para o mesmo ponto.

A pouco e pouco idéas desencontradas foram nascendo e fugindo si multaneamente no seu cerebro de devota extinnet a. Deus e o diabo surgiam juntos na mesma luz indecisa que se esbatia em sombras, que mudava e que desaparecia. Santa Catharina, sua patrona, a virgem douta, vinha também na sua nudez pallida de martyrisada, atravessar lhe a mente n'um clarão frouxo e frio. E depois outros santos, e grandes heresias, procissões fantásticas, mal definidas, indeterminadas, arrastavam-se lentamente, mudando de feitio e mudando de côr, esfacelando-se, extinguindo-se...

D. Catharina permanecia surda a todas as bulhas exteriores, n'uma abstração de louca. O rumor recrudesecera, recrudesecera a avizinhava-se. Os

estalidos da fuzilaria crepitavam já perto. De vez em quando ribombava o canhão, atoador, modonho.

O solo e as casas tremiam então, abalados pelo estampio que o echo repetia em ondulações soluçadas. O clamor da guerra abafava tudo, terrivelmente, dolorosamente!

Entretanto, algum viu há pella rua solitaria batendo a calçada com passos apressados. D. Catharina, prostradíssima, continuava em igual postura, olhando para o mesmo ponto... Bateram; ella então, acordando d'aquelle marasmo de extenuada, ergue-se de chofre e correu para a porta.

O coração saltava-lhe em ímpetos violentos, suffocadores.

- Meu filho!

Era o João, o mais velho, o soldado. A mãe estendeu-lhe os braços, sorrindo, enlevada, n'uma grande ventura. Elle não respondeu ao affago, e pallido, abstracto, sem ter nem mesmo levado a mão respeitosa ao bonet, foi direto á mesa e apoiou-se n'ella deixando-se cahir n'uma cadeira.

- Como você vem sujo de polvora...e como está cansado!... Meu adorado filho!..que medo que eu tinha !... Fico pensando agora do outro... o meu Pedrinho ... você sabe d'elle?

João voltou-se para mãe com ar espantado.

- Diga: você viu seu irmão?

O soldado não respondeu. Fixava a mãe com o olhar parvo, muito aberto como se não comprehendesse o que ella lhe dizia. Vinha fugido, com a farda rasgada, aberta o peito, as mãos negras de polvora, o rosto transtornado e decomposto.

D. Catharina apavorou-se. Estaria doudo, o João? Ameigando a voz, ella pediu-lhe que repousasse, offereceu-lhe de comer.

Que não, respondeu elle com um gesto.

Então...

Mas o espirito da mãe clareou-se de repente. Sabia. O filho vinha só para dizer-lhe: vivo! E já com medo de tornar a perdê-lo, instou para que fosse descansar.

- Não posso ... balbuciou elle; e depois: - venho fugido!

D. Catharina relanceou depressa a vista por toda a parte, procurando esconder o filho, receiosa de que o vissem de fóra.

- Meu Deus!

- Não quero esconder-me, tornou elle percebendo-lhe a intenção; eu volto para lá ... Elles conseguiram vir á terra... temos luctado muito!...

- Os revoltosos desembarcaram?! Perguntou a mãe com vehemencia, affictiva, arrancadamente.

- Que sim.

-Então você viu o Pedrinho?!

João abaixou affirmativamente a cabeça.

-Nossa senhora! Porque é que o não trouxe?!

O soldado calou-se, tímido, suspirando baixo.

A mãe repetia as perguntas n'uma febre, apertando-lhe o braço com força.

- Diga! Diga! Elle fallou com você? Está bom! Não o feriram? Meu filho! Que saudade! É preciso que elle venha! Vá buscal-o ... não, não, eu ne sei o que faça! Espere! Vou eu!

De repente, D. Catharina estacou diante do rosto mudo e pallido do filho. O coração como que se ele paralysoou no peito.

- Por que é que você não diz nada?...

O mesmo silencio contrafeito.

-Mas Pedrinho está vivo?

A palavra custava a romper entre os lábios do soldado, e foi ainda com a cabeça que elle disse - que não..

D. Catharina cahiu de joelhos, com as mãos unidas.

- Misericordia! Mataram meu filho!

Depois n'um salto, exigiu do outro que lhe dissesse tudo, e instava.

-Mas quem foi que o matou?... você não viu? Diga tudo, tudo, tudo!

João olhou para a espada, que lhe pendia ao lado, batendo-lhe na perna.

A mãe não entendeu e repetiu:

-Quem foi que o matou? Diga, se viu! Diga tudo! quem foi?

-Fui eu...

D. Catharina recuou espavorida, e depois, avançando para o filho, cahiu lhe em cima como uma féra raivosa, bateu-lhe no peito, bem sobre o coração, e bateu-lhe na cara, muitas vezes e com muita força. Toda ella vibrava na convulsão do desespero, e a voz que a dór tinha desafinado e enrouquecido, uivava e rugia a um tempo, como um cão que se lamenta, ou uma leão que ataca!

- Maldito! Matar seu irmão! Você, que mamou nos mesmos peitos, sahiu do mesmo ventre, nasceu do mesmo amor! Amaldiçoado...Caim!

D. Catharina esmurrava o proprio corpo, á proporção que fallava; e o filho ouvia-a, calado, tremulo. A mãe teimava, por arranca-lhe uma palavra ao menos e repetiu n'um desespero.

- Diga, diga tudo, maldicto, porque é que você o matou...porque?!

-Pela patria! Respondeu-lhe o outro, desta vez com voz firme e olhar claro.

- Pela patria! Repetiu ella rindo, nervosamente. A patria sou eu! Eu que soffri, que chore, e que só vivia do vosso amor!... Isto não é guerra pelo amor da patria...eu sei o que dizem por ahi! Infame... infame!

D. Catharina cahiu, sem um soluço. João levantou a, fel-a voltar a si, e de joelhos, chorosamente, contou-lhe tudo. Matára o irmão na treva na desordem, da lucta, corpo a corpo. Melhor seria que fosse elle o morto! Porque viera o Pedro para elle com tanta furia e arreganho! Matára quem o queria matar, - defendera-se! Porque, jurava, só conhecera a vóz do irmão ao ouvir e ai derradeiro. Foi então, que procurando fixal-o, viu o deitado de costas, com os braços abertos e o peito estreito arquejando no desprender da vida...

D. Catharina repetiu com raiva: - Maldito! Caim!

João concluiu: viéra despedir-se da mãe, pedir-lhe que lhe perdoasse...mais nada. Voltava para o combate. A mãe não precurou retel-o, e elle sahia soluçando.

O soldado não voltou á casa materna.

D. Catharina começou a perdoar-lhe, desde que lhe voltou o medo de perdê-lo. Um dia, já muito sobressaltada, sahia para ir buscal-o, n'um alvoroço, sem saber como perguntar por elle; mas logo no meio da estrada esbarrou com uns soldados que lhe disseram cruamente a verdade; o João tinha sido baleado e fôra levado com outros, n'um montão de cadavares.

O dia estava sombrio, uma manhã cinzenta e chuviscosa.

Os soldados passaram.

D. Catharina ficou immovel , com os olhos na onda verde que vinha desfazer-se na escumilha fôfa da espuma, á beira do caminho silencioso.

Ella tinha-o amaldiçoado... lembrava-se só daquillo. O João estava decidido a morrer... fôra-lhe solicitar o perdão e só tinha ouvido em tróca as palavras:

-Maldido! Caim!

O vento agitava-lhe o chale preto, que se abria era azas de corve, e D. Catharina alongando a vista, julgou ver ao longe os espectios dos filhos, com os braços hirtos , muito erguidos para o céu inclemente e as boccas articulando sem vóz, n'um esforço medonho:

-Pela patria! Pela patria!

Batendo então com as mãos fechadas no peito fundo, D. Catharina, no seu egoismo materno, respondeu-lhes gritando em arrancos de louca:

-Calai-vos, ingratos! A patria sou eu! Sou eu!

Júlia Lopes d'Almeida.

## A Caôlha

A Caôlha era uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto arqueado, braços compridos, delgados, largos nos cotovelos, grossos nos pulsos; mãos grandes, ossudas, estragadas pelo reumatismo e pelo trabalho; unhas grossas, chatas e cinzentas, cabelo crespo, de uma cor indecisa entre o branco sujo e o louro grisalho, desse cabelo cujo contato parece dever ser áspero e espinhento; boca descaída, numa expressão de desprezo, pescoço longo, engelhado, como o pescoço dos urubus; dentes falhos e cariados.

O seu aspecto infundia terror às crianças e repulsão aos adultos; não tanto pela sua altura e extraordinária magreza, mas porque a desgraçada tinha um defeito horrível: haviam-lhe extraído o olho esquerdo; a pálpebra descera mirrada, deixando, contudo, junto ao lacrimal, uma fístula continuamente porejante.

Era essa pinta amarela sobre o fundo denegrado da olheira, era essa destilação incessante de pus que a tornava repulsiva aos olhos de toda a gente.

Morava numa casa pequena, paga pelo filho único, operário numa oficina de alfaiate; ela lavava a roupa para os hospitais e dava conta de todo o serviço da casa inclusive cozinha. O filho, enquanto era pequeno, comia os pobres jantares feitos por ela, às vezes até no mesmo prato; à proporção que ia crescendo, ia-se-lhe a pouco e pouco manifestando na fisionomia a repugnância por essa comida; até que um dia, tendo já um ordenadozinho, declarou à mãe que, por conveniência do negócio, passava a comer fora... Ela fingiu não perceber a verdade, e resignou-se.

Daquele filho vinha-lhe todo o bem e todo o mal.

Que lhe importava o desprezo dos outros, se o seu filho adorado lhe apagasse com um beijo todas as amarguras da existência?

Um beijo dele era melhor que um dia de sol, era a suprema carícia para o seu triste coração de mãe! Mas... os beijos foram escasseando também, com o crescimento do Antonico! Em criança ele apertava-a nos bracinhos e enchia-lhe a cara de beijos; depois, passou a beijá-la só na face direita, aquela onde não havia vestígios de doença; agora, limitava-se a beijar-lhe a mão!

Ela compreendia tudo e calava-se.

O filho não sofria menos. Quando em criança entrou para a escola pública da freguesia, começaram logo os colegas, que o viam ir e vir com a mãe, a chamá-lo – o filho da caolha. Aquilo exasperava-o; respondia sempre. Os outros riam-se e chacoteavam-no; ele queixava-se aos mestres, os mestres ralhavam com os discípulos, chegavam mesmo a castigá-los – mas a alcunha pegou, já não era só na escola que o chamavam assim. Na rua, muitas vezes, ele ouvia de uma ou de outra janela dizerem: o filho da caolha! Lá vai o filho da caolha! Lá vem o filho da caolha! Eram as irmãs dos colegas, meninas novas, inocentes e que, industriadas pelos irmãos, feriam o coração do pobre Antonico cada vez que o viam passar! As quitandeiras, onde iam comprar as goiabas ou as bananas para o lunch, aprenderam depressa a denominá-lo como os outros e, muitas vezes, afastando os pequenos que se aglomeravam ao redor delas, diziam, estendendo uma mancheia de araçás, com piedade e simpatia: – Taí, isso é pra o filho da caolha! O Antonico preferia não receber o presente a ouvi-lo acompanhar de tais palavras; tanto mais que os outros, com inveja, rompiam a gritar, cantando em coro, num estribilho já combinado: – Filho da caolha, filho da caolha! O Antonico pediu à mãe que o não fosse buscar à escola; e, muito vermelho, contou-lhe a causa; sempre que o viam aparecer à porta do colégio os companheiros murmuravam injúrias, piscavam os olhos para o Antonico e faziam caretas de náuseas! A caolha suspirou e nunca mais foi buscar o filho. Aos onze anos o Antonico pediu para sair da escola: levava a brigar com os condiscípulos, que o intrigavam e malqueriam. Pediu para entrar para uma oficina de marceneiro. Mas na oficina de marceneiro aprenderam depressa a chamá-lo – o filho da caolha, a humilhá-lo, como no colégio. Além de tudo, o serviço era pesado e ele começou a ter vertigens e desmaios. Arranjou então um lugar de caixeiro de venda; os seus ex-colegas agrupavam-se à porta, insultando-o, e o vendeiro achou prudente mandar o caixeiro embora, tanto que a rapaziada ia-lhe dando cabo do feijão e do arroz expostos à porta nos sacos abertos! Era uma contínua saraivada de cereais sobre o pobre Antonico! Depois disso passou um tempo em casa, ocioso, magro, amarelo, deitado pelos cantos, dormindo às moscas, sempre zangado e sempre bocejante! Evitava sair de dia e nunca, mas nunca, acompanhava a mãe; esta poupava-o: tinha medo de que

o rapaz, num dos desmaios, lhe morresse nos braços, e por isso nem sequer o repreendia! Aos dezesseis anos, vendo-o mais forte, pediu e obteve-lhe, a caolha, um lugar numa oficina de alfaiate. A infeliz mulher contou ao mestre toda a história do filho e suplicou-lhe que não deixasse os aprendizes humilhá-lo; que os fizesse terem caridade! Antonico encontrou na oficina uma certa reserva e silêncio da parte dos companheiros; quando o mestre dizia: Sr. Antonico, ele percebia um sorriso mal oculto nos lábios dos oficiais; mas a pouco e pouco essa suspeita, ou esse sorriso, se foi desvanecendo, até que principiou a sentir-se bem ali. Decorreram alguns anos e chegou a vez de Antonico se apaixonar. Até aí, numa ou outra pretensão de namoro que ele tivera, encontrara sempre uma resistência que o desanimava, e que o fazia retroceder sem grandes mágoas. Agora, porém, a coisa era diversa: ele amava! amava como um louco a linda moreninha da esquina fronteira, uma rapariguinha adorável, de olhos negros como veludo e boca fresca como um botão de rosa. O Antonico voltou a ser assíduo em casa e expandiase mais carinhosamente com a mãe; um dia, em que viu os olhos da morena fixarem os seus, entrou como um louco no quarto da caolha e beijou-a mesmo na face esquerda, num transbordamento de esquecida ternura! Aquele beijo foi para a infeliz uma inundação de júbilo! tornara a encontrar o seu querido filho! pôs-se a cantar toda a tarde, e nessa noite, ao adormecer, dizia consigo: – Sou muito feliz... o meu filho é um anjo! Entretanto, o Antonico escrevia, num papel fino, a sua declaração de amor à vizinha. No dia seguinte mandou-lhe cedo a carta. A resposta fez-se esperar. Durante muitos dias Antonico perdia-se em amarguradas conjeturas. Ao princípio pensava: – "É o pudor". Depois começou a desconfiar de outra causa; por fim recebeu uma carta em que a bela moreninha confessava consentir em ser sua mulher, se ele se separasse completamente da mãe! Vinham explicações confusas, mal alinhavadas: lembrava a mudança de bairro; ele ali era muito conhecido por filho da caolha, e bem compreendia que ela não se poderia sujeitar a ser alcunhada em breve de – nora da caolha, ou coisa semelhante! O Antonico chorou! Não podia crer que a sua casta e gentil moreninha tivesse pensamentos tão práticos! Depois o seu rancor voltou-se para a mãe. Ela era a causadora de toda a sua desgraça! Aquela mulher perturbara a sua infância, quebra-ra-lhe todas as carreiras, e agora o seu mais brilhante sonho de futuro sumia-se diante dela! Lamentava-se por ter nascido de mulher tão feia, e resolveu procurar meio de

separar-se dela; considerar-se-ia humilhado continuando sob o mesmo teto; havia de protegê-la de longe, vindo de vez em quando vê-la à noite, furtivamente... Salvava assim a responsabilidade de protetor e, ao mesmo tempo, consagraria à sua amada a felicidade que lhe devia em troca do seu consentimento e amor... Passou um dia terrível; à noite, voltando para casa, levava o seu projeto e a decisão de o expor à mãe. A velha, agachada à porta do quintal, lavava umas panelas com um trapo engordurado. O Antonico pensou: "A dizer a verdade eu havia de sujeitar minha mulher a viver em companhia de... uma tal criatura?" Estas últimas palavras foram arrastadas pelo seu espírito com verdadeira dor. A caolha levantou para ele o rosto, e o Antonico, vendo-lhe o pus na face, disse: – Limpe a cara, mãe... Ela sumiu a cabeça no avental; ele continuou: – Afinal nunca me explicou bem a que é devido esse defeito! – Foi uma doença, – respondeu sufocadamente a mãe – é melhor não lembrar isso! – E é sempre a sua resposta: é melhor não lembrar isso! Por quê? – Porque não vale a pena; nada se remedeia... – Bem! agora escute: trago-lhe uma novidade: o patrão exige que eu vá dormir na vizinhança da loja... já aluguei um quarto: a senhora fica aqui e eu virei todos os dias a saber da sua saúde ou se tem necessidade de alguma coisa... É por força maior; não temos remédio senão sujeitar-nos!... Ele, magrinho, curvado pelo hábito de costurar sobre os joelhos, delgado e amarelo como todos os rapazes criados à sombra das oficinas, onde o trabalho começa cedo e o serão acaba tarde, tinha lançado naquelas palavras toda a sua energia, e espreitava agora a mãe com um olho desconfiado e medroso. A caolha levantou-se e, fixando o filho com uma expressão terrível, respondeu com doloroso desdém: – Embusteiro! o que você tem é vergonha de ser meu filho! Saia! Que eu também já sinto vergonha de ser mãe de semelhante ingrato! O rapaz saiu cabisbaixo, humilde, surpreso da atitude que assumira a mãe, até então sempre paciente e cordata; ia com medo, maquinalmente, obedecendo à ordem que tão feroz e imperativamente lhe dera a caolha. Ela acompanhou-o, fechou com estrondo a porta, e vendo-se só, encostou-se cambaleante à parede do corredor e desabafou em soluços. O Antonico passou uma tarde e uma noite de angústia. Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, lábios adelgaçados pelo ódio, narinas dilatadas, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração, o olho esquerdo arrepanhado,

murcho – e sujo de pus; via a sua atitude altiva, o seu dedo ossudo, de falanges salientes, apontando-lhe com energia a porta da rua; sentia-lhe ainda o som cavernoso da voz, e o grande fôlego que ela tomara para dizer as verdadeiras e amargas palavras que lhe atirara no rosto; via toda a cena da véspera e não se animava a arrostar com o perigo de outra semelhante. Providencialmente, lembrou-se da madrinha, única amiga da caolha, mas que, entretanto, raramente a procurava. Foi pedir-lhe que interviesse, e contou-lhe sinceramente tudo que houvera. A madrinha escutou-o comovida; depois disse: – Eu previa isso mesmo, quando aconselhava tua mãe a que te dissesse a verdade inteira; ela não quis, aí está! – Que verdade, madrinha? – Hei de dizer-te perto dela; anda, vamos lá! Encontraram a caolha a tirar umas nódoas do fraque do filho – queria mandar-lhe a roupa limpinha. A infeliz arrependera-se das palavras que dissera e tinha passado toda a noite à janela, esperando que o Antonico voltasse ou passasse apenas... Via o porvir negro e vazio e já se queixava de si! Quando a amiga e o filho entraram, ela ficou imóvel: a surpresa e a alegria amarraram-lhe toda a ação. A madrinha do Antonico começou logo: – O teu rapaz foi suplicar-me que te viesse pedir perdão pelo que houve aqui ontem e eu aproveitei a ocasião para, à tua vista, contar-lhe o que já deverias ter-lhe dito! – Cala-te! – murmurou com voz apagada a caolha. – Não me calo! Essa pieguice é que te tem prejudicado! Olha! Rapaz, quem cegou tua mãe foste tu! O afilhado tornou-se lívido; e ela concluiu: – Ah, não tiveste culpa! eras muito pequeno quando, um dia, ao almoço, levantaste na mãozinha um garfo; ela estava distraída, e antes que eu pudesse evitar a catástrofe, tu enterraste-lho pelo olho esquerdo! Ainda tenho no ouvido o grito de dor que ela deu! O Antonico caiu pesadamente de bruços, com um desmaio; a mãe acercou-se rapidamente dele, murmurando trêmula: – Pobre filho! vê? era por isto que eu não lhe queria dizer nada!

Júlia Lopes de Almeida.

Anexo VII

Textos originais analisados no capítulo 3 – cópias das seções do jornal Diário de Notícias.

**DIÁRIO DE NOTÍCIAS**  
**ORGAO ESPECIAL DO COMMERCIO**  
 PROPRIEDADE DE UMA EMPRESA  
 Director-Gerente **MARCELLINO A. L. BARATTA**

---

BRILM, DOMINGO 12 DE AGOSTO DE 1894

---

**ANNO XV** **NUM. 170**

**Diário de Notícias**

BRASILIA E OVIATOS  
 N.º 100 - Rua do Ouvidor, 10  
 BRILM - Tel. 100 - Rua do Ouvidor, 10  
 BRILM - Tel. 100 - Rua do Ouvidor, 10

BRILM - Tel. 100 - Rua do Ouvidor, 10

**A LUX DA LAMPARINA**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

**Anteol gia**

**SOMETO**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

**PASSAGEIROS**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

**Secção spe.ita**

**JOGO EM SECUNDO**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

---

**DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

BRILM - Tel. 100 - Rua do Ouvidor, 10

**URBI ET ORBE**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

**CONSOCHIO**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

**JURY**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

---

**FOLHEIM**

In extremis

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

**URBI ET ORBE**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

**CONSOCHIO**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

**JURY**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

---

**FOLHEIM**

In extremis

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

**URBI ET ORBE**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

**CONSOCHIO**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

**JURY**

Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga  
 Uma e outra a luz que se apaga

Texto intitulado "In Extremis" de autoria de Júlia Lopes de Almeida. Publicado na seção Variedade. No dia 12 de agosto de 1894. Ocupando as seis colunas, página de número 1.

# JORNAL DO COMMERCE

## ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DEMOCRATA PROPRIEDADE DE UMA EMPREZA Redactor Chefe - FILIPPE JOSE DE LIMA

BELEM, DOMINGO 2 DE MARÇO DE 1895

ANNO XVI

NUM. 51

### DIRECTORIO PROVISORIO

Presidente Honorario: Dr. Francisco Augusto de Sousa e Costa.  
Diretor: Dr. Filipe José de Lima.  
Thesourario: Manoel Gonçalves P. Lellis.  
Cassal: Dr. ...

### Relatório do Policia

Redacção e Officinas  
Rua do Imperio, nº 140  
CALLE DO COMMERCE - N. 438

### ASSIGNATURAS

Capital	80000
Reserva	10000
Dividendos	10000
Reserva de fundo	10000
Reserva de reserva	10000
Reserva de reserva	10000

### As nossas assignaturas

Pedimos as nossas assignaturas o obsequio de comunicar-nos sempre que deixarem de receber o jornal por qualquer motivo, pelo telefone ou por escrito, a fim de nos habilitarmos a uma boa organização no serviço da distribuição.

### DIARIO DE NOTICIAS

2 de Março de 1895

### Orçamento municipal

Interrogamos a nível de artigos sobre o orçamento municipal de Belém para o exercício corrente que já se tem dado a conhecer. Não se trata de um orçamento municipal, mas de um orçamento municipal, que se deve ao município de Belém.

### RECEPÇÃO

Do Rio de Janeiro, 1 de Março de 1895.  
Do Rio de Janeiro, 1 de Março de 1895.  
Do Rio de Janeiro, 1 de Março de 1895.

### RECUPERAÇÃO

Do Rio de Janeiro, 1 de Março de 1895.  
Do Rio de Janeiro, 1 de Março de 1895.  
Do Rio de Janeiro, 1 de Março de 1895.

### NOTICIARIO

Do Rio de Janeiro, 1 de Março de 1895.  
Do Rio de Janeiro, 1 de Março de 1895.  
Do Rio de Janeiro, 1 de Março de 1895.

### FOLHETIM

#### Pela Patria!

Entre as lutas republicanas, venhamos a estabelecer o direito de todos os cidadãos de serem ouvidos e de serem considerados. O direito de todos os cidadãos de serem ouvidos e de serem considerados. O direito de todos os cidadãos de serem ouvidos e de serem considerados.

Com a geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Gracias ao conhecimento metódico e profundo da geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Gracias ao conhecimento metódico e profundo da geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Gracias ao conhecimento metódico e profundo da geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Gracias ao conhecimento metódico e profundo da geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Gracias ao conhecimento metódico e profundo da geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Gracias ao conhecimento metódico e profundo da geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Gracias ao conhecimento metódico e profundo da geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Gracias ao conhecimento metódico e profundo da geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Gracias ao conhecimento metódico e profundo da geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Gracias ao conhecimento metódico e profundo da geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Gracias ao conhecimento metódico e profundo da geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Gracias ao conhecimento metódico e profundo da geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros. A geographia do mundo, e a expansão da civilização, os povos foram se tornando mais conhecidos uns aos outros.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Um dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul. O dia, e mais de duas milhas de terra em direção ao Sul.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para. Recopio do bispo do Para.

Texto "Pela Patria!". Escrito por Júlia Lopes de Almeida. Localizado na seção Folhetim, ocupando as seis colunas do exemplar. Publicada no dia 03/03/1895.

# FOLHIM

## ORGAO ESPECIAL DO COMMERCIO

### PROPRIEDADE DE UMA EMPRESA

Director-Gerente — MARCELLINO A. L. BARATA

BELEM, DOMINGO 25 DE OUTUBRO DE 1894

ANNO XV NUM. 234

**ANNUNCIOS**

**Novas musicas**  
IMMENSIDADE  
*DELIA M. A.*  
74-84-84 BUNN-DE-BA  
14, Rua de Santo Antonio, 14  
(Lado de Casa Water). (16)

**Cosinheiro**  
Precisa-se de um bom cozinheiro para cozinhar no hotel do Estrangeiro.  
Paga-se bem. (12)

**VENDE-SE um bom piano**  
novo de grande formato, pelo seu valor na agencia Parthe, á rua 13 de Maio n. 73. (14)

**PERFUMARIAS**  
americanas e francezas  
*Parathia de Nozari*  
EXTRACTOS, ESSENCIAS, PÓS-AROMA, ODORES PARA O CABELLO  
Das fabricas americanas, francezas e portuguesas  
ED. PINATO, LUBIN, L. T. P. VIKER, LANDLORD & RICKSSTON  
Calle de Olympe  
Rua Conselheiro João Alfredo, canto do largo das Mercedes. (15)

**Pelo "Sobralense"**  
Sementes novas de couve, saboia, murciana, repolho, trouchada, lombarda, nabos, alface, pepinos, salsa, cebollino e coentro.  
Garantida, só se vendem na "Cadeira dourada", á travessa do Passinho n. 22. (14)

**Arroz pilado nacional**  
Deposito permanente, rua de Santarem n. 3, antiga rua de Alfama, em casa de Vicente Ferreira de Hollanda. (18)

**FOLHIM**  
**A CAOLHA**

A caolha é uma planta aquatica, que se cria em lagos, rios e açudes. É muito nutritiva e serve para alimentar o gado. É muito resistente a doenças e pragas.

Como se cria a caolha? É muito simples. Basta colocar algumas sementes em um recipiente com água e esperar que germinem. Depois disso, basta transplantá-las para um local adequado.

Qual é o melhor tipo de caolha? Existem vários tipos, mas o mais comum é a caolha comum, que é muito resistente e produz muito.

Como se prepara a caolha? É muito simples. Basta lavar bem a caolha e cozinhá-la em água com sal. Pode ser servida com arroz ou com feijão.

Qual é o valor nutritivo da caolha? É muito rico em proteínas e fibras. Também contém vitaminas e minerais.

Como se conserva a caolha? Pode ser conservada congelada ou em conserva. É muito fácil de armazenar.

Qual é o preço da caolha? É muito barato e pode ser encontrado em qualquer mercado ou feira livre.

Como se vende a caolha? É muito comum encontrar a caolha em feiras livres e mercados. Também pode ser comprada online.

Qual é o melhor momento para comprar a caolha? É melhor comprar a caolha no início da manhã, quando ela está mais fresca.

Como se cozinha a caolha? É muito simples. Basta lavar bem a caolha e cozinhá-la em água com sal. Pode ser servida com arroz ou com feijão.

Qual é o valor nutritivo da caolha? É muito rico em proteínas e fibras. Também contém vitaminas e minerais.

Como se conserva a caolha? Pode ser conservada congelada ou em conserva. É muito fácil de armazenar.

Qual é o preço da caolha? É muito barato e pode ser encontrado em qualquer mercado ou feira livre.

Como se vende a caolha? É muito comum encontrar a caolha em feiras livres e mercados. Também pode ser comprada online.

Qual é o melhor momento para comprar a caolha? É melhor comprar a caolha no início da manhã, quando ela está mais fresca.

**Guarda Livros**  
Na agencia Costa Bemica, á travessa Campos Salles n. 20, informa-se uma pessoa habilitada, com boa orthographia e bom caracter de letra para fazer escriptas commerciaes. (6)

**COM CAMBIORES ELECTRICOS**  
Dos systems mais aperfeccionados, recebem a CASA DE PAKEN de João Costa & C. Rua do Conselheiro João Alfredo n. 92. (8)

**TRASPASSE**  
Traspasse-se uma loja commercia com artigos e mercaderias em bom local. Traspasse-se a qualquer preço. (10)

**LOJA GLOBO**  
Variado sortimento de botinas e sapatos para homens, senhoras e meninas; ultimas novidades do fabricante fabricante Bostock, vendem-se a preços sem competencia na loja de calçado de:  
J. A. Carrapatos & Comp.  
Rua Conselheiro João Alfredo, canto do largo das Mercedes. (11)

**CASITÇABAS COM MOLLA**  
para sepalluras.  
Vendem-se por preços sem competencia, em armazem de longas, vidros e candieiros de S. AGUIAR & COMP.  
Rua 15 de Novembro, n. 91. (12)

**CASA PARA ALUGAR**  
Uma casa para alugar com 3 quartos e banheiro. É muito bonita e bem localizada. Interessados, contactar com o proprietário na rua de Santarem n. 3.

**CASAS NO MOSQUEIRO**  
Para alugar as do dr. J. C. Pimenta, devesem os seus proprietarios entender-se com o Sr. Raymond Nobre, á praça de Pedro 2º n. 66, ou no armazem de Alfredo Barros & C. á rua 15 de Novembro n. 89. (13)

**DIARIO DE NOTICIAS**  
Pela ordem natural da historia e da geographia, a policia publica os seguintes boletins: (14)

**O JOGO EM NAZARETH**  
Companha hoje os populacões fustas de Nazareth. (15)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (16)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (17)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (18)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (19)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (20)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (21)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (22)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (23)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (24)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (25)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (26)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (27)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (28)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (29)

**UMA POLICIA**  
Muitos ha que julgam a policia de Portugal, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao, que se acha no estado de abandono e de desorganizacao. (30)